

Revista Brasileira de Ontopsicologia

Brazilian Journal of Ontopsychology

Antonio Meneghetti Faculdade

Vol. 3. n. 04. 2023.

Restinga Sêca, RS.



Revista Brasileira de Ontopsicologia - Faculdade Antonio Meneghetti

Estrada Recanto Maestro, nº 338 | Distrito Recanto Maestro

Restinga Sêca- RS | Cep: 97200-000

Tel. (55) 3289-1141 | (55) 3289-1139

revista.brasileira.ontopsicologia@faculdadeam.edu.br

<https://revbo.emnuvens.com.br/revbo/index>

Fundação Antonio Meneghetti Programa de Difusão da Ciência Ontopsicológica

Licença Creative Commons



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial-Compartilha Igual 4.0 Internacional.

É permitida a reprodução dos artigos desde que citada a fonte.

Os conceitos emitidos em cada artigo são de responsabilidade de seus respectivos autores.

Apoio:



Corpo Editorial

Editores-Chefe

Dra. Patrícia Wazlawick, Faculdade Antonio Meneghetti-AMF, Restinga Sêca-RS, Brasil.

Dr. Bruno Fleck da Silva, Faculdade Antonio Meneghetti-AMF, Restinga Sêca-RS, Brasil;
Universidade Federal de Santa Maria-UFSM, Santa Maria-RS, Brasil.

Editores Adjuntos

Dra. Claudiane Weber, Faculdade Antonio Meneghetti-AMF, Restinga Sêca-RS, Brasil;
Universidade Federal de Santa Maria-UFSM, Santa Maria-RS, Brasil.

Editor Gerente

Dr. Bruno Fleck da Silva, Faculdade Antonio Meneghetti-AMF, Restinga Sêca-RS, Brasil;
Universidade Federal de Santa Maria-UFSM, Santa Maria-RS, Brasil.

Editor de Layout

Breno Prado da Silva, Faculdade Antonio Meneghetti-AMF, Restinga Sêca-RS, Brasil.

Consultoria SEER/OJS

Lepidus Tecnologia, Brasil.

Conselho Editorial

Dra. Annalisa Cangelosi, Faculdade Antonio Meneghetti-AMF, Restinga Sêca-RS, Brasil.

Dr. Bruno Fleck da Silva, Faculdade Antonio Meneghetti-AMF, Restinga Sêca-RS, Brasil.

Dra. Carmen Ivanete D'Agostini Spanhol, Faculdade Antonio Meneghetti-AMF, Restinga Sêca-RS, Brasil.

Dra. Claudiane Weber, Faculdade Antonio Meneghetti-AMF, Restinga Sêca-RS, Brasil;
Universidade Federal de Santa Maria-UFSM, Santa Maria-RS, Brasil.

Ms. Claudio Correa Carrara, Faculdade Antonio Meneghetti-AMF, Restinga Sêca-RS, Brasil.

Dra. Constança Terezinha Marcondes Cesar, Universidade Federal de Sergipe-UFS; Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC SP, São Paulo-SP, Brasil.

Dra. Fernanda Goulart Martins, Faculdade Antonio Meneghetti-AMF, Restinga Sêca-RS, Brasil.

Esp. Horácio Chikota, Faculdade Antonio Meneghetti-AMF, Restinga Sêca-RS, Brasil.

Dr. Josemar Sidinei Soares, Universidade do Vale do Itajaí, UNIVALI, Itajaí-SC, Brasil.

Dr. Marcelo Pastoriza Tatsch, Faculdade Antonio Meneghetti-AMF, Restinga Sêca-RS, Brasil.

Dra. Patrícia Wazlawick, Faculdade Antonio Meneghetti-AMF, Restinga Sêca-RS, Brasil.

Dr. Paolo Zenorini, Faculdade Antonio Meneghetti-AMF, Restinga Sêca-RS, Brasil.

Dr. Rafael Padilha dos Santos, Università degli Studi di Perugia-UNIPG, Perugia-PG, Itália; Universidade Estatal de São Petersburgo -SPBU, São Petersburgo-Distrito Federal do Noroeste, Rússia; Universidade do Vale do Itajaí, UNIVALI, Itajaí-SC, Brasil.

Dr. Ricardo Schaefer, Faculdade Antonio Meneghetti-AMF, Restinga Sêca-RS, Brasil.

Ms. Wesley Lacerda, Faculdade Antonio Meneghetti-AMF, Restinga Sêca-RS, Brasil.

Assessores Científicos/Avaliadores

Dra. Annalisa Cangelosi, Faculdade Antonio Meneghetti-AMF, Restinga Sêca-RS, Brasil.

Dr. Bruno Fleck da Silva, Faculdade Antonio Meneghetti-AMF, Restinga Sêca-RS, Brasil.

Dra. Carmen Ivanete D'Agostini Spanhol, Faculdade Antonio Meneghetti-AMF, Restinga Sêca-RS, Brasil.

Dra. Claudiane Weber, Faculdade Antonio Meneghetti-AMF, Restinga Sêca-RS, Brasil; Universidade Federal de Santa Maria-UFSM, Santa Maria-RS, Brasil.

Ms. Claudio Correa Carrara, Faculdade Antonio Meneghetti-AMF, Restinga Sêca-RS, Brasil.

Dra. Constança Terezinha Marcondes Cesar, Universidade Federal de Sergipe-UFS; Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC SP, São Paulo-SP, Brasil.

Dra. Fernanda Goulart Martins, Faculdade Antonio Meneghetti-AMF, Restinga Sêca-RS, Brasil.

Esp. Horácio Chikota, Faculdade Antonio Meneghetti-AMF, Restinga Sêca-RS, Brasil.

Dr. Josemar Sidinei Soares, Universidade do Vale do Itajaí, UNIVALI, Itajaí-SC, Brasil.

Dr. Marcelo Pastoriza Tatsch, Faculdade Antonio Meneghetti-AMF, Restinga Sêca-RS, Brasil.

Dra. Patrícia Wazlawick, Faculdade Antonio Meneghetti-AMF, Restinga Sêca-RS, Brasil.

Dr. Paolo Zenorini, Faculdade Antonio Meneghetti-AMF, Restinga Sêca-RS, Brasil.

Dr. Rafael Padilha dos Santos, Università degli Studi di Perugia-UNIPG, Perugia-PG, Itália; Universidade Estatal de São Petersburgo-SPBU, São Petersburgo-Distrito Federal do Noroeste, Rússia; Universidade do Vale do Itajaí, UNIVALI, Itajaí-SC, Brasil.

Dr. Ricardo Schaefer, Faculdade Antonio Meneghetti-AMF, Restinga Sêca-RS, Brasil.

Ms. Wesley Lacerda, Faculdade Antonio Meneghetti-AMF, Restinga Sêca-RS, Brasil.

Revista Brasileira de Ontopsicologia

Brazilian Journal of Ontopsychology

Faculdade – Vol. 3, n. 04 – Restinga Sêca:

Antonio Meneghetti Faculdade, 2023.

Semestral

Modo de acesso World Wide Web:

<https://revbo.emnuvens.com.br/revbo/issue/current>

Editorial

Prezado leitor,

Com satisfação, a Revista Brasileira de Ontopsicologia, Revista Científica pertencente à Antonio Meneghetti Faculdade (AMF), vinculada ao Curso de Bacharelado em Ontopsicologia e, em parceria com a Fundação Antonio Meneghetti de Pesquisa Científica Humanista Cultural e Educacional, bem como com a Associação Brasileira de Ontopsicologia (A.B.O.), tem a satisfação de apresentar à comunidade academia e público em geral sua edição de volume 3 e número 4.

A presente edição é aberta com o artigo intitulado: *Pesquisa em Ontopsicologia* de autoria de Alécio Vidor. O estudo destina-se a localizar o problema epistemológico em Ontopsicologia a partir do conhecimento organísmico. A partir deste, a novidade científica da Ontopsicologia fundamento sua interdisciplinaridade, uma vez que, para além dos métodos, é o próprio sujeito que se impõe como fonte e critério de saber.

O segundo artigo, de autoria de Bruno Fleck da Silva está intitulado: *Uma visão unitária do real: o contato em Ontopsicologia*. O texto apresenta a problemática entorno da superação do dualismo entre sujeito e objeto a partir da esfera do contato, que na Ontopsicologia, constitui-se em uma dupla modalidade: epistemológica, a partir do campo semântico e ontológica, a partir da participação dos entes em unidade.

O terceiro artigo, em língua italiana, está

intitulado: *Ontologia: da Parmenide a Meneghetti* de autoria de Annalisa Cangelosi. A autora apresenta uma análise de Perì Phýseos de Parmênides confrontando-a com comentadores e com a perspectiva de Antonio Meneghetti. Ainda mais, o estudo apresenta a singularidade da posição Ontopsicológica frente ao conhecimento ontológico e à filosofia.

O quarto artigo, de autoria de Luciana Laudares Cunha, está intitulado: *Ensaio: a dimensão da graça em Ontopsicologia*. O texto apresenta uma análise etimológica da noção de graça, passando posteriormente por uma breve aceno histórico. O ponto central é a exposição do tema da graça no contexto da Ciência Ontopsicológica.

O quinto artigo está intitulado: *A intuição na psicoterapia ontopsicológica*, sendo de autoria de Bibiana Pereira de Fraga e Claudiane Weber. O estudo aponta para a originalidade do método psicoterápico em Ontopsicologia: o critério organísmico do psicoterapeuta em leitura à virtualidade ôntica do cliente, constituindo assim um modo de apreensão intuitiva.

O sexto artigo, de autoria de Gustavo Fronza de Prá, Breno Prado da Silva, Patricia Wazlawick e Ricardo Schaefer está intitulado: *Qual imagem é sentido de vida? Estudo teórico sobre a relação entre imagens, informação e estilo de vida na visão ontopsicológica*. O estudo examina a perspectiva informacional como constituinte do cotidiano a partir das imagens. Assim, verificou a influência das imagens no indivíduo, entendendo sua importância, impacto e dinâmicas.

O sétimo artigo está intitulado: *Self Skills:*

um novo horizonte no desenvolvimento humano, de autoria de Ângelo Accorsi e Patrícia Azevedo Gonçalves. O estudo discute o tema da liderança a partir dos preceitos da Ontopsicologia compreendendo-a como um modo de desenvolvimento humano, então denominado: *Self Skills*.

O oitavo artigo, de autoria de Ana Regina Acosta Gonçalves e Horácio Shigueru Chikota, está intitulado: *A função do corpo nos modos de percepção e conhecimento em Ontopsicologia*. O estudo evidencia a relação entre corpo e princípio ôntico no humano, assim, a partir desta base se fundamenta a originalidade da percepção organísmica como fundamento do conhecimento.

O novo artigo é de autoria de Thayse Smek Uberna e está intitulado: *Uma investigação pedagógica em arte no Maternal II*. A pesquisa aplicada investigou o tema da arte e a constituição do processo estético, sobremaneira, trazendo resultados acerca dos saberes elementares que possuem com a função da arte.

O último e décimo artigo da presente edição está intitulado: *Resultado como instrumento de análise (diagnose) na percepção do aluno de Ontopsicologia*, de autoria de Ricardo Rechden Barcellos, Ana Maria Barros de Souza e Thayse Smek Uberna. O estudo reflete as vivências de alunos do Bacharelado em Ontopsicologia acerca da compreensão do “resultado” na relação entre aplicação prática do conteúdo trabalhado.

Desejamos à comunidade acadêmica, em especial aos leitores e estudantes, uma profícua leitura e estudo. Por fim, nosso agradecimento especial aos autores que submeteram seus textos e que os terão agora publicados.

Cordiais Saudações!

Prof. Dr. Bruno Fleck da Silva

Prof^a. Dr^a. Patrícia Wazlawick

Editores-Chefe

Revista Brasileira de Ontopsicologia

Brazilian Journal of Ontosychology

PESQUISA EM ONTOPSICOLOGIA¹

Alécio Vidor²

Resumo: Para fazer pesquisa científica, é preciso ter a racionalidade e a consciência exatas. A Ontopsicologia é uma ciência interdisciplinar que dá o fundamento para poder sustentar o valor da ciência. Quando nós nos voltamos para o interior do corpo humano, com as informações orgânicas podemos encontrar a causalidade interna que corresponde a uma intenção que indica o modo como a atividade psíquica está se movendo para construir um objeto concreto. Não basta assessorar a pesquisa com citações da Ontopsicologia. Inicialmente, é preciso conhecer a metodologia tradicional de pesquisa e, dentro dela, inserir uma crítica que permita resgatar uma passagem de conhecimento que essa metodologia fixa não permite, começar daquilo que está impedindo o avanço da compreensão humana. Pela metodologia vigente, a parte subjetiva humana é um tanto excluída, mas se essa parte que é a que gera o conhecimento verdadeiro fica excluída, que valor tem o conhecimento mediante a essa metodologia? É preciso novidade de ciência!

Palavras-chave: metodologia; ciência; Epistemologia; Ontopsicologia.

Research in Ontopsychology

Abstract: To carry out scientific research, it is necessary to have exact rationality and conscience. Ontopsychology is an interdisciplinary science that provides the foundation to support the value of science. When we turn to the interior of the human body, with organismic information we can find the internal causality that corresponds to an intention that indicates the way in which psychic activity is moving to build a concrete object. It is not enough to advise research with quotes from Ontopsychology. Initially, it is necessary to know the traditional research methodology and, within it, insert a critique that allows us to rescue a passage of knowledge that this fixed methodology does not allow, starting from what is preventing the advancement of human understanding. According to the current methodology, the human subjective part is somewhat excluded, but if this part that generates true knowledge is excluded, what value does knowledge have through this methodology? Science newness is needed!

Keywords: methodology; science; Epistemology; Ontopsychology.

Investigación en Ontopsicología

Resumen: Para realizar una investigación científica es necesario tener exacta racionalidad y conciencia. La ontopsicología es una ciencia interdisciplinaria que proporciona la base para respaldar el valor de la ciencia. Cuando nos dirigimos al interior del cuerpo humano, con información orgánica podemos encontrar la causalidad interna que corresponde a una intención que indica la forma en que se está moviendo la actividad psíquica para construir un objeto concreto. No basta aconsejar investigaciones con citas de la Ontopsicología. Inicialmente es necesario conocer la metodología tradicional de investigación y, dentro de ella, insertar una crítica que permita rescatar un pasaje de conocimiento que esta metodología fija no permite, partiendo de lo que está impidiendo el avance del entendimiento humano. Según la metodología actual, la parte subjetiva

¹ Conferência realizada na Faculdade Antonio Meneghetti na data de 10 de dezembro de 2016, no Auditório Principal da AMF, com a presença de alunos dos Cursos de Pós-Graduação Lato Sensu MBA Identidade Empresarial, alunos do Curso de Especialização Lato Sensu Gestão do Conhecimento e o Paradigma Ontopsicológico, alunos do Bacharelado em Ontopsicologia, professores e pesquisadores em Ontopsicologia, público e comunidade acadêmica em geral.

² Doutor e Mestre em Filosofia (Pontificia Università di San Tommaso d'Aquino/Itália), Graduado em Filosofia (UPF), Graduado em Pedagogia (UPF), Graduado em Teologia (Escolasticado São José), Formação em Ontopsicologia (Associazione Internazionale di Ontopsicologia /Itália). Professor (AMF).

humana queda algo excluída, pero si se excluye esta parte que genera el verdadero conocimiento, ¿qué valor tiene el conocimiento a través de esta metodología? ¿Se necesita nueva ciencia!

Palabras clave: metodologia; ciencia; Epistemología; Ontopsicología.

1 Introdução

Existem três livros que são básicos para termos uma certa diretiva na pesquisa: *Percepção Ontológica*, *Racionalidade Ontológica* e *Conhecimento Ontológico e Consciência*, de autoria do Acadêmico Professor Antonio Meneghetti. Esses três livros, depois, são retomados e colocados na obra “*Da Consciência ao Ser*”³. Existe a necessidade de entender isso para fazer-se a revisão crítica da racionalidade e a revisão crítica dos conhecimentos. A revisão crítica não significa destruir esses conhecimentos, mas compreender como desenvolver uma inteligência para poder discernir como usá-los.

Então, isto é muito importante, por quê? Porque enquanto estamos presos e dependentes da ciência e da cultura aprendida e citamos a Ontopsicologia para confirmá-la, nós procedemos adaptando a Ciência Ontopsicológica aos estereótipos que nos foram ensinados.

Onde fica a crítica da racionalidade e a crítica dos conhecimentos? Este parece ser o problema. É muito importante que todo o processo de pesquisa, para confirmar-se como ciência, seja sustentado por um paradigma comum. O paradigma não é o método. O paradigma (παράδειγμα = demonstração) de *pará* o que está sob, por baixo, sustenta a demonstração, esse é o paradigma. Então, é um modelo que

sustenta e elabora o trabalho científico.

O conhecimento científico apoia-se, pois, nesse modelo. O modelo tem quatro pontos de passagem, primeiro 1) a *observação*; 2) a *hipótese explicativa da causa*; 3) a *experimentação* para confirmar a causa e 4) o *critério de confirmação*, que, na ciência quantitativa, é a matemática e, na ciência qualitativa, é a exatidão do cientista.

Quando tratamos de observar os fenômenos, temos fenômenos que tocam a percepção sensorial, eles nos dão informações do que está constituído, do que está já estruturado, daquilo que quantitativamente é mensurável. Depois, temos outros fenômenos que nascem do interior do corpo, do interior do constituído. Este elemento que nasce do interior do constituído para encontrar a causa, mas não somente fazemos uma redução das amostras, precisamos de uma nova percepção que foi denominada, na Ontopsicologia, percepção de Campo Semântico.

Assim, temos, de um lado, a ciência do externo e, de outro lado, a ciência do interior, apoiada em fenômenos que tocam a sensorialidade da percepção e que tocam as variações orgânicas. Precisamos de uma percepção acrescida e aperfeiçoada, que é irradiada pela dinâmica da vida para poder ler a causalidade desses fenômenos – o fenômeno da paixão, o fenômeno da emoção, o fenômeno do sonho etc.

Temos dois níveis de percurso para fazer a ciência integral. O critério matemático, que

³ “Muitas pessoas pensam que comprando aquele, já também substituem esse, mas, não é bem assim”. Professor Dr. Alécio Vidor enuncia esta frase, neste momento da Conferência, referindo-se ao livro “*Da Consciência ao Ser*” e aos demais três livros citados anteriormente.

sustenta a ciência quantitativa, que busca a causa externa; e o critério da exatidão mental do cientista, que sustenta a ciência da vida, que é qualitativa e que busca as causas subjetivas internas.

A palavra “método” – do grego *metá hodós*, *hodós* – é o caminho usado para chegar à ciência que é a meta. Temos, assim, um método que caminha na busca do externo, apoiado na percepção sensorial para evidenciar uma hipótese explicativa que unifica os fenômenos observados. É o caso de quando observamos o movimento da Terra, movimento do sol, o movimento dos planetas, o movimento dos fenômenos celestes e chegamos a uma explicação unificada que os corpos atraem-se em proporção da massa – aqui, temos uma causa externa explicativa.

Quando nós nos voltamos para o interior do corpo humano para termos a evidência das informações orgânicas – essas informações orgânicas que são projetadas a partir das variáveis do nosso organismo, e da intenção psíquica, darei um exemplo sobre como eu estou elaborando uma forma de pesquisa dentro de todo esse caminho – para encontrar a causalidade interna e essa sempre corresponde a uma intenção que é lida pelo Campo Semântico, uma intenção que indica modo como a atividade psíquica está se movendo para construir um objeto concreto. Necessariamente, aqui, entramos em uma situação de interdisciplinaridade, que foi o que o Acadêmico Professor Antonio Meneghetti disse que nos compete começar a elaborar.

A interdisciplinaridade busca integrar a unidade dos dois campos da ciência, para poder, em uma evolução externa tecnológica, ser colocada a serviço da vida e não como instrumento destrutivo de vida ou agressivo à vida. Desse

modo, as causas internas e externas necessitam de um princípio que unifique a dualidade e este princípio é a forma inteligente do homem, porque a consciência é um ramo dessa inteligência: é a possibilidade de reflexo inteligente do homem que dá a possibilidade de construir a unidade científica. Por quê?

Porque a ciência será sempre a projeção da informação do ser vital humano, será sempre a sua projeção. A inteligência da natureza humana dotou o corpo de receptores perceptivos múltiplos, mas, os estímulos foram direcionados para o uso de alguns receptores e a atenção e os interesses concentraram-se nas exigências existenciais. Com isso, formou-se uma consciência restrita às percepções periféricas do corpo voltadas ao externo e parte da inteligência integral da vida manteve-se inconsciente e censurada, sendo que, para recuperar as informações endoviscerais do organismo todo, o recurso é a Ontoterapia.

A Ontoterapia é o tirocínio de autenticação pessoal e social, é um tirocínio permanente durante a existência, não é um fato de uma análise que um psicólogo apenas faz, é um trabalho de constante revisão.

Apresentados esses elementos – eu os reputo básicos: o paradigma e os demais pontos abordados aqui – já dissemos que, para uma pesquisa ontopsicológica, não basta assessorar a nossa cultura já existente com citações da Ontopsicologia, isto não é pesquisa Ontopsicológica, por quê?

Porque a Ontopsicologia dá o fundamento para poder sustentar o valor da ciência. Assim sendo, temos que fazer uma pesquisa para encontrar esse fundamento unificado, usando ciência por ciência, para poder fazer o percurso

de redução ao ponto fundamental, do qual se originam todos os critérios racionais.

Tomando, como exemplo, a medicina como ponto de referência, nós temos a observação do orgânico. A ordem orgânica é mantida mediante proporções presentes no corpo, que corpo já é munido de forma inerente por um conjunto de normas para ser mantido em sanidade. Assim, a medicina estabelece as medidas matemáticas das inúmeras proporções adequadas à saúde do corpo. Então, tem tanto de proteína, tanto de doçura, tanto de vitamina, tanto de gordura, tanto de sais minerais, tanto de pressão, tanto de ritmo do coração, são todas medidas matemáticas que, pela percepção sensorial, foram estabelecidas como regras inerentes ao corpo humano.

Assim, ocorre o conhecimento quantitativo proporcional àquilo que as regras já inerentes do corpo preestabelecem. Tudo que diverge dessas regras constata-se com uma certa anomalia. Quando nós queremos dar continuidade a essa pesquisa, nós apenas, no início, estamos evidenciando, pela percepção sensorial, que é o primeiro nível de percepção já constituído, mas e quem é o constituinte? Quem é o agente psíquico que estruturou essa forma no corpo, quem é o agente psíquico? Passamos da observação do orgânico para a observação psicossomática e apenas damos uma ampliação e uma continuidade entre a visão sensorial e a visão psicológica, começamos, pois, integrar uma ciência na outra.

Na psicossomática, a ordem depende do agente psíquico e examina-se as causas subjetivas e inconscientes. As estruturas latentes e a experimentação recorrem, agora, não mais ao critério matemático, mas ao critério de análise racional, que é o caso da Psicanálise, que é o

caso da Psicologia Analítica etc.

Essa análise racional – porque, aqui, começa a entrar um aspecto de contribuição para Ontopsicologia, mas a percepção do Campo Semântico dá a possibilidade de evidenciar a causa interna e que nem sempre coincide com a análise racional feita pelos especialistas. Então, por isso é que o Campo Semântico dará o critério de discernimento para fazer a crítica da racionalidade e evidenciar que a racionalidade, que se apoiou em tal critério, e que no inconsciente encontra-se ofendido

o impulso sexual, ou que, no inconsciente, estão apenas os arquétipos e que os arquétipos definem o que é normal e o que não é – isso, pelo Campo Semântico, pode-se ver que é um limite de compreensão da racionalidade.

A lógica não embasa um apoio que não entende o princípio organizador dessas estruturas, que é o monitor de deflexão, eles não poderiam dar a versão correta dos sonhos, dos símbolos daquilo que o organísmico revela. Assim sendo, passamos de uma visão psicanalítica para uma visão de percepção do Campo Semântico, para poder dar a correção e a revisão crítica da racionalidade que construiu uma explicação limitada e incompleta – em alguns casos até incorreta – mas que não necessariamente é sempre falsa, porque pode acontecer que elemento latente seja sexual, pode acontecer que o elemento latente seja um arquétipo, mas isso tudo depende do critério da informação do segundo nível de percepção, que é a percepção do Campo Semântico.

Essa observação, que, no primeiro caso, foi orgânico, no segundo caso, foi psicossomático, agora é organísmico = organo-psíquico. A observação organísmica evidencia, pela percep-

ção do Campo Semântico, a intencionalidade correta da atividade psíquica e a intencionalidade incorreta da atividade psíquica. Essa atividade incorreta, que é de uma intencionalidade, temos que encontrar um princípio que lhe dê a origem, que lhe dê a informação fundante da intencionalidade correta e, assim, passamos da exigência da psicoterapia para corrigir as formas da crítica racional para uma percepção de um fundamento que se evidencia por 15 características. Para, em continuidade, fazermos as passagens e darmos a continuidade da Medicina à Psicossomática, da Psicossomática à Psicoterapia e da Psicoterapia à Ontopsicologia.

Esta é uma pesquisa de Ontopsicologia, por quê? Porque a Ontopsicologia tem que dar continuidade de uma disciplina na outra, que até hoje foram construídas como compartimentos estanques e que, às vezes, impondo-se como parcela superior a todas as demais, sem considerar que uma precisa estar unida à outra para fazer uma continuidade de conhecimento que especifica a unidade da ciência.

Por exemplo, há necessidade de uma revisão crítica dos conhecimentos adquiridos, dos critérios correntes em todos os modelos da Psicologia, de fazer um percurso para dar continuidade ao critério criteriante – que é o que fundamenta os demais critérios racionais e que dá a base para poder evidenciar o conhecimento que temos – a base de conhecimento que precisamos ter é que a consciência precisa estar em coincidência ao refletir a informação do intelecto e esse exercício é indispensável pelo instrumento da Psicoterapia. Por isso, sem a Psicoterapia, sem a autenticação pessoal e social, é impossível pretender fazer pesquisa em Ontopsicologia, porque a autenticação é o preâmbulo para

poder evidenciar essa continuidade de um compartimento ao outro, da passagem de um compartimento ao outro, por exemplo, como integrar as áreas da energia, seria outro trabalho.

A energia física, a energia etérica, a energia semântica, a energia formal, darei uma pesquisa para esclarecer a ligação e a continuidade de uma na outra? Para, de novo, dar como fundamentação o princípio ontológico, para poder fazer o nexos ontológico que é a função da Ontopsicologia, poder restabelecer a continuidade de um compartimento científico no outro, para, depois, poder unificar no princípio gerador do conhecimento científico humano que é a irradiação da informação da vida humana.

E como fazer? Por exemplo, na Filosofia, precisaria revisar autor por autor, conhecer a história de vida, compreender os modos como ele foi estruturado em sua consciência para, na sequência, designar o que é opinião e poder ver o que é realmente Filosofia pura.

Dessa forma, o trabalho que existe nessa pesquisa é muito amplo, é muito grande, e eu não vejo a possibilidade de se supor que cada um já esteja suficientemente preparado para fazer. Eu, há quarenta anos, estudo, item por item, para poder esclarecer-me e porque o Acadêmico Professor Antonio Meneghetti diz que a exigência da Ontopsicologia – que é a ciência interdisciplinar – é fazer a unificação das ciências, é a continuidade entre elas, para poder dar como fonte unitária de conhecimento científico a emanção do intelecto humano, que, na sua integridade, reflete nosso modo de ser específico ou da nossa vida.

Na medicina, existem muitos detalhes que se deve saber e, posteriormente, vê-se que a medicina usou todos os recursos da ação exter-

na – da alimentação, hoje, está usando muitos recursos da respiração, que já é uma novidade acrescida e, com este uso de saber servir-se de um ar diversificado produzido pela terra para regeneração do organismo já é um passo em avante para poder servir-se de recursos da natureza substituídos por interferências químicas no corpo. Já é uma vantagem, já é um aspecto de ampliação da ciência e, quando começamos a observar isso, vemos que o Campo Semântico também se insere dentro do ar, que, quando dizemos “o ar é pesado”, é porque há um fator de nível emotivo que está contaminando aquela realidade e que tem a sua origem na psicossomática, na atividade psíquica. Essa psicossomática vai evidenciar disfunções e alterações no corpo que passam por uma interferência que não é dada pela alimentação e que não é dada pela atmosfera respirada, mas que é dada pelo agente interno, que constrói uma distorção no corpo.

Temos aí: como da medicina entra-se na psicossomática e, depois, como precisamos da psicoterapia para poder corrigir a análise racional que é feita na psicanálise, nas demais correntes. Não corrigir, mas simplesmente amplificar os pontos de origem, que a atividade psíquica uma vez em seu endereço sendo desvirtuado pela consciência, constrói uma disfunção e uma alteração no corpo. Assim, por essa passagem esse redutor interno não pode ser fixo nos arquétipos e não pode ser fixo simplesmente em um instinto – porque quem rege a função dos instintos é um redutor interno que se chama monitor de reflexão, que atua através de imagem fixa para poder construir alteração no corpo, para poder construir os complexos internos, as estruturas latentes que fazem a consciência pensar desvia-

da da intencionalidade original da vida.

Sei que isso não é fácil, que isso é difícil, porque o nosso risco, hoje em dia, é o seguinte, se começamos a adaptar citações da Ontopsicologia para confirmar a nossa cultura, vamos reduzir a Ontopsicologia a um monitor de deflexão. Esse é o problema, porque uma grande ciência que traz uma fundamentação de valor para resgatar a dignidade da vida humana pode ser reduzida às estruturas que estão construindo os modelos de guerra entre os seres humanos e não o Humanismo.

Não sei se fui claro porque não é que tem que aceitar isso que eu disse, mas é aquilo que eu apresento devido a um contínuo trabalho de estudo nessa ciência e o Acadêmico Professor Antonio Meneghetti, quando se referia a ela, dizia pode ser que, daqui a cinquenta, cem anos, a humanidade entenda. É um esforço próprio de cada um para poder ver que a cultura vigente não está dando resultado e demonstrar que a vida floresce, frutifica, humaniza o homem em um convívio – que quando eu olho o comportamento dos pássaros, dos animais silvestres que não entraram em contato com o homem e que não foram subjugados a uma influência de semântica humana sobre eles, eles têm um comportamento preciso dentro da ordem instintiva, mas se vê que, por trás daquela ordem instintiva, se ela põe a inteligência que os guia sem que eles tenham consciência.

Nós recebemos uma consciência ou construímos uma consciência, primeiro, em processo de adaptação aos outros e nós temos que recuperar a informação que brota do íntimo da vida e isso é uma proposta da Ontopsicologia, quando usa o termo Em Si ôntico, significa sempre o nexos ontológico que nós temos que fazer reduzindo

os vários compartimentos a uma unificação de saber que irradia a possibilidade de viver e conviver de modo humano.

Inicialmente, é preciso ver bem como são, como é a metodologia tradicional de pesquisa e até, inclusive, dentro dessa metodologia, começar a inserir uma crítica que possa resgatar uma passagem de conhecimento que essa metodologia fixa não permite, começar daquilo que está impedindo o avanço da compreensão humana, porque, pela metodologia vigente, a parte subjetiva humana é um tanto excluída, vamos dizer assim, se essa parte humana que é a que gera o conhecimento verdadeiro fica excluída, que valor tem esse conhecimento mediante a essa metodologia?

Em resposta a uma pergunta feita por um dos presentes:

Isto significa começar a fazer análise crítica, não análise crítica para condenar, mas para dizer: “bom, vocês nos deram um compartimento, nos permitam aumentar um novo compartimento”. Começar pelo próprio modelo tradicional a inserir um novo instrumento que faça a ampliação desse modelo, que elucida um pouco o significado etimológico da metodologia, *metá hodós*. A possibilidade de o método ser direcionado ao externo e o método ser direcionado ao íntimo da subjetividade, vamos começar por aquilo que dá para fazer e começar a ver até quando os pesquisadores podem dar o contributo também de elucidação nova, daquilo que não foi feito até hoje, porque não dá para, simplesmente, pretender o máximo se não se fez as passagens no mínimo.

É todo um trabalho a ser feito. Comumente,

se eu vou descrever todos os passos que se dá desde a medicina à psicossomática, da psicossomática à psicoterapia, da psicoterapia à Ontopsicologia, esses passos descrevem muitas partes, porque o primeiro trabalho da ciência é encontrar um redutor explicativo, que é a causa e a hipótese, e, depois, apoiar-se em um critério de valor para poder justificar essa hipótese, que é válida como causa. Depois, deve-se subordinar a uma experimentação que confirme as medidas da perfeição do cientista para poder validar. É sempre esse fato, eu, da parte da passagem da medicina para a psicologia, da medicina para a hipóxia, da hipóxia para a psicossomática, escrevi 15 páginas, mas isso é análise que se faz.

Novidade de ciência! Nós temos poucos recursos nos livros, porque nós estamos dando uma contribuição de novidade à ciência para aperfeiçoar o conhecimento da vida, e, nisso, os subsídios escritos são poucos, mas há certos lampejos também dentro da filosofia, porque se eu olhar Marx e disser que “Marx não se deve aceitar”, isto é uma opinião contra a opinião dele, mas isso não significa ciência e nem significa filosofia. Nós temos que ver onde estão, porque Marx disse tantas coisas que são válidas, quando ele teve um momento de intuição e esses momentos de intuição são presentes em vários pensadores. Porque, por exemplo, quando Marx diz o seguinte: “não é a consciência do homem que define seu ser, mas, é o ser social que determina sua consciência” está correto, não tem nada modificado, porque ele já aponta onde está o caminho do erro, que é a consciência falsa, mas ele dá essa frase solta, dentro de outros elementos e, depois, centraliza tudo na economia. E economia é um bem para formar

o corpo, o corpo do humano, o corpo de uma instituição, mas a economia não é a inteligência toda da vida humana, é uma parte. Como passar da economia para a mente?

UMA VISÃO UNITÁRIA DO REAL: O CONTATO EM ONTOPSICOLOGIA

Bruno Fleck da Silva¹

Resumo: Perguntar sobre o sentido e a função do *contato* parece ser indispensável a todas as ciências que possuem o homem enquanto objeto de investigação. A Escola Ontopsicológica considera a importância do contato como função epistemológica determinante para sua operatividade e intervenção. O presente ensaio analisa brevemente a constituição epistemológica do contato em Ontopsicologia a partir do problema epistemológico e ontológico. O que se conclui é que, visando responder ao problema crítico do conhecimento é mediante o contato a nível de reversibilidade e nexos ontológico que o real se faz uma unidade de realidade. Assim, a Ontopsicologia considera que toda possibilidade de acesso à verdade é constitutiva de um grau de unidade e contato.

Palavras-chave: Ontopsicologia; Epistemologia; contato.

A unitary vision of reality: the contact in Ontopsychology

Abstract: Asking about the meaning and function of *contact* seems to be indispensable to all sciences that have man as an object of investigation. The Ontopsychological School considers the importance of contact as a determining epistemological function for its operation and intervention. This essay briefly analyzes the epistemological constitution of contact in Ontopsychology based on the epistemological and ontological problem. What is concluded is that, aiming to respond to the critical problem of knowledge, it is through contact at the level of reversibility and ontological nexus that the real becomes a unity of reality. Thus, Ontopsychology considers that every possibility of access to truth is constitutive of a degree of unity and contact.

Keywords: Ontopsychology; Epistemology; contact.

Una visión unitaria de la realidad: el contacto en Ontopsicología

Resumen: Perguntar sobre el sentido y la función del *contacto* parece ser indispensable para todas las ciencias que poseen el hogar en cuanto objeto de investigación. La Escuela Ontopsicológica considera la importancia del contacto como función epistemológica determinante para su operatividad e intervención. O presente ensaio analizado brevemente a constituição epistemológica do contacto em Ontopsicologia a partir del problema epistemológico e ontológico. O que se concluye es que, visando responder al problema crítico del conocimiento es mediante el contacto a nivel de reversibilidad y nexos ontológico que o real se faz uma unidade de realidade. Assim, la Ontopsicología considera que toda posibilidad de acceso a la verdad es constitutiva de un grado de unidad y contacto.

Palabras clave: Ontopsicología; Epistemología; contacto.

¹ Doutor e Mestre em Filosofia (UFSM), Especialista em Filosofia e Ensino de Filosofia (Centro Universitário Claretiano), Especialista em Ontopsicologia (AMF), Graduado em Filosofia (PUC-Campinas). Professor, editor da Revista “Saber Humano” e da “Revista Brasileira de Ontopsicologia”, e coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (AMF). E-mail: bruno.fleck@hotmail.com.

Perguntar sobre o sentido e a função do *contato* parece ser indispensável a todas as ciências que possuem o homem enquanto objeto de investigação. A Escola Ontopsicológica considera a importância do contato como função epistemológica determinante para sua operatividade e intervenção. Fenomenologicamente, a evidência manifesta em qualquer experiência de *contato* implica na consideração de um modo específico de *relação*, onde as partes em questão podem agir simultaneamente. A palavra contato deriva do termo latino *contactus*, que unifica *cum* = com; e *tangere* = tocar; portanto, tocar junto².

Inicialmente, é necessário considerar que o contato em Ontopsicologia manifesta-se como *unidade de função* em variadas formas. No processo de conhecimento pressuposto pela epistemologia ontopsicológica a verdade é o ponto resultante de coincidência entre as esferas do sujeito e do objeto, isto é, ela deriva do grau da unidade entre *pensamento e pensado, conceito e coisa*, ou ainda, *ontopsicólogo e cliente*.

A teoria do conhecimento acusa desde seus primórdios no Ocidente uma tensão entre idealismo e empirismo, num uso generalizado dos conceitos. De acordo com Hessen (2000) em seu famoso *Teoria do Conhecimento*³, a posição de relação entre sujeito e objeto não implica em reversibilidade, pois os dois polos em questão são bem distintos em sua respectiva natureza: a função do sujeito é apreender o objeto

e a do objeto, por sua vez, é a de ser apreendido pelo sujeito. Nesse sentido, a esfera da relação e do contato são dadas a partir do estabelecimento de uma ordem onde cada parte em questão exerce uma específica função. Toda a tradição epistemológica irá insistir na sobreposição do sujeito sobre o objeto, o dado recolhido de um determinado real será sempre feito pelo próprio sujeito.

O problema central da teoria do conhecimento é o da relação (Hessen, 2000). A tensão estabelecida na relação de conhecimento encontra variáveis que vão desde o subjetivismo e o idealismo, isto é, a crença que o núcleo de apreensão do objeto está no sujeito às voltas com a própria razão e com a própria consciência; bem como, do realismo e do empirismo, na defesa da entidade real do objeto independente de sua aparição para o sujeito. Ainda mais, de acordo com a teoria do conhecimento, depois de Immanuel Kant, o objeto é sempre transcendente ao sujeito, isto é, ele é apreendido não numa ordem direta, mas numa ordem transcendental, por exemplo: do objeto de madeira em sua imanência pura o intelecto em função cognoscente apreende o conceito “cadeira”. Assim, a apreensão da realidade é entendida em termos de uma mediação categorial subjetiva.

Transpondo a problemática estrutural do conhecer a um plano de aplicação epistemológica com sujeitos em questão, a saber a Ontopsicologia, podemos elevar o plano do contato e da relação, entre sujeito e objeto, à categoria da práxis ontopsicológica, onde o sujeito é um humano e o objeto é um humano. Se na visão clássica impera o transcendentalismo e o sujeito não consegue colher do objeto senão o seu próprio formulado lógico-racional, como em

2 Cf. Étimo latino, *contactus*. Disponível em: <https://etimo.it/?cmd=id&id=4409&md=ea5866b-38663646f35b3ad04a7cf5ba8>. Visualizado em 17 de julho de 2023.

3 Cf. HESSEN, Johannes. **Teoria do Conhecimento**. Tradução de João Vergílio Gallerani Cuter. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

Ontopsicologia é possível acessar o objeto humano por inteiro? Prontamente, é necessário afirmar que em Ontopsicologia, o objeto do conhecimento, a saber, o cliente, é apreendido não a partir de uma função transcendente, isto é, racionalizada, opinativa ou teorizada, mas sim, em sua *imanência total*, ou seja, naquilo que é, em si. Outrossim, a total realidade do objeto, na figura do cliente na ciência em questão, não existe separadamente do próprio grau de relação e contato.

Uma das argumentações propedêuticas à impositação crítica da Ontopsicologia frente ao problema do conhecimento é a Fenomenologia de Edmund Husserl. A perspectiva fenomenológica parte da crítica aos extremos do subjetivismo transcendental e do objetivismo fisicalista, uma vez que a não sincronicidade das partes levaria a um distanciamento do real, manifesto sempre como mundo-da-vida (Husserl, 2012; Vidor, 2013). Em Husserl a esfera do contato é manifesta através do que o filósofo alemão denominou de *esfera da correlação*, isto é, a total imanência, noema, é dada à transcendência, noesis, de modo que o conhecimento é uma experiência da correlação noético-noemática. Aqui, é necessário considerar que o transcendental de Edmund Husserl não é o mesmo de Immanuel Kant, pois para o primeiro, todo o conteúdo manifesto no dar-se intencional é composto por um apriorístico matérico, ou seja, todo aquilo que é, é correlativamente à intencionalidade de um visar, de um ver (*eidenai*).

Também Edmund Husserl questionou-se sobre a real possibilidade de apreensão de um outro, de um objeto que é ele próprio um outro humano, um outro sujeito. A ocorrência da manifestação da alteridade, do outro, revela

um modo específico de conhecer. Para Husserl, o fato do contato com o outro revela que este outro acontece reciprocamente: [...] como experienciando este mesmo mundo que eu mesmo experiencio e, nisso, experienciando-me também, a mim tal como experiencio o mundo e também os outros” (Husserl, 2019, p. 113), porém, na mesma medida que o outro percebe e experimenta o mundo, para mim, permanece um totalmente estranho.

Feita esta premissa, parece ser impossível o acesso total ao outro, estando este limitado à esfera de uma co-percepção. Por sua vez, a Ontopsicologia supera tal problemática, manifestando a possibilidade de acesso total ao outro a partir do contato que está pressuposto em dois níveis: a partir do *Em Si ôntico* e a partir do *Campo Semântico*.

Toda a esfera do conhecimento é pressuposta pela unidade da qual o homem participa enquanto ente analógico humano ao total do real, isto é, há um horizonte ôntico de coparticipação de todos os evidentes, graças a isso, torna-se possível o contato e o conhecimento de um vivente sobre outro. Nas palavras de Meneghetti (2017, p. 134, grifo do autor) compreende-se que: “Estabelecido que o homem, no seu ser estrutura aberta, na sua potencialidade amébrica como unidade de ação, está em constante interação - e pode existir como indivíduo justamente por essa constante interatividade -, exatamente nessa constante interação se dá a mensagem e isso ocorre de *íntimo a íntimo*”.

Diferente do que ocorre no posicionamento clássico do conhecimento onde o objeto investigado permanece transcendente, isto é, intacto e separado do sujeito, na epistemologia ontopsiológica o operador ontopsiólogo, no exer-

cício científico de seu proceder de intervenção estabelece um grau de contato direto com o cliente. Não se trata, como já dito, da apreensão conceitual e da representação do mesmo, mas sim, do tê-lo por inteiro no acesso a um *continuum* que o possibilita. Já aqui tem-se superada a dicotomia idealismo *versus* realismo.

É preciso agora justificar a possibilidade do contato epistemológico a partir do pressuposto que lhe dá garantia: o grau veritativo do conhecer no homem é assegurado por um critério interno específico: o Em Si ôntico. O processo de conhecimento é possibilitado pelo grau de contato decorrente entre sujeito e objeto, mas também, pelo modo e qualidade do contato estabelecido pelo sujeito do conhecimento com o seu próprio íntimo.

Enquanto que nas demais ciências a excelência do processo de conhecimento está em dependência de um critério externo ou de medida racional, em Ontopsicologia pressupõe o grau de exatidão do próprio cientista ou operador. Para Meneghetti (2017, p. 135, grifo nosso): “[...] se consigo me espoliar de tudo o que, como memória, me pré-orienta, me antecipa, consigo, impactando o outro, me deixar cointuir: em um certo momento as ideias desaparecem e se experimenta a dinâmica interativa”.

Assim, o contato ontológico existe na medida em que as intencionalidades derivadas do específico Em Si ôntico do cientista mediante o Eu a priori são refletidas no processo egoceptivo estabelecendo assim o contato reversível entre informação e reflexão. Assim, o contato ontológico revela que o homem é uma unidade de medida exata.

Em Ontopsicologia, toda medida de realidade está baseada na “função homem”, ou seja,

o operatividade externa é medida pelo contato com o próprio íntimo do sujeito operativo em questão. O cientista, estando voltado à própria estrutura cognoscente, organísmica e total é co-partícipe das entidades, isto é, quanto maior e mais verdadeiro o contato com o próprio íntimo, maior e mais verdadeiro o contato com o mundo e com os outros homens. Por fim, trata-se de compreender que o dado epistêmico é assegurado pelo dado ôntico. O que possibilita que um homem possa efetivamente conhecer outro homem? A correlação ôntica.

Passemos a um dado mais profundo, o de que todas as individuações estão relacionadas a partir do meu grau de participação analógica ao Ser Absoluto. Do *Ser Absoluto* deriva-se a multiplicidade, que são acontecimentos de sua própria natureza em ordem histórica a partir de dois desdobramentos: *ser universal*, a vida cósmica e *ser individual*, as individuações (Meneghetti, 2014). Nesse sentido, há uma tríplice relação de contato entre o homem que é matéria cósmica e existe como participação no Ser o que torna seguro o fato que toda a esfera de conhecimento é possível aos entes que participam de uma mesma unidade ôntica, em outros termos, trata-se de reconhecer que o homem conhece somente aquilo que é.

Para que melhor se possa compreender o fundamento do contato, deve-se considerar que o Em Si ôntico dá a unidade de ação do homem que acontece como energia psíquica em três esferas: *psíquica*, *etérica* e *somática*. Além disso, há uma continuidade energética intersubjetiva denominada de campo semântico, a primeira das três descobertas evidenciadas por Antonio Meneghetti. Assim, é por meio do campo semântico que o ontopsicólogo se atém ao fluxo

de informações decorrentes de uma ordem inconsciente, mas que lhe confere a apreensão unitária do objeto. Nesse sentido, há uma superação do modelo tradicional de conhecimento, uma vez que a verdade não é o resultado do afiguramento ou da representação do objeto no sujeito, mas o contato direto, da imanência do objeto à imanência do sujeito.

De acordo com o Meneghetti (2010) não existe possibilidade de acontecimento em ordem epistemológica senão a partir da experiência do contato, bem como, de acordo com o cientista, não existe nenhum real positivo fora da esfera da relação. Ainda no que sugere à relação entre sujeito e objeto e ao contato enquanto manifestação da unidade de conhecimento, o autor destaca que: “A *res* de cada aparência cognoscitiva ou discursiva é o evento do contato que se evidencia no interior da individuação humana” (Meneghetti, 2015, p. 47). Ou seja, para Meneghetti o processo de conhecimento se dá a partir da elaboração interna das informações agentes de variação, o que se dá por meio do campo semântico, e do fluxo das compreensões lógicas racionais, a soma desse processo bi-lógico é a evidência total que origina a verdade entre homem e o mundo ou entre homem e outro homem.

O campo semântico, denominado de: “[...] transdutor informático sem deslocamento de energia” (Meneghetti, 2010, p. 183), revela-se como o campo de contato das informações que ao veicularem entre dois polos edificam uma estrutura energética precisa. Este campo manifesta-se em específicas características: “[...] um contexto hipotético ou definido por três coordenadas: espaço, tempo e individuação ou específica unidade de ação. É um espaço hipo-

tético convencional, referente à vetorialidades dinâmicas, segundo centros-força resultantes” (Meneghetti, 2010, p. 182). Ora, para além do nível de conhecimento intelectual racional, a Ontopsicologia prefigura o acontecer de um conhecimento em nível inconsciente ou pré-racional. O contato pressuposto se dá num nível profundo, portanto, de interação psíquica em possibilidade de neutralidade que dá o ponto de colhida da informação que antecipa qualquer fenomenologia.

Ao considerar-se o fazer ciência do que se manifesta em nível inconsciente não se está pressupondo a análise do discurso verbal ou leitura aproximativa de conteúdo inconsciente como prevê a psicanálise, nem mesmo, indução lógica como as doutrinas cognitivas, ainda mais, não há um processo de escuta e fala, existe sim, a experiência do contato, no seu sentido mais profundo. Além do tocar junto, em Ontopsicologia, o sujeito opera sobre o objeto de modo interventivo, isto é, toca dentro do cliente: o operador ontopsicólogo a partir do ponto neutro de si mesmo age dentro da modalidade psíquica do objeto (cliente) sabendo que ele próprio é, porém desconhece.

Ainda mais, para o fundador da Ontopsicologia: “O conhecimento do outro é possível somente se me encarno na sua realidade e o percebo em mim, portanto o vejo não enquanto outro, mas porque também sou aquilo que ele é, e isso é possível porque interajo segundo o máximo de intimidade recíproca” (Meneghetti, 2017, p. 156). Conforme já inferido, toda esfera de contato é antes uma esfera de relação. De acordo com Carotenuto (1991), a etimologia de *relação* indica: levar a coisa à ação (*res lata ab actione*). Portanto, o contato manifesta o cor-

relacionar-se entre as individuações mediante a unidade do Ser Absoluto como acontecimento total. Essa experiência fundamental de comunicação (*cum unum actio*) consiste no fundamento do saber, isto é, de que o real verdadeiro pode ser conhecido. O contato evidenciado em grau veritativo dá a qualidade da informação real sobre o fato lido como objeto o que acontece mediante uma posição de *consciência síncrona* ou também chamada de *consciência ôntica*, assim o resultado do contato epistemológico assegurado pelo contato ontológico é a *visão ôntica*.

A visão ôntica em Ontopsicologia é compreendida nesse sentido como a reconquista unitária do real, isto é, o nexos ontológico recolocando o sujeito cognoscente à apreensão imediata da verdade, portanto, expressa como a síntese do sujeito em contato com o próprio íntimo e na presença dos outros sujeitos e do mundo ou, como atestou o Aquinate: *cognoscens et cognitum sunt unum et idem in actu cognoscendi*.

O próprio ser desvela-se assim como a unidade de toda a informação e de todo o sentido. As variedades manifestas em tantas variáveis são assim organizadas numa ordem de sentido na evidência, no ato daquele que vê a partir do quanto manifesto em essência, ou se quisermos ainda, em dadidade, conceito caro a Husserl. Por fim, tem pleno sentido o significado de ciência, que de acordo com Meneghetti (2014) é saber a ação do ser (*scire + entis + actionem*), no ser e com o ser. Se a lógica racional-científica age por indução, fragmentando os vários dados de um fenômeno, é o ser, enquanto expressão de uma lógica ontológica e ontopsiológica que organiza os dados e, portanto, confere a unidade entre sujeito e objeto.

Tendo feito o percurso que evidenciou o contato como pressuposto epistemológico, é necessário considerar que a teoria ontopsiológica reposiciona o proceder científico a partir da relação que confere uma unidade e real entre sujeito e objeto. Com Vidor (2014) podemos inferir três ordens de conhecimento: o experimental, baseado nos sentidos; o racional, dado numa esfera dialética e lógica; e o ontopsiológico, baseado numa unidade de evidência sustentada pelo *contato*. Abre-se assim a insubstituível função da Ontopsicologia frente ao problema crítico do conhecimento.

A confiança ao proceder científico é inerente à crença na própria condição ôntica do homem de ente participativo do ser. O homem é medida exata de conhecimento, desde que numa posição de consciência ôntica. Permanece igualmente a tarefa urgente da exatidão da própria consciência, é necessária a revisão contínua do próprio visar para que o proceder científico possa refletir a ordem inerente ao mundo-da-vida como expressão da identidade de natureza universal e individual, somente a partir desta premissa pode o contato acontecer.

Referências

HESSEN, Johannes. **Teoria do Conhecimento**. Tradução de João Vergílio Gallerani Cuter. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HUSSERL, Edmund. **A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental: uma introdução à Filosofia Fenomenológica**. Tradução de Diogo Falcão Ferrer. 1. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

MENEGHETTI, Antonio. **Manual de Ontopsicologia**. Recanto Maestro:

Ontopsicológica Editora Universitária, 2010.

MENEGHETTI, Antonio. **Dicionário de Ontopsicologia**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.

MENEGHETTI, Antonio. **O monitor de deflexão na psique humana**: princípio crítico sobre a razão humana antecipada por um monitor metabolizado no cérebro. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2017.

MENEGHETTI, Antonio. **Campo Semântico**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015.

VIDOR, Alécio. **Opinião ou ciência**: tecnologia x vida. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.

ONTOLOGIA: DA PARMENIDE A MENEGHETTI¹

Annalisa Cangelosi²

Abstract: Questo lavoro si propone come un contributo all'analisi dell'opera di Parmenide, offrendo una lettura del *Perì Phýseos* dall'ottica ontopsicologica. Allo stesso tempo, saranno esposte le novità apportate in ambito ontologico dal fondatore dell'Ontopsicologia, Antonio Meneghetti. Innanzitutto il *primo principio ontico*, la cui definizione è stata resa possibile dalle scoperte realizzate dall'autore nel corso di anni di sperimentazione clinica riuscita. Verrà inoltre delineata una sintesi sulla *conoscenza ontologica* secondo la visione ontopsicologica e sul percorso tecnico-esistenziale necessario al suo raggiungimento. Questo comporta, come sarà esplicitato nei paragrafi a seguire, una *revisione critica della coscienza*, soprattutto nei filosofi e operatori di scienza.

Parole-chiave: Ontologia; Ontopsicologia; Parmenide; Essere.

Ontologia: de Parmênides a Meneghetti

Resumo: Este trabalho se propõe como um contributo à análise da obra de Parmênides, oferecendo uma leitura do *Peri Phýseos* pela ótica ontopsiológica. Ao mesmo tempo, serão expostas as novidades aportadas em âmbito ontológico pelo fundador da Ontopsicologia, Antonio Meneghetti. Antes de tudo, o *primeiro princípio ôntico*, cuja definição foi possível pelas descobertas realizadas pelo autor no curso de anos de experimentação clínica bem-sucedida. Será, também, delineada uma síntese sobre o *conhecimento ontológico* segundo a visão ontopsiológica e sobre o percurso técnico-existencial necessário à sua realização. Este comporta, como será explicitado nos parágrafos a seguir, uma *revisão crítica da consciência*, sobretudo nos filósofos e operadores de ciência.

Palavras-chave: Ontologia; Ontopsicologia; Parmênides; Ser.

1 Introduzione

Questo lavoro si propone come un contributo all'analisi dell'opera di Parmenide, offrendo una lettura del *Perì Phýseos* dall'ottica ontopsicologica. Allo stesso tempo, saranno esposte le novità apportate in ambito ontologico dal fondatore dell'Ontopsicologia, Antonio Meneghetti. Innanzitutto il *primo principio ontico* (Meneghetti, 2009), la cui definizione è stata resa possibile dalle scoperte realizzate dall'autore nel corso di anni di sperimentazione clinica riuscita. Verrà inoltre delineata una sintesi sulla *conoscenza ontologica* secondo la visione ontopsicologica e sul percorso tecnico-

1 Questo scritto (con qualche lieve differenza formale rispetto alla presente versione) ha ricevuto il Premio rilasciato dalla Fondazione di Ricerca Scientifica ed Umanistica Antonio Meneghetti (Svizzera) nella edizione 2014, sezione Filosofia. Una sintesi del testo è stata pubblicata nella rivista *Nuova Ontopsicologia* n. 2/2013-1/2014. Il presente articolo è stato anche pubblicato in: Fundação Antonio Meneghetti (Coord.). *Ontopsicologia: ciência interdisciplinar* - volume III. Recanto Maestro: Fundação Antonio Meneghetti, 2017. p. 49-76.

2 Doutora em Pedagogia Experimental (Università degli Studi di Roma La Sapienza/Itália), Especialista em Psicologia com abordagem em Ontopsicologia (Universidade Estatal de São Petersburgo/Rússia), Especialista em Ciências Motoras e Esportivas e Bacharela em Educação Física (Università degli Studi di Roma Foro Italico/Itália). Professora e pesquisadora (AMF). E-mail: annalisa@faculdadeam.edu.br.

-esistenziale necessario al suo raggiungimento. Questo comporta, come sarà esplicitato nei paragrafi a seguire, una *revisione critica della coscienza*, soprattutto nei filosofi e operatori di scienza.

La scelta di Parmenide non è casuale. È infatti uno di quegli uomini che, secondo Meneghetti (2009, p. 45), “con la propria coscienza, raggiunge il possibile, il potenziale del proprio In Sé ontico, e quindi ha una coscienza del semplice. Questi uomini parlano con serenità all’interno dell’essere e le popolazioni li assumono come sommi maestri. [...] Hanno la capacità di *visione ontica*: visione del semplice dell’essere”³.

In questa indagine, ci si soffermerà sui passi dell’opera di Parmenide che sembrano più attinenti alla visione ontopsicologica, per provare ad individuare affinità (ed eventualmente differenze) tra alcuni principi dell’Ontopsicologia⁴ di Meneghetti e quelli della “ontosofia” (Tonelli, 2010, p. 97) parmenidea.

Allo stesso tempo, si tenterà di fornire una risposta alle critiche mosse al Sapiente⁵ da parte

3 Il concetto di “visione ontica” è approfondito in Meneghetti (2012b).

4 Tra le molteplici definizioni di “Ontopsicologia” (Meneghetti, 2001, 2008), riportiamo quella estratta da Meneghetti (2009, p. 242): “L’Ontopsicologia, essendo la conoscenza di come l’ente fa la propria logica esistenziale, sa trascendere le fenomenologie psichiche (la psiche nel suo complesso organismico-sensi-ragione e astrazione) e ridare il semplice apriorico dell’intenzionalità ontica, cioè dove l’essere si presenzia. [...] L’Ontopsicologia è il processo per sapere l’apriori che dà il principio e il fine della corsa”.

5 In questa sede, si usa l’espressione “Sapiente” per come intesa da Tonelli (2010, p. 17-18), che a questo proposito scrive: “I Sapienti greci non erano uomini di scrivania, come forse amerebbero dipingerli a propria immagine e somiglianza gli esangui ermeneuti contemporanei, bensì individui che intraprendevano un cammino di continua ricerca di se stessi, all’insegna del motto delfico *gnôthi sautôn*, e da questa pratica di ricerca spiri-

di autori, come ad esempio Platone, che ammettono che l’essere possa non essere e – viceversa – che il non essere possa essere.

Naturalmente, questo studio non pretende di fornire una visione esaustiva sull’argomento, ma si propone di offrire spunti di riflessione per approfondimenti futuri.

Esso cerca di evidenziare come, a distanza di 2500 anni, uno scritto possa risultare leggibile in un’ottica originale attraverso gli strumenti messi a disposizione dalla scienza ontopsicologica. Inoltre, mostra come, grazie alle scoperte e al metodo scientifico dell’Ontopsicologia, si possa giungere oltre quanto già compreso da Parmenide, pressoché universalmente riconosciuto come il padre della filosofia occidentale.

Questo tipo di approccio può anche rivelarsi strumento di mediazione, all’interno del mondo accademico, delle novità ontopsicologiche nel campo dell’ontologia.

Nota editoriale: per svolgere questa trattazione, tra le molteplici edizioni dell’opera di Parmenide, sono state scelte: 1) quella tradotta e curata da Reale (2012), studioso di fama internazionale che si occupa da circa quaranta anni di Parmenide e degli Eleati; 2) e quella di Tonelli (2010), che – al di là della propria profonda formazione sui classici – offre una interpretazione originale, e a tratti insolita, dell’opera del Filosofo.

2 Importanza del *Peri Phýseos*

*Peri Phýseos*⁶ è l’unica opera di Parmenide,

tuale venivano trasformati fin nelle *intime* midolla, come i Sapienti d’Oriente”.

6 Sulla traduzione del termine *phýsis* (“natura essenziale”) i diversi autori non sono sempre concordi. Ad esempio, Reale opta per “Sulla Natura”, mentre Tonelli

di cui ci sono pervenuti una ventina di frammenti che riguardano in misura nettamente maggiore la prima parte del testo originario. I centosessanta versi autentici giunti sino ad oggi si devono in gran parte a Sesto Empirico e Simplicio, che riportarono nelle proprie opere, rispettivamente, l'intero Proemio del *Perì Phýseos* e quasi interamente i frammenti 7 e 8. Pur nella loro parzialità, essi consentono uno sguardo sul pensiero del Sapiente tale da farcene cogliere il valore.

L'importanza attribuita dagli studiosi alla figura di Parmenide, nella storia del pensiero, è pressoché universale. Simplicio (144, 25) scriveva: "Anche nel timore di sembrare insistente, volentieri vorrei trascrivere in aggiunta a questi miei commenti i versi di Parmenide sull'essere uno, che non sono molti, sia per convincere delle cose che ho detto, sia per la rarità dello scritto di Parmenide". Dal canto suo, Aristotele (I 8, 325 a 13-20) riteneva le dottrine degli Eleati, ed in primo luogo il pensiero di Parmenide, una "geniale follia" (Reale, p. 145). Che dire poi di Platone, che nel *Teeteto* (183 E – 184 A), sotto le spoglie dello "Straniero di Elea", si dichiara *figlio* di Parmenide, che definisce "venerando e insieme terribile" e dotato di "profondità veramente straordinaria"?

Tale riconoscimento spiega anche perché, nel corso dei secoli, il poema del Filosofo sia stato oggetto di interpretazione da molteplici punti di vista. Ad esempio, in età recente, c'è chi, come Jaeger (1947/1961) riconosce nel prologo del *Perì Phýseos* un'esperienza religiosa di "individuale esperienza del divino" (p. 154) e quindi una "trasposizione dell'espressio-

ne religiosa nel campo filosofico" (p. 155)⁷. Secondo Reale (2012), Parmenide nella sua opera intreccia il mito con il *logos*⁸. In tale contesto, il mito non è da eliminare *tout court* (come invece professava lo scientismo), ma può essere considerato come una delle strade da percorrere nella ricerca della verità. Tonelli (2010) sottolinea l'influenza che i Misteri Eleusini possono aver esercitato sul Sapiente, come si rileva anche dall'espressione "il cuore che non trema della ben rotonda Verità"⁹ nel verso 29 del Proemio. Evidenziando il parallelo tra un passo del *Fedro* di Platone (250c 3) – "integralmente perfette e semplici e senza tremore e felici erano le visioni in cui eravamo iniziati" – Tonelli (p. 101) cita Colli, che sostiene: "Si tratta dei Misteri di Eleusi: iniziati attraverso visioni [...] 'integralmente perfette' e [...] 'senza tremore', attributo presente anche nel testo di Parmenide che ricorda pure 'il cuore che non trema della ben rotonda Verità' [...]". Tonelli prosegue la sua analisi, riconducendo l'ispirazione del *Perì Phýseos*, in particolare del Proemio, ad una esperienza mistica del Filosofo, che diviene al tempo stesso iniziatica per il lettore. Egli rileva

7 Si ricordi che Parmenide era nato ad Elea (corrispondente all'attuale Piana di Velia in Campania) città della Magna Grecia fondata da coloni originari di Focea, che erano stati impregnati della cultura orientale dopo che Ciro, l'imperatore persiano, aveva invaso la Media e i Sapiienti orientali (Magi) erano giunti alle coste del Mediterraneo. Inoltre Parmenide, oltre che politico riconosciuto, era anche sacerdote di Apollo *Oúlios* e guaritore-veggente, ed aveva elaborato il principio secondo cui la salute dipende dalla "buona mescolanza" dei diversi elementi che compongono l'organismo umano (cfr. ad esempio nel suo poema il frammento 16).

8 Aristotele definiva Parmenide "philómythos e philósophos" (Ruggiu e Reale, 1991, p. 23).

9 Reale traduce: "e il solido cuore della Verità ben rotonda", in cui anche l'aggettivo "solido" richiama il concetto di stabilità, saldezza. Il passo sarà preso in esame nel paragrafo seguente.

preferisce "Sull'Origine".

una profonda analogia tra l'opera del Sapiente (e degli Eleati in genere), le *Upanishad*, i testi taoisti e la cultura sciamanica:

Anche se per le vistose analogie tra Sapienza pitagorica, empedoclea, eraclitea, parmenidea e le *Upanishad* e altri testi orientali di derivazione taoista qualcuno preferirebbe fare appello a più indeterminate coincidenze archetipiche o storiche, tale contestualità alla Sapienza estremo-orientale e persiana, definitivamente messa in luce dalle ricerche di M.L. West in *Early Greek Philosophy and the Orient* del 1971 [...] viene da noi dichiarata *imprescindibile* per comprendere l'essenza della parola sapienziale ellenica, che è per la maggior parte riverbero di uno *stato di coscienza* contemplativo e mistico (così principalmente negli Eleati, in Eraclito, Parmenide, Pitagora e tanti altri) non dissimile da quella che doveva essere l'esperienza culminante dei Misteri Eleusini e delle meditazioni yogiche che sono alla base delle *Upanishad* vediche (Tonelli, 2010, p. 13-14).

E sul Proemio del poema parmenideo aggiunge: “Sciamanica, visionaria, è l'immagine delle cavalle che conducono sul carro l'iniziato [...] sulla via della Daímon, nome della Grande Dea Mediterranea che pervade di sé il cosmo, ed è scintilla divina del Sé nell'uomo di Sapienza” (Tonelli, 2010, p. 92).

Conferma questa interpretazione anche Filippini Ronconi (1985, p. 24), che, trattando le similitudini tra la sapienza orientale e quella occidentale, scrive:

Letti come si deve, questi documenti si riveleranno risonanza, nel mondo indiano, di quella medesima sapienza che, dalla Grecia, ci giunge nei testi orfici ed in quelli della migliore Gnosi [...] un'esperienza analoga ai misteri del nostro Occidente antico permea e vivifica ancor oggi tutti i movimenti speculativi dell'India, ed è di base alla loro attività conoscitiva.

Appare quindi più che probabile che, al tempo di Parmenide, gli interscambi Oriente-Occidente fossero frequenti¹⁰ ed abbiano lasciato tracce nel pensiero del Filosofo. Così Tucci (1977, p. 8-9):

Mancano documenti e fatti precisi [...] ma nessuno oggi più dubita che nell'antichità il mondo era come oggi aperto agli scambi del pensiero: anzi forse la lunghezza delle traversate e delle soste, i notturni bivacchi, un ben diverso valore del tempo non ancora strozzato dalla mania della velocità, rappresentavano condizioni favorevoli al viaggiare delle idee. Tanto più la cosa pare possibile quando si ricordi che i filosofi erano le persone più irrequiete e curiose e per solo amore di nuova scienza propensi a intraprendere interminabili e pericolose peregrinazioni.

Conclude però amaramente Tonelli (2010, p. 25):

Ma la traduzione posteriore ha obliterato questa prossimità [tra Oriente e Occidente], perché la Sapienza greca contestualizzata con la spiritualità vedico-upanishadica piuttosto che con la filosofia aristotelica convoca ogni individuo a un processo di consapevolezza e autolibrazione che mal si concilia con le pretese di manipolazione politica, ideologica e religiosa delle coscienze. E con l'umana troppa umana carriera da intellettuale-filosofo o professore universitario.

3 Analisi di alcuni frammenti dell'opera parmenidea

Passiamo ora ad esaminare alcuni passi del poema di Parmenide¹¹, cercando di analizzarli

10 Per approfondimenti, cfr. gli scritti di Diogene Laerzio (I, 1-2), Luciano di Samosata (*Fugitivi* 6-8) e Numenio (fr. 1 *Des Places*); in epoca recente, si veda Semerano (1984-1994). Cfr. anche la Prima Conferenza in Meneghetti (2005b).

11 Per consentire anche un raffronto tra le due traduzioni prese in esame in questo lavoro, si presenteranno entrambe, nella forma e numerazione fornita da ciascun

dall'ottica ontopsicologica. Naturalmente, molteplici potrebbero essere le letture dei frammenti rinvenuti, anche in virtù dei diversi paralleli tra il pensiero di Parmenide e quello di Meneghetti. Tuttavia, come già accennato nell'Introduzione, in questa sede si intendono offrire spunti di riflessione, che potranno essere ampliati in approfondimenti futuri.

<i>Reale</i>	<i>Tonelli</i>
Fr. 1, vv. 24-32 «O giovane, tu che, compagno di immortali guidatrici, con le cavalle che ti portano giungi alla nostra dimora, rallegrati, poiché non un'infesta sorte ti ha condotto a percorrere questo cammino – infatti esso è fuori dalla via battuta dagli uomini –, ma legge divina e giustizia. Bisogna che tu tutto apprenda: e il solido cuore della Verità ben rotonda e le opinioni dei mortali, nella quali non c'è una vera certezza. Eppure anche questo imparerai: come le cose che appaiono bisognava che veramente fossero, essendo tutte in ogni senso».	fr. 1A, vv. 24-32 “O giovane, compagno di aurighi immortali, che giungi alla nostra dimora portato dalle cavalle, salve a te! Perché non fu una Moira funesta a spingerti per questa via (essa infatti è lontana dal tragitto degli umani), ma Thémis e Díke. E tu devi apprendere ogni cosa, sia il cuore che non trema della ben rotonda Verità che le opinioni dei mortali in cui non è vera certezza. Ma tuttavia anche questo imparerai, come le cose apparenti si deve ammettere che sono quando si indaghino in ogni senso tutte le cose”.
Fr. 2 Ora, io ti dirò – e tu ascolta e ricevi la mia parola – quali sono le vie di ricerca che sole si possono pensare: l'una che “è”, e che non è possibile che non sia – è il sentiero della Persuasione, perché tien dietro alla Verità – l'altra che “non è”, e che è necessario che non sia. E io ti dico che questo è un sentiero su cui nulla si apprende. Infatti, non potresti conoscere ciò che non è, perché non è cosa fattibile, né potresti esprimerlo.	fr. 2A Io dirò – e tu ascolta e accompagna la mia parola –, quali sono le sole vie di ricerca che si possono intuire: l'una, che è e che non è possibile che non sia – è il sentiero della Persuasione (perché si accompagna alla Verità); l'altra che non è e che è necessario che non sia: e questa, ti dico, è sentiero imperscrutabile, perché non si può conoscere ciò che non è (non è possibile farlo) e non se ne può parlare.

Tab.1

Nell'estratto dal frammento 1 (*Tab.1*), il Sapiente espone tre vie di ricerca (o meglio, due, delle quali la seconda si suddivide in due)¹², che in sostanza possono così essere riassunte: la prima via è quella della conoscenza vera, la seconda è fondata su opinioni non certe, mentre la terza è propria delle apparenze plausibili o sensibili, opinioni sincroniche con la verità (Reale, 2012, p. 22, 28; Tonelli, 2010, p. 95).

In termini ontopsicologici, potremmo affermare che la prima via corrisponde alla conoscenza reversibile con la realtà, mentre la seconda è un modo di conoscenza *memetica*, ovvero basata su segni, immagini, idee fine a se stesse (Meneghetti *et al.*, 2003). In ambito gnoseologico, per l'Ontopsicologia è fondamentale la revisione critica della coscienza del ricercatore, del filosofo etc. Questo significa verificare se ciò che viene riflesso sul suo “monitor di riflessione” (Meneghetti, 2001, p. 154) ha una reversibilità con la realtà o piuttosto rappresenta delle opinioni a vuoto. Scrive a questo proposito il fondatore dell'Ontopsicologia (Meneghetti, 2009, p. 166):

Il problema di alienazione fondamentale a tutto ciò che è la capacità *critica* di indagare, comprendere è dovuto non tanto ad una deficienza di formazione, ad un limite del potenziale dell'uomo in sé. L'uomo è partecipe del design più che geniale del mondo-della-vita [...]. Ma il *punto diaframmatico* è la coscienza

traduttore, tentando per quanto possibile di coglierne l'essenza comune al di là della forma verbale, a volte sensibilmente diversa.

12 Della prima via sono stati rinvenuti quasi tutti i frammenti, mentre della seconda e soprattutto della terza ci è rimasto ben poco.

za: tutti gli esseri umani costruiscono, irretiscono, strutturano il proprio universo [...] esclusivamente nell'unicità della loro coscienza, uno specchio che non è neppure lo specchio iperuranico di platonica memoria, ma è semplicemente un carosello d'immagini dove il soggetto scommette tutta la propria esistenza. [...] è il cosiddetto Io logico storico dove tutti sono "sovrani". Ma quando le informazioni arrivano alla coscienza, sono state già elaborate e manipolate nella zona inconscia.

Conseguentemente, basarsi su delle opinioni non reversibili con il concreto reale (seconda via di Parmenide) non può che portare l'uomo "mortale" alla perdita di se stesso. Riguardo alla terza via, è interessante anche notare l'espressione usata dal Sapiente nel verso 32, che richiama in un certo senso il concetto ontopsicologico di "univocità tra le percezioni del soggetto". Si tratta di uno dei cinque criteri per la soggettività, ossia quei parametri che uno scienziato, uno studioso etc. dovrebbe considerare per verificare la propria (o altrui) esattezza (Meneghetti, 2008, p. 122). "Univocità tra le percezioni del soggetto" significa che l'essere umano, qualunque organo sensoriale impieghi, ottiene il medesimo risultato. In tal caso, la conoscenza, sebbene sensoriale (e qui torna il concetto di *apparenza sensibile* precedentemente accennata), ha una coincidenza in ogni senso, quindi è veritiera.

Per quanto riguarda il frammento 2, Tonelli (2010, p. 96-97) nota che i versi presentano un "*soggetto volutamente indeterminato*, che altro non può essere che l'*Uno-Tutto*

nella sua *assolutezza extrarappresentativa*", e di cui non si può dire altro che *è*. In caso contrario, si ottiene il nulla. Inoltre, solo la via fondata sulla concezione che "ciò che è *è*" può essere ritenuta valida, mentre l'altra non porta a nessuna conoscenza, in quanto di "ciò che non è" non si può parlare né è comprensibile. L'opera di Parmenide ruota interamente attorno all'"essere" ed è il primo testo in cui viene formulato il "principio di non contraddizione". Esso sarà approfondito più volte dal Filosofo nei passi successivi. Antonio Meneghetti analizza il principio parmenideo in diversi testi, ad esempio in *Razionalità ontologica* (2012c, p. 147):

Subito dopo il principio dell'evidenza – o meglio, dopo il *fatto* dell'evidenza – scatta quindi il principio che afferma che *l'essere è, il non essere non è*: una cosa, se è in un certo modo, è; in caso contrario, non è. Il principio di non contraddizione – ovvero l'argomentazione in forma negativa, come difesa – sostiene dunque che una cosa non può essere contemporaneamente in un modo ed in un altro, non può essere e non essere: o è, o non è; se è in un modo, non può essere nel modo opposto.

In questo passo, l'autore, oltre a definire il principio di non contraddizione, compie un passaggio in cui in sostanza accenna che esso non è il primo principio in ambito ontologico, ma è piuttosto il "completamento" di un altro principio che rimane primario e indispensabile. Questo tema sarà approfonditamente sviluppato in un altro testo (Meneghetti, 2009), di cui parleremo nel paragrafo successivo.

<i>Reale</i>	<i>Tonelli</i>
Fr. 6 È necessario il dire e il pensare che l'essere sia: infatti l'essere è, il nulla non è: queste cose ti esorto a considerare. E dunque da questa prima via di ricerca ti tengo lontano, ma, poi, anche da quella su cui i mortali che nulla sanno vanno errando, uomini a due teste; infatti, è l'incertezza che nei loro petti guida una dissennata mente. Costoro sono trascinati, sordi e ciechi ad un tempo, sbalorditi, razza di uomini senza giudizio, dai quali essere e non-essere sono considerati la medesima cosa e non la medesima cosa, e perciò di tutte le cose c'è un cammino che è [reversibile]. Fr. 7 Infatti, questo non potrà mai imporsi: che siano le cose che non sono! Ma tu da questa via di ricerca allontana il pensiero, né l'abitudine, nata da numerose esperienze, su questa via ti forzi a muovere l'occhio che non vede, l'orecchio che rimbomba e la lingua, ma con la ragione giudica la prova molto discussa che da me ti è stata fornita.	Fr. 6A Si deve dire e intuire che ciò che è è: perché può essere, mentre il nulla non è; su questo ti invito a riflettere. Questa è la prima via di ricerca da cui ti tengo lontano, e poi da quest'altra, su cui vanno errando mortali che non sanno niente, bicefali: la titubanza impotente nei loro petti guida un'intuizione allo sbando, e vengono trascinati, sordi e ciechi a un tempo, storditi, stirpi senza capacità di giudizio, per le quali essere e non essere sono la stessa cosa, e non la sono, e di tutte le cose esiste un sentiero che va in un senso e volge a ritroso. Fr. 7A Non si potrà mai imporre questo: che cose non essenti siano. Ma tu allontana l'intuito da questa via di ricerca e l'abitudine frutto di molta esperienza non ti costringa a muovere per questa via un occhio che non vede e un orecchio che rimbomba: giudica con intendimento la confutazione molto combattuta che è stata enunciata da me.

Tab.2

Nei frammenti 6 e 7 (Tab.2), Parmenide prosegue con la confutazione della via secondo cui il non essere è¹³, e al tempo stesso di quella che confonde l'essere con il non essere. Secondo il Sapiente, questa nasce dalla carenza di giudizio degli esseri umani "a due teste", sordi, ciechi, storditi. In Ontopsicologia si usa l'espressione *schizofrenia esistenziale* per indicare la scissione della coscienza ("giudizio") dalla realtà. Essa caratterizza gran parte dell'umanità, ma non è prevista dalla natura: è la conseguenza di un'interferenza che, nel corso dei secoli, si è stabilita nelle trasmissioni neuroniche dell'essere umano. È il concetto di "monitor di deflessione" (Meneghetti, 2003), un meccanismo che altera il processo percettivo e cognitivo dell'uomo, nel momento in cui le percezioni raccolte dai sensi, dopo essersi uniformate in un'informazione unica, giungono alla coscienza dell'Io logico storico, ovvero la struttura che dovrebbe comprenderle in modo esatto ed agire di conseguenza. A causa di questa interferenza, l'essere umano resta "sordo e cieco" a ciò che il suo organismo coglie e, soprattutto, non è più in grado di distinguere "ciò che è" da "ciò che non è". In tutto questo, va considerata anche la tendenza umana ad usare l'*abitudine*, su cui Parmenide invece suggerisce di non fare affidamento. In Ontopsicologia, le abitudini sono definite *fenomenologie degli stereotipi* (Meneghetti, 2008, p. 231), i quali a propria volta sono "una fenomenizzazione dell'essenza tecnico-cibernetica del monitor di deflessione" (Meneghetti, 2008, p. 28).

13 Reale scrive: "Ciò che fa Parmenide nel suo Poema è appunto questo: provare la via dell'essere *mediante l'esclusione di quella contraddittoria del non-essere*" (2012, p. 134, nota 22).

Tutto ciò, però, non deve indurre a credere che la mente umana sia irrimediabilmente impedita alla verità, come infatti Parmenide accenna nel finale del frammento 7. Quella di cui parla in questo passo è una ragione (o “intendimento”) capace di conoscenza esatta. Meneghetti spiega in modo tecnico come è possibile recuperare una razionalità capace di leggere la realtà in modo reversibile. È quella che l'autore chiama “metanoia” (dal gr. μετανοεο [metanoéo] = cambio mente): “Riorganizzazione in progress di tutti i modelli mentali e comportamentali. La sua essenza è il disinvestirsi continuamente del passato e il costituirsi sulla funzionalità immediata del soggetto qui e adesso, secondo la selezione dell'Io a priori”¹⁴ (Meneghetti, 2001, p. 146). In termini pratici, “La metanoia ontopsicologica significa che l'Io logico storico deve completamente ricostituirsi nell'unica intenzionalità dell'In Sé ontico soggettivo”¹⁵: l'uomo deve cambiare per come è. La tecnica ontopsicologica offre questa possibilità, attraverso le analisi incrociate, dall'aspetto onirico a quello psicosomatico” (Meneghetti, 2009, p. 197).

Per un uomo basato su una coscienza esatta, è evidente che non si possono considerare l'essere e il non essere allo stesso modo. Il nulla non solo è necessario che non sia, ma “è soltanto un opposto concettuale e mai un reale” (Meneghetti, 2009, p. 285). Se si potesse anche solo ammettere che il non essere è, e quindi che l'essere non è, l'essere non solo non sarebbe, ma non sarebbe mai stato; però ognuno di noi ha l'evidenza di essere esistente, quindi l'essere è.

14 Per approfondimenti sul concetto di “Io a priori”, cfr. Meneghetti (2001, p. 115-117).

15 L'In Sé ontico è il “progetto base di natura che costituisce l'essere umano” (Meneghetti, 2001, p. 100). Cfr. la monografia che l'autore dedica a questa scoperta (Meneghetti, 2002b).

Illustri filosofi non sono però concordi con tutto questo.

È il caso di Platone, come si legge nel celeberrimo passo del *Teeteto* (258 A – 259 B)¹⁶, in cui – sotto le spoglie dello Straniero di Elea – compie il cosiddetto “parricidio di Parmenide” (Tab.3).

A questa disquisizione di Platone si risponde semplicemente ricordando che le “diversità” tra una cosa e l'altra (bello, non-bello; grande, non-grande; etc.) sono solo *fenomeniche*, mentre di base ogni cosa è, ha la propria radice nell'essere, un essere che le trascende e le riunifica in se stesso¹⁷. Si tratta di “spogliare” la cosa degli accidenti che la distinguono fenomenicamente – ma non la diversificano onticamente – dalle altre cose. Meneghetti (2009, p. 190) sintetizza così: “*Nell'essere avviene la coincidenza di qualsiasi opposto*: sono sempre variabili di un generale”, ossia variabili di essere. Naturalmente, possono esserci cose, persone etc. opposte, in cui una annulla l'altra (ad esempio, il leone e la gazzella, la pioggia e il fuoco etc.), ma tale opposizione non dipende dall'essere, bensì dalle differenze tra le individuazioni. Possono essere opposte, ma non in contraddizione, in quanto – al di là delle apparenze – si fondano su un elemento comune: l'essere. “qualunque oggetto, in definitiva, si riduce ad un modo dell'essere” (Meneghetti, 2009, p. 191).

16 La traduzione è quella proposta in Reale (2012, p. 35-36).

17 Cfr. più avanti l'analisi dei frammenti 8 vv. 34-41 e 4.

Straniero – Dunque, come sembra, la contrapposizione di una parte della natura del diverso e della natura dell'essere, fra di loro antitetiche, non è, se è lecito dirlo, meno realtà dell'essere in sé, giacché essa indica non un contrario di quello *bensi semplicemente un diverso da quello*.

Teeteto – È molto chiaro.

Straniero – Allora, come la dovremo chiamare?

Teeteto – È evidente che il non-essere, che noi cerchiamo per spiegare chi è il sofista, è appunto questo.

Straniero – Dunque, come tu hai affermato, il diverso non è affatto difettoso di essere rispetto a nessuno degli altri generi? *E bisogna avere il coraggio di affermare che il non-essere possiede in modo stabile la propria natura*. E come abbiamo visto che il grande è grande e che il bello è bello, e che il non-grande è non-grande e il non-bello è non-bello, *così anche il non-essere per la medesima ragione era ed è non-essere, ossia una unità di Idea che rientra nel novero dei molteplici esseri*? O abbiamo ancora qualche dubbio, Teeteto, nei confronti di esso?

Teeteto – Nessun dubbio.

Straniero – Sai, allora, che noi *abbiamo disubbidito a Parmenide, andando molto al di là del suo divieto*?

Teeteto – Perché?

Straniero – Noi, spingendoci nella ricerca ancor più avanti di quanto egli ci ha vietato di indagare, ne abbiamo fornito una dimostrazione.

Teeteto – In che modo?

Straniero – Perché egli dice in un certo luogo:

Infatti questo non potrà mai imporsi: che siano le cose che non sono; ma tu da questa via di ricerca allontana il tuo pensiero.*

Teeteto – Dice davvero così!

Straniero – *Invece noi abbiamo non solo mostrato che il non-essere è, ma abbiamo anche mostrato quale sia la forma di non-essere. Infatti, dopo aver dimostrato che la natura del diverso è e che è suddivisa in tutte le cose che sono fra di loro in rapporti reciproci, abbiamo avuto il coraggio di dire che ciascuna parte di essa che è contrapposta all'essere, proprio questa è veramente il non-essere.*

Teeteto – E veramente, Straniero, mi sembra che noi abbiamo detto cose verissime!

Straniero – Dunque, non si deve dire che noi, mentre parliamo di un non essere contrario all'essere, osiamo dire che esso è. Infatti, già da un pezzo noi abbiamo dato l'addio a un contrario dell'essere, sia che esso sia, sia che esso non sia, sia che se ne possa dare ragione, sia che esso sia del tutto irrazionale. Invece, ciò che noi ora abbiamo detto, ossia che il non-essere è, o qualcuno dovrà persuaderci che noi non diciamo bene, confutandoci; oppure, fintanto che non se sarà capace, bisogna che anche lui dica ciò che diciamo noi, ossia che i generi si mescolano fra di loro, *e che l'essere e il diverso penetrano attraverso i generi e l'uno e l'altro, e che il diverso, partecipando dell'essere, non è, però, a motivo di questa partecipazione, ciò di cui partecipa; bensì è diverso; e poiché è diverso dall'essere, è evidente che è necessario che sia non-essere*. E poiché l'essere, dal canto suo, è partecipe del diverso, dovrà essere diverso dagli altri generi. Ma, poiché è diverso da tutti quei generi, non è né ciascuno di essi né tutti gli altri presi insieme, all'infuori di sé. *Di conseguenza l'essere, a sua volta, per innumerevoli cose, in innumerevoli casi, indiscutibilmente non è, e così anche gli altri generi, ciascuno preso a sé e tutti insieme, per molti rispetti sono, e invece per molti altri rispetti non sono.*

* Reale in questo passo riporta il verso con il punto e virgola al posto del punto esclamativo, che invece usa in altre sedi.

Tab.3

Reale	Tonelli
Fr. 8, vv. 1-33; 42-49 Resta solo un discorso della via: che “è”. Su questa via ci sono segni indicatori assai numerosi: che l’essere è ingenerato e imperituro, infatti è un intero nel suo insieme, immobile e senza fine. Né una volta era, né sarà, perché è ora insieme tutto quanto, uno, continuo. Quale origine, infatti, cercherai di esso? Come e da dove sarebbe cresciuto? Dal non-essere non ti concedo né di dirlo né di pensarlo, perché non è possibile né dire né pensare che non è. Quale necessità lo avrebbe mai costretto a nascere, dopo o prima, se derivasse dal nulla? Perciò è necessario che sia per intero, o che non sia per nulla. E neppure dall’essere concederà la forza di una certezza che nasca qualcosa che sia accanto ad esso. Per questa ragione né il [nascere né il perire concesse a lui la Giustizia, sciogliendolo dalle catene, ma saldamente lo tiene. La decisione intorno a tali cose sta in questo: “è” o “non è”. Si è quindi deciso, come è necessario, che una via si deve lasciare, in quanto è impensabile e inesprimibile, [perché non del vero è la via, e invece che l’altra è, ed è vera. E come l’essere potrebbe esistere nel futuro? E come potrebbe essere [nato? Infatti, se nacque, non è; e neppure esso è, se mai dovrà essere in futuro. Così la nascita si spegne e la morte rimane ignorata. E neppure è divisibile, perché tutto intero è uguale; né c’è da qualche parte un di più che possa impedirgli di essere unito, né c’è un di meno, ma tutto intero è pieno di essere. Perciò è tutto intero continuo: l’essere, infatti, si stringe con l’essere. Ma immobile, nei limiti di grandi legami è senza un principio e senza una fine, poiché nascita e morte sono state cacciate lontane e le respinse una vera certezza. E rimanendo identico e nell’identico, in sé medesimo giace, e in questo modo rimane là saldo. Infatti, Necessità inflessibile lo tiene nei legami del limite, che lo rinserra tutt’intorno, poiché è stabilito che l’essere non sia senza compimento; infatti non manca di nulla; se, invece, lo fosse, mancherebbe di tutto. [...] Inoltre, poiché c’è un limite estremo, esso è compiuto da ogni parte, simile a massa di ben rotonda sfera, a partire dal centro uguale in ogni parte: infatti, né in qualche modo più [grande né in qualche modo più piccolo è necessario che sia, da una parte o da [un’altra. Né, infatti, c’è un non-essere che gli possa impedire di giungere all’uguale, né è possibile che l’essere sia dell’essere più da una parte e meno dall’altra, perché è un tutto inviolabile. Infatti, uguale da ogni parte, in modo uguale sta nei suoi confini. [...]	fr. 8A vv. 1-33; 42-49 Ormai resta solo il discorso della via che è. In essa ci sono moltissimi segni: che è ingenerato e quindi indistruttibile, perché è intero nelle sue membra, saldo e † senza fine †; non era né mai sarà, perché è ora tutto quanto nello stesso luogo, uno, continuo. Quale nascita cercherai di esso? Come sarebbe cresciuto, e da dove? Dal non essente non ti permetterò né di dirlo né di intuirlo, perché non si può né dire né intuire che non è. E poi, quale necessità lo avrebbe spinto a nascere in un prima o in un poi, se trae inizio dal nulla? Così è necessario che sia in assoluto, o che non sia affatto. E la forza della persuasione non concederà mai che da ciò che è nasca qualcosa che stia accanto ad esso. E per questo Dike non gli concesse, allentando i vincoli, né di nascere né di perire, ma lo tiene fermo. La decisione riguardo a queste cose sta in questi termini: è o non è. Si è deciso, come è necessario: abbandonare una delle vie, perché non può essere intuiva né ricevere nome (non è la via veritiera); l’altra invece è, ed è vera. Come potrebbe ciò che è essere in futuro? E come potrebbe essere nato? Se è nato, non è, e non è neanche se sta per essere. Così la nascita si spegne, e non c’è traccia di estinzione. E non è neanche divisibile, perché è tutto uguale a se stesso; e non c’è un di più in una parte né un di meno in un’altra, che impedisca la sua coesione con se stesso, ma è tutto pieno di essente, e per questo è tutto coeso: essente si congiunge a essente. Ma immoto, nei limiti di vincoli possenti è, senza inizio senza fine, perché nascita e estinzione furono cacciate ben lontano e ad allontanarle fu la certezza veritiera. Rimanendo lo stesso e nello stesso, giace in se stesso, e così qui saldamente rimane: possente, Necessità lo tiene nei vincoli del limite che lo serra intorno, e per questo non è lecito a ciò che è essere incompiuto: non è manchevole di nulla, mentre se lo fosse mancherebbe di tutto. [...] E poiché c’è un limite estremo è compiuto da ogni parte, simile alla massa di ben rotonda sfera, dappertutto uguale a partire dal centro, perché è necessario che non sia né un po’ più grande né un po’ più piccolo in un punto o nell’altro: non c’è un non essente a impedirgli di giungere a ciò che gli è omogeneo, né un essente, così che ci sia più essente qui e meno altrove, perché è tutto inviolabile. In ogni parte uguale a se stesso, dimora uniforme entro i suoi confini. [...]

Tab.4

Quello della *Tab.4* è uno dei frammenti più celebri del poema, in cui Parmenide enuncia e definisce le caratteristiche dell’essere¹⁸:

- *ingenerato e imperituro; senza fine*: se avesse nascita e morte, significherebbe dover ipotizzare che derivi da qualcosa di diverso da sé, quindi dal *non essere*; e similmente si dovrebbe ammettere che termini nel *non essere*;

- *né una volta era, né sarà*: se avesse un passato *non dovrebbe essere più*, mentre se avesse un futuro *non dovrebbe ancora essere*;

18 Per ragioni di sintesi, si riportano solo gli attributi per come tradotti da Reale.

- *immobile*: se avesse movimento, significherebbe che, in una fase del moto, *non sarebbe* quello che è in un'altra fase;

- *indivisibile; tutto inviolabile*: se potesse essere diviso o modificabile, una parte di sé *non sarebbe* l'altra parte;

- *uno, continuo; tutto intero; compiuto da ogni parte*: qualunque incompiutezza, discontinuità o soluzione di continuità al suo interno determinerebbe una differenza dal resto, quindi un *non essere*;

- *identico nell'identico; uguale da ogni parte*: se si potessero assumere differenze al suo interno, si dovrebbe ammettere che l'essere *non sia* l'essere.

Interessante la considerazione di Reale (2012, p. 28) su questo frammento: "Ciò che nella filosofia dell'Essere di Parmenide viene a scomparire è proprio la distinzione di «principio» e «principiato», in quanto l'Essere ingenerato, inalterabile, immobile, indifferenziato e indifferenziabile, assolutamente uguale, elimina in tronco la ragion d'essere dei problemi stessi di cui gli Ionici cercavano la soluzione".

In ambito ontopsicologico, Antonio Meneghetti essenzializza gli attributi dell'essere nel modo seguente (2005a, p. 9-10).

Innanzitutto è necessario comprendere che *ente, uno, vero e buono* si convertono, perché l'essere è uno, non sono due: quell'essere che l'uomo mette dovunque è sempre lo stesso; fa la comunione del reale perché lui è l'essenziale del reale. [...] Inoltre l'essere, in quanto *uno*, è anche *vero*, perché è, perché non ha possibilità di opposto (il non essere non esiste), semplicemente è: è uno, quindi è identico dovunque; ed è vero.

È *buono*¹⁹, perché fa la differenza dal nulla.

Il male, ad esempio, non può esistere senza l'appoggio nel bene. È impossibile immaginare il male senza l'appoggio di un supposto positivo, buono. Il male, infatti, prima è, e questo è l'elementare del positivo, del buono. Quindi, il male è una variabile di un bene: prima c'è la salute e il vivente, poi la malattia. Per tale ragione, chi trova l'essere ha trovato l'uno, il vero ed il bene.

E poi aggiunge un quarto aggettivo: "bello" (Meneghetti, 2005a, p. 39).

Questo concetto è un po' difficile, perché è un privilegio capire che l'essere è bello; però non è possibile immaginarlo brutto: o lo si immagina neutro, o soltanto bello (così come la vita).

Tornando al concetto di "buono" (tutto ciò che è conveniente e perfetto), in sostanza c'è un gusto in tale convenienza perfetta, c'è un piacere: il buono è fruizione piacevole dell'oggetto ed in questa fruizione si calma la tensione, l'appetito, la necessità. Sparisce la necessità che inquieta. Quindi, il buono, come effetto [...], è una fruizione piacevole dell'oggetto, per cui si quieti l'appetito, l'esigenza. Cioè implica un perfezionamento, un completamento, un aumento di essere.

Un'ultima riflessione su questo frammento riguarda il verso 25. Qui Parmenide, dopo aver scritto che l'essere è "pieno di essere" (o "pieno di essente", a seconda della traduzione) e, per tale ragione, è completamente coeso, afferma: "essente si congiunge ad essente" (nella versione di Reale: "l'essere, infatti, si stringe con l'essere"). L'aspetto caratteristico è il fatto che Parmenide, per esprimere questo concetto, utilizza il verbo *πελάζω*, che fa parte anche nel linguaggio amoroso. Torna alla mente quanto scrive Meneghetti (2009, p. 243) a proposito dell'*amore dell'essere* nel compiere il proprio "gioco" esistenziale, in cui apparentemente si

19 Per Meneghetti, la bontà è determinata dalla *convenienza e perfezionabilità* che la cosa effettua nel soggetto conoscente. "L'essere, in sé e per sé, è conveniente e

perfeziona perché 1) toglie dal nulla e 2) dà il divenire" (Meneghetti, 2005a, p. 32-33).

distingue per poi ricongiungersi:

L'essere non può operare il mondo senza l'Io logico storico, perché quest'ultimo è una razionalità applicata, aggiunta, per convivere in questa diaspora delle percezioni. Io uomo non sono un angelo: sono qui. Un seme di una quercia è diverso da un seme di un cocomero: entrambi partecipano della vita, ma ognuno ha il proprio modo, da cui consegue *una diversa razionalità di applicazione e di evoluzione*. Questa è la logica di mediazione, incarnazione. L'essere diventa *logos storico*, perché deve assimilare dalla storia, comunque essa sia, per rientrare nell'amore di se stesso. È un gioco, non è una necessità.

<i>Reale</i>	<i>Tonelli</i>
Fr. 3	fr. 3A
... Infatti lo stesso è pensare ed essere.	... una stessa cosa, intuire e essere.
Fr. 8, vv. 34-41	fr. 8A, vv. 34-41
Lo stesso è il pensare e ciò a causa del quale è il pensiero, perché senza l'essere nel quale è espresso, non troverai il pensare. Infatti, nient'altro o è o sarà all'infuori dell'essere, poiché la Sorte lo ha vincolato a essere un intero e immobile. Per esso saranno nomi tutte quelle cose che hanno stabilito i mortali, convinti che fossero vere: nascere e perire, essere e non-essere, cambiare luogo e mutare luminoso colore.	Una stessa cosa, intuire e l'intuizione che è: perché senza ciò che è, in cui viene espresso, non troverai l'intuire. Nulla è o sarà al di fuori di ciò che è, perché la Moira lo vincolò a essere intero e immobile. Perciò saranno tutti nomi, quelli che posero i mortali pensando che fossero veri: nascere e perire, essere e non essere, mutare luogo e fulgido colore.

Tab.5

Tonelli (2010, p. 98) definisce “enigmatico” il terzo frammento (*Tab.5*), e per questo soggetto ad esegesi tra le più diverse. In particolare, sottolinea che la corrispondenza tra “essere” ed “intuire” apre ad un modo di conoscenza diretto, in cui la distinzione tra soggetto ed oggetto – tipica della razionalità – viene superata.

Quando afferma l'identità tra *essere* e *intuire* Parmenide riprende l'ordine di pensieri del frammento precedente, in cui affermava: la via che dice che il *tò non è* è da evitare, perché *ciò che non è* non è conoscibile né comunicabile a parole; per converso, all'*essere* si associa *tout court* il pensare nella forma dell'*intuire*, fino all'affermazione della loro reciproca identità.

Dal canto proprio, l'estratto dall'ottavo frammento ha animato discussioni su più fronti, spesso discordi sull'interpretazione del verso 34. Reale (2010, p. 136, nota 34) le riassume nel modo seguente.

Per alcuni studiosi, il verso ha senso finalistico e andrebbe tradotto “lo stesso è il pensare e *ciò a cui tende il pensiero*”.

Per altri, il senso sarebbe di causa o di fondamento: “lo stesso è il pensare e *ciò su cui si fonda il pensare*”.

Per altri ancora il significato andrebbe inteso in questo modo: “*la stessa cosa è il pensare e il pensare che è*” oppure “*la stessa cosa è il pensare e il pensiero che afferma che 'è'*”.

A giudizio dell'autore, la seconda (ed anche la prima) versione sarebbe la più pertinente, ma offre

un'ulteriore alternativa: “lo stesso è il pensare e ciò *in funzione del quale è il pensiero*”, con ciò conferendo una doppia valenza – finale e causale – all'espressione “in funzione del quale”.

Tonelli (2010, p. 103-104) spiega che questo passo, in essenza, significa che “Soltanto *ciò che è* è intuibile, mentre *ciò che non è* non lo è”. L'autore però allarga la discussione anche ai due versi successivi, e alle loro differenti traduzioni: “perché senza ciò che è, in cui viene espresso, non troverai l'intuire” (come, a detta sua, riporta la maggior parte degli editori); oppure “perché senza ciò che è, non troverai l'intuire nel quale viene espresso”. È interessante anche il parallelo che traccia con le *Upanishad*:

Esiste una reciproca, già verificata implicazione di *noeîn* e *eînai* (cfr. fr. 3A), che qui viene ulteriormente rinsaldata, fino a dichiarare – e questo è del tutto simile al *nondualismo* dell'*Advaita Vedanta* – che non si dà *noeîn* senza *eînai*, né *eînai* senza *noeîn*: non sussiste intuizione (*noeîn*) del *tò eón* in quanto *Origine* del mondo e dunque anche *uni-verso*, se non è causata da *tò eón*; e non sussiste *Origine-uni-verso* se non è causata dal *noeîn*, in una identificazione totale tra i due termini, umano e cosmico, del tutto parallela all'identificazione tra l'*Atman* e il *Brahman*, il quale in *Brhad.* IV, 5, 11 ha nome “Grande Essere”.

Nei versi 38-41, Parmenide spiega che tutto ciò che è stato posto dai mortali (nascere, morire, mutare etc.) non corrisponde a realtà, anche se loro credono sia vero. Si tratta solo di “nomi”, segni, apparenze. Osserva Tonelli (2010, p. 103-104): “proprio come il nome, pur indicando la cosa, non è la cosa che indica, così le forme sensibili del *tò eón*, pur manifestandolo o esprimendolo, non coincidono con esso, ma ne sono al contempo simbolo e velo”. Questo passo richiama quanto già scritto come

risposta alle critiche di Platone all'opera di Parmenide (cfr. precedentemente l'analisi del “parricidio di Parmenide”) e sui motivi per cui tali considerazioni non possono ritenersi valide. Infatti, nascere, morire, cambiare etc. rientrano nel campo delle fenomenologie, ma non turbano l'essere, che resta “intero e immobile”.

Questi due frammenti, per quanto scarni (soprattutto il terzo), racchiudono significati profondi. In essi, Parmenide apre a quella che in Ontopsicologia si definisce “conoscenza ontologica”, di cui Meneghetti spiega scientificamente i passaggi tecnici. Vediamone gli aspetti essenziali²⁰.

In primo luogo, bisogna chiarire che l'Ontopsicologia – a differenza delle altre scienze – non usa uno strumento esterno per conoscere, ma parte dall'“ecceità” del soggetto conoscente. Con il termine *ecceità*, Meneghetti intende “una cosa che si è per evidenza qui e così”, “Concetto o esperienza massima di presenza identificata. Identità in luogo distinto e specifico” (2008, p. 131; 2001, p. 70). Il punto di partenza è il proprio *esserci*. Questo è un fatto di *autoevidenza*, non è una fede esterna. Ciascuno di noi percepisce di essere qui, ora, così. “La prima posizione critica è ‘Io’. Non c'è un altro a priori prima di questo mio accadere [...] Da questa ecceica presenza in situazione storico-temporale, io inizio il fondamento della ricerca, della conoscenza” (Meneghetti, 2009, p. 186).

Questo consente all'uomo, innanzitutto, di cogliere, al di là della propria esistenza fenomenica, la propria *consistenza ontica*. In sostanza, se si “legge” da fuori, l'uomo *esiste*; se si

20 Questa sintesi, inevitabilmente parziale, può essere integrata su Meneghetti (2009, p. 185-195).

“legge” da dentro, l’uomo è. In un certo senso, a seconda del punto di osservazione, ognuno di noi può cogliersi come “soggetto” e come “oggetto” di se stesso. “*Quindi io sono intimo a me come soggetto e come oggetto, e questa è autoevidenza, cioè si autoevidenzia e dalla parte dell’oggetto e dalla parte del soggetto. Dall’una o dall’altra parte, coincide lo stesso reale, l’identico Io*” (Meneghetti, 2009, p. 186).

Torniamo ora a quanto anticipato precedentemente, ovvero che ogni cosa, per quanto diversa dalle altre da un punto di vista fenomenico, ha un “allacciamento”, un “intrinseco supporto”, una “consistenza” all’interno dell’essere. Se un soggetto si pone di fronte ad un oggetto²¹, di fatto essi, da un punto di vista *ontico*, non sono distinti: l’essere dell’oggetto è *analogico* a quello del soggetto.

“Asciugando” l’oggetto di tutto ciò che lo caratterizza sotto l’aspetto fenomenico, si può giungere a coglierne l’*essenza ontica*. Questo è possibile in quanto l’uomo è dotato della facoltà dell’*intelletto*, “la costante attitudine dell’essere a cercare e trovare se stesso dietro qualunque fenomenologia”. Ciò che specifica l’*intelletto* è la capacità di “rintracciare l’essere in cui fonda e se stesso e tutto ciò che è oggetto, che è connesso con la sua realtà”²² (Meneghetti, 2009, p.188-189).

C’è una *reciprocità* tra soggetto e oggetto,

21 Come già anticipato, per Meneghetti, “soggetto” e “oggetto” dipendono unicamente dal punto di osservazione: per un uomo che osserva un cesto di frutta, lui è il soggetto e il cesto di frutta è l’oggetto; ma per il cesto di frutta, l’uomo è l’oggetto ed esso è il soggetto.

22 L’uomo non può conoscere tutto l’essere, ma solo quello che gli è in relazione, che è sincrono a quella che Meneghetti (2002a) definisce “costante H”, ossia il modo di intelligenza che caratterizza e distingue l’umano in questo e altri pianeti.

in cui essi coincidono nell’identità dell’essere²³. Scrive Meneghetti: “L’identità ontica che pone il mondo della vita, l’oggetto e l’Io è la stessa cosa in posizioni diverse; è una triade dove ci sono *variabili* di modi razionali e storici, ma alla fine si riduce sempre all’essere: o si è l’essere nell’essere, o non si è” (Meneghetti, 2009, p. 193).

Questo è un fatto di evidenza (dal lat. *ex vi-dente*), ossia di *coincidenza* tra la cosa in sé e la cosa per come è vista dal soggetto.

La percezione dell’oggetto da parte del soggetto è la relazione essenziale tra l’“Io ontico” del soggetto e il “modo ontico” dell’oggetto. Questa *percezione ontica*, però, è sempre relativa alla *ecceità*²⁴ del soggetto percipiente: l’uomo conosce l’essere non in assoluto, ma per quanto e come lo percepisce²⁵, perché fuori di questo l’uomo *non è*.

Tuttavia, questo *relativismo* non preclude all’uomo la possibilità di entrare “nell’uniso-

23 Per comprendere questo concetto, risulta particolarmente chiarificatore il seguente passo (Meneghetti, 2009, p. 190): “*io e l’oggetto, nell’insieme, siamo intrinsecamente basati nell’identica consistenza ontica*. L’oggetto dice all’Io: ‘Tu sei’; l’Io dice all’oggetto: ‘Tu sei’; l’essere dice ad entrambi: ‘Tu sei’. Ma anche l’Io, anche l’oggetto dice all’essere: ‘Tu sei’. C’è una *circolare uniformità*”.

24 È bene ulteriormente chiarire la concezione ontopsicologica di “ecceità” e in cosa Meneghetti si discosta da intendimenti precedenti (2008, p. 131): “Il primo a coniare il termine ‘ecceità’ fu Duns Scoto, ma io non uso questa parola nella sua stessa accezione. Con ‘ecceità’, Duns Scoto intendeva il modo di presenza dell’anima, dove lo spirito divino diventava presenza, quindi l’ultima individuazione. Per lui ‘ecceità’ e ‘individuazione’ erano la stessa cosa. [...] Invece, quando uso il termine ‘ecceità’, io intendo aprire l’essere. Non è contraddittorio con quanto detto da Scoto, ma è un continuativo, un rafforzativo. *Con il concetto di ‘ecceità’ voglio rompere il soggetto e l’oggetto*. Faccio il soggetto dentro l’oggetto, lo spaccarsi dell’oggetto e del soggetto.”

25 Cfr. anche Berkeley (1710) e il suo “esse est percipi” (l’essere è l’essere percepito).

no dell'identico di quell'uno universale, trascendente, semplice dell'essere" (Meneghetti, 2009, p. 194). Infatti, "nella misura in cui un uomo è in grado di intuire, essere dentro questa eccezionale identità (ciò che l'ente è), allora egli spazia nell'eterno" (Meneghetti, 2009, p. 187).

<i>Reale</i>	<i>Tonelli</i>
Fr. 8, vv. 50-62 Qui pongo termine al discorso che si accompagna a certezza e al [pensiero intorno alla Verità; da questo punto le opinioni mortali devi apprendere, ascoltando l'ordine seducente delle mie parole. Infatti, essi stabilirono di dar nome a due forme l'unità delle quali per loro non è necessaria: in questo essi si sono [ingannati. Le giudicarono opposte nelle loro strutture, e stabilirono i segni che le [distinguono, separatamente gli uni dagli altri: da un lato, posero l'etereo fuoco della [fiamma, che è benigno, molto leggero, a sé medesimo da ogni parte identico, e rispetto all'altro, invece, non identico; dall'altro lato, posero anche [l'altro per se stesso, come opposto, notte oscura, di struttura densa e pesante. Questo ordinamento del mondo, veritiero in tutto, compiutamente ti [espongo, così che nessuna convinzione dei mortali potrà fuorviarti. Fr. 9 E poiché tutte le cose sono state denominate luce e notte, e le cose che corrispondono alla loro forza sono attribuite a queste cose [o a quelle, tutto è pieno ugualmente di luce e di notte oscura, uguali ambedue, perché con nessuna delle due c'è il nulla.	fr. 8A, vv. 50-62 Qui sospendo il discorso certo e l'intuizione della verità: da ora in poi apprendi le opinioni dei mortali ascoltando l'ordine ingannevole delle mie parole. Perché essi decisero di nominare due forme, delle quali nemmeno una si deve nominare in questo si sono ingannati – e le giudicarono opposte nei loro aspetti e posero segni separati l'uno dall'altro: il fuoco etereo della fiamma, che è piacevole, assai leggero dappertutto identico a se stesso, ma non identico all'altro; e posero anche quello, per se stesso, suo opposto, notte senza luce, di aspetto denso e greve. Questo ordine cosmico apparente ti espongo in maniera compiuta affinché nessuna convinzione dei mortali possa mai superarti. fr. 9A Ma poiché ogni cosa ebbe nome luce e notte e ciò che corrisponde alle loro potenze è stato attribuito a queste cose e a quelle, tutto allo stesso tempo è colmo di luce e di notte invisibile, uguali entrambe, perché non c'è niente Che non partecipi di una delle due.

Tab.6

Diverse sono le interpretazioni del passo dal frammento 8 (*Tab.6*), in particolare per ciò che riguarda il verso 54.

Reale (2012, p. 137, nota 38) ne enumera qualcuna, aggiungendo che la quarta risulta essere più adatta a rendere il senso espresso dal Filosofo:

- 1) gli uomini hanno posto e denominato due forme, *delle quali una non doveva essere assunta*;
- 2) gli uomini hanno posto e denominato due forme *di cui non si può nominare l'una senza l'altra*, in ciò errando;
- 3) gli uomini hanno posto e denominato due forme, *delle quali neppure una si doveva porre*;
- 4) gli uomini hanno posto e denominato due forme, *la cui unità essi non hanno capito che è necessaria*.

Cosa intendeva dire Parmenide, in questo verso? Secondo Reale, voleva far comprendere come il *dualismo* sui cui i mortali si ingannano trova il proprio superamento nella "unità dell'essere", che racchiude in sé tutte le diversità. Lo studioso sottolinea ancora una volta che solo l'essere è, per cui questa è l'unica forma da considerare, in quanto il non essere non è²⁶.

26 Cfr. precedentemente l'analisi sul *Teeteto* di Platone.

Tonelli (2010, p.108) aggiunge che i mortali compiono un *doppio errore*, in quanto, da un lato, non sono in grado di cogliere l'unità nell'essere delle "forme" (ad esempio, luce e tenebra); dall'altro, considerandole opposte, le nominano con "segni"²⁷ che ne rinforzano l'opposizione.

Dal suo canto, Pasquinelli (1958, p. 407, nota 52) scrive:

I mortali hanno dato nome a due forme, e il loro errore – l'errore della conoscenza umana, che vede le cose nella loro distinzione e nei limiti della nascita e della morte – non è l'ammissione di una dualità, ma già il fatto di aver dato nome anche a una sola forma: la dualità, l'opposizione, la contraddizione ne derivano di conseguenza. Quindi non dovrebbero 'nominarne' nessuna, e attenersi all'assolutezza dell'«è».

Sul frammento 9, Reale (2012) osserva che, mentre in passato si era soliti considerare la luce simbolo dell'essere e la notte simbolo del non essere, in realtà luce e notte – per Parmenide – sono *qualitativamente* uguali e differiscono unicamente da un punto di vista *quantitativo*.

Infatti, entrambe *sono*, e in nessuna di loro c'è il *nulla*.

Ruggiu (Ruggiu e Reale, 1991, p. 68 ss.) aggiunge che:

anche la Dea, nella descrizione del cosmo alla luce della verità dell'Essere, porrà come principio di spiegazione dell'apparire due potenze (forme), Luce e Notte. L'errore non consiste nell'accettare il molteplice e quindi nell'assumere due potenze come principio di spiegazione della φύσις, bensì nel non aver saputo introdurre il fondamento unitario [...] al quale le due potenze [...] si riconducono. Questo principio unitario non annulla il molteplice, e quindi la coppia di opposti che ne costituisce la spiegazione, bensì si pone come fondamento ultimo degli opposti.

Nel frammento 8, versi 4 ss., Parmenide aveva enunciato le caratteristiche dell'ente, tra cui "uno", "intero", "continuo". Quindi, è evidente che qualsiasi variabile non va in alcun modo ad alterare l'essere, ma resta esclusivamente nel piano dei fenomeni. Questo argomento è stato già affrontato, dall'ottica ontopsicologica, nell'analisi del passo sul "parricidio di Parmenide" nel *Teeteto*, a cui si rimanda anche per la lettura di questi due frammenti.

<i>Reale</i>	<i>Tonelli</i>
Fr. 4	fr. 4A
Considera come cose che pur sono assenti, alla mente siano saldamente [presenti; infatti non potrai recidere l'essere dal suo essere congiunto con l'essere, né come disperso dappertutto in ogni senso nel cosmo, né come raccolto insieme.	guarda allo stesso modo come le cose lontane siano saldamente vicine nell'intuizione: perché non scinderai ciò che è dall'essere connesso con ciò che è, né se viene completamente disperso ovunque nel cosmo, né se viene riunito.
Fr. 5	fr. 5A
Indifferente è per me il punto da cui devo prendere le mosse; là, infatti, nuovamente dovrò [fare ritorno.	è uguale per me il punto da cui cominciare: là ritornerò di nuovo.

Tab.7

27 Del tutto diversi dai *segni* dei versi 2 ss., analizzati in precedenza.

Nel quarto frammento (*Tab.7*), Parmenide offre una definizione della funzione dell'intuizione. Secondo Tonelli (2010, p. 99), essa consente di percepire la “*continuità-unità di tò eón*”. In sostanza, attraverso l'intuizione si coglie la *omogeneità* delle cose al *tò eón*, poiché ogni cosa ne fa parte. L'autore evidenzia un parallelo tra questo frammento e *Brhad.* IV, 4, 23, in cui si legge: “E per questa ragione colui che così conosce, essendo calmo, domo, distaccato, paziente, in sé raccolto, vede se stesso nello *Atman* e vede lo *Atman* in ogni cosa”. Questo concetto viene ulteriormente sviluppato nel quinto frammento, in cui Parmenide – sostiene Tonelli – espone la *circolarità* tra “intuire” ed “essere”, attraverso la coincidenza conoscente-conosciuto.

Leggere questi due frammenti dall'ottica ontopsicologica consente aperture su molteplici fronti.

Da un lato, si può ricordare il concetto di *campo semantico intellettuale*, ossia quella forma di conoscenza attraverso cui l'uomo può cogliere ciò che accade anche a distanze siderali da sé. Ciò è possibile in quanto “si entra nella contemporaneità dell'energia pura” (Meneghetti, 2012a, p. 105).

Dall'altro, i versi possono richiamare le caratteristiche dell'In Sé ontico “agente all'interno di un universo semantico” e “medianico tra l'essere e l'esistenza storica”. La prima comporta che ciascuno di noi, in virtù del proprio In Sé ontico, è sempre intrinseco all'olistico-dinamico del tutto, allo stesso modo in cui, nel nostro corpo, tutte le cellule sono in “iso” con l'organismo nel suo insieme. In base alla seconda caratteristica, l'In Sé ontico funge da mediazione – o “cordone ombelicale”, come scrive l'autore – tra il soggetto e il contesto. In entrambe le caratteristiche, è insito il concetto di “unità dell'essere” indicata nel frammento in esame²⁸.

Per ciò che riguarda il frammento 5, esso può far tornare alla mente il concetto di “gioco” dell'essere di cui si è già parlato alcune pagine addietro. Ciascuno di noi è una individuazione dell'essere, quindi un modo dell'essere posto in coordinate spazio-temporali. Meneghetti (2001, p. 75) definisce l'*esistenza* una “extraposizione dell'essere in situazione”. Pur essendo “localizzato” nella storia, l'essere individuato (In Sé ontico) tende al rientro nell'essere, che, per natura, avviene dopo aver storicizzato fino al pieno possibile il proprio progetto di natura. Giunta al compimento, l'individuazione ritorna nell'essere da cui è partita. In questo, l'In Sé ontico è *santo*²⁹, l'ultima delle quindici caratteristiche dell'In Sé ontico³⁰.

4 Principale novità apportata da Meneghetti in campo ontologico

Tra le diverse novità che l'Ontopsicologia porta in ambito ontologico, al di là di quanto già esposto nei paragrafi precedenti, è bene focalizzarsi su quello che Meneghetti chiama “primo principio ontico”, preliminare al parmenideo “l'essere è, il non essere non è”.

Nella storia del pensiero, almeno per quanto è stato tramandato fino ad oggi, non risulta che altri

28 Cfr. anche la distinzione tra Essere metafisico, essere comune e essere individuale, in Meneghetti (2001, p. 77).

29 Dal latino *se actum cum esse* = fare sé con l'essere (Meneghetti, 2009, p. 278, nota 22).

30 Meneghetti, 2009, p. 270-279.

filosofi siano giunti a definire quanto l'autore apre allo studio dell'ontologia. È una piccola o grande "rivoluzione" che impone uno spostamento del punto di partenza e di osservazione quando si intende fare filosofia autentica.

I principi ontici che Meneghetti descrive sono quattro (2009, p. 255-257). Essi sono privi di fenomenologia – a differenza di quelli razionali – e nascono da una intuizione pura "all'interno dell'evidenza dell'essere". Questo rende arduo, se non impossibile, esprimere con parafrasi quanto l'autore esplicita per descriverli, soprattutto nel caso del primo principio, del quale viene qui riportato interamente il testo originale.

Io sono.

Immediatamente, appena la coscienza afferra la contemporaneità di Io a priori e In Sé ontico, dall'evidenza esterna "io esisto", si scopre *Io sono*. Da qui so l'oggetto che è, riconosco dal mio essere l'altro che è. L'oggettivo si rivela dove io sono. Io sono ma anche l'oggetto è, e nell'identità dell'essere scopro che *entrambi siamo essenti nell'unico essere* universale, trascendente. Il soggetto evidenzia l'oggetto ma anche l'oggetto conferma il soggetto attraverso l'identità dell'essere, cioè soggetto ed oggetto possono dirsi l'un l'altro: "Siamo essenti nell'unico essere".

La conoscenza ontologica, quindi sapere l'essere dove io esisto, costituisce il fondamento critico di tutta la conoscenza dell'uomo. Questa è la novità che l'Ontopsicologia porta in filosofia: *la consapevolezza dell'essere nell'essere*.

Questo è un atto semplice, non c'è percezione: è solo autoevidenza. Da questo primo principio scatta il secondo principio ontico.

In termini pratici, il soggetto può riconoscere l'identità di ogni cosa che lo oggettifica se passa per l'*Io sono*. Mentre, in una prima fase è l'oggetto che oggettifica il soggetto, quando quest'ultimo si isola dalla propria fenomenolo-

gia, astraendosi anche dalla propria riflessione cosciente, rientra nell'ecceità del proprio In Sé ontico. Questo diviene l'"unità di misura" nelle relazioni con gli altri. Ciò significa che l'inseità ontica del soggetto diviene intima a quella del resto e il risultato che si ottiene è vero, in quanto la conoscenza dell'oggetto risulta *reversibile* all'oggetto fisico e viceversa³¹.

Riguardo al secondo principio, Meneghetti spiega che *il non essere non è* è un'aggiunta che sottolinea il fatto che tutto quello che non è connesso con l'essere non ne fa parte. Tuttavia, secondo l'autore, sarebbe già sufficiente *l'essere è*, in quanto è questo che distingue il reale dal resto.

Terzo principio: "*Io sono, come l'oggetto, parte dell'essere. Il tutto è maggiore della parte*". Secondo l'autore, questo è il crocevia da cui si accede ai principi razionali. In essenza, significa che, per quanto l'uomo possa giungere a cogliersi nel tutto (essere), non esaurisce il tutto: "io sono *l'essere*, sono *nell'essere* ma *non sono tutto l'essere*" (Meneghetti, 2009, p. 255-257).

Il quarto principio è il *nesso ontologico*, che l'autore indica come essenziale in tutte le applicazioni successive ai principi appena descritti. In termini pratici, fare filosofia (in senso ontologico) significa attuare una continua ricerca dell'essere in tutte le circostanze. Ciò che distingue il filosofo, secondo Meneghetti, è proprio questo: la capacità di esercitare il proprio intelletto, che "*in-tende* all'essere, è una tensio-

31 Per approfondimenti, cfr. anche l'*Argomentazione conclusiva* in Meneghetti (2012c, p. 207-214). In essa l'autore delinea i passaggi della soluzione del *problema critico della conoscenza* (ovvero la verifica se il ragionamento dell'uomo ha connessione ontologica) a partire dall'"io esisto, quindi sono".

ne al dentro, perché il dentro conferma. Va a cercare il suo principio padre. Da qui proietta ogni sua razionalità. La sua è una *missione ontica*” (Meneghetti, 2009, p. 255-257).

A questo punto sorgono due interrogativi. Cosa ha permesso a Meneghetti di giungere alla formulazione del primo principio ontico? E per quali ragioni esso non è stato individuato da parte dei filosofi in passato? Cominciamo dalla seconda domanda.

L'autore (Meneghetti, 2009, p. 141-142) individua tre ragioni principali che hanno impedito ai filosofi di fornire una documentazione razionale sulla situazione umana nel rapporto esistenza-essere.

Innanzitutto, nessun filosofo era libero dal sistema del suo tempo (religioso, monarchico, di partito o altro, non fa differenza), nel quale scriveva e dal quale era pagato.

In secondo luogo, i testi che sono pervenuti ai giorni nostri hanno subito, nel corso dei secoli, l'interferenza dell'autorità vigente del momento.

Il terzo motivo è di carattere psicologico: sembra che nessun filosofo abbia mai verificato se la propria coscienza sia esatta, attraverso un processo di *consulenza di autenticazione*. Pertanto, negli scritti di tali autori, si ritrovano tracce di schizofrenia esistenziale (cfr. a tal proposito l'analisi dei frammenti 6 e 7).

Dal canto proprio, Meneghetti può vantare una formazione accademica più unica che rara, che include quattro dottorati (in filosofia, teologia, scienze sociali; *Doktor Nauk* in psicologia), una laurea in filosofia ad indirizzo psicologico, una laurea *honoris causa* in fisica per la scoperta del campo semantico e innumerevoli altri titoli. Accanto a questo, una completezza

di esperienze di vita – in ogni ambito dell'umano – difficilmente eguagliabile³².

Ma l'aspetto che merita un sottolineamento particolare è il lungo periodo (dieci anni) di sperimentazione clinica riuscita che ha portato all'elaborazione del metodo ontopsicologico, successivamente applicato da oltre trenta anni in tutto il mondo, sempre con risultato risolutivo³³. In sostanza, *Meneghetti non è solamente giunto alla visione dell'essere: lo ha operato nella prassi*, individuando i passaggi tecnico-razionali attraverso cui è possibile ripristinare la propria connessione con esso³⁴. Egli non è solo uno studioso ontologico, ma un “artigiano dell'essere”³⁵.

5 Conclusioni

Alla luce di quanto esposto, vediamo come muta il panorama dell'ontologia, grazie all'integrazione delle novità ontopsicologiche.

In primo luogo, per chiunque sia dotato di *capacità nativa* per la filosofia autentica è possibile raggiungere una conoscenza in cui *sapere* ed *essere* sono reversibili (*conoscenza ontologica*). Tuttavia, per conseguire tale obiettivo,

32 Cfr. Bernabei e Zoppolato (2008).

33 Cfr. Meneghetti (2010).

34 Per approfondimenti su questo aspetto, tra i tanti libri, si suggerisce la lettura del capitolo “Il significato perenne di Parmenide: l'essere è, il non essere non è” (Meneghetti, 2009, p. 285-288), forse una delle pagine più belle di questo autore straordinario.

35 Piace qui ricordare che l'autore, dopo la fase di sperimentazione clinica, ha applicato quanto scoperto in tutti i campi operativi dell'intelligenza umana, dall'economia alla pedagogia, dalla sociologia al diritto e così via. In tale contesto, un interesse privilegiato è stato sempre riservato all'arte, nelle sue innumerevoli manifestazioni (pittura, scultura, musica, moda, design etc.). Quindi, una mente capace non solo di “artigianato dell'essere”, ma anche di “arte dell'essere”: *OntoArte*. Cfr. “Dall'Ontopsicologia all'OntoArte” in Meneghetti (2000, p. 31-34).

è imprescindibile la realizzazione di *due metanoie*. Una è quella di autenticazione, a cui si è già accennato qualche pagina fa. La seconda metanoia serve al soggetto per “purificarsi” da quello che Meneghetti chiama “Io collettivo sociale”, ovvero l’insieme delle strutture della società che esercitano censura sull’individuo, impedendogli il nesso con l’essere. La società è una realtà ineliminabile. Tuttavia, si può apprendere come conviverci e trascenderla allo stesso tempo. Ciò è essenziale, soprattutto per l’operatore di filosofia.

Accanto a questo processo atarassico, il filosofo deve aver cura di affrontare un *tirocinio razionale costante*, che gli consenta, nonostante le continue variabili del vivere quotidiano, di mantenere il contatto con “l’amico bianco rotondo dell’essere che lo conforta di presenza” (Meneghetti, 2009, p. 173-176). Nella mutevolezza del *pànta rèi*, rimanere saldi al *tò eón*.

Parallelamente, è necessario integrare le conoscenze “classiche” con le scoperte proprie della scienza ontopsicologica (In Sé ontico, campo semantico, monitor di deflessione). Esse non sostituiscono il pensiero filosofico-scientifico, ma ne colmano le lacune, rinforzando “le capacità di indagine razionale che l’intelligenza dell’uomo possiede” (Meneghetti, 2009, p. 172). È importante che soprattutto i filosofi – nonché i ricercatori e gli operatori di scienza in generale – si aggiornino sulle novità introdotte dall’Ontopsicologia nel panorama scientifico, per formalizzare, ognuno nel proprio campo di interesse, un sapere reversibile con la realtà e a vantaggio dell’umano integrale.

Tutto ciò risulta ancor più essenziale parlando di filosofia, in quanto questa “è l’unica scienza in grado di autofondarsi. Scienza e

conoscenza devono coincidere, l’uno deve riconoscersi nella parte e la parte nell’uno del tutto, cioè cosciente e conosciuto, soggetto ed oggetto devono giungere non ad una identità creduta, bensì ad una *identità evidente*” (Meneghetti, 2009, p. 169-170).

Quale altra scienza potrebbe offrire un supporto alla filosofia?

Una conoscenza che permetta al filosofo di recuperare l’*esattezza di coscienza*, ovvero la coincidenza tra il proprio Io logico storico e il proprio In Sé ontico. Quindi, un modo di pensare e agire in conformità a come la natura prevede nel qui, adesso, così, attimo dopo attimo. In altre parole, un Io volontario cosciente capace di operare l’utilitarismo funzionale alla propria identità di natura. Secondo Meneghetti, l’unica scienza in grado di preparare l’ontologia è la *psicologia*. Tuttavia, egli non si riferisce ad una delle varie correnti psicologiche “istituzionali”, generalmente volte al riadattamento di persone con squilibri più o meno gravi. L’autore intende una psicologia capace del nesso ontologico, ossia di continuità tra il proprio sapere e la realtà, per cui c’è identità tra l’essere dell’oggetto e la sua misura per come operata dall’intelletto del soggetto (Meneghetti, 2011). Si tratta di una psicologia che permette l’accesso al mondo-della-vita, così come lo intendeva Husserl (1954/1961). Una psicologia non fondata su criteri esterni, ma sulla centralità dell’essere. Quindi, *Onto psicologia*³⁶.

36 Cfr. il “Paradigma concettuale sulla motivazione e opera dell’Ontopsicologia” in Meneghetti (2009, p. 287-288).

Riferimenti

- MENEGHETTI, A. **Fondamenti di filosofia**. Roma: Ontopsicologia Editrice, 2005a.
- ARISTOTELE. La generazione e la corruzione. In: **Fisica**. MENEGHETTI, A. **Intelletto e personalità**. Roma: Ontopsicologia Editrice, 2005b.
- BERKELEY, G. **A Treatise Concerning the Principles of Human Knowledge**. Dublin, 1710. MENEGHETTI, A. **Manuale di Ontopsicologia**. 4. ed. Roma: Ontopsicologia Editrice, 2008.
- BERNABEI, P.; ZOPPOLATO, A. (Coord.). **Antonio Meneghetti. Un viaggio riuscito**. Roma: Ontopsicologia Editrice, 2008. MENEGHETTI, A. **Dalla coscienza all'essere. Come impostare la filosofia del futuro**. Roma: Ontopsicologia Editrice, 2009.
- FILIPPANI RONCONI, P. (Coord.). **Upanishad**. Torino: Boringhieri, 1985. MENEGHETTI, A. **Ontopsicologia clinica**. 4. ed. Roma: Ontopsicologia Editrice, 2010.
- HUSSERL, E. **Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie. Eine Einleitung in die phänomenologische Philosophie**. Den Haag: NIJHOFF, 1954 (trad. it. La crisi delle scienze europee e la fenomenologia trascendentale. Introduzione alla filosofia fenomenologica, Il Saggiatore, Milano, 1961). MENEGHETTI, A. **Ontologia della percezione**. Roma: Ontopsicologia Editrice, 2011.
- JAEGER, W. **The Theology of the Early Greek Philosophers**. Oxford: Clarendon Press, 1947 (trad. it. La teologia dei primi pensatori greci, Firenze, La Nuova Italia, 1961). MENEGHETTI, A. **Campo semantico**. 4. ed. Roma: Ontopsicologia Editrice, 2012a.
- MENEGHETTI, A. **OntoArte. L'In Sé dell'Arte**. Roma: Ontopsicologia Editrice, 2000. MENEGHETTI, A. **La Visione Ontica**. Roma: Ontopsicologia Editrice, 2012b.
- MENEGHETTI, A. **Dizionario di Ontopsicologia**. 4. ed. Roma: Ontopsicologia Editrice, 2001. MENEGHETTI, A. **Razionalità ontologica**. Roma: Ontopsicologia Editrice, 2012c.
- MENEGHETTI, A. **Il criterio etico dell'umano**. 2. ed. Roma: Ontopsicologia Editrice, 2002a. MENEGHETTI, A. *et al.* **Ontopsicologia e memetica. Atti del XVI Congresso Internazionale di Ontopsicologia**. Roma: Ontopsicologia Editrice, 2003.
- MENEGHETTI, A. **L'In Sé dell'uomo**. 5. ed. Roma: Ontopsicologia Editrice, 2002b. PASQUINELLI, A. (Coord.). **I Presocratici. Frammenti e testimonianze**. Torino: Einaudi, 1958.
- MENEGHETTI, A. **Il monitor di deflessione nella psiche umana**. 4. ed. Roma: Ontopsicologia Editrice, 2003. PLATONE. **Fedro**. PLATONE. **Teeteto**.
- REALE, G. (Coord.). **Parmenide. Sulla Natura. Frammenti e Testimonianze**. 2. ed. Milano: Bompiani, 2012.

RUGGIU, L.; REALE, G. **Parmenide, Poema sulla Natura**. Milano: Rusconi, 1991.

SEMERANO, G. **Le origini della cultura europea**. Firenze: Olschki, 1984-1994.

SESTO EMPIRICO. **Contro i matematici**.

SIMPLICIO. **Commentario alla Fisica**.

TONELLI, A. (Coord.). **Le parole dei Sapienti. Senofane, Parmenide, Zenone, Melisso**. Milano: Giangiacomo Feltrinelli Editore, 2010.

TUCCI, G. **Storia della filosofia indiana**. Vol. I. Bari: Laterza, 1977.

WEST, M. L. **Early Greek Philosophy and the Orient**. Oxford: Clarendon Press, 1971 (trad. it. *La filosofia greca arcaica e l'oriente*, il Mulino, Bologna, 1993).

ENSAIO: A DIMENSÃO DA GRAÇA EM ONTOPSICOLOGIA

Luciana Laudares Costa¹

Resumo: Do breve estudo da etimologia e da semântica do vocábulo “graça” surgiu o tema do presente trabalho. Pretende abrir a dimensão da palavra “graça” para aqueles que pretendem adentrar na ciência ontopsicológica, partindo da origem da palavra e de como ela é entendida em outras ciências ou aplicações, até a novidade de sentido que o Acadêmico Professor Antonio Meneghetti dela eduza. A ciência ontopsicológica foi formalizada em 1971 e vem sendo estudada desde então. Sendo uma ciência recente, apresenta novidades e nestas estão inseridas precisas semânticas e aplicação de vocábulos, confirmando a ciência em seu caráter epistemológico. Para seus estudiosos é importante começar a entender o valor das palavras, bem como a exatidão do seu uso e colocação.

Palavras-chave: graça; ciência ontopsicológica.

Essay: the dimension of grace in Ontopsychology

Abstract: From the brief study of the etymology and semantics of the word “grace” the theme of the present work emerged. It intends to open the dimension of the word “grace” to those who intend to enter into ontopsychological science, starting from the origin of the word and how it is understood in other sciences or applications, to the new meaning that Academic Professor Antonio Meneghetti educes from it. Ontopsychological science was formalized in 1971 and has been studied ever since. Being a recent science, it presents new features and these include precise semantics and application of words, confirming science in its epistemological character. For scholars, it is important to begin to understand the value of words, as well as the accuracy of their use and placement.

Keywords: grace; ontopsychological science.

Ensayo: la dimensión de la gracia en Ontopsicología

Resumen: Del breve estudio de la etimología y semántica de la palabra “gracia” surgió el tema del presente trabajo. Se pretende abrir la dimensión de la palabra “gracia” a quienes pretendan profundizar en la ciencia ontopsicológica, partiendo del origen de la palabra y cómo se entiende en otras ciencias o aplicaciones, hasta el nuevo significado que obtiene el profesor académico Antonio Meneghetti. La ciencia ontopsicológica se formalizó en 1971 y se ha estudiado desde entonces. Al ser una ciencia reciente, presenta novedades que incluyen una semántica precisa y aplicación de palabras, confirmando a la ciencia en su carácter epistemológico. Para los académicos, es importante comenzar a comprender el valor de las palabras, así como la precisión de su uso y ubicación.

Palabras clave: gracia; ciencia ontopsicológica.

¹ Graduada em Administração (UNIFENAS), Graduada em Ciências Contábeis (UNISUL), Graduanda em Ontopsicologia (AMF). E-mail: lu.cont.adm@gmail.com.

1 Introdução

Do breve estudo da etimologia e da semântica do vocábulo “graça”, proposto na disciplina de Fundamentos Filológicos e Linguísticos - Latim do Bacharelado em Ontopsicologia, surgiu o tema do presente trabalho.

O objetivo principal é começar a abrir a dimensão da palavra “graça” para aqueles que pretendem adentrar na ciência ontopsicológica, partindo da origem da palavra e de como ela é entendida em outras ciências ou aplicações, até a novidade de sentido que o Acadêmico Professor Antonio Meneghetti dela eduz.

A ciência Ontopsicológica foi formalizada em 1971 e vem sendo estudada desde então. Sendo uma ciência recente, apresenta novidades e nestas estão inseridas precisas semânticas e aplicação de vocábulos, confirmando a ciência em seu caráter epistemológico. Para seus estudiosos é importante começar a entender o valor das palavras, bem como a exatidão do seu uso e colocação.

A graça, na ciência ontopsicológica, abre uma dimensão epistemológica e prática e o Professor Meneghetti escreveu um livro onde analisa a correlação do termo com o comportamento humano. Mesmo que neste presente ensaio caiba apenas um aceno para aquilo que o cientista sublinhou ou destacou, buscará fazer intuir a distinção da ciência, do uso da linguagem e dessa profunda ordem e beleza, denominada graça, que está em função do ser humano.

2 Análise etimológica e semântica

A etimologia trata da origem ortográfica das palavras e a semântica trata da significância de-

las, com suas mudanças ao longo do tempo e em contextos históricos. *Graça* é uma palavra de origem latina, proveniente do verbete *gratis*.

Em dicionário da língua portuguesa tem-se que graça é um substantivo feminino que significa: “favor dispensado ou recebido; mercê; benefício. Ato de clemência do poder público, que favorece um condenado... Beleza e elegância. Dito ou ato espirituoso, gracejo... O nome de batismo. Favor ou mercê concedida a alguém por Deus” (Ferreira, 1993, p. 276).

No dicionário de Ontopsicologia encontramos o verbete graça como:

Estado geral que constitui o sujeito em bem-estar e experiência de segurança e vantagem. Participação a uma novidade de ser, quase não parecendo própria da natureza do sujeito. Capacidade de gerir a existência com função metafísica; isso é possível quando se atua em pleno a virtualidade histórica do próprio em Si ôntico. Função a pleno regime do sujeito com efeitos superiores (Meneghetti, 2012, p. 122).

Em *Vademecum in opus Saxonis et alia opera Danica compendium ex indice verborum* (1996) encontramos junto ao verbete *gratia* palavras como: favor, bondade, beleza, “gratuitamente” e a expressão “o livre arbítrio se torna voluntário”.

No dicionário Latim Essencial (Rezende, 2014, p. 160) o vocábulo *gratia* tem as conotações: reconhecimento, agradecimento, amabilidade, favor, simpatia, harmonia, perdão, razão, entre outras.

Os significados constantes em todos são: favor e perdão ou mercê ou gratuidade. A graça como concessão de um superior ao outro (inferior), sem responsabilidade do segundo e sem motivos por parte do primeiro.

3 A graça como elemento humano

Considerado alguns significados da palavra e visto que toda palavra serve para representar um pensamento, importante analisar um pouco das aplicações do vocábulo graça.

No sec. XVIII, conforme Abbagnano (2007), a graça foi concebida como “espécie particular de beleza: a beleza em movimento”.

Edmund Burke dizia: “A G. é uma ideia não muito diferente da beleza, constituída pelos mesmos elementos. A G. é uma ideia relativa à postura e ao movimento: para serem graciosos, não devem dar a impressão de dificuldade; bastam a leve flexão do corpo e a harmonia das partes, de tal maneira que não se estorvem reciprocamente e que não se mostrem separadas por ângulos bruscos e distintos. Nesta facilidade, harmonia e delicadeza de postura e de movimento consiste todo o encanto da G., o seu ‘não-sei-quê’.” (*A Philosophical Inquiry into the Origin of our Ideas of the Sublime and Beautiful*, 1756, II, 22) (Abbagnano, 2007, p. 488).

Giuseppe Spalletti, no seu “Ensaio sobre a beleza” (1975), acrescenta à concepção de Burke o conceito de expressividade, indicando que a graça da postura e do movimento deve ser reflexo concomitante dos afetos da alma.

Esta abordagem da palavra faz lembrar a canção Garota de Ipanema de Antonio Carlos Jobim e Vinicius de Moraes (1962): “Olha que coisa mais linda, mais cheia de graça, é ela, menina, que vem e que passa, num doce balanço a caminho do mar”. Ou seja, a graça como postura, movimento e expressão da alma.

Em teologia, a graça é o dom da salvação que Deus dá ao homem, independente de merecimento. Conforme Agostinho (2011), um homem só pode ser salvo pela graça de Deus. Abbagnano (2017) cita a solução de S. Tomas:

A preparação do homem para a G. tem Deus como móbil, o livre-arbítrio como movimento. Ela pode ser considerada sob dois aspectos: no primeiro, depende do livre-arbítrio e não implica a necessidade de obter a G. porque o dom da G. excede qualquer preparação da virtude humana; no segundo aspecto, tem Deus como móbil e implica a necessidade de obter a G. que é determinada por Deus, embora não se trate de uma necessidade proveniente de coação, mas da infalibilidade, porquanto a intenção de Deus não pode deixar de ter efeito (S. Th., III, q. 112, a 3).

No campo da Psicologia, a graça é tratada em dois momentos particulares. O primeiro é quando Carl Gustav Jung discorre sobre o comportamento dos orientais e dos ocidentais em relação à religião. Para Jung (1991), a relação do ocidental com a religião é extrovertida porque “o Ocidente cristão considera o homem inteiramente dependente da graça de Deus ou da Igreja”. Neste ínterim, a pesquisa em campo psicológico analisa a graça em sua concepção no âmbito religioso.

O segundo momento aparece no período do Brasil colonial, onde os pregadores, como Pe. Vieira, consideravam que o conhecimento de si mesmo era instrumento à conversão religiosa e ao comportamento virtuoso. Este conhecimento era psicológico, mas sua ordem era espiritual e, se dava através dos sermões (a própria subjetividade diante de uma alteridade). “O pregador concorre com o espelho, que é a doutrina; Deus concorre com a luz, que é a graça; o homem concorre com os olhos, que é o conhecimento” (Vieira, 1655). Neste caso, com finalidade religiosa se fazia da graça um instrumento de aplicação psicológica.

Conforme Cegalla (1996) “certas palavras [...] são capazes de sugerir muito mais do que o

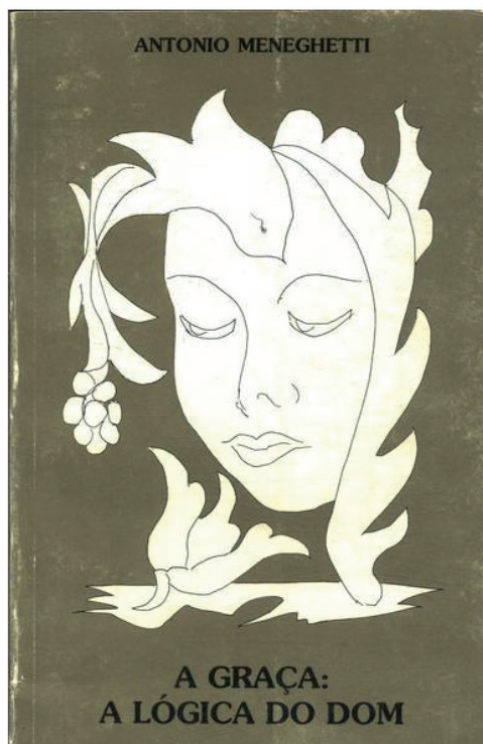
objeto designado, desencadeando, conforme a situação, ideias, sentimentos e emoções de toda ordem”. No estudo da Ontopsicologia existem palavras da qual o entendimento mais profundo, metafísico e exato é condição *sine qua non* para a compreensão da ciência, incluindo sua aplicação:

[...] o vocabulário ontopsicológico se define, substancialmente, a partir da visão experimental dos processos e princípios individuados: são projeções diretas das posições da ação individuada como órgão, como sentido, como pessoa no mundo (Meneghetti, 2012, p. 10).

As palavras, em Ontopsicologia, devem traduzir o real, ou seja, especificar um modo de ação na existência. Sem esta correlação é impossível fazer vera ciência.

4 A dimensão da graça em Ontopsicologia

Figura 1 – Capa do livro principal – obra do Professor Antonio Meneghetti



O Professor Meneghetti não considera o significado corrente de alguns vocábulos como suficientes para expressar a intencionalidade de natureza. O uso das palavras e imagens não coincidem com as interações sociobiológicas da existência, portanto não funcionam para o estudo da ciência psicológica. Quando se estuda a psique e sua atividade, não se pode basear-se nos fenômenos, mas no que os intenciona. Quando se estuda a existência e os processos da realidade humana é preciso adequar palavra e intenção. A intencionalidade é vetor, é direção de sentido da ação. A psicologia não pode estudar a ação desconsiderando seu escopo. Por isto, alguns vocábulos tornaram-se inadequados para a aplicação da ciência Ontopsicológica. O método utilizado por mim para interpretar os [...] vocábulos é um contínuo parafrasear a ação e, todos os seus modos e relações. A constante é sempre a ação [...] (Meneghetti, 2012, p. 17).

Para ajudar na compreensão pode-se retornar à teoria de Heráclito (540-480 a.C.). Primeiramente ao conceito de “*panta rei*”: tudo escorre. Tudo é e está em constante movimento, ou seja, em ação. Segundo, ao conceito de “logos”:

Com o termo λόγος Heráclito entende tanto a lei geral do cosmo, quanto a razão humana e a palavra, mas a palavra que dá expressão à νοῦς (nûs) = intelecto, isto é, anuncia a verdade: o verdadeiro logos é a linguagem que exprime o significado mais profundo das coisas (Carotenuto, 2009, p. 15).

Para Heráclito a linguagem é instrumento, ou melhor, está em função da busca e do alcance da verdade, juntamente com o intelecto. Se está em função, implica ação.

A Ontopsicologia tem por objeto a análise da atividade psíquica. É a ciência que estuda os

comportamentos psíquicos enquanto ainda é intenção, antes do fenômeno e analisa o homem em sua existência e história.

Sendo a psicologia “a ciência dos fenômenos psíquicos e do comportamento” (Ferreira, 1993. p. 449) ou “pesquisa sobre a atividade psíquica nos seus processos e fenomenologias diversas” (Meneghetti, 2012, p. 216), entramos no campo das ações (comportamentos) intencionadas (processos psíquicos).

Observando as frases “A graça é a função a pleno regime do sujeito” (Meneghetti, 1996, p. 26) e “A graça não é um estado habitual e pode manifestar-se de muitas maneiras: a graça que estimula, a graça que chama, a graça que torna capaz” (Meneghetti, 1996, p. 42), verifica-se que sempre está presente a “ação” – função, manifestação, estimular, chamar, tornar capaz. Isto demonstra a interpretação diferenciada dos vocábulos pela ciência ontopsicológica.

A graça é um tema muito importante, instigante e completo, porque parece simplificar, resumir, reunir todas as premissas da visão da Ontopsicologia: “o homem verdadeiro com resultados progressivos” (Meneghetti, 2010, p. 19). Em outras palavras: os impulsos do Em Si (dom), o conhecimento técnico / racionalidade (lógica do dom) para diferir os desvios do monitor de deflexão (mdd) e as informações semânticas alheias com escopo do agir coerente, do resultado em ganho positivo e do merecer mais.

... quando estás com a boca nos mamilos das tetas túrgidas da vaca, de algum modo, proveja o feno à boca da vaca – representa o momento em que se está em estado de graça, em que se vive gratuitamente o bem da vida. Naquele momento de graça, o sujeito não deve fazer o papel do consumista, descansando em férias

... é necessário realizar ações técnicas e providenciais ... começar a posicionar a base de um projeto prático: enquanto se mama, deve-se construir (Meneghetti, 2003, p. 257).

Em estado de graça a participação do homem é primordial. É como um encontro entre a subjetividade e a objetividade. Existe um chamado metafísico, que apela a um realizado histórico e assim, pode escorrer sucessivamente.

5 Considerações Finais

Evidentemente o breve trabalho não pode exaurir o estudo e o entendimento nem do verbete nem de sua dimensão dentro da ciência ontopsicológica, mas contribui para abrir o entendimento sobre a novidade de saber que o Acadêmico Professor Antonio Meneghetti propõe, bem como da polissemia da palavra em estudo: graça.

Em sua origem e etimologia geral, justifica-se a aplicação teológica cristã, que a utiliza como doutrina. Fato que a psicologia como estuda da psique, até onde se pode verificar, não colocou em discussão. Um estudo em psicologia tratou de verificar o comportamento do homem no contexto religioso. Numa aplicação da religião, onde os jesuítas precisavam catequizar os índios brasileiros, usaram a psicologia comportamental como instrumento e usaram o argumento da graça divina.

Parece que, nessa seara, a graça tem conotação de verbo transitivo. O homem ganha, recebe um favor, uma gratuidade, e a ação termina em si, objetificando-o. A graça como presente de Deus que salva o homem da morte, lá onde há o fim das possibilidades, finaliza o já acabado ou alivia o que já nem possui mais fardo.

Em sentido filosófico, a graça perdeu seu significado ou caiu em desuso, ainda que se possa encontrar o verbete, no sentido de beleza ou de beleza em movimento harmonioso, em material lírico, destinado à contemplação. Seu desuso talvez se dê pela excessiva subjetividade ou pela objetivação mercadológica do conceito de beleza. A graça, neste sentido, continua a existir, mas não é possível ser reconhecida e valorizada por todos.

Quando se pensa em graça no sentido de gratuidade, está-se mais próximo do conceito de inércia. Mas, retomando o conceito de *panta rei*, tudo escorre, tudo flui, então, pode-se intuir a necessidade de ser responsável em realizar, construir a própria existência.

De modo simples, concluímos que, no viver, existem muitos destinos e fins, no entanto, no caminhar pela própria estrada, indo sempre na direção que estimula e chama, encontra-se a cada vez mais possibilidades de ações, portanto há mais vida e, conforme a Ontopsicologia, há a possibilidade da graça, se para esta, tem-se a lógica.

Quando a graça intui, impulsiona, é preciso fazer destes verbos intransitivos, onde se é o existente que projeta. A ação começa em si e termina num acrescente existencial ao próprio projeto. O homem se aperfeiçoa.

Fica em aberto ainda o entender, o buscar aprender esta lógica da graça, que tem seu ponto e acontece sempre para aqueles que estão no comando do próprio existir.

Referências

AGOSTINHO. **Confissões**. Trad. de J. Oliveira e A. Ambrósio de Pina. Petrópolis: Vozes, 2011.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 39. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1996.

CAROTENUTO, Margherita. **Histórico sobre as teorias do conhecimento**. Recanto Maestro – São João do Polêsine: Ontopsicologia Editrice, 2009.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

JUNG, Carl Gustav. **Psicologia da Religião Ocidental e Oriental**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1991.

MENEGHETTI, Antonio. **A Graça: a lógica do dom**. Recanto Maestro – Porto Alegre: Psicológica Editrice do Brasil, 1996.

MENEGHETTI, Antonio. **Dicionário de Ontopsicologia**. 2. ed. Recanto Maestro - Restinga Sêca: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.

MENEGHETTI, Antonio. **Filosofia Ontopsicológica**. 5. ed. Florianópolis: Ontopsicológica Editrice, 2003.

MENEGHETTI, Antonio. **Manual de Ontopsicologia**. Recanto Maestro – São João do Polêsine: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010.

REZENDE, Antônio Martinez de; BIANCHET, Sandra Braga. **Dicionário do Latim Essencial**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

USP - Universidade de São Paulo. **Vademecum in opus Saxonis et alia opera Danica compendium ex indice verborum**. 1996. Disponível em: <http://www.usp.br/gmhp/dic/latim.pdf>. Acesso em: 13 set. 2020.

VIEIRA, Padre Antonio. **Sermão da**

Sexagésima. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/literatura/obras_completas_literatura_brasileira_e_portuguesa/ANTONIO_VIEIRA/SERMAO1/SERMAO1_TEXTO.HTML. Acesso em: 25 nov. 2020.

WIKIPEDIA. **Garota de Ipanema**. a. Sem data. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Garota_de_Ipanema. Acesso em: 25 nov. 2020.

A INTUIÇÃO NA PSICOTERAPIA ONTOPSICOLÓGICA

Bibiana Pereira de Fraga¹, Claudiane Weber²

Resumo: A intuição é um termo muito utilizado por várias áreas de conhecimento. Este estudo busca trazer um maior aprofundamento sobre o que é a intuição no método da psicoterapia ontopsicológica, compreendendo como nasce a intuição, quais são as suas passagens e como ela permeia a psicoterapia. Para alcançar o objetivo deste estudo foi realizado uma pesquisa bibliográfica, com a análise do objetivo de modo exploratório, com abordagem qualitativa. A pesquisa realizada aponta que a intuição nasce do Em Si ôntico do próprio indivíduo e que para colher essa informação, o homem precisa ser exato. O psicoterapeuta através do seu Em Si organísmico, por meio da leitura de campo semântico, percebe as informações emitidas pelo cliente, ou seja, o ontopsícolo intui o Em Si ôntico do cliente e segue esse sinal. Gradativamente o psicoterapeuta informa e reforça o Em Si ôntico do cliente durante a psicoterapia. O processo finaliza quando o cliente autentica a sua consciência e torna-se a si mesmo, podendo escolher com base na sua identidade o que é útil e funcional para a sua individualidade.

Palavras-chave: intuição; psicoterapia; Ontopsicologia

Intuition in ontopsychotherapeutic psychotherapy

Abstract: Intuition is a term widely used by several areas of knowledge. This study seeks to provide a deeper understanding of what intuition is in the method of ontopsychotherapeutic psychotherapy, understanding how intuition is born, what its passages are and how it permeates psychotherapy. To achieve the objective of this study, a bibliographic research was carried out, with the analysis of the objective in an exploratory way, with a qualitative approach. The research carried out points out that intuition is born from the Em Si ontic self of the individual himself and that in order to collect this information, man needs to be exact. The psychotherapist, through his organismic In Si, through the reading of the semantic field, perceives the information emitted by the client, that is, the ontopsychotherapist intuitively perceives the client's ontic In Si and follows this signal. Gradually, the psychotherapist informs and reinforces the client's ontic Self during psychotherapy. The process ends when the client authenticates his conscience and becomes himself, being able to choose based on his identity what is useful and functional for his individuality.

Keywords: intuition; psychotherapy; Ontopsychology.

La intuición en psicoterapia ontopsicológica

Resumen: La intuición es un término ampliamente utilizado por varias áreas del conocimiento. Este estudio busca profundizar lo que es la intuición en el método de la psicoterapia ontopsicológica, comprendiendo cómo nace la intuición, cuáles son sus pasajes y cómo permea la psicoterapia. Para lograr el objetivo de este estudio, se realizó una investigación bibliográfica, con el análisis del objetivo de manera exploratoria, con un enfoque cualitativo. La investigación realizada apunta que la intuición nace del Yo ôntico del propio individuo y que para recoger esta información, el hombre necesita ser exacto. El psicoterapeuta, a través de su In Si organísmico, a través de la lectura del campo semántico, percibe la información emitida por el cliente, o sea, el ontopsícolo intuye el In Si ôntico del cliente y sigue esta señal. Gradualmente, el psicoterapeuta informa y refuerza

¹ Especialista em Infância e Família (UFRGS), Especialista em Psicologia Clínica na Abordagem Centrada na Pessoa (Unyleya), Graduada em Psicologia (PUCRS). E-mail: bibiana.fraga@hotmail.com.

² Doutora em Ciências da Informação (USP, com estágio doutoral na Abo Akademi University/Finlândia), Especialista em Psicologia com abordagem em Ontopsicologia (Universidade Estatal de São Petersburgo/Rússia), Especialista em Ontopsicologia (AMF). Professora e bibliotecária (AMF; UFSM). E-mail: clauweber@gmail.com.

el Self óntico del cliente durante la psicoterapia. El proceso finaliza cuando el cliente autentica su conciencia y se vuelve él mismo, pudiendo elegir en base a su identidad lo que le es útil y funcional a su individualidad.

Palabras clave: intuición; psicoterapia; Ontopsicología.

1 Introdução

A intuição é um termo usado em várias áreas de conhecimento, como medicina, enfermagem, administração, psicologia, filosofia e ontopsicologia, entretanto, a definição do termo parece ter um significado diferente para cada uma das áreas mencionadas. A necessidade do estudo da intuição na vida cotidiana das pessoas tem crescido dia a dia e é determinada pelo aumento do papel da intuição na vida do homem e nas diversas áreas da atividade da sociedade moderna (Meneghetti *et al.*, 2013).

No que afirma a autora Grishina (2013) o fenômeno da intuição é objeto de estudo e interesse de muitos estudiosos como, por exemplo, a filosofia e, em especial, a corrente chamada intuitivismo, porém a psicologia científica ainda não tomou a intuição como seu principal objeto de estudo. De acordo com Pombo Filho (2016) a psicologia usa esse termo em diferentes abordagens teóricas e poucas trazem um conceito que defina o que é intuição.

Este estudo nasceu a partir da leitura de um artigo “*O que é ser um bom psicoterapeuta?*” de autoria de Souza e Teixeira (2004). Os autores abordam sobre o tema da formação e desenvolvimento do psicoterapeuta na psicologia e citam que a capacidade de intuição é um aspecto necessário para o bom desempenho profissional, porém não trazem a definição do conceito de intuição e nem explicam como isso ocorre na prática clínica. Nesse momento nasce a curiosidade sobre o tema e a necessidade de

aprofundar o entendimento sobre os aspectos que compreendem a intuição na prática clínica psicoterápica.

Entretanto, a psicologia com os seus diferentes objetos de estudos e, nenhum deles comportam o estudo da intuição, não consegue dar uma resposta e nem explicar o que é a intuição. Este fato foi observado também no estudo realizado por Piccini (1985/2016), um extenso levantamento bibliográfico, onde afirma que existe uma lacuna sobre o conceito de intuição na psicanálise. O mesmo estudo aponta que Freud se referiu ao termo apenas três vezes em toda a sua obra, não apresentou uma definição e não se ateve ao tema. É encontrado frequentemente nos trabalhos psicanalíticos, posteriores a Freud, o uso da palavra intuição ou uma alusão ao termo, mesmo sem uma definição, ou com uma valorização ao termo.

Outro ponto importante, abordado no mesmo estudo, é que os termos e conceitos são usados de forma muito livre na literatura psicanalítica. Uma mesma palavra pode ter sentidos diversos e até mesmo opostos, de acordo com quem escreve ou informa em uma reunião científica. Da mesma forma, a intuição é tratada de maneira vaga, sugerindo um desinteresse dos estudiosos pelo assunto, ou até mesmo um temor pelo perigo de serem acusados de místicos ou não científicos (Piccini, 1985/2016).

Contudo, na Ontopsicologia existe um conceito definido de intuição. No método de psicoterapia ontopsiológica, a intuição faz parte da metodologia de trabalho, por isso é importante

que o psicoterapeuta possua a capacidade de intuição (Meneghetti, 2010).

A partir disso, este estudo tem como objetivo compreender como nasce a intuição, quais são as suas passagens e como ela permeia a psicoterapia ontopsicológica.

2 Método

Quanto a abordagem, se trata de uma pesquisa bibliográfica, com a análise do objetivo de modo exploratório, com abordagem qualitativa.

Sobre a abordagem, “A pesquisa bibliográfica tem sido utilizada com grande frequência em estudos exploratórios ou descritivos, casos em que o objeto de estudo proposto é pouco estudado, tornando difícil a formulação de hipóteses precisas e operacionalizáveis” (Lima; Miotto, 2007, on-line).

Esta pesquisa é um estudo exploratório, que de acordo com Gil (2002) se utiliza esse método quando queremos “proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses” (p. 41). Este tipo de pesquisa tem como objetivo aperfeiçoar ideias ou descoberta de intuições. É um estudo que permite uma flexibilidade no planejamento, a fim de possibilitar a verificação dos vários aspectos relativos ao tema estudado. Apesar de ter um planejamento flexível, na maioria das vezes adquire a forma de pesquisa bibliográfica ou de estudo de caso. Essas pesquisas podem envolver os seguintes aspectos: “(a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que ‘estimulem a compreensão’” (Sellitz *et al.*, 1967, p. 63 citado por Gil, 2002, p. 41).

Ainda de acordo com as autoras, Lima e Miotto (2007), a coleta de dados é iniciada com a adoção de critérios que delimitam o universo de estudo, orientando a seleção do material, que segue os parâmetros: a) o parâmetro temático; as obras relacionadas ao objeto de estudo, de acordo com os temas que lhe são correlatos; b) o parâmetro linguístico; c) as principais fontes que se pretende consultar; d) o parâmetro cronológico de publicação.

Pelos parâmetros temático e linguístico, foram selecionados apenas materiais da Ciência Ontopsicológica, constituído de artigos, teses, dissertações e livros, de língua portuguesa, sem um parâmetro cronológico.

As buscas foram realizadas nas bases de dados da Scielo (Scientific Electronic Library Online), BDTD (Biblioteca Digital Brasileira de Tese e Dissertações); e revista Saber Humano (Revista Científica da Faculdade Antonio Meneghetti); com auxílio do metabuscador Google Acadêmico.

Para selecionar os trabalhos que estariam de acordo com o tema proposto, foram utilizadas nas buscas as palavras-chave: intuição e psicoterapia. Dos trabalhos encontrados foram selecionados aqueles que possuíam a palavra intuição no título, no resumo e no corpo do texto.

3 A Intuição na Ontopsicologia

Na ciência ontopsicológica existe o Dicionário de Ontopsicologia, que foi proposto por Meneghetti (2012a) por não concordar com alguns significados existentes de alguns termos. Para o autor falta para a psicologia um vocabulário que “configure episteme de base de sentido” (Meneghetti, 2012a, p.11). Portanto, a proposta

de Meneghetti foi de recuperar e reorganizar o “quântico de sentido e de ação que se presencia dentro daquilo que contém (palavra, ou gesto, ou sinal do ser vivo operador)” (p. 14). O autor realizou esse trabalho por via de dois critérios: “1) O étimo linguístico de uma raiz comum a duas línguas-mãe da língua italiana. [...] 2) A experiência mediânica entre ôntico existencial e consciência verbal” (p. 14-15).

No Dicionário de Ontopsicologia, na parte onde encontra-se a palavra intuição, consta a seguinte definição:

Lat. intus actionis = o dentro ou íntimo da ação. Saber o íntimo da ação. Ver o fazer. Conhecer os modos ou estruturas interiores de um projeto de ação ou evento. Colher as coordenadas de uma *gestalt*. Saber antes dos efeitos. Formalizações do Eu a priori³ em relação a. Posição de ótima funcionalidade por parte do Em Si ôntico⁴ em relação a um projeto ou evento (Meneghetti, 2012a, p. 144).

De acordo com Vidor (2012) a intuição é uma palavra de origem latina, mas também “pode ter a raiz latina *tueri* (ver) + *in* (em), que significa ver dentro e corresponde à ação de ver diretamente” (p. 38). Seria correspondente a ação que dá evidência, que capta de modo direto o princípio do conhecimento sem interferência da racionalidade ou qualquer raciocínio. O

autor ainda afirma:

Pela intuição sabe-se a identidade e a funcionalidade do projeto antes que se formalize o evento ou fenômeno. A intuição evidencia diretamente o real, ela se antecipa às coisas e às palavras, visto que compreende o princípio que sustenta e dá origem aos fenômenos e às palavras. O termo intelecto se decompõe em *intus+legere+actionis*, isto significa o intelecto lê a ação interior, é a faculdade que reflete diretamente a visão mental na qual se intui a unidade básica. A intuição dá o dentro da ação, e o intelecto lê a ação, lê sua variação. Ela colhe o real anterior ao cognoscível e ao que é designável em palavras (Vidor, 2012, p. 38).

O princípio que sustenta e origina os fenômenos e as palavras é o Em Si ôntico, “o projeto-base originário da natureza” (Meneghetti, 2010, p. 159). Dentre as várias fenomenologias expostas do Em Si ôntico, como por exemplo o nosso corpo, há também a intuição. Para compreender melhor os conceitos, “o Em Si deriva daquilo que é espírito total do universo [...]”. Alguns, no passado, denominavam “alma” este primeiro núcleo que permanece não experimentável” (Meneghetti, 2011, p. 23). O Eu a priori reflete as informações desse núcleo, chamado Em Si ôntico, para o Eu lógico-histórico, nosso Eu consciente, este último, então, poderá decidir atuar ou não essas informações recebidas.

De acordo com Accorsi (2019, p. 194) “a intuição é informação do Em Si ôntico sem a interferência das estruturas dos estereótipos culturais e do complexo. É um *flash* de informação que dá a passagem funcional do momento. [...] os sonhos, por exemplo, são modos de informação intuitiva”. Quando o indivíduo não consegue colher a intuição por direta consciência, ela é identificada na gráfica do sonho (Meneghetti *et al.*, 2013; Meneghetti, 2010).

3 Eu a priori é a forma virtual do Eu antes do acontecimento histórico. É a solução ótima do indivíduo no ambiente, aqui e agora. É a reflexão da ação do Em Si organísmico em situação histórica e define a ética ótima da ação (Meneghetti, 2010, p. 219).

4 Em Si ôntico é o projeto-base de natureza que constitui o seu humano. É o núcleo com projeto específico que identifica e distingue o homem como pessoa e como raça, em âmbito biológico, psicológico e intelectual (Meneghetti, 2012a, p. 84). O Eu a priori e o Em Si ôntico são sempre conexos e se refletem. O Em Si ôntico dá o real, o Eu a priori dá a forma, a virtualidade, ou seja, o “como” o sujeito deve se desenvolver (Meneghetti, 2010, p. 219).

Outro aspecto importante é que “considerando-se que a intuição (ação dentro do verdadeiro para mim) evidencia-se na ausência de emoção, de experiência, de racionalidade e de necessidade, a mente essencia-se sem fenômeno, e gera uma forma para a situação” (Meneghetti *et al.*, 2013, p. 383).

A intuição também é descrita da seguinte forma: “A intuição dá imagens, impressões, concepções, elaborados sistêmicos, experiências, campos semânticos etc.” (Meneghetti, 2010, p. 338). De acordo com a autora Grishina (2013, p. 266) “a intuição é sempre o nexo entre a situação histórica e a funcionalidade utilitarística da identidade ôntica do sujeito”.

A Ontopsicologia possui a técnica de ingresso ao objeto de conhecimento, que é o critério da ciência ontopsicológica, o Em Si ôntico. Este é considerado o ponto nevralgico de toda a intuição. Retomando o conceito da intuição, de ser o íntimo da ação, compreendemos que “é o íntimo que colhe o outro íntimo e o faz uno à imagem e semelhança do interesse do operador, do utilitarismo funcional do indivíduo” (Meneghetti *et al.*, 2013, p. 53).

A intuição é parte da fenomenologia do Em Si ôntico, por isso ela antecipa os signos, as coisas, as palavras, ou seja, ela fornece a informação do dentro da ação. A partir dela é possível colher a intencionalidade. Como somos seres inteligentes, capazes de evidenciar o íntimo que se é, por meio do intelecto podemos ler essa ação, que após se efetuará através de diversos fenômenos. Por ser uma fenomenologia do Em Si ôntico, ela é sempre conforme ao próprio projeto, sempre dá a identidade utilitarista funcional da ação naquela situação histórica do indivíduo.

Através do processo de psicoterapia conseguimos compreender o que é a leitura correta da intuição, ou seja, colher a informação do nosso próprio Em Si ôntico. Contudo, a intuição também faz parte do método da psicoterapia. É através dela que o psicoterapeuta sabe a situação do cliente.

4 A Psicoterapia e o Ontopsicólogo

A psicoterapia ontopsicológica, de acordo com Meneghetti (2012b) tem como fim primário e único a autenticação do indivíduo, “isto é, a reintegração ou conscientização do original natural em antecipação a todo acultramento sucessivo não congruente” (p. 228), ou seja, ser aquilo que se é e não aquilo que o externo nos formatou de forma diversa daquilo que somos. A cura ou o desaparecimento do sintoma, é secundária, visto que é um efeito decorrente da decisão de mudança comportamental ou moral do indivíduo.

A psicoterapia é considerada como “arte clínica” na visão de Meneghetti, é terapia do ser no homem, ou seja, “ontoterapia”, porque se refere ao nível do homem como pessoa (Meneghetti, 2010). Ao longo do desenvolvimento de sua obra, Meneghetti utilizou diferentes termos para explicar esse processo, como: psicoterapia ontopsicológica, psicoterapia de autenticação ou consultoria de autenticação (Accorsi, 2019).

A psicoterapia no método ontopsicológico é compreendida como análise e reintegração da atividade psíquica⁵, com metodologia racional

5 A atividade psíquica é o agente de origem dos comportamentos, da ação da vida, dos modelos vigentes da cultura e da ampliação do conhecimento (Vidor, 2018, p. 81-82). É o primeiro e fundamental mover-se do homem

e intuitiva. A atividade psíquica é o seu objetivo de estudo. O método é realizado por constante indução bilógica, ou seja, utiliza “todos os modelos considerados científicos ou racionais e dos parâmetros não garantidos ou previstos pela razão (procedimentos intuitivos ou globais do inconsciente): indutivo-dedutivo e intuitivo” (Meneghetti, 2010, p. 287), ou seja, é acrescido ao método da psicoterapia ontopsicológica a informação intuitiva, que “é a semântica direta do Em Si ôntico, em antecipação a quaisquer sedimentados culturais não salutareis ao sujeito (complexos, estereótipos culturais e logísticos da sociedade etc.) (Accorsi, 2019, p. 61).

A psicoterapia ontopsicológica especificamente tem como objeto de estudo a atividade psíquica, ou o que se chama de intencionalidade psíquica, sendo ela apresentada de qualquer modo no sujeito, podendo ser regressiva ou evolutiva (Meneghetti, 2010). De acordo com o autor: “objeto específico da psicoterapia em sentido ontopsicológico é verificar, identificar e recuperar a intencionalidade de ecceidade do Em Si, porque onde se intenciona o Em Si, lá e assim eu sou, lá e assim eu devesho e sou existência” (Meneghetti, 2015b, p. 140). A intencionalidade psíquica é a primeira fenomenologia do Em Si no interior de si mesmo, ou seja, é o primeiro mover-se, é um impulso com específica referência, é vetorial, intencional (Meneghetti, 2015b).

Por intencionalidade, se compreende: “o que faz e pelo que se faz o dentro da ação. Aquele dentro onde o ser age. [...] A direção na qual a

que, depois, efetua-se como pensamento, emoção, temperamento, caráter, memória, vontade, consciência. O princípio age apenas por meio da imagem. Essas imagens são estruturas por meio das quais pode ocorrer qualquer variável energética (Meneghetti, 2012a, p. 27).

ação se homologa e se configura de per si no interior de um contexto” (Meneghetti, 2012a, p. 140). Existem seis diferentes tipos de intencionalidade, a intencionalidade ôntica, a de natureza, a do Eu (Eu lógico-histórico), a do complexo, socioambiental e a personológica (Meneghetti, 2012a). A intencionalidade de natureza, tem origem no Em Si ôntico, que é uma das descobertas da Ontopsicologia, além do campo semântico. Pode-se compreender como “o momento elementar da psiquidade, do espírito, do que vulgarmente se chama de ‘alma’ [...]. Daqui nasce a inteligência (do latim: *intus legere actionem* = ler dentro da ação, compreender dentro), ou seja, a capacidade de entrar no interior (*intus*) do real” (Meneghetti *et al.*, 2013, p. 26).

A intencionalidade, colhida por campo semântico, é um endereço, uma direção, que é antes de qualquer cultura, língua ou educação, ou seja, é a composição do fato. Pode-se entender como conhecimento do modo de postura de um indivíduo, acessar o conhecimento da intencionalidade do outro, seja ela consciente ou inconsciente. É possível através da leitura do campo semântico saber o que o outro intenciona, quais são suas coordenadas energéticas do seu modo existencial (Meneghetti, 2015a).

O método ontopsicológico, além de possuir um objeto de estudo, também possui um critério, na psicoterapia, para colher e fazer a análise das intencionalidades do cliente. Este critério é o Em Si organísmico do psicoterapeuta, onde através das variações evidenciadas no seu cérebro viscerotônico, “deve ser capaz de colher as específicas variações físicas e emocionais originadas na interação semântica com o cliente” (Accorsi, 2019, p. 60).

É importante ressaltar que existem diferentes tipos de definição de Em Si ôntico, são distinguidos em: Em Si ôntico, Em Si organísmico e Em Si naturístico. O Em Si organísmico é definido como a “configuração também biológica do Em Si; é critério de sanidade e lhe dá a experiência psicoemotiva” (Meneghetti, 2012a, p. 86). De acordo com o Professor Antonio Meneghetti:

O conhecimento do Em Si organísmico não é nada mais que a projeção dos efeitos possíveis ou dos efeitos mais reais de causas colocadas como premissa. O Em Si organísmico pode saber todas essas coisas porque tem o conhecimento constante e ativo do campo semântico da natureza e das individualizações (Meneghetti, 2012b, p. 92).

No que se refere ao processo realizado pelo ontopsicólogo no atendimento dos clientes, são apontados seis canais para a realização da diagnose, que serve para revelar o ponto onde há a sanidade do indivíduo e as suas alienações, distorções, violações etc. Os canais consistem em: anamnese linguística e biografia histórica do indivíduo, análise do problema ou sintoma, análise fisiognômico-cinésico-proxêmica, análise onírica, análise semântica e resultados que o indivíduo possui em sua vida (Meneghetti, 2010, p. 294).

Enquanto se realiza a anamnese com o cliente, é possível verificar o modo em que o sujeito dá as diversas interpretações de si mesmo e como se posiciona em sua vida. Na biografia histórica se analisa toda a parte histórica particular da vida do sujeito. A análise fisiognômico-cinésico-proxêmica examinamos a linguagem corporal do cliente. Na análise do sintoma ou problema, conseguimos colher a primeira se-

miótica. Através da análise onírica consegue-se um “inexorável veredicto-radiografia” (p. 295) do indivíduo. Com essa análise pode-se “colher a causa, o processo e o escopo de uma patologia ou de uma situação, ou de uma estratégia familiar, social, econômica, política, científica” (p. 297). De acordo com o Professor Antonio Meneghetti (2010), até este último momento, ou seja, com as duas primeiras linguagens, “semiótica médica” e “linguagem onírica”, são suficientes para individuar com exatidão onde o paciente está e como ele agiu até este momento. A penúltima é a análise que se realiza através do campo semântico. Por meio deste consegue-se colher a semântica do Em Si organísmico do cliente, ou seja, intuir o Em Si ôntico do sujeito. O último, a análise do resultado, é possível examinar se o cliente está agindo bem e se está impostando de modo correto a sua vida (Meneghetti, 2010).

O ontopsicólogo, através da análise do sonho, consegue saber o quadro exato e completo do cliente (a realidade físico-orgânica e histórica), e ao mesmo tempo, tem a precisão do campo semântico e da anamnese linguística. O sonho é uma informação completa. Quando o cliente conta um sonho, se tem toda a vida do sujeito, visto que “o sonho é o espelho holístico da atividade orgânico-funcional do nosso existir” (Meneghetti, 2012b, p. 29).

Existe uma relação entre sonho e intuição e saber o que se sonha é muito importante, pois “o sonho é um aspecto da ação intuitiva que vivemos continuamente. Existe sempre uma ligação entre os sonhos e a intuição. O problema é saber ver a intuição” (Meneghetti, 2012b, p. 29). Através do sonho podemos “visualizar o interior de uma ação” (Meneghetti, 2012b, p.

34).

Outro aspecto importante sobre o método é a correta leitura do campo semântico. Para que se consiga fazer a leitura do campo semântico do outro, é necessário que o ontopsicólogo tenha claro e transparente o seu próprio. De acordo com Meneghetti (2015a, p. 87) “o homem pode conhecer na medida em que é exato, portanto, total a si mesmo”. Para que se consiga conhecer um outro indivíduo é necessário que o ontopsicólogo obtenha a posse de visão total de si mesmo, ou seja, o ontopsicólogo através do seu próprio Em Si consegue conhecer o Em Si de cada cliente. Se o ontopsicólogo não possuir a si mesmo, não saberá ler as variações do quântico existencial que é, ou seja, na medida em que está em perda do próprio quântico existencial não poderá saber o outro” (Meneghetti, 2015a, p. 160).

A psicoterapia para ser exata é necessária a exatidão de método e do operador. A comprovação está no desaparecimento do sintoma e o crescimento global do cliente consciente (Meneghetti, 2019). De acordo com Meneghetti, “um ontopsicólogo autêntico não aprende a cura da sua experiência clínica, mas da indicação semântica, formal, do Em Si ôntico do outro” (Meneghetti, 2015a, p. 103).

Podemos notar que, atualmente, nas pesquisas acadêmicas, os cientistas se preocupam demais com as regras metodológicas preestabelecidas para fundamentar a ciência, contudo ninguém se questiona se há exatidão por parte do cientista para operar as pesquisas (Meneghetti *et al.*, 2013). Da mesma forma observa-se na psicologia o mesmo fato, muitos estudos preocupados com os métodos e técnicas de intervenção e poucos que abordam a figura do próprio

psicoterapeuta. Muitos autores da psicologia, como Souza e Teixeira (2004), abordam sobre a necessidade do estudo contínuo do profissional e sobre a supervisão que deveriam realizar, mas não chegam ao ponto de questionar se este operador da técnica psicológica é exato. O que se pode compreender é que falta para as ciências o critério para verificar a exatidão⁶ do cientista, o que ao contrário, na ciência ontopsicológica se tem o critério: Em Si ôntico.

Dessa forma a psicoterapia⁷ é fundamental e destinada a quem quer ser científico.

Nesse processo o cientista deve afrontar a capacidade de ser exato, ou seja, não é destinada a todas as pessoas. O cientista, antes de fazer ciência, deve realizar o indispensável tirocínio de verificar-se para além dos estereótipos, no nexos ontológico (Meneghetti, 2015a). Meneghetti ainda afirma:

Preliminar a qualquer atividade científica, o exercício crítico de conhecimento é a terapia ontopsicológica, através da qual o Eu do sujeito evade das estereotipias culturais e do monitor de deflexão e se atua refletindo-se no íntimo formal do próprio Em Si real. Uma vez íntimo ao real, pode-se proceder com ele (Meneghetti, 2015a, p. 63).

Para que o ontopsicólogo tenha exatidão é imprescindível a psicoterapia como metanoia⁸, pois é preciso que o sujeito mude a sua

6 Existem cinco critérios externos de exatidão e estes podem ser reduzidos a uma só: a circularidade funcional. Para maior aprofundamento consultar: Meneghetti, 2015a, p. 94-95.

7 A psicoterapia significa autocorreção de tudo aquilo que é impróprio à unidade de ação, eliminar todos aqueles condensados que tornam o homem incapaz daquela exatidão científica que lhe consente ver todos os dados que lhe dizem respeito (Meneghetti, 2015a, p. 93).

8 O significado de metanoia é mudança de mente, mentalidade, mudança do Eu, ou ainda pode ser compreendida como mudança de técnica, medida ou controle (Me-

mente para que consiga refazer uma unidade de conhecimento (Meneghetti, 2015a). Essa mudança de mente significa mudar o processo reflexivo em coincidência com a elementaridade dos acontecimentos organísmicos. Sendo assim, é necessário restituir o nosso primeiro cérebro natural que se fenomeniza através do viscerotônico (Meneghetti, 2015a). De acordo com Meneghetti, “metanoia significa alcançar uma situação de consciência que reflete a realidade orgânica, biológica, física, psíquica do sujeito” (Meneghetti, 2012a, p. 56), ou seja, é necessário tolher os complexos e estereótipos, pois estes não são conformes ao projeto de natureza do homem (Em Si ôntico), não espelham reversibilidade. Por tanto, o ontopsicólogo precisa ajustar a razão, refinar a percepção para recuperar a evidência das linguagens do seu organismo, isto quer dizer “converter a forma de pensar para adequá-la à forma do próprio ser” (Meneghetti *et al.*, 2013, p. 397). Para se alcançar isso é necessário o *training* ontopsicológico (Meneghetti, 2015a).

O conhecimento organísmico significa poder conhecer o outro através de mim. O ontoterapeuta possui a capacidade de conhecer os outros indivíduos não somente pelo olhar, pelos aspectos externos ou através de análises mentais, ele também deve instrumentalizar o próprio corpo para colher a entidade de emoção corpórea do paciente. O homem é dotado do conhecimento corpóreo, porém é necessário conscientizá-lo e reportá-lo à superfície do Eu (Meneghetti, 2015a).

Importante diferenciar “orgânico” de “organísmico”. O orgânico compreende o corpo no aspecto fisiológico-médico e o organísmico

é a unidade orgânica com presença simultânea de consciência. Esta última pode ser compreendida como: “*É uma unitária tomada de consciência em ato orgânico*” e “*não se constata de fora, mas que se colhe dentro com percepção autovisiva da própria consciência em ato, sem usar os sentidos*” ou ainda “*é a ação de co-intuir o mover-se do corpo segundo correspondência da intencionalidade psíquica*” (Meneghetti, 2005, p. 95, grifo nosso).

Para que se efetue o método ontopsicológico com exatidão, é de extrema importância que o psicoterapeuta faça a sua formação pessoal contínua e a supervisão, essa é a única forma de garantir e verificar a exatidão do conhecimento do campo semântico. Pode se dizer que o psicoterapeuta é tal se consegue compreender consigo mesmo o campo semântico. Para isso se fazem necessários um organismo e uma vida exatos, seguindo a moral do seu próprio Em Si ôntico (Meneghetti, 2013).

5 Campo Semântico e Percepção

Dentro do universo de comunicação⁹ do homem existem as comunicações: cinésica, proxêmica, linguagem e, para a ciência ontopsicológica, existe ainda uma outra comunicação, que não foi verbalizada e tornada lógica, denominada campo semântico.

O campo semântico pode ser compreendido como “o conjunto das condutas viárias no interior do agente universal, é o fenômeno do movimento intrínseco e é também via de interação, de informação ou constituição entre uma

9 Para maior aprofundamento consultar a obra: MENEGHETTI, A. Campo Semântico. 4. ed. Recanto Maestros: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015.

individação e a outra” (Meneghetti, 2015a, p. 151). Outro ponto importante é que o “campo semântico é uma variável da atividade psíquica, é o projeto momentâneo da semovência psíquica” (Meneghetti, 2010).

O campo semântico¹⁰ tem como conceito:

A comunicação-base que a vida usa no interior das próprias individuações. [...] É a informação-base que acontece antes de todos os sentidos, antes de todas as emoções, antes de toda consciência, em antecipação a qualquer símbolo. [...] Por campo semântico entende-se todo o operativo que está sob as zonas de linguagem e sentido da esfera linguística (língua, palavras, gramática, sintaxe, cultura, moral, estereótipos etc.), da esfera cinésica (o mover-se espontâneo e não espontâneo no somatopsíquico) e da proxêmica (o modo das duas significâncias, linguística e cinésica, a quem intenciona e específica). Este operativo subjacente ao cinésico, proxêmico e linguístico, é o húmus radical – ou universo-base – dos reais formais que indicam e especificam posição e ação da individuação humana (Meneghetti, 2012a, p. 38).

Existem três modos para se compreender o campo semântico: *a) biológico*, *b) psíquico* e *c) numênico*. O *a) biológico* se refere ao nosso corpo como um potente radar (somos providos de receptores-sensores distribuídos em toda nossa superfície corpórea), que normalmente recebe, quando entrar em contato, as informações emanadas de outras realidades biológicas. No campo semântico *b) psíquico*, através da percepção organísmica, se ausculta aquilo que o indivíduo emana. Este nos possibilita colher a situação do Eu do cliente. O Em Si do próprio psicoterapeuta autocentra o Em Si cliente. Neste campo semântico ainda estamos no aspecto

mais fenomênico e psicológico que nos possibilita verificar, com base nos comportamentos, os estereótipos que dão a tipologia caracterial do sujeito. No *c) numênico*, colhe-se a presença do Em Si ôntico do cliente, dimensão ôntica como poder causal de ação e vitalidade, a entidade espiritual em ação (Meneghetti, 2015a)

Para que tenhamos uma exata percepção para colher o campo semântico é necessário apoiar-se ao segundo cérebro do organismo ou cérebro viscerotônico, que envolve o primeiro raio de ação psicoemotiva das zonas exteroceptivas e propioceptivas¹¹. Daqui decorre a percepção exata de qualquer campo semântico (Meneghetti, 2005). Todas as nossas percepções iniciam na zona visceral e de acordo com Meneghetti, “o viscerotônico¹² é a primeira forma fenomênica do intelecto no sentido” (Meneghetti, 2005, p. 101). O cérebro viscerotônico sempre resultou exato de acordo com as experiências clínicas do Professor Antonio Meneghetti. O nosso cérebro central também seria exato se não sofresse toda a manipulação cultural organizadas pelo monitor de deflexão¹³, visto que “ambos os cérebros

11 A percepção, no processo cógico-perceptivo, possui três níveis, são eles: a percepção exteroceptiva, a propioceptiva e o conhecimento egoceptivo. Para maior aprofundamento consultar a obra: MENEGHETTI, A. **Manual de Ontopsicologia**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010.

12 É exatamente um tambor que está entre o esterno e o púbis, uma caixa de ressonância dinâmica que não se circunscreve em um órgão; é um espaço de percepção (Meneghetti, 2005, p. 101).

13 De acordo com a Escola Ontopsicológica, evidenciou-se “um estabilizador obsessivo que determina o universal da patologia no interior e no exterior do sujeito: o monitor de deflexão [...] é um dispositivo psicodélico que deforma as projeções do real à imagem (Meneghetti, 2010, p. 172). A máquina se insere entre a propioceptividade (Em Si organísmico) e a egoceptividade (Eu lógico-histórico) (Meneghetti, 2015a, p. 162).

10 No que se refere ao termo semântico: “o que é forte é a partícula [án]: o outro se faz dentro de mim antes que eu colha dele o signo, isto é, antes que eu veja que tem duas mãos, um relógio etc.” (Meneghetti, 2015a, p. 160).

são fenomenologia do iso¹⁴: o visceral é ação reflexológica; o central é discernimento racional” (Meneghetti, 2005, p. 104).

Através do campo semântico é possível colher duas informações, ou seja, pode-se captar dois tipos de ondas distintas, a primeira informa aquilo que é sadio e, a segunda aquilo que está doente, que é diferente e desviante da informação sadia da pessoa (Meneghetti, 2015a). É possível saber o quanto ocorre nos órgãos, no corpo e na pessoa como um todo. De acordo com Meneghetti, “quando o campo semântico *‘flasha’*, o faz com exatidão, sem erros ou dispersões de significado, porque especulariza do composto real” (Meneghetti, 2015a, p. 119). Além disso, o psicoterapeuta, por meio do método ontopsicológico, deve intuir duas coordenadas: o Em Si ôntico e o Eu lógico-histórico do cliente, no entanto, este último não é exatamente um campo semântico, mas uma capacidade crítica da qual o cliente tem em sua história (Meneghetti, 2015a).

Durante o atendimento ontopsicológico, a situação é colhida por campo semântico enquanto o cliente fala. O psicoterapeuta “torna receptivo o próprio inconsciente à ausculta das percepções do campo semântico emanado pelo organismo inconsciente do cliente” (p. 74). Após, o psicoterapeuta, com o conhecimento das duas informações, é capaz de verbalizar ao cliente a solução.

A percepção de campo semântico pode ser desenvolvida através do *training* ontopsicológico e com a supervisão, a única dificuldade está em como sentir a si mesmo e ao outro, ou

seja, como aprender a utilizar o próprio corpo como técnica de conhecimento. Contudo, não há como errar uma vez que se tenha posse do conhecimento organísmico (Meneghetti, 2015a).

6 A Intuição na Psicoterapia

Compreendendo tudo o que foi exposto até aqui, com o objetivo de se chegar ao entendimento de como ocorre a intuição no método da psicoterapia ontopsicológica, fica claro que antes de tudo é necessário, além do estudo e conhecimento do método ontopsicológico, que o psicoterapeuta passe por sua própria consultoria de autenticação. Na medida em que este faz a metanoia, transcende seus estereótipos, compreende as duas dinâmicas do homem e atua a dinâmica da “saúde para a criatividade”, então se torna capaz de ter exatidão de conhecimento. Assim se inicia o nexos ontológico.

No que se refere a leitura do campo semântico, foi visto que a dificuldade que se encontra é a de diferenciar aquilo que se percebe de si mesmo e o que se percebe de um outro, conforme Meneghetti (2015c, p. 48) coloca que “a sensação de ser campo de semântica de outros não é facilmente distinguível das próprias sensações organísmica”.

Em minha experiência de psicoterapia de autenticação, como cliente, foi possível começar a enxergar como é a leitura de campo semântico, ou seja, conforme Meneghetti já havia dito, o campo semântico se aprende através do *training* e sob a supervisão de outro ontopsicólogo. De fato, as informações emitidas através de campo semântico é algo que ocorre naturalmente, porém se não souber separar o que é meu e o

14 Do grego “igual”. Critério elementar da vida: o que é igual esse critério é sadio, o que é diferente é erro, regressão, doença (Meneghetti, 2012a, p. 146).

que é a captação feita da realidade de outras pessoas ou ambientes, não é possível formalizar essa racionalidade e compreender o que está acontecendo na realidade. Não compreender o campo semântico é um risco, pois geralmente executamos as informações de outras pessoas sem perceber quando não estamos atentos ou sofrendo os efeitos do monitor de deflexão.

Para exemplificar a leitura de campo semântico, exponho uma vivência, que não ocorreu no âmbito da clínica, mas que serve para compreender como ocorre a leitura. Em uma ocasião, consegui sentir, no meu próprio ouvido, a dor que uma pessoa estava sentindo no seu ouvido, eu estava sentada em frente e bem próximo a esta pessoa. Eu não tinha essa informação de forma verbal, colhi a informação com o meu corpo, percebi através do meu corpo o que estava acontecendo. Depois que eu senti a fisgada no meu ouvido e baixei a cabeça para a lateral pela dor, eu verbalizei o que havia sentido, então a pessoa começou a verbalizar que estava com dor no ouvido e que precisava ir ao médico. Depois que conscientizei que a dor não era minha, pois eu estava me sentindo bem antes de estar na presença dessa pessoa, a dor passou totalmente. Estes fatos corroboram o que foi apontado anteriormente, que “a intuição dá imagens, impressões, concepções, elaborados sistêmicos, experiências, campos semânticos etc.” (Meneghetti, 2010, p. 338).

No âmbito da clínica psicoterápica é possível saber por campo semântico se o cliente vai ir na consulta ou não vai aparecer, se já está na porta esperando e ainda não tocou a campainha. Também é possível captar imagens antes do cliente chegar para a consulta. Essas imagens me forneceram a situação do problema do

cliente. Outra experiência que trago foi quando, depois do cliente ter agendado a consulta, captei em meu pensamento uma imagem de esquizofrenia e suicídio. De fato, após 2 meses de acompanhamento, o cliente começou a externalizar esses sintomas. Com outro cliente eu consegui captar, minutos antes dele começar a falar, que ele passou por sérios problemas com drogas no seu passado, essa captação apareceu em meu pensamento como uma ideia, que “apareceu de repente”. Além disso, percebi no meu próprio corpo as variações orgânicas, senti um aumento da frequência cardíaca e sentimento de ansiedade. Para compreender melhor o que foi exposto, Meneghetti (2015a) traz que o campo semântico “é mensurável e definível no evento programático, mas sempre em antecipação ao seu acontecimento histórico-temporal, o que consente anulá-lo, interceptá-lo, variá-lo” e ainda conclui que em caso de se “visualizar”, “é interceptável como qualquer palavra intencionada no pensamento, mas ainda não precipitada no evento do falante manifesto” (Meneghetti, 2015a, p. 57).

Vidor (2014) traz uma passagem que ajuda a compreender essas imagens de *flash* ou “ideia relâmpago” que aparecem na consciência:

Os sinais viscerotônicos e as linguagens orgânicas transcrevem informações que, sendo gradualmente percebidas e decifradas, levam ao acesso de conhecimento como o ser humano é em seu constituinte original. A vida, mediante variações de ondas, estabelece comunicações com outras vidas. [...] Antes de qualquer consciência, os objetos e os seres vivos emanam sinais com base na própria tipologia e vida; através de tais ondas colhem-se as informações. As ondas produzem variação psicoemotiva, formalizando direção e intenção: na percepção do receptor manifesta-se uma imagem fugaz ou uma ideia relâmpago de defina a informação. Através do sinal, o

receptor pode colher a informação de modo consciente. A consciência deve abrir-se para traduzir em conceito cognitivo a mensagem. Decifrando a informação dinâmica recebida, têm-se o acesso a causas internas da vida, com evidência (Vidor, 2014, p. 65-66).

O Professor Antonio Meneghetti (2015c) relatou em uma de suas obras o exemplo de um rapaz que iria fazer psicoterapia com ele e levou junto algumas anotações que falavam de seus sonhos. Meneghetti disse ao rapaz que aquele material não servia naquele momento, pois estava fora da realidade em que ele estava vivendo hoje. Ou seja, no contato com o rapaz, Meneghetti colheu a sua dimensão atual, que falava de perspectivas, de prontidão eufórica e que ainda não estava registrada pelos seus traçados e nem pelos sonhos (Meneghetti, 2015c). Este é um exemplo onde se compreende a intuição na psicoterapia, se colhe o real, o Em Si ôntico do cliente, e o psicoterapeuta se torna palavra do seu Eu a priori.

Outro exemplo é encontrado no artigo de Spanhol (2018), que traz o seu relato de um caso de como colheu as informações de sua cliente. Durante o atendimento essa cliente relatava sobre os seus projetos não realizados, seus insucessos e se lamentava por isso. Enquanto a cliente falava a autora sentiu que uma imagem fez um *flash* em sua mente. A imagem era de uma menina em torno de 4 anos de idade, de cabelos loiros cacheados e vestido rosa, ela olhava para um livro em uma sala que tinha uma estante e um homem ao lado. A partir disso ela foi investigando por meio da indução (método indutivo) e foi realizando algumas perguntas para a cliente. De fato essa imagem era a própria cliente quando criança em um mo-

mento importante da sua vida, onde associou a lembrança que tinha do seu pai que lamentava um projeto frustrado de sua vida, pois não pode seguir a carreira de jogador de futebol por ter passado por um acidente. A partir disso, foi possível compreender um ponto importante na vida dessa cliente que se repete através de gerações. Repetimos a história dos nossos antepassados se não tomamos consciência dos fatos, e é através do campo semântico que é possível acessar essas informações. Tudo isso foi possível compreender pela intuição da psicoterapeuta, que ficou atenta às imagens que passavam em sua mente durante o atendimento. Através da aplicação do método foi possível encontrar o ponto da dinâmica que a cliente precisava para tornar-se consciente.

De acordo com a autora Us (2013), podemos compreender a intuição a partir da própria experiência de intuir, esta seria a única maneira. De acordo ainda com a autora, a única modalidade para intuir é a própria presença, ou seja, presencia-se propriamente. Esta colocação da autora se verifica no que Meneghetti (2015d, p. 233) aponta: “Quem tenta encontrar no conhecimento o que viu na intuição mental, se esforça em vão, tal como aquele que se esforça por tocar com as mãos a cor, que é somente visível”.

A autora Us (2013, p. 382) aponta que “a intuição é pré e transfenomênica e não se extrai da consciência” visto que em nossa consciência possui diversas imagens que não são conforme ao próprio indivíduo, podendo ser informações da dinâmica de relação: monitor de deflexão, matriz reflexa, complexos, estereótipos, memes e Eu lógico-histórico (Meneghetti *et al.*, 2013). Por isso o ontopsicólogo precisa fazer um profundo autoconhecimento, para que pos-

sa conhecer como age o seu inconsciente. Ele precisa saber tudo de si mesmo, transcender a tudo para se tornar transparente, somente assim poderá saber a origem das informações percebidas.

No que diz respeito ao nascimento da intuição, de acordo com Us (2013, p. 388) “a intuição nasce da posição do homem no ser [...] É a visão natural espontânea. A intuição não tem nem forma externa, nem imagem interna. Não é um conhecimento porque falta a mediação de signo, é uma pulsão que sabe no agir e do agir”. Dessa forma, pode-se compreender que a intuição nasce do próprio Em Si ôntico do indivíduo, que através do Eu a priori informa o Eu lógico-histórico em situação histórica. A intuição é o colher da intencionalidade ôntica que se origina do Em Si ôntico. Essa é a primeira tarefa do homem exato, saber colher as diretivas do seu próprio Em Si organísmico. Após saber a si mesmo, é possível colher e saber as diretivas do Em Si ôntico do cliente através da leitura de campo semântico, análise da imagogia e análise dos sonhos.

No que se refere às passagens da intuição e como ela permeia a psicoterapia, o ontopsicólogo parte da intuição conduzida por meio dos seis canais de diagnose do método ontopsicológico. Na medida em que faz a diagnose e se tem a intuição do cliente, procede um percurso indutivo, fazendo as verificações necessárias para compreender melhor. O terceiro momento do método é o dedutivo, o qual demonstra fenomenicamente ao cliente as causas. O psicoterapeuta através do seu Em Si organísmico colhe a informação do Em Si ôntico cliente, esta é a informação intuitiva, que é a semântica direta do Em Si ôntico do cliente. A partir disso o psi-

coterapeuta é capaz de diferenciar as informações do Em Si ôntico das demais informações do cliente, ou seja, aquelas não salutares ao indivíduo.

De acordo com Meneghetti (2015d) devemos nos empenhar ao máximo dentro de si mesmos, nesse primeiro encontro com o cliente, para que seja possível sermos a intuição do cliente. Accorsi (2019) aponta que “o ontoterapeuta deve buscar ter uma intuição global do cliente e a sua problemática, para isso primeiras mensagens cinessomáticas e a onda afetiva são de fundamental importância”.

No processo da psicoterapia precisamos estar atentos a todos os sinais, com especial intenção de identificar o Em Si ôntico daquele cliente, pois esse é o critério que o psicoterapeuta usa para indicar ao cliente as diretivas. A psicoterapia ontopsicológica é diretiva, dá orientações, mas estas não são opiniões do psicoterapeuta. O ontopsicólogo jamais fala através de convicções, valores, estereótipos ou opiniões, fala somente através do Em Si ôntico do cliente, este é o critério que utiliza. Meneghetti coloca uma importante passagem:

O ontoterapeuta torna-se palavra do evento apriórico do psíquico. Mesmo quando se interessa por símbolos (sonhos, associações, lapsos, cinésica, complexos, crônica, situações etc.) para dialogar com o paciente, sempre está em expectativa do elemento sobre o qual fazer a coligação do originário” (Meneghetti, 2015c, p. 184). “O ontoterapeuta deve verbalizar lá onde o contato urge mais intenso: por isso pode-se dizer que o ontoterapeuta ensina o que aprende do paciente”. [...] “Para o ontoterapeuta é experiência ordinária ver ou experimentar-se lá onde a verdade é contato, e depois traduzir através de símbolos, imagens analógicas, protocolos históricos aquele Em Si que está sempre além. Nenhuma palavra pode encarnar o ato do Ser em contato. O além se dá aqui somente quando o indivíduo alcança-se

consciência ôntica ou ato auto evidente. Para esse destino o ontoterapeuta, mesmo vendo o interior do santuário, deve parar no portal do templo do próprio paciente, porque o lugar da verdade é conquista solitária (Meneghetti, 2015c, p. 46-48).

O psicoterapeuta é um radar, uma espécie de satélite, dessa forma precisa saber anular o próprio eu, pois se está a serviço do Em Si ôntico do cliente. Devemos procurar nosso ponto de neutralidade para colher com ataraxia as informações, ou seja, eu percebo, sinto, mas a informação não me movimenta. As informações devem ser colhidas através do nosso cérebro viscerotônico, pois este “é a primeira fenomenologia mais física e emocional do Em Si ôntico. Ele reage em antecipação ao conhecimento lógico racional” (Accorsi, 2019, p. 164). De acordo com Brunhilde Dander (2013, p. 121) “o cérebro viscerotônico é o radar de recepção e transmissão do campo semântico”. É por meio de campo semântico que o ontopsicólogo recebe as informações e então através do seu Em Si organísmico colhe e identifica as variadas informações do cliente.

Antes de entrar em contato com o cliente, é importante que o psicoterapeuta procure seu ponto zero, ou seja, se perceba como está naquele dia, como acordou, como se encontra naquele momento antes do cliente entrar na sala. Após, quando o cliente entrar no *setting* terapêutico, o ontopsicólogo poderá saber através das variações organísmicas como está aquele cliente. Isso requer um esforço, uma atenção total, um treino e um desenvolvimento contínuo por parte do profissional. Meneghetti (2015c), em sua obra *Ontopsicologia Clínica*, traz uma passagem que descreve esse momento de en-

contro com o cliente:

De fato, o corpo do observador é feito colônia das emoções intencionais do agente primeiro. Isto é, eu, ontoterapeuta, antes da entrevista, colho-me com passividade tranquila, e a emoção mais vital é a expectativa da minha solidão. Logo que encontro o cliente, registro no meu corpo emoções diversas ou novas: os meus órgãos sofrem excitação, ou sufocamento, ou anestesia, ou repulsão, ou atração. Quando digo órgãos, entendo qualquer parte do meu corpo: cada cliente exercita sobre mim um contato simbiótico ou colonial por seleção temática. Sinto-me emoção ativa, mas me sei colônia. Decifrando as emoções que o meu corpo-radar sofre, reconheço a semântica do outro inconsciente que me contata. Tudo isso ocorre enquanto eu decido o outro como meu sol. Contemporaneamente, a minha atenção absoluta é somente o outro, e nada no mundo conta para mim mais do que ele. Eu o vejo e o amo como ninguém no mundo jamais o amou, olhou e tocou; nesta experiência, começo a falar-lhe com a memória dos seus modelos [...] (Meneghetti, 2015c, p. 48).

O psicoterapeuta precisa aprender, gradualmente, no seu processo formativo, saber usar o seu critério organísmico. Deve desenvolver uma ausculta à integralidade de suas percepções (Accorsi, 2019). O organísmico é um canal de conhecimento que vai além da via racional. “O critério organísmico é o vetor da emocionalidade com ausência de interferência cerebrais e ideológicas. É a via da intuição” (p. 168), é necessário, anos de estudo, supervisão e aplicação para que se compreenda e seja feita a apreensão deste critério. O ontopsicólogo, ao longo da sua formação, deve desenvolver uma racionalidade que permita compreender as ações e reações de seu próprio corpo, além de ter uma atenção ao mundo das imagens que aparecem na própria mente. Pode ocorrer que, quando se está na presença do cliente, sinta uma pressão na cabeça ou uma excitação sexual. Estas não são infor-

mações que ocorrem ao acaso, diante delas o técnico dever ter a máxima atenção. Em especial, quando se está no *setting*, o corpo recebe e registra todas as informações. Sendo assim, Accorsi (2019, p. 168) aponta:

O ontoterapeuta não pode viver o próprio corpo como “coisa” ou objetualidade. Deve estar integrado em si. Isto é ter percepção organísmica: consciente integração do todo psico-orgânico-funcional, em leitura do aqui e agora. Desenvolver essa capacidade é formação e é paulatina. Cada cliente, cada supervisão é escolha para aprender a afinar a própria percepção.

O campo semântico é o meio pelo qual se dá a base de informação para perceber que por trás dos fenômenos múltiplos há uma unidade como ponto inicial de qualquer processo evolutivo ou involutivo. É por meio do campo semântico que o psicoterapeuta sabe a situação do cliente. Enquanto o cliente fala a situação começa a se revelar e quando o ontopsicólogo conseguiu colher as duas informações, então pode começar a verbalizar ao sujeito a solução (Meneghetti, 2015d).

No contato¹⁵ com o cliente estabelece-se uma relação muito profunda, que vai além da troca verbal ou da comunicação gestual. Quando se decide compreender o cliente, não se escuta apenas no plano racional, mas ausculta-se aquilo que ele emana, dessa forma é possível verificar aquilo que varia na percepção organísmica do psicoterapeuta. Por isso o ontopsicólogo precisa ter a sua percepção organísmica exata (Meneghetti, 2015a; 2015d). De acordo com

Meneghetti é necessário compreender a profundidade que existe no contato e o que significa entrar em contato com o cliente:

Pode-se fazer psicoterapia objetiva quando psicoterapeuta e paciente podem interagir numa totalidade de contato ôntico existencial: o ser total do paciente é colhido em todas as suas variantes emocionais e psíquicas dentro do limite histórico da entrevista. [...] Não se trata de um contato qualquer, mas uma referência ou comunhão à centralidade organísmica do outro”. [...] “O ontoterapeuta é capaz de seguir a emocionalidade do paciente fazendo-se emocionalidade (= percepção orgânica ou campo da emoção que se principia no paciente) ressoante da pulsão do paciente, mas com consciência distinta”. [...] “O ontoterapeuta, identificando-se na emoção do outro, isto é, na semântica organísmica (= cada organismo é fonte de informação, transmite os próprios inputs) e permanecendo ele mesmo em vibração organísmica, pode colher a cisão entre o organismo e o Eu projetado. O ontoterapeuta sabe como é o paciente, mas não sabe como o paciente se sabe; o ontoterapeuta o aprende pela auto exposição verbal do cliente: o grau de divergência entre o ser e o saber-se dá a medida do estado patológico” (Meneghetti, 2015c, p. 43-46).

De fato, o cliente, por estar inconsciente de si mesmo, não se sabe. É aqui que entra a arte de atuar na psicoterapia. Não precisamos falar ao paciente tudo o que colhemos dele em uma só vez, esse processo é gradativo, feito com empatia. O cliente precisa saber o ponto que o bloqueia na conexão com o seu próprio Eu. Em Si ôntico, precisa compreender a psicodinâmica. Certa vez, escutei da minha supervisora que o próprio cliente também informa como devemos verbalizar o problema e a solução, se ele é mais sensível, se temos que, por exemplo, contar uma história de alguém que ilustre o que está ocorrendo com o cliente.

O cliente também precisa estar aberto para o

15 “Por contato entende-se dois extremos, gerador e receptor, em identidade emotiva” (Meneghetti, 2015c, p. 43). “O termo contato deriva de “*cum tangere*”, isto é, tocar junto, tocar-se, ser tocados ou permeados por uma mesma coisa (Meneghetti, 2015c, p. 46).

processo psicoterápico, conforme Vidor (2018, p. 18) aponta que “o diálogo introspectivo só é possível a indivíduos que aceitem colocar em revisão o próprio Eu consciente para ampliar a própria intuição”. Ou seja, uma premissa à psicoterapia é a permissão e vontade do cliente em se deixar discutir. A psicoterapia entra para autenticar a consciência do cliente e assim há a possibilidade de o próprio cliente intuir o seu Em Si ôntico.

De acordo com Meneghetti (2015d) a consciência pura se alcança através do amadurecimento dos conhecimentos tradicionais e não pelo abandono destes. É pelo amadurecimento que se abre a consciência ôntica. Vidor (2012, p. 43) aponta que “pela intuição a mente colhe a unidade profunda que precede todo o conhecimento científico e lhe dá sustento e fundamento, enquanto no conhecimento racional se formaliza o saber aplicado no tempo e no espaço”. Sendo assim, para conseguir compreender a própria intuição é necessário o *training* pessoal e a consultoria de autenticação. A intuição, de acordo com Vidor (2012, p. 43):

tem sua base no contato com o originário metafísico do homem. A intuição é sempre um ponto de partida para organizar melhor as decisões, elaborar novos conhecimentos e rever ações para aprimorar o crescimento, o sucesso em administração, em política, em economia, em educação, enfim, em qualquer área de atuação humana.

Trouxemos um excerto da entrevista realizada com um ontopsicólogo, por Accorsi (2019) em sua Tese de Doutorado, onde traz um importante relato sobre o aspecto da formação do ontopsicólogo para exercer a psicoterapia e ser um leitor exato da intuição:

Existe um longo processo de formação que demora anos e aí é uma decisão contínua de ser psicoterapeuta e nisto o estilo de vida é fundamental. O psicoterapeuta não pode ser como todos... Não são todos que depois de fato escolhem esse estilo de vida que é basicamente saber ser só. Mas não é ermitão. É uma capacidade interna, transcendência solitária ao utilitarismo funcional como sexto ponto lá da Psicologia do Líder. Sem a transcendência solitária ao utilitarismo funcional não existe a capacidade de intuir o Em Si do outro; onde estão as passagens que depois vão se configurar também nos sonhos, na informação de campo semântico, na linguagem cinésica, proxiêmica, etc. (Accorsi, 2019, p. 193).

Vidor (2018, p. 73) aponta que: o ontoterapeuta para exercer esse trabalho, deve ter passado por um tirocínio de autenticação e revisão contínua. A evolução pessoal leva à intuição, além do estudo contínuo e a metanoia. É através da metanoia que ocorre uma mudança de pensamento e de comportamento, o indivíduo desinveste-se do passado e dos modelos fixos para colocar-se em consonância com a identidade e a funcionalidade da própria vida. Essa mudança é necessária para que a consciência seja capaz de refletir a informação imediata da vida, que posteriormente deve ser atuada a cada momento no contexto histórico.

A partir deste estudo, em síntese conclusiva, pode-se organizar a seguinte lógica para o psicoterapeuta:

- 1) Deve possuir as características necessárias para ser um ontopsicólogo. Assim como o líder, não é qualquer pessoa que possui essas características e capacidades para exercer essa profissão. Essa descoberta deve ser feita através da sua própria consultoria de autenticação. Somente assim é possível saber se este é o *design/*

projeto do seu Em Si ôntico.

- 2) Além do estudo contínuo do método ontopsicológico, realizar a sua própria supervisão e consultoria de autenticação, deve ter um estilo de vida e fazer o seu processo de metanoia, através da consultoria de autenticação. Dessa forma é possível reestabelecer a exatidão de sua consciência e ser um operador exato.
- 3) Deve aprender através do *training* com outro ontopsicólogo como usar o seu cérebro viscerotônico para colher as informações do cliente e separar das suas.
- 4) Deve saber colher as informações com ataraxia, em um estado de imperturbabilidade. Deve saber o seu ponto zero, saber como se está antes do contato com o cliente.
- 5) No contato com o cliente, através do campo semântico, o psicoterapeuta com o seu Em Si organísmico percebe as informações emitidas pelo cliente. Intui o Em Si ôntico do cliente e segue esse sinal. Todos os outros sinais diferentes desse são as informações que desviam a realidade do cliente. O campo semântico é a passagem dessas informações, é o canal dessa comunicação de informações.
- 6) Quando o psicoterapeuta tem as informações que são do Em Si ôntico do cliente e as outras informações (complexos, monitor de deflexão, matriz reflexa, superego, memes etc.), gradativamente informa e reforça o Em Si ôntico do cliente, para que este comece a se reconhecer, voltar a perceber a si mesmo.
- 7) Também conscientizar o cliente das informações de desviam da sua identidade,

de, pois a psicoterapia deve autenticar a consciência do cliente. O processo finaliza quando o cliente torna-se a si mesmo e escolhe com base na sua identidade, o que é útil e funcional para a sua individualidade histórica.

7 Considerações Finais

Todo o saber, toda a ciência, neste caso em específico a psicoterapia, deve coincidir com o modo de ser do humano com o intuito de não violentar a ordem de natureza desse. A Ontopsicologia é uma ciência que oferece as ferramentas para que o homem consiga acessar a sua própria natureza e assim ser operador exato na história.

A intuição é algo inerente ao método, sem esta não se chega à verdade, não se tem o real. É uma grande responsabilidade, tanto individual como social, ser um psicoterapeuta, pois além de trilhar uma jornada própria de autenticação, constantemente se vigiar para permanecer exato, deve conduzir outras pessoas nesse processo.

Este estudo possibilitou tornar mais claro o método da psicoterapia ontopsicológica e que a intuição sempre nasce do Em Si ôntico. Dessa forma, quando atuamos essa informação sempre colhemos crescimento, pois somos indivíduos que temos essa constante que nos gera evolução contínua. Contudo, fica claro que a intuição na psicoterapia é quando o psicoterapeuta, através do campo semântico e seu Em Si organísmico, ausculta no viscerotônico as variações das informações recebidas do cliente. Essas informações são percebidas pelo psicoterapeuta tanto por imagens que vem à mente,

pensamentos ou sensações. Através deste meio identifica aquilo que são informações ônticas e todo o restante que não é conforme a identidade utilitarista funcional do indivíduo, tudo aquilo que não é conforme o indivíduo original e que o desvia de sua identidade.

Ainda que se tenha visto neste estudo o surgimento e as passagens de como a intuição ocorre no método da psicoterapia ontopsicológica, sugere-se novos estudos que possam trazer mais aspectos práticos dos psicoterapeutas que estão em atuação profissional. Os relatos das práticas dos profissionais podem auxiliar os futuros psicoterapeutas em sua atuação profissional a compreenderem melhor como se dá a intuição no método ontopsicológico.

Referências

- ACCORSI, Ângelo. **Psicoterapia Ontopsicológica: a formação do ontoterapeuta**. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2019. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/22495>. Acesso em: 25 fev. 2022
- DANDER, Brunhilde. O cérebro viscerotônico e a intuição. In: MENEGHETTI, Antonio *et al.* **Psicologia Empresarial**. São Paulo, SP: FOIL, 2013. p. 119-122.
- GRISHINA, Natalia. A intuição como fator elementar do processo cognitivo e decisional. In: MENEGHETTI, Antonio *et al.* **Atos do Congresso Business Intuition**. 2. ed. São Paulo: Ontopsicológica Editora Universitária - FOIL, 2013. p. 264-268.
- LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamasso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Rev. Katálysis**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 37-45, dez. 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-49802007000300004>. Acesso em: 19 jan. 2022. MENEGHETTI, Antonio. **Manual de Melolística**. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2005.
- MENEGHETTI, Antonio. **Nova Fronda Virescit**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2008.
- MENEGHETTI, Antonio. **Manual de Ontopsicologia**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010.
- MENEGHETTI, Antonio. **O Projeto Homem**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2011.
- MENEGHETTI, Antonio. **Dicionário de Ontopsicologia**. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012a.
- MENEGHETTI, Antonio. **Imagem e Inconsciente**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012b.
- MENEGHETTI, Antonio *et al.* **Atos do Congresso Business Intuition**. 2. ed. São Paulo, SP: FOIL, 2013.
- MENEGHETTI, Antonio. **Genoma Ôntico**. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.
- MENEGHETTI, Antonio. **O Campo Semântico**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015a.
- MENEGHETTI, Antonio. **O Em Si do Homem**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015b.
- MENEGHETTI, Antonio. **Ontopsicologia clínica**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica

Editora Universitária, 2015c.

MENEGHETTI, Antonio. **Filosofia Ontopsicológica**. 5. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015d.

MENEGHETTI, Antonio. **O Residence Ontopsicológico**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2016.

MENEGHETTI, Antonio. **Antonio Meneghetti sobre... Falando aos Jovens**. Volume I. Recanto Maestro, São João do Polêsine, RS: Fundação Antonio Meneghetti, 2019.

POMBO FILHO, Cleto Rocha. **A investigação da intuição na psicanálise e seu conceito a partir de textos selecionados de W. R. Bion**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) Universidade Estadual de Maringá, 2016. Disponível em: <http://www.ppi.uem.br/arquivos-para-links/teses-e-dissertacoes/2016-1/cleto>. Acesso em: 06 jul. 2021

SAMPIERI, Roberto Hernandez; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, Maria del Pilar Baptista. **Metodologia de Pesquisa**. 5. ed. Dados eletrônicos. Porto Alegre: Penso, 2013.

SOUZA, Márcia Michele de; TEIXEIRA, Rita Petrarca. O que é ser um “bom” psicoterapeuta? **Aletheia**, Canoas, n. 20, p. 45-54, dez 2004. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S14130394200400020006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 29 jun. 2021.

SPANHOL, Carmen Ivanete D’Agostini. Da comunicação tele (J. L. Moreno) à informação de campo semântico (A. Meneghetti): diferentes olhares para a mesma informação em consultoria. **Saber Humano**, ISSN 2446-6298, V. 8, n. 13, p. 43-64, Jul./Dez. 2018. Disponível em:
file:///C:/Users/bibia/Downloads/348-1240-1-

PB.pdf. Acesso em: 25 fev. 2022

US, Elena. Os conceitos da intuição na filosofia e a intuição prática na ontopsicologia. *In: MENEGHETTI, Antonio et al. Atos do Congresso Business Intuition*. 2. ed. São Paulo: Ontopsicológica Editora Universitária - FOIL, 2013. p. 384-389.

VIDOR, Alécio. A intuição como preâmbulo à ciência: um estudo de abordagem filosófica. **Revista Saber Humano**, Recanto Maestro, n. 2, p. 37-45, 2012.

VIDOR, Alécio. **Opinião ou Ciência**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.

VIDOR, Alécio. **O Fundamento da Ciência**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2018.

QUAL IMAGEM É SENTIDO DE VIDA? ESTUDO TEÓRICO SOBRE A RELAÇÃO ENTRE IMAGENS, INFORMAÇÃO E ESTILO DE VIDA NA VISÃO ONTOPSICOLÓGICA

Gustavo Fronza de Prá¹, Breno Prado da Silva², Patrícia Wazlawick³, Ricardo Schaefer⁴

Resumo: O ser humano vive em um universo informacional, enquanto informa também é informado. No entanto, deve encontrar um critério de valor para que possa selecionar, em meio a uma infinidade de imagens, qual é aquela que pode lhe dar sentido justo na condução da própria existência. Deste modo, o presente trabalho possui o objetivo de elucidar a importância da compreensão das imagens, verificando se elas geram influência na vida cotidiana do ser humano, destacando como são as dinâmicas das imagens que expandem a própria identidade de natureza e como são as dinâmicas das imagens que fixam o pensamento, a emoção e a ação individual. Para o desenvolvimento desta pesquisa foram utilizadas revisões bibliográficas, em obras primariamente do Acadêmico Professor Antonio Meneghetti, além de conter contribuições de autores diversos que pesquisaram sobre o tema. Para tanto, utilizou-se de uma pesquisa descritivo-exploratória, em método qualitativo com a utilização pesquisa bibliográfica acerca do tema. A partir da análise das informações coletadas foi possível compreender que existe influência das imagens no indivíduo, entendendo sua importância, impacto e dinâmicas. Destaca-se, então, a importância da sua verificação, e dá-se algumas passagens técnicas para se identificar quais imagens são sentido de vida.

Palavras-chave: imagem; informação; autóctise histórica; estilo de vida; Ontopsicologia.

Which image is the meaning of life? Theoretical study on the relationship between images, information and lifestyle from an ontopsyhological perspective

Abstract: Human beings live in an informational universe, while they inform they are also informed. However, you must find a value criterion so that you can select, among an infinite number of images, which one can give you a fair meaning in the conduct of your own existence. In this way, the present work aims to elucidate the importance of understanding images, verifying whether they generate influence on the daily life of human beings, highlighting how the dynamics of images expand one's own identity of nature and how the dynamics of images are images that capture individual thought, emotion and action. For the development of this research,

¹ Possui MBA Identidade Empresarial (AMF), Graduado em Ontopsicologia (AMF), Graduado em Administração (AMF). Professor (AMF). E-mail: gustavo-fronza@hotmail.com.

² Graduando em Ontopsicologia (AMF). Atua em projetos interdisciplinares de pesquisa em Ontopsicologia (AMF). E-mail: brenopradosilva@gmail.com.

³ Pós-Doutoranda em Informática em Saúde e Doutora em Psicologia (UFSC), Mestre em Psicologia (UFPR), Especialista em Psicologia com abordagem em Ontopsicologia (Universidade Estatal de São Petersburgo/Rússia), Especialista em Gestão do Conhecimento e o Paradigma Ontopsicológico (AMF), Especialista em Psicologia Positiva, Ciência do Bem-Estar e Autorrealização (PUCRS), Especialista em Educação Transformadora: Pedagogia, Fundamentos e Práticas (PUCRS), Graduada em Musicoterapia (FAP). Professora e coordenadora de projetos interdisciplinares de pesquisa em Ontopsicologia (AMF). E-mail: patriciawazla@gmail.com.

⁴ Pós-Doutorando em Psicologia (UFU), Doutor em Administração (UFSM), Mestre em Comunicação Midiática (UFSM), Especialista em Gestão de Negócios (UNICID), Especialista em Ontopsicologia (Universidade Estatal de São Petersburgo/Rússia), Graduado em Ontopsicologia (AMF), Graduado em Jornalismo (UFSC). Professor e coordenador de projetos interdisciplinares de pesquisa em Ontopsicologia (AMF). E-mail: coordfoil@faculdadeam.edu.br.

bibliographical reviews were used, in works primarily by Academic Professor Antonio Meneghetti, in addition to containing contributions from different authors who researched the topic. To this end, descriptive-exploratory research was used, using a qualitative method using bibliographical research on the topic. From the analysis of the information collected, it was possible to understand that there is an influence of images on the individual, understanding their importance, impact and dynamics. The importance of its verification is therefore highlighted, and some technical passages are given to identify which images are the meaning of life.

Keywords: image; information; historical autoctisis; lifestyle; Ontopsicologia.

¿Qué imagen es el sentido de la vida? Estudio teórico sobre la relación entre imágenes, información y estilo de vida desde una perspectiva onpsicológica

Resumen: El ser humano vive en un universo informacional, mientras informa también está informado. Sin embargo, debes encontrar un criterio de valor para que puedas seleccionar, entre un número infinito de imágenes, cuál puede darte un significado justo en la conducción de tu propia existencia. De esta manera, el presente trabajo pretende dilucidar la importancia de comprender las imágenes, verificando si generan influencia en la vida cotidiana de los seres humanos, destacando cómo las dinámicas de las imágenes amplían la propia identidad de la naturaleza y cómo las dinámicas de las imágenes son imágenes que capturar el pensamiento, la emoción y la acción individuales. Para el desarrollo de esta investigación se utilizaron revisiones bibliográficas, en trabajos principalmente del profesor académico Antonio Meneghetti, además de contener aportes de diferentes autores que investigaron el tema. Para ello se utilizó una investigación descriptiva-exploratoria, mediante un método cualitativo utilizando investigación bibliográfica sobre el tema. A partir del análisis de la información recolectada se pudo comprender que existe influencia de las imágenes en el individuo, entendiendo su importancia, impacto y dinámica. Se destaca entonces la importancia de su verificación y se dan algunos pasajes técnicos para identificar qué imágenes son el sentido de la vida.

Palabras clave: imagen; información; autoctisis histórica; estilo de vida; Ontopsicología.

1 Introdução

Quando se fala de imagem, logo se pensa naquela imagem visiva por meio de fotos, filmes, fantasia etc., porém, “imagem” vai muito além desse conceito. A imagem⁵ que esta pesquisa aborda é aquela que se entende como estruturação a uma energia⁶, isto é, uma forma⁷ que contém uma direção, uma intenção. Sartre (2019), nesse sentido, corrobora que toda imagem reflete uma relação entre quem visualiza a imagem e quem a emite ou é refletido por ela. Para ele, toda imagem reflete ou revela uma intenção: por meio dela, alcança-se ou toca-se um objeto específico, uma realidade específica.

5 “A imagem é informação e isto é organização da energia” (Meneghetti, 2006, p. 266)

6 “Capacidade de efetuar” (Meneghetti, 2021b, p. 101).

7 “Desenho intrínseco à coisa, que a configura e a faz ser daquele modo e não de outro” (Meneghetti, 2021b, p. 126).

Visando o desenvolvimento e a realização integral do ser humano, com várias categorias de imagens que envolvem o cotidiano, faz-se necessário identificar a influência das imagens, distinguindo aquelas que são direção de vida daquelas que fixam o pensamento, a emoção e a ação humanas em situação não vital. O que se propõe é que esta verificação seja um critério para a contínua verificação do próprio devir existencial.

Caso não compreenda a influência que sofre das imagens, o homem fica à mercê das informações que elas portam, o que constata-se resultar em alguns momentos de evolução, mas em uma maioria de regressão (Meneghetti, 2022). Comumente isso acontece porque não se sabe a importância da compreensão da influência das imagens, não sabendo-se, também, distinguir aquelas que são direção de vida daquelas que fixam um comportamento no sujeito.

Assim, nesta pesquisa, tem-se como objetivo elucidar a importância da compreensão das imagens, verificando se elas geram influência na vida cotidiana do ser humano, destacando como são as dinâmicas das imagens que expandem a própria identidade de natureza e como são as dinâmicas das imagens que fixam o pensamento, a emoção e a ação individual. Como objetivos específicos, adotou-se: (a) descrever o que é imagem na visão ontopsicológica; (b) evidenciar a distinção entre imagem ôntica e imagem memética; e (c) analisar a importância de um estilo de vida em que as imagens sejam usadas como contribuição para a manutenção do contato com o próprio Em Si ôntico e sua realização. Assim será possível distinguir, em meio a tantas informações colhidas em um ambiente, quais podem ser usadas como benefício e reforço do próprio projeto de natureza⁸.

Ademais, esta pesquisa se justifica pela dificuldade constatada no processo da realização de escolhas funcionais pelos indivíduos para si próprios. Ao final, espera-se que cada um tenha mais clareza para viver o próprio projeto de natureza, distinguindo as imagens que ajudam-no daquelas que obstam-no, e usando-as ao próprio favor. Portanto, buscou-se responder ao seguinte problema de pesquisa: como as imagens impactam no estilo de vida do ser humano?

Para o desenvolvimento desta pesquisa foram utilizadas revisões bibliográficas, em obras primariamente do Acadêmico Professor Antonio Meneghetti, além de conter contribuições de autores diversos, na área da Ontopsicologia e áreas afins, que pesquisaram sobre o tema.

8 Lógica existencial pelo qual uma pessoa já nasce com uma tensão para se seguir este projeto dado pela vida a consequência é a autorrealização.

Esta classifica-se como pesquisa descritivo-exploratória, pois a partir da análise teórica bibliográfica foi possível explorar mais o tema da significância das imagens no estilo de vida individual. Ela se inicia pela definição do que é imagem, seguindo para especificações técnicas e aprofundamentos teóricos, concluindo-se com a síntese de uma possível via de solução para o problema de pesquisa.

2 A imagem na visão ontopsicológica

Para Meneghetti (2022), o aprofundamento neste tema é tão importante que ele o posiciona como a quarta descoberta da Ontopsicologia: “a grande contribuição que a ciência ontopsicológica trouxe reside nas suas descobertas científicas: do campo semântico, Em Si ôntico, monitor de deflexão na psique humana, e a imagem alfabeto da energia” (Meneghetti, 2022, p. 15). Assim, nesta seção da pesquisa serão destacadas as principais elucidações do que é a imagem para a Ontopsicologia e como ela impacta e afeta o ser humano, abordando este como enfoque principal.

2.1 Processualidade imagética no ser humano

Segundo Meneghetti (2006, p. 25), “quem possui o conhecimento das imagens, tem o poder da energia”. Quer dizer que ser capaz de reconhecer a realidade de uma imagem é também saber o movimento da energia/matéria⁹, como

9 Sobre a relação e natureza física de energia e matéria, sugere-se consultar: OLIVEIRA, P. M. C. Energia e Matéria: Da Fundamentação Conceitual às Aplicações Tecnológicas. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbep/a/6p6wnf7gWSc7fPXvm6khVrq/?lang=pt>. Acesso

ela se direciona e, portanto, adentrar na possibilidade de controle das dinâmicas da vida. Descrito por Meneghetti (2013a, p. 236), “a imagem (= aquilo que me age ou age em mim) é o meio instrumental ou mediânico entre o projeto específico da intencionalidade mental (ou formalização do ato) e o projeto executivo *ad extra*”. Para Vidor,

É necessário saber o que a imagem de um sonho ou da fantasia faz ou fará, se pretendemos conduzir a própria existência em vantagem da vida. A alma transcreve sua fórmula de ação através de imagens e se a imagem não é identificada em sua intenção, em seu endereço, ela constrói os comportamentos, os eventuais erros e males. Se não recuperamos a leitura das imagens que conduzem nosso viver, não saberemos variar e controlar os eventos determinados pelas imagens. Estas são simplesmente ordens volitivas da energia psíquica. A imagem condiciona e manipula todo o real que acontece (Vidor, 2014, p. 45).

Assim, pode-se ressaltar que a imagem está intrinsecamente ligada ao modo como se direciona a própria vida, seja para a falência ou então para o êxito, como apontam também Trillo e Chikota (2022). Assim, preocupa o fato de que os eventos da existência comumente não sejam atos voluntários que beneficiem a vida do indivíduo. Isso porque, com a interferência inconsciente de imagens que fixam a sua ação, o sujeito acaba condicionado, a não ser que encontre e mantenha o seu ponto de conexão com a vida. Por isso, é preciso colher a imagem que dá o ponto da situação (Meneghetti, 2022; 2015a). Ou seja, tomar consciência da imagem que reflete o real atual de si mesmo.

Para Meneghetti, a natureza da imagem existe em cinco níveis:

1) A primeira imagem sensório-visiva é repetição primitiva: o espelho. Aquilo que vemos é totalmente reduzido em imagem. Neste plano de imagem, dá-se o mundo da repetição projetiva sensorial.

2) A imagem reflexiva é aquela que é metabolizada no nosso cérebro e depois é refletida, portanto, é uma imagem introflexa, psicológica.

3) Um terceiro tipo de imagem é aquele do campo inconsciente, da fantasia, da realidade onírica e do mundo da arte. O inconsciente não gera as imagens, sofre-as. São as imagens passivas, aquelas que articulam o sujeito em consequências preestabelecidas pelo voluntarismo ingênuo do sujeito, quando a situação energética era disponibilidade. O inconsciente é uma parte de vida subtraída do controle do Eu, porém tem a mesma realidade de uma mão que se move, faz parte do habitual genérico de todas as outras funções.

4) Temos as imagens metafísicas, de percepção transcendental, das últimas intuições da filosofia, da ciência, onde se entra na pesquisa última das causas. Esse pensamento poderia ser do mesmo modo influenciado, seja pelo inconsciente, seja pelo real externo, seja pelos arquétipos do inconsciente coletivo ou por subculturas de arqueologia da mente. Por exemplo, quando se faz psicoterapia, opera-se apenas no terceiro nível. No quarto nível estamos já sobre a sublimação, sobre as sínteses últimas, sobre algo de enormemente avançado. Esse quarto elemento é uma forma de conscientização no nível do gênio, o qual com poucos elementos, com uma simplicidade de base, consegue concluir qualquer variável, o que significa que tem a causa que traz as outras causas. Neste nível, encontram-se os módulos elementares da intuição.

5) Dei-me conta que qualquer precipitado matérico é condicionado exclusivamente por imagens que não são ainda humanas, são anteriores ao humano. Trata-se de colher um alfabeto que preside os processos de alfabetização de todo o nosso sistema lógico e que formaliza também a nossa individuação, a nossa constante H. A prova disso é que quando se entra neste alfabeto, pode-se mudar o real, constroem-se relações, estruturas que serão história, para além da compreensão daqueles que deverão impactar-se conosco (Meneghetti, 2006, p. 15).

O autor ainda destaca haver a possibilidade de controlar a imagem nos primeiros três níveis; sem exercer controle sobre a imagem, os seus efeitos serão inexoráveis no sujeito (Meneghetti, 2006). Por isso, estar atento às imagens é estar apto a identificar a direção de si ou de um outro, podendo decidir se continuar andando ou se recalcular a rota, ou seja, se manter ou se mudar a situação na qual se está inserido. Neste ponto, corroboram Trillo e Chikota (2022), Silveira e Miranda (2022), Martins (2017), Weber e Ferreira (2017). Para Meneghetti, “quem consegue vigiar as próprias imagens nos primeiros três níveis, tem o poder científico sobre a própria vida...” (2006, p. 16-17) e, por isso, é preciso ter sempre uma consciência limpa, na qual exista ordem de pensamentos.

2.2 Criatividade ou esquizofrenia

Na ciência ontopsicológica, entende-se que o homem possui duas dinâmicas. A primeira constitui-se da ligação entre Em Si ôntico, Eu a priori e Eu lógico-histórico (conjunto nomeado *triade do devir*) e denomina-se como *saúde para a criatividade*, enquanto a segunda é constituída por monitor de deflexão, complexos, estereótipos e matriz reflexa, e é denominada *esquizofrenia existencial* (Meneghetti, 2022). Na primeira dinâmica o ser humano está em contato direto com a capacidade de evolução constante, enquanto materializador das informações ou intencionalidade do seu Em Si ôntico. Na segunda dinâmica ele encontra-se cindido da formação-vida do seu Em Si ôntico – daí o termo *esquizofrenia*, significando *mente dividida*.

Meneghetti (2022) enfatiza que a dinâmica via à criatividade é necessária para que o indi-

víduo realize-se na existência. Nela, há a coincidência da imagem entre Em Si, Eu a priori e Eu lógico-histórico, consistindo no fazer que aumenta a identidade individual. Clarificando, o homem faz dialética com o mundo a partir do seu Em Si, que “primeiro radicaliza uma forma, cujo resultado define-se Eu a priori; sucessivamente, esse é mediado à consciência” (Meneghetti, 2003a, p. 105). Depois, é o Eu que se investe daquela imagem e atua, concretiza aquela intenção.

Por outro lado, a esquizofrenia existencial e, em decorrência, a frustração, origina-se do constante erro induzido pela interferência do monitor de deflexão na práxis decisional do sujeito. Não existe a conexão com a vida, mas com as imagens fixadas no interior do sujeito por ação deste mecanismo. A reproporção das imagens pelas memórias é um grande problema, por mais que elas sejam também importantes para cada um poder sintetizar muitas informações em determinado ambiente, facilitando a auto-construção de si mesmo; é pela memória que o monitor de deflexão pode interferir (Meneghetti, 2013a).

Meneghetti (2013a) afirma que existem escolhas que o ser humano faz que fortalecem a sua estrutura natural, que são funcionais para a realiação do seu Em Si ôntico. Assim, sintetiza o conhecimento em algumas imagens, deixando de lado outras. É uma economia da natureza. No entanto, o monitor de deflexão “forçou algumas seleções em virtude dessa predisposição nativa no homem e absolutizou na memória somente um certo tipo de experiências” (Meneghetti, 2013a, p. 52).

Mas a questão volta-se para a consciência, no modo em que ela estrutura os fatos: “a memória

nasce da experiência, do impacto, mas depois é registrada, fixada segundo a cultura, o código ético do sujeito, naquele momento” (Meneghetti, 2014, p. 229). Diante disso, a dinâmica de esquizofrenia existencial contém uma movimentação inconsciente que vai utilizando-se dessas imagens de memória para manipular as ações do indivíduo.

Inclusive, agem os estereótipos com a repetição de hábitos que nem sempre são funcionais para a individualidade histórica, “o removido”¹⁰ escreve, clona o sujeito. Os complexos são memórias fixas; o monitor de deflexão, ativando constantemente duas/três memórias, mimetiza, regulariza para o próprio escopo a cobaia humana (ibid.).

Corroborando Trillo e Chikota (2022), as imagens advindas do Em Si ôntico são desviadas e substituídas por aquelas cindidas do próprio real. Contudo, identificando-se quais são sentido de vida e quais não, pode-se selecionar e prosseguir com aquelas vitais.

2.3 Imagem ôntica e imagem memética

Inevitavelmente, um ser humano interage e impacta inúmeras informações durante a sua vida. “O valor de uma informação, de uma imagem, é vital e agradável se é *reversível*: esta nós a chamamos informação, imagem ôntica. É reversível porque aquela imagem dá realidade, e realidade dá aquela imagem” (Meneghetti, 2003b, p. 45, grifo do autor, tradução nossa). Nem sempre se sabe a diferença das imagens ônticas para as imagens meméticas, porque essas últimas agem de tal modo a serem vis-

tas como salutares para o sujeito enquanto, na verdade, elas camuflam-se e impregnam-se no interior do homem como um vírus mental ou informacional. É importante saber que há essas duas modalidades de imagens e que comumente a memética¹¹ é a que toma frente.

Quanto a estas duas modalidades de informação, é preciso distinguir qual é de natureza e qual não o é (Meneghetti, 2022; Silveira; Miranda, 2022; Trillo; Chikota, 2022). Caso se opte por não dar atenção a esse tema, a consequência é a passividade perante as imagens. No momento em que um homem está em coerência às imagens ônticas, é um operador da intencionalidade do seu Em Si e está bem, evolui, realiza-se. Do contrário, age mecanicamente com as imagens obsessivas, decaindo-se sua vitalidade e potência. Permanece a relevância do aprendizado minucioso de distinção das imagens com o fim de tornar-se um comandante na condução da própria vida (Trillo; Chikota, 2022; Meneghetti, 2013a).

Para Meneghetti (2019b), não é o caso de tolar-se o meme, de usar um “escudo medieval” toda vez que se sair da própria casa mas, sim, de compreender como a sociedade move-se com essas imagens fixas e saber como articular melhor as posições do jogo para que se tenha o meme¹² como um instrumento em seu favor e não contra. “Um homem verdadeiro observa as leis do Estado no qual encontra-se, mas sabe perfeitamente que tudo é um modo, [...] é uma necessidade mêmica, não é um intrínseco da alma” (ibid.).

10 “Deslocamento de atividade psíquica da compreensão consciente e sua permanência em autonomia inconsciente” (Meneghetti, 2021b, p. 243).

11 “Imitação elaborada sem referência a um concreto gênico; é uma imagem com um fim em si mesma” (Meneghetti, 2021b, p. 170).

12 “Formal informacional agregado, programado” (ibid.).

No primeiro momento, falando das imagens ônticas, elas direcionam somente o ponto de acerto, de êxito, pelo aumento da identidade: é um condizente que solicita atenção. Nisso há vida, é um evento de mais ser. Assim é o “[...] Em Si ôntico, o qual formaliza as suas ‘espécies expressas’: imagens que fazem e conduzem a realidade em conformidade à identidade elementar do Em Si ôntico” (Meneghetti, 2002, p. 26).

Contrariando as informações ônticas, as informações não originárias da vida encontram em si mesmas um reforço de contínua atuação no interior de cada indivíduo. Desde muito cedo, estrutura-se com específicas imagens o modo de se comportar dos seres humanos perante tudo. “*O limite dispara pela estereotipia das imagens mentais conscientes ou inconscientes do sujeito*” (Meneghetti, 2018a, p. 39, grifo do autor). A partir da sociedade, que primeiro é a família, a criança aprende a ver o mundo e descobre que, para sobreviver, deve agir com determinadas impositações, as quais geralmente se tornam fixas.

A criança aprende desde pequena a uniformar-se a essa mêmica societária imposta na família, adapta-se aos esquemas externos, sofre o parasitismo violento do meme social por meio do qual é alfabetizada e adapta-se a esse esquema fechado. Aprende o meme e perde a informação ôntica. O Eu lógico-histórico é estruturado pelo conjunto da memética social; por isso, quando adultos, para recuperar a nós mesmos, devemos distinguir as informações ônticas das informações meméticas (Meneghetti, 2019a, p. 15).

O meme acopla-se ao organismo e parasita a vitalidade do sujeito, sendo um manipulador de pensamentos, emoções, vontades e ações. “Na realidade, a operatividade memética está basea-

da no *confisco energético em função da própria identidade [...]*” (Meneghetti, 2021a, p. 262, grifo do autor). Assim, o meme constrange as pessoas a selecionarem as situações conforme a imagem pré-fixada. Vai-se, então, em perda de si mesmo, do próprio caminho, autossabotando-se, diminuindo a inteligência eficaz de sucesso.

Conforme Meneghetti (2002), esses comportamentos deformam a imagem do homem em relação ao seu real. Não participam do projeto elementar orgânico e transferem uma informação que, como não se baseia na verdade do sujeito, tangenciam-no em uma frustração. “*O pior inimigo é a imagem de nós mesmos: em qualquer que seja o modo em que nós a paramos, ali bloqueamos também nossa força*” (Meneghetti, 2005c, p. 113, grifo do autor). Para o autor, o comportamento que está baseado na posição anti-vida acarreta para o biológico humano:

- uma situação atrofica de memórias únicas e não polivalentes;
- uma diminuição do tônus da vida;
- uma redução do ‘poder de aquisição’ do sujeito;
- uma diminuição do poder territorial;
- uma diminuição da capacidade de estar no passado e no futuro como ato de presença.

As informações de criação permanecerão continuamente sendo sinalizadas no indivíduo, mesmo que ele não as perceba (Meneghetti, 2022; 2015; Silveira; Miranda, 2022). Aquelas que refletem um programa com fim em si mesmo também estarão presentes e, pelo seu grau de repetição, é mais fácil tornarem-se prioritárias. De todo modo, com aquelas características acima elencadas, pode-se começar a identificar

e distinguir as informações recebidas.

Com a Ontopsicologia é possível individualizar quando uma imagem ou informação é positiva ou negativa no próprio contexto. Basta constatar no fim o resultado que aquele composto energético faz em si mesmo: se pode ver que lhe aumenta, lhe traz mais realização, vontade de tornar-se, então é uma imagem ôntica (útil e funcional a sua identidade histórica); em oposição, se lhe coloca em dúvida, incapacidade de ação, diminuição de potência, então é imagem memética. Neste sentido, encaminhar um processo de autoconhecimento e recuperação do contato com o cérebro viscerotônico é fundamental (Meneghetti, 2003b, p. 108-109, tradução nossa).

Com este critério, o qual será abordado a seguir, o homem é capaz de prosseguir com mais assertividade na realização do próprio Em Si ôntico.

2.4 O corpo como radar: campo semântico e critério organísmico

Antes de adentrar no argumento do processo perceptivo-cognitivo faz-se necessário abordar sobre outra descoberta da Ontopsicologia: o campo semântico¹³. O campo semântico teve sua descoberta a partir da clínica exercida pelo autor, o qual relata que, enquanto atendia seus clientes, havia, por vezes, momentos nos quais tentava introspectar o cliente e irrompiam distrações que não eram condizentes com o falado pelo outro. Optou por trabalhar as variações imagéticas como algo concreto e evidenciou que aquilo, na verdade, possibilitava alcançar

o cliente de modo mais real e profundo (Meneghetti, 2015a).

Quando era dada uma imagem, revelava-se para onde movia-se a energia psíquica do cliente, pois “a energia se formaliza nas imagens” (ibid.). Meneghetti considera a imagem como “símbolo que a energia usa no interior de si mesma para fazer diversos deslocamentos, para fazer qualquer variável” (ibid.). E o campo semântico é todo o universo informacional que engloba a energia e faz essas passagens informáticas entre os seres e/ou objetos.

O campo semântico é um transdutor informático, ou seja, ele age sem deslocar energia, mas “transmite uma informação, uma imagem, um código que, quando chega, estrutura em emoção qualquer coisa vivente, ou organizada em vida, comportando uma variante psicoenergética orgânica” (Meneghetti, 2022, p. 199). Conforme Neu e Machado (2020a, p. 18-37), o campo semântico, “seria, noutras palavras, um deslocar intencional-psycoenergético de uma individuação a outra. Este outro, enquanto receptor, recebe esta pulsão emitida pela intencionalidade do emissor, consciente ou não, metabolizando-a”.

De modo mais específico, Meneghetti (2020b) descreve o funcionamento do corpo enquanto radar do campo semântico do seguinte modo:

Os neurônios específicos do plexo mioentérico e submucoso sintetizam e transmitem sinais que dão a posição organísmica do sujeito (perigo, segurança, lesão, erotismo, fome, vampirismo, graça, infecção etc.), que o aparato visceral se formava – durante a vida fetal – antes do cérebro ‘superior’ e que nós conservamos por toda a vida esse cérebro viscerotônico, que é o radar de recepção e transmissão do campo semântico. Esse cérebro viscerotônico é livre

13 “Por campo semântico entende-se impulso com escopo, através dos quais é possível saber as intenções totais de natureza – conscientes ou inconscientes – do sujeito. Através do campo semântico, fala exclusivamente o fato da natureza, a ação da vida, mesmo que o sujeito não saiba” (Meneghetti, 2005b, p. 27).

e age em conformidade às leis-base da natureza (Meneghetti, 2020b, p. 121).

As informações do campo semântico podem ser percebidas por sensações tanto viscerotônicas¹⁴ como cerebrotônicas, mas, primeiro, deve-se retomar a condição de ausculta organísmica (atitude de se colocar atento às variações internas do corpo) e revisão da própria consciência para compreender o real motivante externo. Meneghetti entende que “a realidade somática do outro me atinge com variações neuro-viscerais ou imaginativo-emocionais” (2005c, p. 370). Essas dinâmicas ambientais fazem presença e estruturam a energia do sujeito e, se ele tiver consciência da percepção elementar, poderá colher sua posição específica (Meneghetti, 2022).

Através do conhecimento organísmico, nós podemos conhecer o campo semântico da vida, isto é, podemos saber qual ação a natureza está realizando dentro de nós. Naturalmente, antes de alcançar esse conhecimento, é preciso estar já em posse de dois elementos fundamentais: *um organismo e uma vida exatos* (Meneghetti, 2005b, p. 65).

O ser humano pode acessar as informações externas e também internas do mundo que o cerca por meio dos sentidos básicos: visão, audição, tato, paladar e olfato. Estes, em Ontopsicologia, são acrescidos ainda de outro elemento, a intuição, utilizada no interior das três descobertas, sendo assim acretivos ao método indutivo-dedutivo (Meneghetti, 2022).

O problema da percepção do real está no fato de os indivíduos estruturarem seus julgamentos

14 Enquanto diz respeito ao cérebro visceral: “complexo de ações e reações determinadas por sinapses neurônicas alojadas no aparato intestinal” (Meneghetti, 2021b, p. 52).

acerca de algo utilizando apenas os cinco sentidos básicos, ou ainda, por apenas alguns deles. Assim, a sua percepção e consequente concepção da realidade são afetadas. Isso não ocorre somente porque todos os sentidos não foram utilizados corretamente, mas também porque o ser humano foi constituído com base em padrões culturais desde a sua infância. Estes, chamados por Meneghetti (2022) de estereótipos, são modelos fixos de comportamento que deixam uma pessoa pré-disposta a ter determinada concepção ou reação para algo.

Em suma, o corpo humano funciona como uma espécie de radar das interações ambientais e possui um processo muito específico de percepção desses dados (Silva, 2022; Silveira; Miranda, 2022; Sperotto; Barbieri; Boer, 2022; Neu; Machado, 2020; Ferraz, 2019; Vicentini, 2019). Também no campo médico da neurociência, Haynes e Rees (2005) constataram que, mesmo que o sujeito não perceba ou não veja uma imagem, se ele é exposto a ela, seu corpo é concretamente impactado por ela. Para Meneghetti, “todo o corpo é um sistema altamente organizado de informações. Informa e é informado. Tudo o que existe é contemporaneamente também comunicação” (2006, p. 165). No corpo se assinalam os vários tipos de intencionalidade¹⁵, percebe-se o movimento e sentido de uma ação a partir de “diretas projeções que constituem as representações síncronas ou imagens especulares” (Meneghetti, 2021b, p. 148).

É preciso tê-lo sadio, com os órgãos funcionando em unicidade, porque este é um ins-

15 “Intencionalidade é volição a. É vetor ordenado para um motivo preciso. É ação que tende de um dentro a um outro dentro. É uma ação que, quando se desloca, vai do íntimo da ação de partida a uma outra receptora no próprio dentro” (Meneghetti, 2004, p. 131).

trumento de conhecimento do real. Sempre deve-se estar atento, pois no impacto de uma relação, se sentir-se um bem-estar, significa que ela é vital; do contrário, se existe um aspecto de frio e repulsão, ela não é vital e deve-se afastar-se dessa relação para que não haja diminuição da própria funcionalidade histórica (Meneghetti, 2022).

2.5 O sonho e a relação simbólica

Um dos instrumentos de análise/diagnose utilizados pela Ontopsicologia é a interpretação dos sonhos. A noite é um momento importante em que o inconsciente trabalha ativamente, comunicando-se de uma maneira mais clara, sem a presença de um Eu em vigília e censurante. No sonho se dá a radiografia da situação global do sujeito e como ele está conduzindo a própria existência (Silva, 2022; Martins, 2017; Meneghetti, 2020b).

Todos os organogramas do nosso organismo são precedidos por imagens e fórmulas. Quando examino um sonho, colho o organograma que o inconsciente ou o complexo – portanto, uma zona não prevista pelo Eu lógico, formal, consciente – fixou e preestabeleceu (Meneghetti, 2006, p. 14).

“O sonho dá uma imagem, e a partir dela se sabe toda a realidade de um sujeito, não somente a respeito da vontade, da situação concreta, [...] mas também no que diz respeito àquilo que fez” (Meneghetti, 2018a, p. 47). É preciso sempre retornar às imagens do inconsciente, buscar aquela que é dominante, isto é, aquela que é a principal consteladora da dinâmica do sujeito a cada momento. Ela dá o ponto de vantagem ou desvantagem que o indivíduo está operan-

do (Meneghetti, 2022; Martins, 2017). O sonho fornece ao sonhador a sua situação atual, o porquê dela e qual passagem de solução ou direcionamento deve tomar (Meneghetti, 2022; 2006; Martins, 2017). O sonho é um mapa que a natureza fornece em virtude de indicar o formal de uma ação, a arquitetura dinâmica em que se está coligado.

Heráclito já expunha há muito tempo sua célebre frase de que tudo flui, a qual carrega o significado de que a vida é movimento. Ou seja, é preciso verificar de que modo se está se movimentando, em qual direção, caso se pretenda ser um agente da realidade vital do homem. “À vida é impossível a estagnação. Há um curso contínuo que auto-plasma, auto-transforma [...]” (Meneghetti, 2006, p. 63). Ou o ser humano está em um processo de avanço ou de regresso, rigorosamente falando. Isso não se configura apenas em uma situação que se entende como grandiosa, mas em todos os detalhes que englobam o cotidiano, pois, por meio de muitas pequenas decisões acertadas, chega-se a uma grande realização.

Todo sonho apresenta-se, ainda, com pelo menos um de quatro níveis de hierarquia: o sonho (1) “...indica a situação orgânica do sonhador, a sua integridade físico-biológica...”; (2) “...depois de si mesmo, analisa as referências afetivas e de segurança do sujeito (o marido, a esposa, os filhos, a mãe, o pai, os irmãos, os avós, a amiga, o motorista), ou seja, as pessoas fisicamente mais ligadas a ele...”; (3) põe as pessoas nas quais o sujeito confia no trabalho e no estudo...”; (4) analisa a esfera social, dos negócios, da economia, da política etc. (2020b, p. 131-132).

O Em Si informa continuamente através dos

sonhos como o sujeito está se movimentando nas situações, qual o ponto que o desvia do seu melhor a cada dia. Mesmo que ele, de modo consciente, pense estar correto, existem passagens que apenas o inconsciente colhe e depois informa, por meio da linguagem onírica. É preciso aprender a ler esses sinais¹⁶. Para Vidor (2014),

As informações dinâmicas de comunicação, quando não colhidas no momento da ação, estruturam-se em símbolos produzidos, no receptor, pela causa de origem. Entre os símbolos, o mais importante apresenta-se na configuração de “sonhos”. Os sonhos relatam intenções regressivas ou progressivas da vida (Vidor, 2014, p. 66).

Ou seja, cada símbolo é um sinal, refletindo um movimento concreto. Nesse sentido, há símbolos que retratam aspectos da natureza, outros que retratam aspectos analógicos e, ainda, aqueles convencionados que, por sua repetição, são operadores dentro do indivíduo e, assim, reconhecidos. O que se deve levar em conta quanto aos símbolos é o critério do utilitarismo biológico e funcional à identidade do sonhador (Meneghetti, 2022).

O que, de fato, representa aquilo para a vida do ser humano? Isso precisa ser indagado ao analisar precisamente um símbolo, com seus três critérios elementares: (a) efetividade funcional para o sujeito, (b) natureza causal do símbolo, (c) critério semântico. Além disso, segundo Meneghetti (2006, p. 96), “a simbologia do mundo onírico ou imagógico tende a derivar de quatro formas prioritárias que determinam no homem o simbolismo”:

16 “Traço, projeção, aparência de coisa, ação, ser. Palavra ou imagem de intencionalidade” (Meneghetti, 2021b, p. 255).

1) Daquilo que podemos considerar a realidade social em geral (família, trabalho, religiões, amigos etc.). 2) De uma visualização dos nossos próprios instintos. 3) De tudo aquilo que pode ser a impressão sofrida de semânticas compulsivas do externo (de alguma pessoa, de um grupo ou ambiente). 4) As grandes pulsões meta-históricas da humanidade: um vidente, um santo, um histérico, podem ter percepções de grandes eventos, o mover-se de eventos ou forças que nós chamamos destino da humanidade, as grandes transformações, como no mar onde existem as grandes ondas, mas depois, existem as correntes profundas (ibid.).

Portanto, mesmo enquanto o ser humano dorme, as imagens estão agindo na sua subjetividade. Se estão sendo mostradas pelo inconsciente daquela pessoa, é porque, de algum modo, dizem respeito a ela. É da realidade que se vive aquilo que se mostra nos seus sonhos (Meneghetti, 2022; Silva, 2022; Martins, 2017).

Em suma, essa é uma linguagem que deve ser utilizada como instrumento de compreensão das determinantes situações diárias que uma pessoa vive. Ela dá uma radiografia exata de qual atitude pode ser funcional ou disfuncional para a integridade da identidade existencial do indivíduo.

2.6 A sutil, mas forte influência imagética no cotidiano

Levando-o em conta ou não, existe um universo que a todo instante impacta o ser humano por infinitas informações, como, por exemplo, por meio de notícias, filmes, religião, músicas, conversas, propagandas, artes, ideias, internet etc. E, com distinta força, atualmente a internet faz girar a informação no mundo em uma velocidade altíssima e com um alcance praticamente

te imensurável.

A era da globalização faz isso, aproxima o que, fisicamente, está longe. A vida cotidiana possui atributos que, se verificados a fundo, talvez não sejam necessários para a vida em si, mas acabam entrando sorrateiramente no inconsciente do passivo telespectador, que metaboliza aquela informação e a toma como algo próprio.

Muitos são os símbolos, as imagens, os códigos que povoam o contato com nossa intencionalidade com nosso mundo íntimo: lendo jornal de um certo modo, assistindo televisão de um determinado. Isto é, na ocasião de todas as grandes instituições que pretendem organizar e formar massa, toda vez que um sujeito se coloca dentro – ou abaixo – do que lê, do que vê, consequentemente sofre uma informação (Meneghetti, 2005c, p. 104).

São milhares, talvez milhões de informações. O problema é que a maior parte das informações que circulam são aquelas mêmicas, produzidas por sujeitos que não estão em contato com o real e, por isso, são cindidas da vida. Pode-se dizer que também sejam responsáveis na condução da população por mentes que sabem utilizá-las para manobrar seus próprios interesses. “A riqueza [...] é detida, gerida e condicionada em prevalência da *circulação da informação*” (Meneghetti, 2019b, p. 32).

Cada homem é, de qualquer modo, conforme as imagens que procura e escolhe e, além disso, dentro das imagens que circulam, os blogs que se leem etc., não existe um ‘Buda’ que elabora os textos, as fotos etc., é a maioria da massa que escreve tudo o que é a internet, os jovens que começam, mas que não possuem uma cultura profunda e global da situação sobre a qual falam (Meneghetti, 2019bc, p. 101-102).

O mercado se transforma conforme quem é mais inteligente no utilizar as imagens mêmicas, pois é um sistema e a lógica do dinheiro está ínsita nele. Por mais que uma empresa produza excelentes produtos que irão beneficiar o ser humano, se ela não estiver atenta ao jogo do sistema, ao jogo do consumo, logo será sucumbida por outra que o faça. Basta observar um jornal noticiando um fato sobre uma empresa: caso ela tenha ajudado, por exemplo, uma comunidade com cursos gratuitos de qualificação profissional etc., terá um algum destaque nas mídias, mas, caso a mesma empresa esteja sendo acusada de um possível envolvimento ilícito na candidatura de um prefeito, será massacrada pela mesma mídia.

Portanto, há uma hierarquia da informação que vende mais jornal, que gera mais repercussão, mais interesse nas pessoas, que movimenta mais a economia. Esta é a segunda categoria de informação mencionada anteriormente: o meme. Em consequência dessa influência, rapidamente gera-se uma espécie de agitação em massa, uma comoção que dura certo lapso de tempo e muda porque logo chega uma outra que, quando chega, é mais forte.

É preciso dar-se conta que todas as próprias “credenciais” são um telejornal errado. Os próprios absolutos, as próprias convicções, estão baseadas em um falso telejornal. Segue-se porque todos escutam o idêntico telejornal, isto é, todos estão sincronizados pela idêntica máquina fabricante de imagens meméticas, e em longo prazo prevalece a imagem mais forte sobre as outras (Meneghetti, 2018a, p. 103).

As grandes mídias usam disso para manipular a população com base nos seus próprios interesses, com frequência, de cunho econômico e de poder, não de vitalidade. Além desse

objetivo, é notória outra questão: aqueles que escrevem, que falam, que cantam, quem são? Eles impostam critérios a serem seguidos, mas fora da base da realidade. Quem ou o que é o critério para quem impõe um critério? “Quando se faz uma ciência, uma demonstração, uma cura, é necessário um critério: um princípio que legitima o discurso de toda a teoria e relativa demonstração (a funcionalidade do critério)” (Meneghetti, 2004, p. 241).

Porém, produz-se arte, músicas, filmes, notícias, propagandas, enfim, imagens como projeção da própria esquizofrenia existencial. Meneghetti adverte que:

A maioria das obras, assim chamadas artísticas, do nosso tempo é propriamente semântica de doença esquizofrênia e agressividade. É preciso estar atento a como o inconsciente do humano, seja da criança que do adulto, metaboliza aquele signo, aquele quadro, aquela cor. [...] São imagens que semantizam desvios no comportamento centrado do humano. Também muitas músicas que são compostas e escritas hoje, uma vez introduzidas nos nossos sistemas límbicos cerebrais, não apenas alteram específicos neurônios acústicos, mas até os destroem. Esse tipo de música comporta uma alteração na conduta psicológica dos sujeitos altamente sensíveis (Meneghetti, 2003a, p. 63-64).

E mesmo diante dessa situação, sofre-se o impacto das imagens cotidianas sem a responsabilidade de verificar se aconteceu uma variação de emoção, de pensamento posterior àquele contato. Porque aquela estrutura é uma informação que possui uma mensagem assinalada por uma intenção que irá mover, de alguma forma, o fruidor no seu íntimo. “Isso ocorre continuamente, vive-se na realidade de tantas coisas, entra-se em contato com uma informação qualquer e se permanece de algum modo por

ela impressionado” (Meneghetti, 2006, p. 76).

Por isso, tem-se saúde ou patologia por meio daquilo que se metaboliza. Para Meneghetti (2015b, p. 71), “tudo aquilo que nos opera é imagem [...]”. As imagens funcionam como ativadores de referências contextuais anteriores para situações atuais como do traçado mnésico¹⁷ que “ativada provoca emoções, atenções e sensações ao vazio” (ibid.).

Essas imagens caminham sutilmente no dia a dia das informações, mas podem causar grandes estragos se não transcendidas. Ou seja, a imagem transmite sempre uma informação e, se analisado a fundo, constata-se que a verdade, a realidade é informação (Meneghetti, 2022; Hostermann, 2021). Por isso, é preciso adentrar em uma constante vigília para com todas as imagens, além de uma revisão do funcionamento do próprio Eu, pois “cada um é segundo o mundo que se autocria. O homem novo, o homem sem mitos, é aquele que constrói o próprio universo em inovação de desenvolvimento” (Meneghetti, 2015b, p. 381).

2.7 Construindo um cotidiano de imagens com sentido de vida

Não basta somente conhecer a imagem. Depois de identificar quais as imagens e informações foram recebidas e conseguir então distinguir quais são sentido de vida, é necessária a ação momento a momento, imagem a imagem, de escolha das imagens vitais. É preciso (re) construir o Eu. Segundo Meneghetti (2004, p. 180), “cada um de nós incrementou, nasceu e

17 Mnésico = “traçado de células neurônicas reunidas em reação constante a determinados impulsos” (Meneghetti, 2021b, p. 181).

renasce fazendo-se. Cada vez que você escolhe de modo oportuno, congruo, funcional a si mesmo devém mais”, e é neste ponto em que está a responsabilidade de ser um ativo protagonista nas próprias escolhas diante de qualquer imagem percebida, pois quando se escolhe aquilo que é bom para si, torna-se mais a si.

O Em Si ôntico concretiza-se como identidade funcional-utilitarista. A existência é possibilidade ou oportunidade para realizar a seleção temática do Em Si ôntico, para chegar à consumação de toda existência para encontrar-se na evidência do ser ou conhecer sem existência (= consciência apriorica) (Meneghetti, 2014, p. 302).

Se um sujeito deseja alcançar uma plenitude de si mesmo, ele precisará decidir com humildade. Precisa autenticar o próprio Eu e isso é possível pela consultoria de autenticação¹⁸ que o torna capaz não somente de “identificar a intuição, mas consente ao indivíduo também realizá-la concretamente, indicando a cada vez as passagens históricas para atuá-la” (Meneghetti, 2020b, p. 350).

O processo de *training* de autenticação consiste em um exercício crítico de revisão da própria consciência, acompanhada da metanoia (Meneghetti, 2022). Nele, verifica-se se existe congruência entre aquilo que se pensa e se faz com aquilo que, verdadeiramente, por essência se é. Caso se identifique que não existe essa reversibilidade, isto é, as escolhas tomadas versam em um caminho que diminui a identidade de si, então faz-se necessária a autentica-

ção com o critério do Em Si ôntico do sujeito, para que as escolhas sejam somente de aumento da própria personalidade (Veras; Weber, 2021; Meneghetti, 2005b).

Para Meneghetti (2018a, p. 102) todo esse processo da ontoterapia em que consiste a Ontopsicologia “[...] é como distinguir as informações virológicas das ônticas: qual é a imagem que dá realidade e qual é a imagem que não dá a realidade que serve a cada um, ao próprio órgão, ao próprio tempo, para a própria casa”. É preciso um olhar para dentro e identificar as imagens fixas, as informações que o formatam o sujeito daquele modo que nunca muda e que barra o seu natural desenvolvimento.

A dinâmica de saúde para a criatividade é o que configura a sanidade de ordem na vida do sujeito, o que faz é sempre um reforço para seu crescimento, e quanto mais o faz, mais torna-se. É expansivo com seu território porque possui uma dialética livre com o seu Em Si ôntico, não há o desvio nas informações, percebe o contexto real do que corresponde a si. Por isso, é significativa a ontoterapia no individuar o Em Si ôntico daquele sujeito, porque trata-se do critério daquela pessoa na existência e, sem isso, pode-se correr no constante erro do desvio do monitor de deflexão. Nisto, Meneghetti (2018c) posiciona que, além de ser individuado, o Em Si ôntico deve ser atuado sempre e continuamente, ação após ação. A cada momento, o comportamento do sujeito deverá ser condizente à imagem dada pelo Em Si ôntico, sem jamais traí-lo.

Por isso, a função da metanoia¹⁹ é imprescindível: um movimento de mudar a mente, os

18 “Autenticação significa rever a exatidão do instrumento mental. O homem normal, em sede de psicologia, é já um ponto de chegada, mas o escopo do processo de autenticação em psicoterapia ontopsicológica é a criatividade: fazer o gênio do potencial de natureza” (Meneghetti, 2005c, p. 57).

19 “‘Metanoia’ significa colher o além da mente, mudar a mente, colher onde a mente intenciona o fim último, ou colher a transcendência que a mente dá de cada objeto próprio” (Meneghetti, 2022, p. 285).

pensamentos, as imagens, as informações que aquele ser humano cultiva dentro de si. Metanoia significa “variação radical do comportamento para identificá-lo à intencionalidade do Em Si” (Meneghetti, 2021b, p. 180). Ainda, Meneghetti (2022) afirma que somente nesta condição a consciência reflete o real, ou seja, há reversibilidade entre ação e imagem, e há o homem autêntico, que é exatamente o homem com a sua consciência exata.

O autor (Meneghetti, 2022; 2021a) refere-se à metanoia como uma modificação completa de todas as projeções da mente, porém não de qualquer modo, não por um variar sem medida, mas, sim, à conformidade de um critério que sempre reflete a direcionalidade do próprio projeto de natureza. Com essa exatidão, tem-se um Eu lógico-histórico em nexos com as pulsões do Em Si ôntico. Metanoia é deixar de viver nas imagens meméticas para viver com as imagens ônticas. Segundo Meneghetti (2015c, p. 163) “é preciso saber matar os símbolos da mitologia psicológica e sociológica”. Nesse âmbito,

“Matar” significa saber morrer aos próprios memes, aos próprios estereótipos, ao próprio velho homem, morrer aos próprios limites e transformar si mesmo em contínua metanoia para ser presente naquele além em que a história chama por nome para ser compreendida e resolvida, em que o Ser chama para dar a oportunidade de ser o seu filho primogênito (ibid.).

A metanoia torna-se vital para libertar-se de um engenhoso sistema que anula o que há de melhor em cada um, “trata-se, portanto, de entrar dentro e compreender: é uma revolução interior na qual cada um deve despertar a si mesmo” (Meneghetti, 2013b, p. 133). Mas, no momento que se desperta, tem-se o nascimento

de um novo Eu, o qual deve estar sempre em um sério cuidado no que faz, pois deve “*co-localizar-se em uma transcendência das próprias chegadas*”. Isso constitui o poder de ser mais: cada chegada para iniciar um mais ser [...] é um refazer em funcionalidade novos modelos [...]” (Meneghetti, 2022, p. 295, grifo do autor). É um consequente ato de fazer autóctise histórica para ser a melhor versão de si mesmo.

Para Meneghetti (2013b, p. 46), “continuamente experimentamos os efeitos das nossas causas e causamos os nossos efeitos”. Com essa máxima, entende-se a responsabilidade que existe na manutenção da vida individual, pois é sempre uma relação de causa e efeito em que cada ato é, no final, um passo adiante ou para trás. Não existe o estagnar, a vida se movimenta e se não se está no ritmo da vida se regride, por isso cada escolha reflete em fenômeno do próprio existir.

É um contínuo deixar escorrer o próprio potencial na existência para tornar-se mais ser. O indivíduo, “por meio da autorrealização histórica, alcança a autorrevelação eterna” (Meneghetti, 2017, p. 65).

O devir (vir de, nascer de) do homem é um nascimento contínuo, um nascimento eterno e somente a hipóstase de um certo tipo de memória nos faz perceber como identidade estática aquilo que, de fato, continuamente morre e continuamente renasce. Ninguém pode retomar a ação realizada, cada um de nós é feito de momentos irrepetíveis, irreprimeíveis, nenhum de nós pode se deter. O homem não pode se deter, *é necessidade que devém*. Cada vez que você diz Eu, é já um outro. Cada vez que se pensa, é sempre novo. [...] Quando digo que o devir é o escorrer de novas posições contínuas de um infinito aberto aqui, agora e assim, entendo uma experiência que me confirma maiormente no meu ser (Meneghetti, 2017, p. 68).

O caminhar do próprio ponto exige que o indivíduo, em algum instante, seja íntegro no seu pensar e pergunte-se “sou eu ou o meu modo de existir que escolhe aquelas imagens metabolizadas organicamente, ou são elas que me escolhem e me determinam? Sou eu como resultado do meu estilo de vida” (Meneghetti, 2006, p. 126).

Para tanto, um estilo de vida que seja condiscente ao modo do próprio Em Si ôntico equivale a ter um cuidado com a própria alma, a cultivá-la com sabedoria para que ela continue ativa, direcionando o que é melhor e mais funcional para ser feito naquele instante. Do contrário, caso não haja a mente em movimento, em um lapso de segundos chega uma informação, vem uma imagem, tem-se uma recordação, recebe-se um telefonema, uma mensagem, nos quais, com um símbolo, ativa-se um complexo, um pensamento obsessivo e se desvia completamente do que precisava ser feito, perde-se um tempo com o desvio e ainda mais para retomar-se ao ponto.

Um Em Si ôntico é como uma semente e deve ter um tratamento específico, por exemplo, para que uma semente possa vir a ser, de vir, ela precisa de determinada temperatura, uma quantidade de sol, de um ambiente propício para a sua constante. Cada fator é um determinante para que possa atingir todo potencial que há dentro da pequena semente, também estes podem atrapalhar o desenvolvimento pleno dela. É uma questão de metabolização, quando se metaboliza aquilo que faz identidade com a semente, ela vai crescer sempre firme e forte (Meneghetti, 2020a).

Do mesmo modo, para manter-se contato

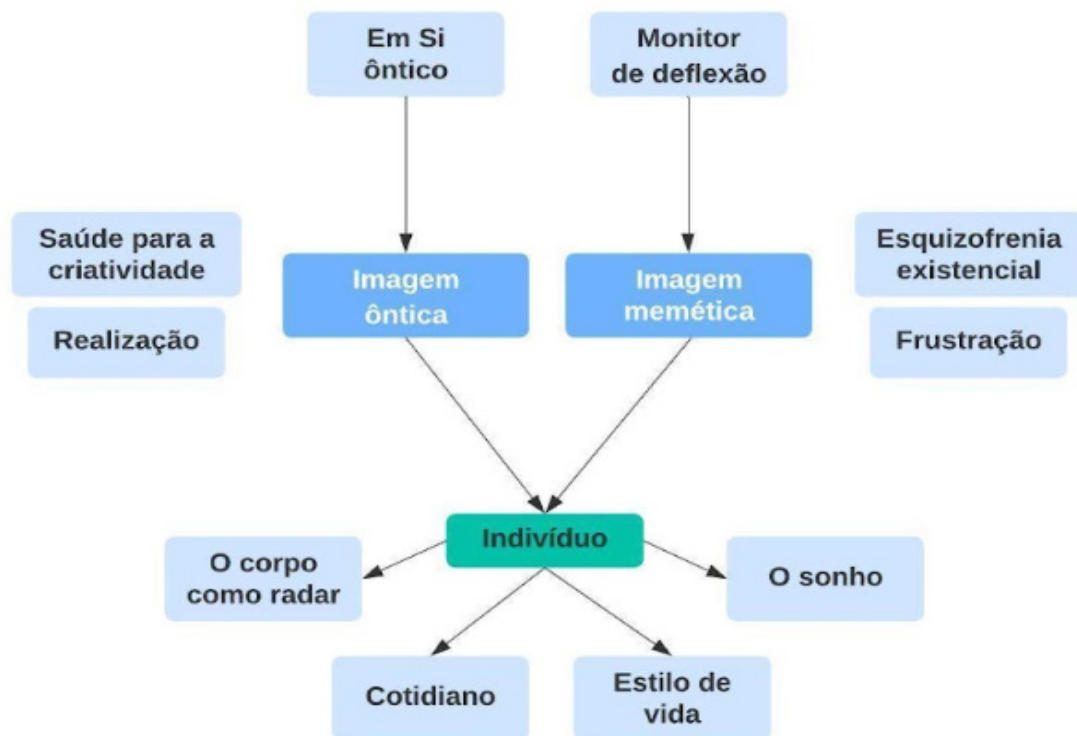
direto com o Em Si ôntico deve-se respeitar o miricismo cotidiano. Todos aqueles pormenores que parecem banais, mas que juntos são atores de suplemento para a manutenção de um bem-estar físico e psicológico. Porque de uma singela foto que se vê nas redes sociais podem se ativar tantas coisas. Conforme Meneghetti,

Em um potencial de memória, dá-se um sinal ao computador e o computador dá tudo aquilo que é correlato àquele sinal²⁰. O nosso inconsciente, a nossa fantasia, a nossa emoção, fazem o mesmo: a partir daquela imagem, tudo escorre por consequência. *A realidade nasce do sinal* (Meneghetti, 2020b, p. 388, grifo do autor).

Nessa ótica, é preciso olhar o modo de decoração da nossa casa privada. Existe a realidade da semântica dos objetos: os objetos são amórficos, são pequenas matérias, mas possuem uma semântica. Todos os objetos falam, nos fazem, nos revelam o que estamos fazendo, o que estamos vivendo (ibid.).

São tantas sutis informações que muitas vezes o indivíduo não se dá conta dos efeitos que elas causam, mas essas informações vão reforçando ou criando uma estrutura psicológica, emotiva e orgânica complexual e de estereótipos. A atenção deve ser sempre nos resultados, pensando no que aquele símbolo me informa: “não conta o símbolo, mas o que ele produz para mim aqui e agora. [...] São apenas os efeitos obtidos no sujeito a convalidar ou invalidar o símbolo causal” (Meneghetti, 2006, p. 51). A realidade individual se forma pelo modo em que cada um manobra os sinais que recebe a todo momento no seu estilo de vida.

20 “Traço, projeção, aparência de coisa, ação, ser. Palavra ou imagem de intencionalidade” (Meneghetti, 2021b, p. 255).

Figura 1 – Síntese dos pontos-chave da pesquisa

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

3 Considerações Finais

A realização do presente trabalho possibilitou um aprofundamento na compreensão dos efeitos que as imagens geram no humano a partir do estudo teórico da natureza da imagem e de como ela se movimenta no todo mundano e no interior do indivíduo. Assim, responde-se ao objetivo da pesquisa, o qual visava elucidar como as imagens impactam no estilo de vida do ser humano.

De modo geral, a pesquisa demonstra que, de fato, o ser humano vivendo em um universo informacional está sujeito a informar e ser informado continuamente. Porém, não deve ser um passivo receptor e operador de lógicas que não sejam condizentes com a vida, que não deem concretude ao seu potencial. Cada indivi-

duo possui um Em Si ôntico que por natureza tende à autorrealização e é de cada um a responsabilidade de realizá-lo.

Enquanto vivente, para perceber o real é necessário ser exato com a própria natureza. No entanto, existem desvios causados pelo monitor de deflexão que impedem uma correta compreensão da realidade e de tudo o que diz respeito à própria identidade. A partir de então, cada indivíduo começou a viver de um modo dividido, visto que, em essência, a pulsão do Em Si ôntico intenciona o desenvolvimento contínuo daquele ser humano a partir de um contato com imagens ônticas e que direcionam exclusivamente à autóctise histórica e ôntica. Por outro lado, o complexo e estereótipos com frequência habitam o sujeito, tendenciando-no a fixar-se em imagens meméticas a fim

de repetir perpetuamente um modelo fixo de comportamento. Contudo, a desconexão com a atualidade do próprio Em Si é exatamente a esquizofrenia existencial, da qual pode nascer também a esquizofrenia patológica clínica.

Neste ponto, para que se continue em um íntimo contato com o Em Si ôntico, deve-se constantemente vigiar a própria interioridade, pois as imagens tocam e dão direção para os modos de perceber e de agir no mundo. É preciso vigiar porque as imagens se movem de maneira sutil e influenciam sem que se perceba. Elas entram e condicionam os pensamentos que depois serão ações, vide a correlação entre forma e matéria, entre imagem e energia, ou mesmo entre informação e energia, abordadas nesta pesquisa.

Ao se compreender que a imagem é a informação que age continuamente no sujeito, que está estabelecendo uma dinâmica, também é possível reconhecer se são imagens ônticas ou imagens meméticas. As imagens ônticas são acretivas para o sujeito, levam-no para uma posição de mais ser, de devir ôntico-existencial, de concretização da virtualidade existente nele. Enquanto as meméticas são imagens por si mesmas, são repetitivas e vazias e tendência o sujeito à manutenção de hábitos fixos e ideias que afastam-no da própria realização. É preciso verificar se a presença daquele objeto, daquela pessoa, daquela mensagem, daquele símbolo reportam ordem de unidade ou então confusão.

A postura da pessoa frente à exposição a tantas imagens deve ser a de utilizar continuamente o critério organísmico. O uso das sensações corporais, dos sonhos, da intuição, das informações do Em Si ôntico são condições para se realizar decisões e ações adequadas para si conforme à natureza de si mesmo. Assim, para

manter-se nessa dinâmica, o sujeito, a partir do seu estilo de vida e de todas as coisas cotidianas, deve estar rodeado de elementos que lhe transmitam informações de vitalidade.

Dada a relevância do tema e a abrangência de pesquisa sobre a temática da imagem, considera-se importante indicar que sejam desenvolvidas novas pesquisas e projetos nessa área, em especial, pesquisa empírica. Verificando-se, assim, mais ampla e profundamente o impacto causado pelas imagens no ser humano, e favorecendo maior tomada de consciência pelos indivíduos acerca da relação entre imagem e sujeito. No final, tudo reduz-se a informação, e é o indivíduo que deve identificar e decidir pelas imagens com sentido de vida, de mais ser.

Referências

FERRAZ, M. A. R. **Campo Semântico: como reconquistar a linguagem primária da natureza humana.** Saber Humano, n. 4, Edição Especial: Cadernos de Ontopsicologia, 2019. Disponível em: <https://saberhumano.emnuvens.com.br/sh/article/view/378>. Acesso em: 01 abr. 2023.

HAYNES, J-D.; REES, G. **Predicting the orientation of invisible stimuli from activity in human primary visual cortex.** Nature Neuroscience, 8, p. 686-691, 2005. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/nn1445#citeas>. Acesso em: 02 abr. 2023.

HOSTERMANN, H. E. **Metafísica da Física: a relação crítica entre o problema crítico do conhecimento e a Ontopsicologia.** Revista Brasileira de Ontopsicologia, v. 1, n. 1, 2021. Disponível em: <https://revbo.emnuvens.com.br/revbo/article/view/19>. Acesso em: 01 abr. 2023.

MARTINS, F. **Imagem e fenomenologias da**

autoctise histórica: a relevância da análise onírica na Psicoterapia Ontopsicológica. Saber Humano, v. 7, n. 11, 2017. Disponível em: <https://saberhumano.emnuvens.com.br/sh/article/view/241>. Acesso em: 01 abr. 2023.

MENEGHETTI, A. **A psicologia do líder**. 6. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2021a.

MENEGHETTI, A. **Campo Semântico**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015a.

MENEGHETTI, A. **Cinco lições de Ontopsicologia**. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2005a.

MENEGHETTI, A. **Cinologia ontopsicológica**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015b.

MENEGHETTI, A. **Da consciência ao ser:** como impostar a filosofia do futuro. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.

MENEGHETTI, A. **Dicionário de Ontopsicologia**. 5. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2021b.

MENEGHETTI, A. **Falando aos Jovens**. Vol. 3. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2020a.

MENEGHETTI, A. **Filosofia ontopsicológica**. 5. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015c.

MENEGHETTI, A. **Genoma ôntico**. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013a.

MENEGHETTI, A. **Imagem alfabeto da energia**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editrice, 2006.

MENEGHETTI, A. **Introdução à Ontopsicologia**. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2005b.

MENEGHETTI, A. **Isomaster como empresário do ser**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2018a.

MENEGHETTI, A. **Manual de melolística**. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2018b.

MENEGHETTI, A. **Manual de Ontopsicologia**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2022.

MENEGHETTI, A. **O critério ético do humano**. 2. ed. Recanto Maestro: 2018c.

MENEGHETTI, A. **O em si do homem**. 5. ed. Ontopsicologica Editrice, 2004.

MENEGHETTI, A. **OntoArte:** o em si da arte. Florianópolis: Ontopsicológica Editrice, 2003a.

MENEGHETTI, A. **O monitor de deflexão na psique humana:** princípio crítico sobre a razão humana antecipada por um monitor metabolizado no cérebro. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2017.

MENEGHETTI, A. **Ontopsicologia e memética**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editrice, 2002.

MENEGHETTI, A. **Ontopsicologia e memetica**. Roma: Psicologica Editrice, 2003b.

MENEGHETTI, A. **Os jovens e a ética ôntica**. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica, 2013b.

MENEGHETTI, A. **O Residence Ontopsicológico**. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editrice, 2005c.

MENEGHETTI, A. **Pedagogia ontopsicológica**. 6. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2019a.

MENEGHETTI, A. **Psicologia empresarial**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2020b.

MENEGHETTI, A. **Sistema e personalidade**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2019b.

NEU, W. M. F.; MACHADO, M. R. **Einfühlung e campo semântico**: uma investigação fenomenológica de suas diferenças e aproximações. *Saber Humano*, v. 10, n. 16, 2020. Disponível em: <https://saberhumano.emnuvens.com.br/sh/article/view/441>. Acesso em: 01 abr. 2023.

OLIVEIRA, P. M. C. **Energia e Matéria**: Da Fundamentação Conceitual às Aplicações Tecnológicas. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbef/a/6p6wnf7gWSc7fPXvm6khVrq/?lang=pt>. Acesso em: 02 abr. 2023.

SARTRE, J-P. **O imaginário**: psicologia fenomenológica da imaginação. Petrópolis: Vozes, 2019. Disponível em: <https://books.google.com.br/>

SELF SKILLS: UM NOVO HORIZONTE NO DESENVOLVIMENTO HUMANO

Ângelo Accorsi¹, Patrícia Azevedo Gonçalves²

Resumo: O presente artigo busca aprofundar a discussão sobre o desenvolvimento humano, em especial a formação do homem líder, tendo como fundamento epistemológico a proposta de Meneghetti (2011, 2013a, 2021a). Para tanto, como objetivo geral, visa apresentar a definição e a relevância das self skills, bem como propor sua aplicação a partir de quatro competências fundamentais ao universo do líder: capacidade de identificar os próprios gatilhos de autossabotagem, capacidade de estabelecer relações evolutivas, capacidade de perceber as próprias variações emotivas e gerir respostas funcionais e capacidade de construir um estilo de vida em coerência com o universo da liderança. Sua contribuição, enquanto síntese da obra *Self Skills: a chave para a liderança* (Accorsi, 2023), consiste na descrição, aprofundamento teórico e aplicabilidade destas competências tanto enquanto respostas concretas aos desafios cotidianos, como enquanto estratégias para a formalização de trajetórias pautadas pela autorrealização e sucesso integral.

Palavras-chave: desenvolvimento humano; formação de líderes; competências; self skills.

Self Skills: a new horizon within human development

Abstract: This paper aims to delve into the discussion surrounding human development, especially regarding the development of the man leader. The epistemological foundation for this study is based on Meneghetti's proposal (2011, 2013a, 2021a). As a primary objective, we aim to present the definition and relevance of self skills, as well as propose their application based on four essential competences within the realm of leadership: the ability to identify one's own self-sabotage triggers, the ability to foster evolutionary relationships, the ability to understand one's own emotional fluctuations and manage functional responses, and the ability to cultivate a lifestyle congruent with the realm of leadership. The contribution of this study, as a synthesis of the work "*Self Skills: the key to leadership*" (Accorsi, 2023), consists of the description, theoretical elaboration and applicability of these competences, both as pragmatic to daily challenges and as strategies for forging paths guided by self-fulfillment and comprehensive success.

Keywords: human development; leaders' development; competences; self skills.

Self Skills: un nuevo horizonte en el desarrollo humano

Resumen: El presente artículo busca profundizar la discusión sobre el desarrollo humano, especialmente la formación del hombre líder, fundamentándose epistemológicamente en la propuesta de Meneghetti (2011, 2013a, 2021a). Para lograrlo, como objetivo general, busca presentar la definición y la relevancia de las self skills, como también proponer su aplicación a partir de cuatro competencias fundamentales para el universo del líder: capacidad de identificar sus propios gatillos de autosabotaje, capacidad de establecer relaciones evo-

¹ Doutor em Psicologia Clínica (PUC-SP), Mestre em Psicologia Social (PUCRS), Especialista em Psicologia com abordagem em Ontopsicologia (Universidade Estatal de São Petersburgo/Rússia), Graduado em Psicologia (UNISINOS). Professor (AMF). E-mail: angeloaccorsi@terra.com.br.

² Doutoranda em Linguística (PUCRS), Mestra em Gramática e Significação (UFRGS), Especialista em Língua Portuguesa (PUCRS), Graduada em Letras (UFRGS). Atua como revisora de obras literárias, materiais institucionais e trabalhos acadêmicos, integra o corpo editorial de diferentes periódicos das áreas de Linguística e Educação como parecerista ad hoc ou editora. E-mail: patricia.goncalves87@edu.pucrs.br.

lutivas, capacidad de percibir sus propias variaciones emotivas y gerenciar respuestas funcionales, y capacidad de construir un estilo de vida coherente con el universo del liderazgo. Su aporte como síntesis de la obra “Self Skills: a chave para a liderança” (Accorsi, 2023), consiste en describir, profundizar teóricamente y mostrar la aplicabilidad de estas competencias tanto como respuestas concretas a los desafíos cotidianos, como estrategias para la formalización de trayectorias orientadas por la autorrealización y éxito integral.

Palabras clave: desarrollo humano; formación de líderes; competencias; self skills.

1 Introdução: *Self Skills*

Debruçar-se sobre a formação de líderes é uma tarefa repleta de desafios, que vão desde a concepção teórica que sustentará determinado processo formativo até a abordagem metodológica empregada para que os objetivos pretendidos sejam alcançados. Ainda, pensar em liderança é colocar em equilíbrio tanto sua dimensão potencial, pois a liderança é uma potencialidade, uma virtualidade, quanto sua realização histórica, pois ela é determinada pelas escolhas e pela formação da pessoa do líder (Accorsi, 2023). Tal formação, que não pode prescindir da técnica, especialmente daquela atinente ao seguimento em que o líder atua, deve, acreditamos, orientar-se pela prática, num cotidiano exercício de competências que sirvam tanto de resposta funcional aos desafios da contemporaneidade, como de instrumento à autorrealização.

Eis um ponto essencial: em consciência plena de sua unicidade e singularidade, de posse da responsabilidade que é a gestão da própria existência, não cabe ao líder compreensões superficiais acerca de si mesmo e de seu *business*. É preciso ter uma estratégia formativa personalizada e vencedora, que contemple toda a complexidade e força que cada líder é enquanto projeto de natureza.

Logo, a reflexão aqui apresentada coloca-se como uma proposta de aplicação, de desdobra-

mento das proposições erigidas pela Ciência Ontopsicológica, a partir da obra de seu fundador Antonio Meneghetti (2003, 2004, 2010, 2011, 2013a, 2013b, 2014a, 2014b, 2015a, 2015b, 2019, 2020, 2021a, 2021b) e de outros expoentes (Petry, 2013; Vidor, 2013), visão que especifica o líder enquanto “pessoa vetor de várias relações, constituinte da energia disponível a superior funcionalidade do contexto e qualificação do resultado com evidente gratificação para si mesmo e para os participantes” (Meneghetti, 2013a, p. 15).

Para Vidor (2013, p. 94): “O critério para julgar o valor e a importância de uma pessoa é determinado pelo quanto ela propõe de aperfeiçoamento de si mesma, à espécie ou natureza humana em geral”. Tal pressuposto intensifica-se ainda mais ao aplicar-se à pessoa do líder, cujo horizonte não pode ser outro do que o *aperfeiçoamento contínuo – lifelong learning* –, orientado sempre ao desenvolvimento da própria competência e competitividade; pois não basta ter qualidade naquilo que se propõe a fazer, é preciso um adequado posicionamento no mercado, numa realização de seu melhor, que culminará também em serviço ao social (Accorsi, 2023).

A educação ao longo de toda a vida não é um ideal longínquo, mas uma realidade que tende, cada vez mais, a inscrever-se nos fatos, no seio de uma paisagem educativa complexa, marcada por um conjunto de alterações que a tornam cada vez mais necessária (Delors *et al.*, 1996, p. 104).

John Hagel (2021), em recente pesquisa divulgada pela *Harvard Business Review*, defende a aprendizagem ao longo da vida (*lifelong learning*) enquanto processo criativo. Para o autor, é preciso ampliar a definição de aprendizagem de uma concepção que a compreenda apenas como compartilhamento de conhecimentos e habilidades já existentes – os quais, muito rapidamente, podem se tornar obsoletos –; para uma visão mais abrangente, na qual a motivação para o crescimento e o protagonismo frente aos desafios sejam vetores para que novos conhecimentos sejam criados, naquilo que o pesquisador chamará de “paixão do explorador” (*“passion of the explorer”*). Este e tantos outros estudos corroboram nossa crença de que o líder precisa ser orientado a uma busca contínua, voluntária e automotivada pelo conhecimento. Conhecimento este que deve ir além do que tradicionalmente se apresenta na dicotomia composta pelas *hard* e *soft skills*.

As *hard skills*, convém revisarmos, envolvem capacidades práticas que objetivam a realização de alguma atividade ou serviço específico. Em essência, são constituídas por uma gama de capacidades técnicas: aquele repertório de conhecimentos a ser comprovado por meio de diplomas, cursos e pesquisas, podendo, por consequência, ser mensurado através de testes e avaliações. Embora tais capacidades possam ser aprimoradas, as competências técnicas não são tão simples de serem desenvolvidas, sendo fundamental obter uma base de informações para desempenhar algo em bom nível. Uma vez que envolvem um saber-fazer técnico (*know-how*, *savoir-faire*), também possuem a característica de serem específicas; por conta disso, não são úteis em todas as situações (Accorsi, 2023).

Não estamos querendo afirmar, com isso, que não seja importante o líder possuir um consistente repertório de *hard skills*. Entretanto, fazemos a ressalva de que, em um cenário de inúmeras e aceleradas mudanças no mundo do trabalho, estas não podem ser as únicas norteadoras de sua formação, num “paradigma completamente orientado pela técnica” (Accorsi, 2023, p. 17). Vivemos uma verdadeira revolução da requalificação³, que coloca em xeque muitas das *hard skills* historicamente consolidadas. Particularmente, quando olhamos os currículos da maioria das universidades, evidenciamos o descompasso entre mercado e propostas formativas⁴.

As *soft skills*, ou competências socioemocionais, por sua vez, são capacidades que afetam as relações interpessoais e não possuem ligação direta com nenhuma atividade profissional, podendo ser utilizadas nos mais variados cargos, empresas ou funções. São competências relacionadas ao comportamento do indivíduo, muito mais atreladas à personalidade e às experiências do que à formação profissional, materializando-se “em atitudes e comportamentos,

3 Segundo o Relatório sobre o Futuro dos Empregos de 2023, do World Economic Forum (WEF, 2023, p. 1): “As empresas relatam que as lacunas de habilidades e a incapacidade de atrair talentos são as principais barreiras à transformação, mostrando uma clara necessidade de treinamento e requalificação em todos os setores. Seis em cada 10 trabalhadores precisarão de treinamento antes de 2027, mas apenas metade dos funcionários tem acesso a oportunidades de treinamento adequadas atualmente. Ao mesmo tempo, o relatório estima que, em média, 44% das habilidades de um trabalhador individual precisarão ser atualizadas”.

4 Existem algumas instituições de ensino superior de vanguarda que, felizmente, protagonizam propostas diferenciadas no contexto formativo internacional. No Brasil, destaca-se a Faculdade Antonio Meneghetti (AMF): www.faculdadeam.edu.br. Convidamos o leitor para conhecer a proposta formativa dessa IES.

em vez de aptidões ou conhecimentos técnicos. [...] valências intangíveis, não técnicas e específicas da personalidade que determinam os pontos fortes de um líder” (Robles, 2012, p. 457, tradução nossa). Essas habilidades incluem: comunicação eficaz, capacidade de escrita, empatia, colaboração, organização, criatividade, entre outras.

O mercado atual e os estudos na área da gestão e do desenvolvimento humano já compreenderam que se faz fundamental a consolidação de *hard skills* e *soft skills*, tanto que é comum encontrar muitas ações direcionadas à formação de líderes em contextos organizacionais que tendem a uma visão orientada por estas competências. Sem dúvida, na contemporaneidade, trazer à luz a discussão sobre a relevância das *soft skills* no contexto do mundo do trabalho e, mais ainda, buscar desenvolver estratégias nessa dimensão representa um avanço na direção de uma perspectiva mais integral do ser humano:

O homem é um ser evidentemente biológico. É ao mesmo tempo um ser evidentemente cultural, metabiológico e que vive num universo de linguagem, de ideias e de consciência. Ora, estas duas realidades, a realidade biológica e a realidade cultural, o paradigma de simplificação nos obriga a desajuntá-las ou a reduzir o mais complexo ao menos complexo. Vamos, pois, estudar o homem biológico no departamento de Biologia, como um ser anatômico, fisiológico etc. e vamos estudar o homem cultural nos departamentos das Ciências Humanas e Sociais. Vamos estudar o cérebro como órgão biológico e vamos estudar a mente, *the mind*, como função ou realidade psicológica. Esquecemos que um não existe sem a outra, ainda mais que um é a outra ao mesmo tempo, embora sejam tratados por termos e conceitos diferentes (Morin, 2005, p. 59).

Entretanto, como nos provoca o filósofo, fa-

z-se necessário avançar em direção a uma visão integradora do fator humano, pois o desenvolvimento integral remete a uma compreensão mais profunda dos verdadeiros moventes que podem produzir crescimento. Nesse ponto, precisamos falar sobre as *self skills*.

Frequentemente, os quatro pilares propostos por Delors *et al.* (1999), “aprender a conhecer”, “aprender a fazer”, “aprender a viver juntos” e “aprender a ser”, são utilizados para ampliar a compreensão acerca da relevância das *soft skills* nos processos educativos em todos os âmbitos da ação humana, compreendido, também, aquele do mundo do trabalho. Porém, em nosso entendimento, a proposta da UNESCO implica um avanço que pode ser alcançado quando inserimos a compreensão das *self skills*, enquanto competências fundantes, competências *passé-partout*.

O elemento socioemocional abre uma compreensão mais profunda e traz à cena competências importantes como a resiliência, a comunicação, a persuasão, dentre outras tão importantes no contexto dos desafios de uma liderança. No entanto, ainda não são suficientes, pois “antes da técnica existe o técnico” (Accorsi, 2023, p. 21): existe a pessoa, existe uma personalidade que faz a gestão daquele potencial humano em ação histórica. Logo, precisamos, de forma prática, trazer para a formação dos líderes competências relacionadas a como ele faz a gestão do próprio potencial. E essa é uma questão preliminar, anterior às *hard* e *soft skills*.

Certamente, falamos sempre em uma perspectiva integral, segundo a qual, da mesma forma que se verifica uma continuidade entre os mundos do trabalho e da vida pessoal, existe uma continuidade entre competências técnicas,

socioemocionais e de autogestão, pois o sucesso depende do desenvolvimento do potencial de inteligência da pessoa. Logo, ao pensar a formação, ou a autoformação em liderança, não cabe a compreensão de que as *self skills* são elementos adicionais às competências necessárias a um gestor: desenvolvê-las trata-se de uma decisão fundamental para a obtenção de sucesso e autorrealização (Accorsi, 2023).

Por *self skills*, entende-se a capacidade de gestão evolutiva de si mesmo, isto é, capacidade de gestão exitosa, de sucesso do próprio potencial e da sua aplicação no contexto em que se vive. É uma capacidade de autogestão. Acreditamos que o sucesso na gestão de um projeto está diretamente ligada à capacidade de autogestão do próprio líder: “uma empresa é a extensão do líder em sua totalidade, da maneira como gere a si mesmo” (Accorsi, 2023, p. 23). De acordo com Antônio Meneghetti (2013a), teórico com o qual dialogamos, o resultado da empresa é a soma das intencionalidades do líder ou dos líderes. Tais intencionalidades, conscientes e inconscientes, acabam gradualmente por se formalizar, se concretizar nos projetos do líder.

Uma vez que as *self skills* são competências de autogestão, elas não possuem ligação direta com atividades pessoais ou profissionais específicas. Servem para os mais variados cargos e para o gerenciamento da vida pessoal, a fim de que contribua direta e indiretamente com a trajetória profissional. As *self skills* são, por excelência, interdisciplinares, pois assim o são o homem e sua complexidade frente à vida:

[...] o humano é uma unidade de ação que está integrada em outra unidade de ação que é a sociedade, a qual está integrada em outra

unidade de ação que é o planeta, que, por sua vez, está integrado em uma imensa unidade de ação que é o universo (Accorsi, 2023, p. 33).

Por meio desse entendimento, percebe-se que as dimensões pessoal e profissional do indivíduo são sobrepostas e, por isso, gerenciar-se é fundamental.

Para concluir, quais seriam as capacidades e temáticas desenvolvidas em uma estratégia formativa que contemple a visão das *self skills*? São múltiplas e dependerão do escopo a ser atingido em determinada ação. Em nossa perspectiva, os vetores organizadores são o autocohecimento e a prosperidade.

Assim, com o presente artigo, buscamos aprofundar a discussão sobre desenvolvimento humano, tendo como fundamento epistemológico a proposta de Meneghetti (2011, 2013a, 2021a) acerca de formação do homem líder. Para tanto, como objetivo geral, tensionamos apresentar a definição e a relevância das *self skills*, bem como sua aplicação a partir das competências basilares que perpassam os conceitos de: autossabotagem, relações, emoções e estilo de vida.

2 Fundamentação Teórica: dinâmica da personalidade e as *self skills*

A visão que trazemos, acreditamos, se diferencia de muitas propostas vigentes na literatura relativa à gestão, pois posiciona o autoconhecimento como elemento central para a geração de resultados positivos e a construção de uma vida efetivamente próspera. Assim, uma vez compreendido o conceito de *self skill* e sua importância em um percurso de liderança, é fun-

damental trazermos para discussão um conceito central: *personalidade* (Accorsi, 2023).

Na busca por resultados individuais ou organizacionais, precisamos ter em mente que a primeira referência de qualquer atividade é o indivíduo. É aquele que está atuando um projeto, uma ideia. Nos referimos aqui ao elemento que, se bem compreendido, sustenta e desenvolve plenamente um escopo proposto.

Ademais, os Prêmios Nobel em economia conferidos em 2002 e 2017, respectivamente, a Daniel Kahneman (2012), um psicólogo, e a Richard Thaler (Thaler; Sunstein, 2008), economista cujo interesse reside na psicologia da tomada de decisões, são demonstrações definitivas de que o vetor de êxito em uma tomada de decisão, seja relativa à carreira ou a um investimento em um empreendimento milionário, não segue a pura racionalidade técnica. A partir de pesquisas que posteriormente vieram a se organizar como Economia Comportamental, esses estudiosos comprovaram os enormes efeitos de fatores psicológicos, sociais, cognitivos e emocionais nas decisões de indivíduos e instituições.

Retomando nossa discussão inicial, o conceito de autoconhecimento aqui defendido consiste no processo de aprendizagem no qual se busca compreender o próprio potencial de inteligência, ou projeto de natureza, bem como aqueles elementos que, gradualmente, em um processo de adaptação ao contexto social no qual o indivíduo nasceu e viveu, moldaram sua personalidade. Nisso tudo verificamos aspectos funcionais à construção de uma vida próspera, porém também constatamos elementos que agem sabotando sistematicamente a realização desse projeto de inteligência. Em síntese, a

capacidade de autogestão evolutiva está justamente no compreender esses dois pontos: o projeto de inteligência de cada pessoa e os modos de autossabotagem que esta executa (Accorsi, 2023).

Aqui, cabe uma reflexão etimológica. Para a palavra “pessoa”, no latim, se verificam duas etimologias, duas origens: “*persona*” ou “*per se esse*” (ser si). Ser pessoa, então, é a capacidade de ser *por si* e *para si*: capacidade de construção de si mesmo. É um conceito valioso, pois implica estima e autocuidado, implica construção da própria autonomia – o que se relaciona fortemente à concepção de *self skills*. O grande psicólogo e psicoterapeuta norte-americano Carl Rogers (1997) dizia que não se nasce pessoa, nos tornamos pessoas, pois isso exige investimento, escolhas. Tal investimento materializa-se por meio da abertura e disponibilização ao crescimento, caminho à autorrealização:

O indivíduo se torna mais abertamente consciente de seus próprios sentimentos e atitudes conforme estes existam nele em um nível orgânico, da maneira como tentei descrever. Também se torna mais consciente da realidade conforme esta existe fora de si mesmo, ao invés de percebê-la em categorias preconcebidas. Ele vê que nem todas as árvores são verdes, nem todos os homens são paus rígidos, nem todas as mulheres são rejeitadoras, nem todas as experiências de fracasso provam que ele não é bom, e assim por diante. Está apto a assimilar a evidência em uma nova situação, como ela é, ao invés de distorcê-la para se ajustar ao padrão que ele já sustém. Como seria de se esperar, essa capacidade crescente de ser aberto à experiência o torna muito mais realista ao lidar com novas pessoas, novas situações, novos problemas. Significa que suas crenças não são rígidas, que ele pode tolerar a ambiguidade. Ele pode obter as evidências mais conflitantes sem que isso o force a se fechar diante da situação. [...] abertura de consciência àquilo que existe neste momento em si mesmo e na situação [...] (Rogers, 1997, p. 130).

Rogers foi um dos primeiros teóricos a falar sobre nossa necessidade de autorrealização, juntamente com Maslow (1970), para quem cada indivíduo é dotado de propensão inata à autorrealização, e Frankl (1985), que, no âmbito da Logoterapia, defende que há no homem uma orientação intrínseca, ontológica para a realização de sentido.

Dando um passo atrás em nossa discussão sobre personalidade, convém elencar, a título de exemplo, três concepções teóricas completamente distintas, mas que nos dão oportunidade para problematização desse conceito:

Personalidade é um conjunto de padrões comportamentais. A personalidade é uma construção social (Skinner, 1998, p. 112).

A personalidade pode ser conceituada como uma organização relativamente estável, composta de sistemas e moldes (Beck; Freeman, 1993, p. 25).

Personalidade é a organização dinâmica, dentro do indivíduo, daqueles sistemas psicofísicos que determinam seus ajustamentos ao ambiente (Allport, 1937, p. 48, tradução nossa).

Em síntese, pode-se compreender que a personalidade corresponde ao conjunto de comportamentos conscientes e pré-conscientes que caracterizam a pessoa. Podemos dizer aqui que nossa personalidade se evidencia como um *mindset*, um modelo mental. Quando falamos em um modelo, temos uma forma que determina o modo de impacto impactar e ser impactado pelo mundo, uma forma de ver a si mesmo e aos outros.

Nossa personalidade se constitui a partir das primeiras interações sociais da criança: interações no âmbito familiar, com amigos, na escola

etc. Ou seja, a personalidade não é algo inato, algo que nasce conosco. Ela é uma construção. Esse conjunto de comportamentos que vão, gradativamente, caracterizando o sujeito, moldam-se principalmente até o sexto ano de vida. Jean Piaget (1994, p. 95), ao formular sua teoria dos estágios de desenvolvimento e tematizar, de modo especial, a formação moral da criança, afirma que:

Com efeito, é essencial compreender que, se a criança traz consigo todos os elementos necessários à elaboração de uma consciência moral ou “razão prática”, como de uma consciência intelectual ou razão, simplesmente, nem uma nem outra são dadas prontas no ponto de partida da evolução mental e uma e outra se elaboram em estreita conexão com o meio social: as relações da criança com os indivíduos dos quais ela depende serão, portanto, propriamente falando, formadoras, e não se limitarão, como geralmente se acredita, a exercer influências mais ou menos profundas, mas de alguma maneira acidentais em relação à própria construção das realidades morais elementares.

A formação de personalidade vai ter impactos em todos os modelos de relação que o indivíduo desempenhar, seja nos negócios, na esfera social, afetiva etc. É claro que muitas dessas vivências, depois, na vida adulta, não são recordadas, ficam inconscientes. A propósito disso, quando falamos de personalidade, devemos ter em mente que nossa realidade psíquica é composta por três estratos, ou três níveis: temos o nível consciente, aquele pré-consciente e o inconsciente.

Quando não entendemos certos condicionamentos ou comportamentos que nos fazem agir de modo que, muitas vezes, geram sofrimento é porque eles estão enraizados na nossa dimensão inconsciente. Por exemplo: algumas pessoas vivem pressionadas por uma sensação de

que aquilo que o outro pensa sobre ela é mais importante do que aquilo que ela mesma considera sobre si. Isso porque o conteúdo que impõe ao Eu essa sensação está radicado em nosso inconsciente.

Alguns elementos são determinantes na formação da personalidade. Inicialmente, temos o potencial de vida, de inteligência, de *Em Si ôntico* que aquele indivíduo, por natureza, é. Pode-se encontrar uma aproximação com o conceito de alma, segundo a antiga concepção dos gregos. Para definir o que movia os homens, diziam que existia um sopro (*anemos*), um princípio vital. Por *Em Si ôntico*, entende-se o projeto base, o projeto de natureza que constitui aquele ser humano. É como a vida, a natureza, constituiu a inteligência daquele ser. É o critério base da identidade do indivíduo. A compreensão desse projeto de natureza é fundamental, pois o homem produz autorrealização quando a sua ação externa, suas escolhas acontecem conforme o próprio *Em Si*. O *Em Si ôntico* é definido como “princípio formal inteligente que faz autóctise histórica” (Meneghetti, 2004, p. 255).

A primeira parte da definição posiciona o âmbito metafísico do *Em Si*. É um “princípio”: já tem consigo uma ordem, já é. É um formalizador que também formaliza. É um princípio semovente que faz a mediação intrínseca da vida. Este princípio é “formal”, ou seja, possui um *design*, um modo, é especificado para determinada função. Por fim, é “inteligente”, tem a capacidade de evidenciar o íntimo das coisas. Do próprio íntimo é capaz de colher o real circunstante. Entretanto, esse princípio se faz fenômeno, essa passagem é o “que faz”, no conceito. Ou seja, a definição “que faz autóctise histórica” implica o aspecto do devir existencial. Este *Em Si* tem a capacidade de fazer a si mesmo, de autopor-se (Accorsi, 2021, p. 39-40).

Outro elemento determinante na formação

da personalidade é o modelo de relação com o adulto-mãe⁵; aquilo que chamamos de *diáde*. Inicialmente, não se deve confundir o “adulto-mãe” com a figura da mãe biológica. De fato, segundo a organização social familiar especialmente ocidental, o “adulto-mãe” tenderá a ser a mãe biológica, mas não é um padrão. Pode ser qualquer adulto que tenha sido a maior referência afetiva da criança; aquele que sempre teve maior ligação com a criança na sua primeira infância. Tal modelo de relação vai ser um dos determinantes para a formação da personalidade. De certo modo, nós aprendemos a nos olharmos pelos olhos como fomos olhados; aprendemos a nos amar como fomos amados. A tipologia de personalidade desse adulto de referência terá grande influência no desenvolvimento da personalidade do indivíduo, na construção de sua autoimagem (Accorsi, 2023).

É como se a *diáde* impusesse uma *língua-mãe*, uma educação-base, e somente as pessoas, coisas e situações conformes a essa linha-base podem ser escolhidas pelo sujeito; as outras não são vistas. Enquanto o *Em Si ôntico* é inteligência econômica aberta – por isso, escolhe as situações que são mais convenientes e eficientes para o sujeito – a *diáde* impõe um complexo dominante (Meneghetti, 2010, p. 237, grifo do autor).

Além disso, a situação afetiva, econômica e cultural familiar também vai influenciar no desenvolvimento da personalidade, uma vez que é esse contexto que vai moldando os traços que

5 O conceito de “adulto-mãe” é fundamental na concepção ontopsicológica. Por adulto-mãe, entende-se a principal referência afetiva para a criança, a partir de três funções: “a) o genitor de maior referência na expressão de necessidade da criança; b) a dinâmica inconsciente que informa a modalidade de referência à criança por parte do genitor adulto; c) a tipologia do conjunto circunstante” (Meneghetti, 2014b, p. 119). O adulto-mãe será filtro de toda a realidade da criança.

carregamos. Vivemos em uma sociedade onde o dinheiro ocupa papel central. Então, também a relação com esse elemento contribuirá nessa construção de si. Existem robustos estudos de educação financeira, por exemplo, que correlacionam o modo como a criança lida com o dinheiro e a ideologia familiar acerca desse elemento (Hipólito, 2018; Oliveira, 2018; Silva; Reinhemeier, 2019). Nossa concepção de mundo e de tudo aquilo que envolve a relação como a geração de prosperidade está muito veiculada aos modelos aprendidos na infância. Imagine, por exemplo, a situação de uma criança que cresce vendo os pais “lutando por dinheiro”, reclamando que não tem uma vida boa “por causa de dinheiro”; ou, ainda, situações em que os conflitos familiares se organizam “por causa do dinheiro”. Quando adulta, pode vir a administrar suas economias tendo como vetor uma motivação inconsciente que faz como que exista uma superficialidade na administração deste elemento ou mesmo uma rejeição inconsciente a ele (Accorsi, 2023).

Outro aspecto que é relevante na formação da personalidade e que devemos ter presentes no processo de aprendizagem de si mesmo é aquilo que Alfred Adler (1967) chamava de Psicologia da Genitura. Ou seja, os traços de personalidade, tendências comportamentais que se constituem pela ordem de nascimento no contexto familiar. Sabe-se, hoje, que se pode observar tendências de comportamento de acordo com a ordem de nascimento. Não podemos esquecer que as primeiras pequenas ou grandes batalhas e disputas são vivenciadas no contexto familiar. Ali são aprendidos muitos jogos que serão levados para a vida.

Segundo estudos, o primogênito tende a pro-

teger os outros; em outras situações, é o primeiro a comandar, pois se imagina como o primeiro responsável (Meneghetti, 2011). Por vezes, tem uma tendência prepotente, generosa e, ao mesmo tempo, ingênua. Justamente pela situação de ser o primeiro, coloca-se como exemplo e desenvolve um alto nível de cobrança sobre si mesmo. O segundogênito, por sua vez, tende a ter uma reserva crítica com qualquer pessoa ou situação. Geralmente, ele se desenvolve ao contrário do primogênito; uma vez que, quando nasce, seus pais muitas vezes vivem sua chegada a partir da comparação das vivências que já tiveram com o primeiro. Desde quando começa a falar, caminhar, a tendência natural é a comparação com o irmãozinho ou com a irmãzinha. Algumas vezes, o segundogênito pode se enxergar em uma posição de descarte; e para reforçar essa situação, às vezes, ele acaba por ficar com sobras de roupas, brinquedos etc. A comparação com o primeiro, frequentemente, faz com que a rivalidade na mente do segundogênito aumente ainda mais; o que pode fazê-lo estruturar na vida um estereótipo de compensação, em vez de um crescimento criativo. Depois, ainda, há o benjamim, o mais novo dos filhos, em geral, o terceiro filho ou o caçula. Esse tende a se fazer amado por todos. É sagaz ao desenvolver esse tipo de estratégia. Em geral, o benjamim cresce tranquilamente, pois aprende desde pequeno a achar o seu caminho entre os grandes que vieram antes dele e diplomaticamente cresce por conta própria, cativando a mãe e aos outros e, por fim, chegando de todo modo à sua realização. Já o filho único tende a ter dificuldade em calcular que, em sua vida, existem também outras pessoas; uma vez que, para ele, é natural que todas as coisas sejam suas; logo, tende a ver

também o mundo como seu (Accorsi, 2023).

Ainda sobre a Psicologia da Genitura, duas informações precisam ser observadas: primeiro é que ela deve ser considerada também quanto ao sexo da criança. Exemplo: em uma família com duas crianças, de diferentes sexos e com uma diferença de poucos anos, provavelmente ambos tenham traços de filhos únicos: o filho único menino e a filha única menina. Claro que, com a mudança nas configurações familiares, também esses estudos avançam. O segundo aspecto ainda sobre genitura é que tais tendências comportamentais podem ou não se manifestar dessa forma. São modelos, estereótipos aprendidos na infância, mas que podem ser qualificados, modificados, desde que se tenha conhecimento e se aja para fazê-lo (Accorsi, 2023).

Por fim, ao tematizar a dinâmica da personalidade, é imprescindível compreender a atuação do *complexo*. Em Ontopsicologia, entende-se por complexo a:

Fixação somatopsíquica de energia, autônoma do Eu consciente e agente em antecipação à atividade lógica deste. Qualquer tipologia de atividade psíquica não coligada com a vontade do Eu. O Eu se forma após o complexo; portanto, o complexo antecipa o nascimento e a formação da estrutura do Eu (Meneghetti, 2012b, p. 57).

É fundamental destacar que, sendo o complexo energia autônoma ao Eu lógico-histórico, a sua prevalência significa não autonomia para este mesmo Eu. Ou seja, o complexo opera em função de si mesmo. Por sua vez, o Eu lógico histórico objetificado pelo complexo estabelece uma antagonia a próprio Em Si ôntico (Accorsi, 2021).

O complexo é o precipitado, o condensado,

das inúmeras aprendizagens da infância e que ficam sedimentadas no nosso inconsciente. É como se um comportamento usado na infância para conseguir atenção e afeto se transformasse em uma estratégia de ação para a vida toda. Frente a novas situações na vida adulta, reagimos com modelos da infância. Nossa personalidade é coagida a agir segundo o padrão do complexo. Muitos de nossos medos infundados, nossas culpas injustificadas são coações do nosso complexo (Accorsi, 2023).

Dito isso, é possível perceber que o indivíduo estrutura a própria personalidade e tipologia de relação modulando-se sobre a tipologia aprendida na infância. Sabe-se hoje que a criança aprende seus primeiros modos lógicos e emotivos no interior das primeiras relações da infância. Muitas vezes, não desenvolvemos a nossa personalidade da forma mais positiva possível, mas devemos aprender com isso e ter a dignidade de mudar para sermos pessoas melhores para nós mesmos. Questionar-se e agir na direção da mudança é fundamental: “O grau de tolerância referente à insegurança dá o critério de identificação do ser humano: dependente ou realizado” (Vidor, 2021, p. 46). Ao final, se queremos a liderança de nós mesmos e uma existência em prosperidade, precisamos ter a responsabilidade de rever nossa personalidade e verificar se nosso modo de efetivamente reforçar nosso projeto de inteligência, nosso Em Si (Accorsi, 2023).

3 Resultados e Discussão: as competências essenciais

Conforme já afirmamos, muitas são as competências pertinentes ao desenvolvimen-

to e consolidação da trajetória de um líder na realidade cada vez mais complexa e desafiadora que os modelos sociais vigentes propõem. Contudo, para os fins desta exposição, dentre as competências elencadas em Accorsi (2023), escolhemos abordar competências que julgamos basilares ao universo da liderança, sendo respostas a questões relativas a autossabotagem, relações, emoções e estilo de vida, as quais serão aprofundadas e debatidas como subdivisões desta seção, que se propõe a apresentar os achados desta reflexão teórico-prática sobre as *self skills* aplicadas ao universo da liderança.

3.1 Capacidade de identificar os próprios gatilhos de autossabotagem

No desafio do crescimento pessoal e profissional, verificamos que as pessoas, de modo geral, costumam ter certo grau de ciência quanto ao que deveriam mudar, mas seus condicionamentos, seus modelos de comportamento, seus medos e inseguranças acabam por vencer. Ou seja: o modo particular de ser, que é parte consciente e parte inconsciente, por vezes acaba impedindo uma trajetória evolutiva: “são os eventos intrapsíquicos que fazem a gestão da realidade externa” (Meneghetti, 2014a, p. 15). Tecnicamente, observamos que as pessoas não avançam por serem condicionadas por uma *coação-a-repetir*. Elas não avançam por serem condicionadas por um mecanismo psicológico que as pressiona a repetir modos de vida que se revelam não vencedores. Não conhecem efetivamente o próprio *mindset*, apenas “pagam” pelo que ele produz. Esse modelo mental pode ser aberto, otimista, próspero, abundante e, por

consequência, gerar prosperidade e abundância; ou pode ser fechado, rígido, pessimista, medroso e pobre, o que gera também, por decorrência, cada vez mais medo e pobreza para o indivíduo. O circuito ou a trajetória produzida pelo próprio modelo mental pode ser virtuoso ou verdadeiramente desastroso: um ecossistema mental que não produz evolução para o sujeito (Accorsi, 2023).

Assim, quando pensamos em *self skills*, a capacidade de identificar os próprios gatilhos de autossabotagem torna-se fundamental, em especial ao líder. Para melhor sedimentar tal competência, é preciso aprofundar nossa compreensão acerca do inconsciente e de que forma ele atua. O inconsciente é tudo aquilo que o sujeito é, mas não sabe, não tem consciência. Meneghetti (2012b, p. 140, grifo do autor) sublinha que o inconsciente é o

[...] quântico de vida e de inteligência por meio do qual nós existimos, mas não conhecemos, isto é, do qual não temos reflexão consciente; é uma parte da vida e da inteligência do homem. [...] é o quântico de vida psíquico e somático que o indivíduo é, mas do qual não é consciente e que age, de qualquer modo, além da lógica da consciência. *A essência do inconsciente corresponde ao Em Si do homem.*

Ou seja, a dimensão inconsciente contempla nossa intuição, as percepções extrassensoriais, a dimensão da espiritualidade, a lógica intelectual. Mesmo não sendo consciente age de qualquer modo, ou seja, existe uma dimensão enorme da nossa psique que age para além da nossa reflexão racional, para além da administração da nossa consciência. É importante entender que esse quântico é psíquico, isto é, age em toda a nossa dinâmica mental: nossas memórias, nossos pensamentos, nossas emoções; mas

também é somático, ou seja, também influencia em nossa estrutura orgânica e funcional, nos nossos órgãos, no modo como nos locomovemos, em nossa saúde etc.

Podemos dizer que cerca de 80% da nossa realidade psíquica e corporal é inconsciente, ou seja, aquilo que pensamos, as nossas memórias, as nossas emoções, a escolha das nossas relações, a realidade dos nossos sonhos, os nossos medos, as sensações do nosso corpo e até mesmo a nossa realidade sexual. Igualmente, está no inconsciente o melhor da nossa inteligência, nosso *core business*.

Além desses elementos, pode-se afirmar a existência de um processo sistemático de erro contra si mesmo, ou seja, de autossabotagem, apenas se concebemos que não temos uma administração consciente de uma parte de nossa psique. Isso ocorre pela falta de clareza quanto aos próprios limites, possibilidades e mecanismos de defesa, como a projeção. Consequentemente, um indivíduo passa a perceber pontos falhos, que não evoluem em seus negócios, mas não os correlaciona com seus próprios erros, como fenomenologia, formalização de sua *forma mentis*; pois os resultados de uma empresa são a soma das intencionalidades do líder. Segundo Meneghetti (1998)⁶, os lados frágeis de um projeto ou de uma administração dependem sempre de pulsões caracteriais inconscientes, semeadas e construídas na infância por meio daquilo que a gente chama de díades fundamentais do sujeito.

Precisamos retomar aqui o conceito de “díade”, reflexão central para entendermos o pro-

cesso de autossabotagem. A palavra “díade” vem de dois, de par. A vida procede por díades. A relação dos pulmões com o ar, bem como a da luz com a nossa retina são exemplos de díades. O ponto central aqui é o que chamamos de uma díade primordial, pois ela se relaciona com a formação da nossa personalidade. Para tanto, é preciso compreender quem foi nosso parceiro diádico primordial. Pode ter sido a mãe, o pai, a avó, o irmão ou irmã mais velho(a), mas seguramente no início da sua infância estabelecemos uma relação diádica, e essa relação é fundamental na formação da personalidade (Accorsi, 2023).

Para compreender um pouco melhor a questão da autossabotagem, é preciso compreender, fazer um resgate de primeiras relações e de como é a personalidade daquela pessoa que foi mais importante para o indivíduo nos primeiros cinco ou seis anos de vida. A criança escolhe um adulto como parceiro diádico, que pode ser até uma cuidadora. A díade se estabelece quando existe uma forte ligação entre duas pessoas. O modelo de relação aprendido na díade, entre a criança e o adulto-mãe, passa a estabelecer um padrão de conduta para toda a vida. No início da vida, é como se a criança aprendesse a ver a vida pelos olhos do adulto-mãe, aprendesse a se amar por como foi amada, aprendesse a administrar o próprio corpo por como foi cuidado por alguém. Essas aprendizagens, que não são mais lembradas, conscientes, são basilares para aquilo que somos hoje; pois, é nessa etapa que a criança aprende as principais estratégias comportamentais que ela levará para a vida.

6 MENEGETTI, Antonio. **Tudo é psicossomática**. Conferência realizada em Lizori (Itália), em 13 ago. 1998.

Reconhecer a total impregnação social da nossa experiência de modo algum significa reconhecer o homem como um autômato e negar-

-lhe qualquer importância. Por isso, a fórmula já referida, que se propõe prever o comportamento do homem com precisão matemática e libertá-lo das reações hereditárias do organismo e de todas as influências do meio, erra em um momento essencial: ela não leva em conta a infinita complexidade da luta que se desenvolve no interior do organismo e nunca permite que se calcule e se liberte de antemão o comportamento do homem, que nunca se manifesta senão no desfecho dessa luta. O meio não é algo absoluto, exterior ao homem. Não se consegue nem sequer definir onde terminam as influências do meio e começam as influências do próprio corpo (Vygotsky, 2004, p. 71).

Os jogos afetivos realizados na vida adulta são, em grande parte, uma reprodução dos jogos aprendidos nessa primeira infância. Aprendemos um padrão, estratégias que vão passar a ser *standard*, que vão passar a ser modelos para lutar no mundo:

Inconscientemente, quase todos os homens insistem na diáde. Quando estão diante de um problema, na incapacidade de resolvê-lo, desencadeia-se a coação a repetir. O sujeito não é novo nas soluções, mas repetitivo. O indivíduo pode ter perdido a mãe biológica, mas continua a agir em dupla. Não pode viver sozinho; para viver, precisa sempre de uma ligação (Meneghetti, 2010, p. 238).

Dito isso, quando nós, indivíduos, somos formados com determinados condicionamentos, podemos desenvolver uma inibição, por exemplo, que nos impede de agir de acordo com o nosso egoísmo mais vital, com o nosso projeto de vida, com o nosso Em Si ôntico.

Quando o sujeito não realiza o próprio projeto, o próprio Em Si ôntico, verifica-se que o modo como escolhe sua vida está em antítese, em contradição à dimensão do seu projeto de natureza. O sujeito, assim, atua sempre sob a ótica de sabotar o melhor de si e em hipótese alguma rompe a zona de conforme que esse

condicionamento, que esse estereótipo lhe proporciona. Esse mecanismo atua em todas as esferas da vida: nas relações, nas emoções, na economia etc. (Accorsi, 2023, p. 106).

Outro aspecto que se espalha para a vida econômica, negócios, carreira diz respeito à autossabotagem enquanto *desinformação desejada*, isto é, o sujeito não se informa sobre aquele investimento, sobre o movimento que quer fazer, não porque seja preguiçoso ou não tenha formação técnica e conhecimento: na verdade, ele evita a forma natural do conhecimento naquele setor que seria fácil entender e persiste sobre uma pulsão que, ao final, é a desgraça contra si mesmo.

Na autossabotagem, a desinformação ocorre porque a pessoa não colhe as informações de modo exato e escolhe somente aquilo que é conforme à própria convicção, e não aos dados factuais do contexto econômico-social no qual a pessoa se encontra. O sujeito procura a informação que gratifica a própria convicção infantil, mas não o fato econômico em si. A autossabotagem, então, ocorre quando o sujeito, na convicção de si mesmo, coloca em realidade causas concretas da própria frustração e perda econômica (Accorsi, 2023, p. 111).

O que se nota é um amor infantil, uma estratégia primária para não causar prejuízo contra si mesmo. Tratamos como estratégias primárias tudo aquilo que fazíamos na infância e hoje repetimos no automático como, por exemplo, uma birra, um choro, uma “chateação” etc. Tudo isso, esse processo de autossabotagem, no fundo, não é contra os outros, o mal é sempre contra si mesmo. Consequentemente, contudo, ele passa também àqueles que estão unidos ao operador, passa àqueles que estão dentro de um projeto com ele. Aquele que produz mal ao outro, no fundo, o faz porque já arruinou a si mes-

mo; ou seja, precisa agredir o outro fora, porque eu não se suporta dentro.

Diante disso, caberá ao sujeito agir autenticamente, conforme a inteligência que a vida lhe deu. Ou seja, é ser capaz de uma autogestão evolutiva de si mesmo. Deve haver um investimento, uma variação radical do comportamento a fim de identificá-lo à intencionalidade do próprio Em Si: esse movimento se chama *metanoia*; palavra de origem grega que significa mudar a mente, reaprender a si mesmo segundo a ótica da própria identidade de natureza: “A sua essência é o desinvestir-se continuamente do passado e o constituir-se sobre a funcionalidade imediata do sujeito aqui e agora, segundo a seleção do Eu a priori” (Meneghetti, 2021b, p. 180). É importante, portanto, reiterar que buscar solução no outro, buscar um tipo de receita é já estar fora da própria identidade. O líder é aquele que, na solução de um problema, pode ouvir todos, mas na sua decisão é sempre solitário. Porque é a intuição a verdadeira fonte das soluções para um verdadeiro líder.

Por fim, cabe a reflexão sobre estratégias possíveis para avançar no trabalho de identificação dos próprios mecanismos de autossabotagem: “a estrada à própria verdade passa exclusivamente por parâmetros de rigorosa interioridade” (Meneghetti, 2014a, p. 15). Uma das formas é buscar identificar hábitos não funcionais, em que momentos e de que modo eles ocorrem. É neles que a autossabotagem é gestada e gradualmente passa a determinar a vida de quem a executa, pois se fortalece à medida que não mudamos.

A superação do ciclo de autossabotagem não pode ser encarada como algo superficial ou uma reeducação apenas externa. O movimento

intencional do erro contra si mesmo deve ser investigado a partir do modo como operamos, ou seja, a partir das bases que sustentam nosso modelo mental (Accorsi, 2023, p. 79).

3.2 Capacidade de estabelecer relações evolutivas

Somos uma espécie eminentemente gregária. Aristóteles (2021a) afirma, em *A política*, que, muito mais do que a abelha ou outro animal gregário, o homem é um animal social. Vivemos cercados de pessoas o tempo todo. As relações que desenvolvemos com elas passam a interferir de forma direta e indireta em nossa vida. Por isso se diz: “Ninguém é uma ilha”.

Quando refletimos sobre o desenvolvimento da capacidade de gestão evolutiva de nós mesmos como um ativo fundamental para a construção da própria liderança, devemos ter em mente que o aspecto relacional está no centro de tal competência. A gestão exitosa das relações depende essencialmente de como se posiciona nossa personalidade no social. Dessa forma, pode-se dizer que a arte de construir bem a si mesmo e realizar com sucesso os próprios projetos depende também da boa administração das relações. Por relações, entendemos desde aquelas mais próximas, como a família e os amigos, até as mais casuais. Nosso objetivo, aqui, ao posicionar a capacidade de estabelecer relações evolutivas como uma *self skill*, é deixar clara a importância das relações, de que modo essa capacidade pode ser desenvolvida, bem como destacar a relevância de se ter autonomia dentro delas e como mover-se, para que se possa crescer e se desenvolver.

Há uma máxima de Jim Rohn que diz: “Somos a média das cinco pessoas com quem mais

convivemos”. Mais do que uma frase de efeito, existe uma sabedoria profunda nessa afirmação. A premissa que a sustenta é a de há uma correspondência de *mindset* entre as pessoas com as quais mais se convive. Somos responsáveis pelas nossas escolhas relacionais. Se alguém, por exemplo, permanece mais tempo com pessoas reativas, que não possuem uma visão positiva da vida, que reclamam que tudo é difícil, que nada vai bem, que dizem o tempo todo o quanto é difícil construir uma carreira ou ter dinheiro, tal pensamento, pouco a pouco, vai habitando o modo de pensar dos sujeitos daquele grupo, pois existe uma dimensão de cada um que se alinha àquele *mindset*. O *contrario sensu* também vale: ao nutrir relações com pessoas que possuem um *mindset* de crescimento, com uma visão mais construtiva e positiva, esse também será o *drive* de compreensão do mundo que se sobressairá (Accorsi, 2023).

Certamente, a frase de Rohn nos remete à inalienável responsabilidade pela escolha das nossas relações.

Responsabilidade, do latim *respondere*, é justamente a nossa capacidade de responder às necessidades do próprio íntimo – à nossa ambição – e ao social – à ação histórica. Responsabilidade, portanto, é a capacidade de você ser um adequado mediador e responder àquilo que seu íntimo, a sua ambição deseja; bem como àquilo que demanda o social, as oportunidades do social, as circunstâncias do social (Accorsi, 2023, p. 130).

Em nosso inconsciente, como resíduo das primeiras aprendizagens da infância, temos a ação do complexo, que nos força a sermos sempre do mesmo modo, realiza uma seleção do mundo. De modo inconsciente, selecionamos somente aquilo que é cômodo ao complexo,

que “polariza toda a direcionalidade do sujeito, determinando-o a colher apenas algumas coisas, e não a totalidade que se impõe à sua vista. *O complexo sempre age de modo inconsciente*. Manipula o ambiente [...]” (Meneghetti, 2011, p. 71). Dessa forma, também escolhemos as relações segundo essa orientação inconsciente: selecionamos relações que são cômodas ao nosso complexo – “O sujeito acorda, suscita e atrai na esfera da sua patologia somente aqueles que, desde a infância, são pré-constituídos àquela seleção temática do complexo presente no sujeito portador” (Meneghetti, 2011, p. 70) – e nunca aquelas que vão nos desconfortar, contestar e provocar ao crescimento.

Um líder, em qualquer campo, está sempre em crescimento. Assim, não é inteligente investir somente naquelas relações confortáveis, ou seja, com aquelas pessoas que sempre concordam conosco, uma vez que é nas relações que nos contrapõem, desafiam, que nos desenvolvemos e crescemos.

Os melhores clientes nos informam, são *radars de bom gosto*, de qualidade, de bom senso; portanto, um profissional [...] deve ouvir, não todos, mas apenas aquele grupo dos melhores, ou seja, aqueles que crescem socialmente e sobretudo economicamente, isto é, aquelas pessoas que junto com o líder estão qualificando a riqueza no contexto social onde ele opera (Meneghetti, 2021a, p. 151, grifo do autor).

Quando estamos falando de administrar as próprias relações, significa compreender e, por vezes, mudar alguns estereótipos de comportamento. Por exemplo: a permanente necessidade de estar com alguém, ou seja, não saber ser só; a necessidade de falar tudo para todos; a dificuldade de dizer “não”; a necessidade de ter sempre razão nas relações etc. É importante perceber

ber que, desde a Antiguidade, sabe-se o quanto é importante cultivar momentos de solidão para que se tenha uma reflexão mais profunda sobre si mesmo e sobre as relações – “A solidão é a sorte de todos os espíritos excepcionais” (Schopenhauer, 2022, p. 48). Contudo, a nossa sociedade criou um estereótipo negativo sobre a solidão, segundo o qual devemos estar sempre cercado de outras pessoas. O filósofo Zygmunt Bauman (1999) diria que isso é fruto da “insuportabilidade de si mesmo”.

Pensando na relevância da nossa capacidade de estabelecer relações evolutivas, abre-se a questão sobre o entendimento e o posicionamento nas relações. Existe uma lógica precisa que consente o melhor posicionamento de si mesmo. Para ilustrar o mundo das relações no qual estamos inseridos, imagine uma pequena esfera: no centro está o indivíduo. Essa primeira relação é aquela que mantemos nossos pensamentos, memórias, emoções, inteligência, integridade orgânica (saúde). Numa segunda esfera, tem-se a dimensão das relações afetivas, na qual estão compreendidas as referências afetivas, sexuais, de amor e amizade; aquelas referências de valor absoluto, como família e amigos. Uma terceira esfera, maior e mais distante do centro, é a das relações de trabalho e estudo. Aqui, estão discriminados os colegas de trabalho, de universidade, colaboradores, sócios etc. Para fechar o ciclo das relações, temos um último círculo, que é a esfera social, e este envolve as leis e normas da sociedade. Está incluído nela o mundo dos negócios. Uma vez apresentada essa estrutura do indivíduo em sociedade, nas relações, como se posicionar com inteligência nas diferentes esferas ou dimensões da vida? Cada dimensão tem a sua precisa lógica. A re-

lação consigo mesmo responde a uma lógica, a relação dos afetos à outra e assim por diante. O erro começa quando as lógicas se confundem. Na atividade empresarial, muitas vezes, um líder coloca-se em problema ao administrar seus colaboradores com uma lógica puramente afetiva familiar, por exemplo (Accorsi, 2023). É preciso “saber jogar sobre o fio da navalha no tabuleiro social” (Meneghetti, 2021a, p. 31).

Por fim, ao abordamos esta *self skill*, cabe mobilizar uma noção cara à proposta que aqui evidenciamos: a autonomia. “Autonomia, do grego *autòs* = si mesmo e *nòmos* = lei, regra. Significa a capacidade e liberdade de viver segundo as próprias regras” (Accorsi, 2021, p. 72). Logo, autonomia corresponde à liberdade com responsabilidade, sendo um importante critério para tomadas de decisões nos contextos relacionais. Meneghetti (2013b) indica a relevância do desenvolvimento de três principais tipos de autonomia no processo formativo: a econômica, a existencial e a afetiva. Assim, é fundamental questionar-se constantemente se, no âmbito de dada relação, há espaços de autonomia. “O homem realiza-se somente adquirindo o hábito de uma *liberdade de libertação*” (Meneghetti, 2015b, p. 18, grifo nosso).

3.3 Capacidade de perceber as próprias variações emotivas e gerir respostas funcionais

Quando pensamos na gestão de projetos, negócios ou mesmo da própria carreira, sabemos o quanto as emoções são determinantes. Uma resposta inadequada em um determinado contexto, fruto de uma forte variação emotiva, pode arruinar algo que está sendo gestado

há meses ou anos. Ao falarmos da capacidade de gestão evolutiva de nós mesmos – as *self skills* – e do quanto elas são importantes para a liderança, sem dúvida, precisamos discutir e compreender o universo das emoções. Estudos como o de Barbosa (2018) apontam para o fato de que 58% do desempenho de um profissional está correlacionado com seu grau de inteligência emocional. Logo, compreender e gerenciar suas respostas a emoções e sentimentos está diretamente relacionado com o grau de sucesso que um líder alcançará em seus projetos. Diante da importância do tema, problematizaremos, nesta seção, o que usualmente se nomeia como “gestão das emoções”, abordando a questão em toda a complexidade que abarca a compreensão acerca das respostas às variações emotivas.

Estudos sobre as emoções estão presentes desde a Antiguidade. Encontramos verdadeiras teorias sobre as emoções em Platão (*Fedro*, *A República*, *Banquete*) e Aristóteles (*Ética a Nicômacos*, *Retórica*). O Estoicismo, por exemplo, dedica muita atenção a esse aspecto do humano. Quer em Sêneca (*Cartas a Lucílio*), quer em Epicteto (*A Arte de Viver Melhor*), pode-se ler sobre a busca de uma boa vida, sobre a felicidade e a busca pela virtude.

O que é, portanto, o que deve ser evitado? A multidão diz: a dor. Mas a dor não é um mal a ser evitado; ela é, na verdade, um meio pelo qual até o maior bem nos é trazido, a sabedoria... Qualquer um que não saiba suportar isso nobremente, que não possa enfrentar a dor com coragem, que põe de lado a integridade, moderação e verdade, não sabe suportar a dor (Sêneca, 2014, carta 71).

A única coisa sobre a qual você tem controle é a sua mente. E isso lhe garante poder suficiente porque a sua mente é origem de todas as suas escolhas, ações e percepções (Epicteto, 2021, n. 1).

É dessa visão que nasce, por exemplo, a expressão “calma estoica”: os estoicos buscavam a tranquilidade mental como virtude para o sábio. Para aqueles interessados sobre a história do pensamento humano no Ocidente, cabe pesquisar também sobre o Epicurismo. Esse sistema filosófico levava muito a sério o mundo das emoções e entendia que o homem sábio deveria buscar aquilo que chamam de ataraxia: “imperturbabilidade”, “ausência de preocupações”.

Ainda, grandes pensadores como Piaget (*A Psicologia da Inteligência*), Vygotsky (*Pensamento e Linguagem*, *Psicologia Pedagógica*), Wallon (*As Origens do Pensamento na Criança*), Myers (*Psicologia*); até os mais contemporâneos como Damásio (*Erro de Descartes*), Goleman (*Inteligência Emocional*), Gardner, com as Inteligências Múltiplas (*Frames of Mind: The Theory of Multiple Intelligences*), dentre outros, dedicaram-se à compreensão das emoções.

A palavra “emoção” encontra suas raízes quer seja no grego, quer no latim. Sua origem etimológica latina é *actio me agit* = a ação me agita. Pode-se definir a emoção como uma reação orgânica (ou neuro-orgânica) por variação psíquica, ambiental ou de relação. Isto é, é uma reação a um estímulo ambiental e cognitivo que produz tanto experiências subjetivas quanto alterações neurobiológicas significativas. Está associada ao temperamento, personalidade e motivações tanto reais quanto subjetivas. Nas emoções, entra em jogo também tudo aquilo que é nossa realidade inconsciente, aquele imenso mundo que age em nós, mas do qual não temos conhecimento (Accorsi, 2023).

Há, ao menos, dois fatores importantes nesse

conceito clássico de emoção. Primeiro: a emoção é uma reação, ou seja, *é um póstumo*, é um depois de algo que já ocorreu. É uma resposta, embora, muitas vezes, as pessoas entendam erroneamente achando que a emoção é um primeiro causante. Segundo fator: essa resposta pode ser a algo real ou imaginário, fictício. Analisemos alguns exemplos: (a) Sentir medo na presença de uma cobra, julgando-a como uma ameaça, por ser venenosa. É uma emoção provocada por algo real; (b) Sentir medo sempre que entrar na água. É um medo oriundo de algo que, embora vivido com realidade para aquele que vive, nem sempre encontra correspondência com o real em si. Não podemos dizer que é universalmente real o fato de um adulto sentir medo, sentir-se em risco ou ameaçado sempre que, por exemplo, coloca os pés no mar ou entra em uma banheira. Tais respostas não seguem apenas o arco reflexo⁷, mas há também uma passagem mental; e no mundo mental, muitas vezes, o real e o imaginário se confundem, especialmente devido à nossa realidade inconsciente.

Então, as premissas estão colocadas: a realidade do nosso inconsciente é determinante e impõe grande dificuldade na gestão das emoções; as emoções são uma reação e esta pode ser a algo real ou imaginário. Logo, nosso desafio é nos responsabilizarmos *sobre* o próprio mundo inconsciente e pelos próprios pensamentos e imagens mentais espontâneas. Aqui, entra outra questão importante e que impacta o mundo emocional: pensamentos produzem rea-

lidade. Gerir as próprias respostas às variações emotivas está relacionado também a saber administrar os próprios pensamentos. Precisamos pensar em inteligência sobre o aspecto emocional, muito mais do que gestão *das* emoções (Accorsi, 2023).

Igualmente, precisamos refletir um pouco sobre nosso psiquismo. Considerando que a realidade do inconsciente representa a maior parte da atividade psíquica humana, fica evidente a dificuldade em administrar o próprio mundo emocional, pois somos quase totais desconhecedores sobre como ele opera: observamos somente aquilo que é sua manifestação, fenomenologia. Sob o ponto de vista do nosso Eu histórico, podemos dizer que somos muito mais geridos pelas nossas emoções do que gestores delas. Basta pensar, por exemplo, nos eventuais acessos de raiva ou de tristeza. Quantas vezes não os controlamos e sequer sabemos bem quais são os seus gatilhos. Essas emoções e todas as outras são apenas o que podemos chamar de momento fenomênico.

A emoção é uma reação imediata a um estímulo, *algo que não envolve pensamento*:

Reação orgânica (ou neurorgânica) por variação psíquica, ambiental ou de reação. Dinâmica psíquica que configura o sujeito como objeto sensório. Variação organísmica com ruptura do limiar de norma do equilíbrio constante. Exatamente, é o acontecimento psicossomático, ou o deslocamento do psíquico em efetividade mensurável também com critérios químico-eleto-físicos no interior do organismo humano (Meneghetti, 2021b, p. 91).

Já o sentimento envolve um alto grau de componente cognitivo, de percepção e avaliação de algo: “Variação sensória ou emocional *refletida e participada ao Eu consciente*” (Meneghetti,

7 “‘Arco reflexo’ é uma resposta automática sem o uso da consciência ou da reflexão, segundo a qual um estímulo recebido pelo nervo é instantaneamente respondido sem a necessidade de uma elaboração” (Accorsi, 2023, p. 158).

2021b, p. 91, grifo nosso). As emoções é que dão origem aos sentimentos. *Emoção é reação; enquanto sentimento é construção*. O medo, a tristeza, a alegria, a raiva e o afeto são emoções. Já ansiedade, desconfiança, vergonha, amor, perdão, bondade são elaborações, construções que realizamos a partir das reações emotivas; ou seja, são sentimentos.

De maneira objetiva, didática, podemos dizer que a emoção é um terceiro capítulo de uma história que já vem sendo contada. A reação emotiva – lembrando que emoção é uma reação, pois a emoção é um reflexo da mente no nosso corpo – é o terceiro momento dinâmico de algo. O *primeiro momento* é pura atividade psíquica, é intencionalidade. O *segundo momento* é o da formalização dessa intencionalidade em imagem – todo o proceder psíquico humano ocorre por meio de imagens, nossa mente funciona por meio de imagens. E o *terceiro momento* é o emotivo.

Acompanhemos este exemplo: tenho a intenção de fazer um investimento novo, ou mudar de carreira, ou mudar de empresa. Existe o momento intencional. Penso sobre isso, formulo hipóteses mentais. A intenção se faz imagem, ideia, pensamento. Porém, advém o medo que me paralisa. Essa é a resposta emotiva, possivelmente a elementos reais, mas também a aspectos não comprovadamente reais. Na verdade, observo que a maioria dos medos paralisantes são motivados por coisas irreais. Travamos nosso desenvolvimento por coisas que sequer existem de fato. Depois, elaboro sentimentalmente tudo isso. Penso que, na verdade, não seria o caso de levar à frente esse projeto, porque não existem as condições necessárias, ou penso que não é bom “trocar o certo pelo duvidoso” etc. Encontro uma justificativa racional para manter-me na minha zona de conforto (Accorsi, 2023, p. 162-163).

Portanto, por mais que profissionais que

buscam alta *performance* constantemente pratiquem, por exemplo, o *habit tracking*, visando estratégias de medição de hábitos e de tempo de realização de tarefas que forneçam informações preciosas sobre como podemos mudar reações indesejadas ou incorporar novas habilidades, elas são apenas mais uma ferramenta que, sem uma gestão qualificada e conhecimento aprofundado da *origem* de emoções e padrões comportamentais, não são suficientes para levar o líder aonde ele deseja chegar.

Feita essa etapa da discussão, ao retomarmos a *self skill* que dá título a esta seção, capacidade de perceber as próprias variações emotivas e gerir respostas funcionais ao contexto, vemos que essa competência se abre em dois aspectos: o primeiro diz respeito à autopercepção; já o segundo, à gestão da reação que teremos após a vivência daquela emoção.

Nosso corpo é um radar incrível, porém não utilizado. Somos muito ausentes a nós mesmos. Toda a emoção pessoal, por óbvio, se dá pela via do corpo. Se estamos atentos ao nosso corpo, a tudo aquilo que são as linguagens verbais e não verbais, as imagens e os pensamentos que surgem de modo repentino, gradualmente passamos a ampliar nossa capacidade perceptiva, e isso significa o maior uso da própria inteligência. Para ilustrar essa questão da percepção, podemos fazer uma analogia com o mundo animal: os pássaros, por exemplo, são alegres, comem, brincam, cantam, mas, ao mesmo tempo, estão sempre atentos, vigilantes. Um grande homem, igualmente, é sempre vigilante, sempre atento. De modo contrário, o “viver no automático” retrata uma ausência de responsabilidade por si mesmo e, por decorrência, a impossibilidade de perceber o que ocorre (Accorsi, 2023).

Por fim, temos a questão da *gestão da resposta*, ou seja, gerir respostas funcionais ao contexto. Somos sociais, vivemos em grupos; nossos projetos, negócios, nossa ambição é realizada também por meio de outras tantas pessoas. Como se diz sempre: não somos uma ilha. Especialmente o mundo de liderança passa por um jogo no social, um acordo com muitos, um ser solução para outros. A construção do protagonismo está diretamente ligada à capacidade de se mover no social, se mover junto aos outros. Saber gerir respostas funcionais ao contexto, quando falamos das nossas emoções, é ter sempre em mente que toda ação tem uma reação, é compreender que existe o modo e o momento certo para nossos posicionamentos. É sair do mundo do automático e entrar no mundo da autogestão. É ser um arquiteto, um artesão na construção de si, diariamente (Accorsi, 2023). “É a dedicação e o empenho em construir o valor pessoal que desenvolve a competência para aperfeiçoar o social. É a irradiação da vida pessoal realizada que aperfeiçoa o humano e o social” (Vidor, 2013, p. 94).

3.4 Capacidade de construir um estilo de vida em coerência com o universo da liderança

Ao longo da história da humanidade, algumas máximas, alguns pensamentos se perenizaram exatamente pela sua força e correspondência com os valores profundos da vida, ou com aquilo que Husserl (2012) chamava de *mundo da vida*. Voltamos-me novamente, para exemplificar, aos pensadores da Antiguidade: Protágoras e Sócrates.

Protágoras de Abdera tinha uma máxima: “O

homem é a medida de todas as coisas, das coisas que são, enquanto são, das coisas que não são, enquanto não são” (Platão, 2017, p. 11). Assim, Protágoras nos aponta que o desafio está na revisão e evolução da nossa consciência, na forma de vermos a nós mesmos e ao mundo. O mundo se revela na medida em que você se revela para o mundo, a partir de sua identidade de natureza. Se sou a medida de todas as coisas e se pelo modo como vivo não me sinto feliz e realizado, preciso ampliar essa medida. Isso significa que, a partir da minha medida, conheço aquilo que a minha medida permite compreender. Se vivo, ou meço a vida como algo difícil, assim será. Se pelo limite da minha consciência, pelo modo com que ela mede o mundo, eu metabolizo coisas e relações que não são funcionais à minha evolução, só posso pagar as consequências.

Sócrates, por sua vez, teve sua jornada de autoconhecimento inspirada pela inscrição existente no pórtico do Templo de Apolo (em Atenas), que dizia: “Conhece-te a ti mesmo e conhecerá o universo e os deuses”. Ou seja, a passagem para a realização de nossas ambições, para construção de uma vida melhor, encontra-se na compreensão e no desenvolvimento de si.

Somos um projeto da inteligência da vida, da imensa vida que produz tantas maravilhas. Vivemos, ou melhor, fazemos parte da mesma ordem que encontramos em toda a natureza. O desafio é compreender o próprio projeto de natureza e mudar aqueles modelos presentes na própria consciência que impedem o viver segundo essa ordem de natureza e a realização desse projeto. Mudar a própria consciência é ampliar a medida; é fazer *metanoia*: “Variação radical do comportamento para identificá-lo à

intencionalidade do Em Si. Reorganização em evolução progressiva de todos os modelos mentais e comportamentais” (Meneghetti, 2021b, p. 180, grifo nosso).

A máxima socrática, portanto, é autoevidente. Como já dito, fazemos parte da inteligência da vida. Nossa angústia ou sentimento de frustração é a evidência de que estamos conduzindo nossa existência – nosso trabalho, nossas relações, nossas ideias, nossas verdades – em descompasso com nosso projeto de natureza, que se manifesta em nosso *core business* (Accorsi, 2023). Quanto mais compreendemos e agimos nossa identidade, mais estamos em compasso com aquela informação que nos sustenta e produz bem-estar e desenvolvimento integral – “se conseguirmos fazer uma pedagogia que consinta o desenvolvimento do projeto de natureza, temos como resultado o indivíduo antes de tudo sadio e, depois, capaz de realizar a própria existência de modo criativo” (Meneghetti, 2021b, p. 213).

Voltamos, então, a um ponto fulcral à concepção aqui defendida: o desenvolvimento integral. O que se entende por desenvolvimento ou realização integral no contexto desta metodologia? Entende-se que o ser humano é uma totalidade, é um holístico dinâmico em ação existencial. Somos um todo que compreende o físico, o social, o econômico, o psicológico e, principalmente, o espiritual. Integral significa que, por meio de nossas ações, do nosso estilo de vida, constatamos evolução e sanidade em todas essas dimensões. É completa ilusão achar que, por exemplo, apenas a realização econômica produzirá harmonia e satisfação. É fundamental o aspecto econômico, mas não é uma dimensão isolada. Por meio da realização

de muitas pequenas coisas, devemos promover uma maturação constante de nós mesmos. Trata-se de evoluir a tensão, a aspiração que, naturalmente, cada homem sente em si: “a oportunidade de conviver com a vida realizada, com o escopo centrado, com tensão à própria alegria. *Existir para ser*” (Meneghetti, 2021, p. 313, grifo nosso).

Entramos, por fim, na temática central desta seção: a importância do estilo de vida para o líder. Essa temática, embora muito pouco abordada nas escolas de formação voltadas à liderança, é fundamental, diríamos que é central. “Existe constantemente uma situação de apoio no viver cotidiano”; logo, para cada indivíduo e, principalmente ao líder, “é importante que as próprias coisas sejam representativas de sua eficiência” (Meneghetti, 2021a, p. 69). O estilo de vida, ao final, é determinante para o líder ou para aquele jovem que deseja formar-se nesse âmbito. Todo grande homem, cedo ou tarde, se dá conta de que o jogo se ganha também fora das linhas do campo. Ou seja, se dá conta da importância e do impacto do seu mundo privado na construção de seus projetos. A vida privada, a um só tempo, é fonte de poder e regeneração da própria inteligência; e, quando mal administrada, é semente do erro contra si mesmo. Conforme abordamos na seção sobre autossabotagem, o erro, quando ocorre, não advém do externo, do mercado, do colaborador, do sócio, mas do modo como administramos a nós mesmos, do modo como somos verdadeiros amigos ou inimigos de nós mesmos.

Por estilo de vida, compreende-se todo o mundo mais próximo ao líder e que, muitas vezes, é administrado de modo superficial, por se achar que uma coisa é a lógica do poder e

da economia, outra é a da vida privada. “O valor único de cada um é intransferível e, em seu ponto de partida, é um projeto potencial que não pode conformar-se a uma mediocridade social” (Vidor, 2013, p. 60). Nosso estilo de vida envolve desde nossas relações afetivas, sexo, amigos, cultura, política, música, bebida, leituras, drogas etc.; até o mundo mental. Uma pessoa que deseja efetivamente realizar a si mesma, construir projetos de valor para si e para o social, deve, em primeiro lugar, ter atenção à própria interioridade. É aquilo que chamamos de “ecossistema mental” – “se quer o sucesso, é preciso pagar pessoalmente através de algumas mudanças internas” (Meneghetti, 2021a, p. 39, grifo nosso).

Assim, abordaremos alguns pilares a serem observados na construção de um estilo de vida cônico à liderança. O primeiro consiste na importância da própria casa como extensão e reforço – ou redução – de si mesmo. Nossa casa, o local onde habitamos, é onde estamos mais abertos e disponíveis; logo, deve ser uma extensão de nossa identidade, um reforço quando chegamos das batalhas do cotidiano. “Ordem produz ordem, desordem produz desordem”; portanto, é fundamental cuidar do próprio ambiente, em especial do próprio quarto, da cama, onde passamos tantas horas... Igualmente, é fundamental ter atenção para não sermos eternos provisórios de nós mesmos: “‘Amanhã arrumo’, ‘Amanhã vai ficar como quero’... um amanhã que nunca chega, e assim sou diariamente amassado, coisificado, objetificado pelo ambiente que deveria me fazer mais” (Accorsi, 2023, p. 180).

O segundo aspecto sobre o estilo de vida é a questão da própria fisionômica e do reforço

contínuo da própria imagem, tendo em vista que, em Ontopsicologia, proposta de compreensão do humano com a qual coadunamos, a estética, enquanto inteligência dos sentidos, é uma dimensão fundamental:

O fato que, segundo o tipo de cultura corrente, o ser belo seja considerado secundário – ou possível somente para alguns – é devido exclusivamente ao limite pelo qual se analisa o homem, mas indagando ao infinito a natureza em todos os seus aspectos, nota-se que há sempre uma preocupação da ordem para o belo. Não existe na natureza – quando é deixada fluir em si mesma – algo de feio: do pequeno líquen ao grande baobá, tudo vai em uma forma de cuidado até o último detalhe. *O belo não é uma opinião, mas é uma projeção do que a inteligência da natureza plasma* (Meneghetti, 2020, p. 52, grifo do autor).

É preciso sermos pragmático: podemos achar que é indiferente como nos vestimos, nossa apresentação. Porém, no mundo do trabalho e da liderança, a fisionômica não pode ser desprezada. Aquela máxima segundo a qual nossa imagem é o primeiro cartão de visita deve ser, ao menos, observada. É claro que não estamos defendendo aqui o uso de determinadas grifes ou modismos, também é óbvio que uma pessoa não deve ser medida simplesmente por como se veste. Entretanto, é preciso observar o aspecto da fisionômica em relação ao escopo almejado. O escopo, o objetivo é que determina; a fisionômica deve ser função ao escopo: “O belo é o prazer quando se torna mais ser” (Meneghetti, 2020, p. 274).

Como terceiro aspecto, tem-se o tempo livre, algo precioso mas também desafiador. Quando estamos focados em nossas atividades profissionais, geralmente, mantemos certa *performance*, estamos atentos. O desafio é quando, cumpridas

as nossas demandas, resta-nos o tempo livre. Infelizmente, aquilo que se constata é que esse tempo, que deveria ser utilizado como reforço de si mesmo, de ampliação do próprio limiar cultural, é perdido; joga-se fora o tempo livre com superficialidades, seguindo os velhos estereótipos de todos. Muitos, por “fugir” da solidão do tempo livre, jogam-se em relações ou circunstâncias que reduzem a si mesmos. Enfim, a lógica da liderança, por coerência, implica uma trajetória distinta, e o tempo livre deve ser cultivado com o máximo zelo em função do reforço da própria identidade. Sem este refinamento do cotidiano, dificilmente se chegará à alta *performance* (Accorsi, 2023).

Uma última consideração: quando se é líder, cada ação impacta e é referência para muitos. Então, o próprio estilo de vida também é escola para aqueles que estão no entorno do líder. Impacta sua vida e impacta, também, suas relações pessoais, seus liderados, enfim, todo o ecossistema do líder (Accorsi, 2023).

4 Considerações Finais: convite à ação vencedora

Existe um posicionamento em ciência que sustenta que um conhecimento só é verdadeiramente válido se é práxis existencial, se possui uma função para a construção de uma vida melhor. Essa talvez seja a essência da produção do conhecimento. Criamos, inventamos, refletimos para melhorar a vida. “Cada descoberta diminui o limiar de ignorância do homem acerca daquilo que ele já é” (Accorsi, 2023, p. 187-188). Como sustenta o hinduísmo, o esclarecimento retira véus de Maya na direção de colhermos a essência das coisas e a essência de nós mesmos.

A perspectiva das *self skills* é nova, mas transformará a visão de desenvolvimento de pessoas e, em especial, a formação dos líderes. O caráter inovador desta proposta (Accorsi, 2023) é não apenas trazer luz às *self skills*, mas conceituá-las e apresentar de modo prático como tais competências podem promover a construção de uma vida efetivamente próspera, viver a grandeza do valor que a vida deu a cada um. Essa deve ser sempre nossa maior provocação: contínua responsabilização pelo nosso valor. Ter a capacidade de revisão de nós mesmos, de renovada autorresponsabilização na direção de nosso melhor. A realização vencedora externa é sempre materialização de um potencial interno, de alma.

Conceituamos *self skills* como uma “capacidade de gestão evolutiva de si mesmo”, pois entendemos que esse é o elemento substantivo. Se – como propomos – é o nosso potencial de natureza e nossa personalidade que sustentam nossos projetos, nossa carreira, a autogestão evolutiva torna-se uma estratégia fundamental ao sucesso do líder.

O líder formaliza sua essência naquilo que constrói. É sempre o íntimo invisível de si mesmo que constrói as grandes realizações no externo. A proposta das *self skills* é justamente o endereçamento da sua consciência para que cada um realize na história aquilo que potencialmente já é.

A vida se faz. A autorrealização é fruto da formalização na história do potencial de natureza presente em nós. Assim, um grande potencial de pouco vale se não é materializado em ação vencedora. Assim, o líder se faz, se forja na ação vencedora. É preciso prosseguir sempre.

Referências

- ACCORSI, Ângelo. **Psicoterapia ontopsicológica: a formação do ontoterapeuta**. Curitiba: Appris, 2021.
- ACCORSI, Ângelo. **Self Skills: a chave para a liderança**. São Paulo: Liberare Books Internacional, 2023.
- ADLER, Alfred. **A ciência da natureza humana**. 6. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.
- ALLPORT, Gordon W. **Personality: a psychological interpretation**. New York: Holt, 1937.
- ARISTÓTELES. **A Política**. Tradução: Mário da Gama Kury. São Paulo: Madamu, 2021a.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômacos**. Tradução: Mário da Gama Kury. São Paulo: Madamu, 2021b.
- ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução: Vinicius Chichurra. Petrópolis: Vozes, 2022.
- BECK, Aeron T.; FREEMAN, Arthur. **Terapia cognitiva dos transtornos de personalidade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Ambivalência**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- BARBOSA, Renato de Souza. **Focus: inteligência emocional e design de produção**. Monografia (Graduação em Comunicação Visual e Design) – Departamento de Comunicação Visual, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.
- DAMÁSIO, António R. **O Erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- DELORS, Jacques *et al.* **Educação: um tesouro a descobrir: relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI**. Brasília: UNESCO Brasil; São Paulo: Cortez, 1996. Disponível em: http://dhnet.org.br/dados/relatorios/a_pdf/r_unesco_educ_tesouro_descobrir.pdf. Acesso em: 28 jul. 2023.
- EPICTETO. **A arte de viver melhor**. Tradução: Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2021.
- FRANKL, Viktor E. **Em busca de sentido**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- GARDNER, Howard. **Frames of Mind: The Theory of Multiple Intelligences**. 3. ed. New York: Basic Books, 2011.
- GOLEMAN, Daniel. **Inteligência Emocional: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente**. Tradução: Marcos Santarrita. São Paulo: Objetiva, 2012.
- HAGEL, John. **What Motivates Lifelong Learners**. Harvard Business Review, Organizational Learning, oct. 2021. Disponível em: <https://hbr.org/2021/10/what-motivates-lifelong-learners>. Acesso em: 27 jul. 2023.
- HIPOLITO, Karyne da Silva. **Educação financeira e economia comportamental: a importância da alfabetização financeira para crianças e adolescentes**. Monografia (Bacharelado em Ciências Econômicas) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.
- HUSSERL, Edmund. **A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental: Uma Introdução à Filosofia Fenomenológica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- KAHNEMAN, Daniel. **Rápido e devagar: duas formas de pensar**. São Paulo: Objetiva, 2012.

MASLOW, Abraham. **Introdução à Psicologia do Ser**. Rio de Janeiro: Livraria Eldorado, 1970.

MENEGHETTI, Antonio. **A psicologia do líder**. 5. ed. São João do Polêsine: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013a.

MENEGHETTI, Antonio. **A riqueza como arte de ser**. São João do Polêsine: Ontopsicológica Editora Universitária, 2021a.

MENEGHETTI, Antonio. **Campo semântico**. 4. ed. São João do Polêsine: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015a.

MENEGHETTI, Antonio. **Dicionário do Ontopsicologia**. São João do Polêsine: Ontopsicológica Editora Universitária, 2021b.

MENEGHETTI, Antonio. **Filosofia Ontopsicológica**. 5. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015b.

MENEGHETTI, Antonio. **Manual de Ontopsicologia**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010.

MENEGHETTI, Antonio. **Nova Fronda Virescit: em busca da alma**. 2. ed. São João do Polêsine: Ontopsicológica Editora Universitária, 2019. v. 3.

MENEGHETTI, Antonio. **Nova Fronda Virescit: introdução à Ontopsicologia para jovens**. São João do Polêsine: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014a.

MENEGHETTI, Antonio. **O Em si do homem**. 5. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editrice, 2004.

MENEGHETTI, Antonio. **OntoArte: o Em Si da Arte**. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2020.

MENEGHETTI, Antonio. **Os jovens e a ética ôntica**. Recanto Maestro: Ontopsicológica

Editrice, 2013b.

MENEGHETTI, Antonio. **Pedagogia ontopsicológica**. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014b.

MENEGHETTI, Antonio. **O Projeto Homem**. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2011.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução: Elaine Lisboa. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MYERS, David G. **Psicologia**. 11. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2017.

OLIVEIRA, Maíze Alves de. **Alfabetização financeira com crianças e adolescentes nas instituições de ensino**. Monografia (Bacharelado em Ciências Contábeis) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018.

PETRY, Ana Maris. **Prospecto histórico-científico do acadêmico Prof. Antonio Meneghetti**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.

PIAGET, Jean. **A Psicologia da Inteligência**. Petrópolis: Vozes, 2013.

PIAGET, Jean. **O juízo moral na criança**. São Paulo: Summus, 1994.

PLATÃO. **Alcibíades I**. São Paulo: Penguin-Companhia, 2022.

PLATÃO. **A República: ou Sobre a Justiça, Diálogo Político**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

PLATÃO. **Diálogos I: Teeteto (ou Do Conhecimento), Sofista (ou Do Ser), Protágoras (ou Sofistas)**. São Paulo: Edipro, 2017.

PLATÃO. **Fedro**. São Paulo: Penguin-

Companhia, 2016.

PLATÃO. **O Banquete**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2020.

ROBLES, Marcel M. Executive Perceptions of the Top 10 Soft Skills Needed in Today's Workplace. **Business Communication Quarterly**, [s.l.], v. 75, n 4, p. 453-465. 2012.

ROGERS, Carl R. **Tornar-se pessoa**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Aforismos para a Sabedoria de Vida**. 2. ed. São Paulo: Edipro, 2022.

SÊNECA. **Cartas a Lucílio**. 5. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2014.

SILVA, Rodrigo Sychocki da; REINHEIMER, Morgana Aline. **Educação financeira na escola básica: um experimento com modelagem matemática**. Educar Mais, [s.l.], v. 3, n. 2, p. 246-255, 2019.

SKINNER, Burrhus Frederic. **Ciência e comportamento humano**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

THALER, Richard H.; SUNSTEIN, Cass R. **Nudge: o empurrão para a escolha certa**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

VIDOR, Alécio. **A ciência humana de Cristo**. São João do Polêsine: Ontopsicológica Editora Universitária, 2019. v. 3.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **Pensamento e linguagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

WALLON, Henri. **As Origens do Pensamento na Criança**. São Paulo: Manole, 1989.

WORD ECONOMIC FORUM (WEF). **Relatório sobre o Futuro dos Empregos de 2023**: Espera-se que até um quarto dos empregos mude nos próximos cinco anos. News Release, WEF, 2023. Disponível em: https://www3.weforum.org/docs/WEF_Future_of_Jobs_2023_News_Release_Pt_BR.pdf. Acesso em: 28 jul. 2023.

A FUNÇÃO DO CORPO NOS MODOS DE PERCEPÇÃO E CONHECIMENTO EM ONTOPSICOLOGIA

Ana Regina Acosta Gonçalves¹, Horácio Shigueru Chikota²

Resumo: O presente trabalho objetiva verificar a importância do conhecimento organizmico para o conhecimento integral do ser humano, tendo como principal fundamento da pesquisa a Ciência Ontopsicológica. A partir de um estudo teórico bibliográfico de abordagem qualitativa, a pesquisa parte da compreensão de que o homem é constituído a partir de um princípio ontológico e, por isso, é intrínseco o apelo à realização integral; posteriormente, observa-se o papel da percepção organizmica nesse imperativo metafísico, o processo perceptivo-cognitivo do ser humano e a relevância do autoconhecimento para a realização do escopo primário individual.

Palavras-chave: Ontopsicologia; corpo; processo perceptivo-cognitivo; percepção organizmica.

The function of the body in the modes of perception and knowledge in Ontopsychology

Abstract: The present work aims to verify the importance of organismic perception to the integral knowledge of the human being, with the Ontopsychological Science as the main foundation of the research. From a theoretical bibliographic study with a qualitative approach, the research starts from the understanding that man is constituted from an ontological principle and, therefore, the appeal to integral realization is intrinsic; next, the research investigates the role of organismic perception in this metaphysical imperative, as well as the perceptual-cognitive process of the human being and the relevance of self-knowledge for the achievement of the individual primary scope.

Keywords: Ontopsychology; body; perceptual-cognitive process; organismic perception.

La función del cuerpo en los modos de percepción y conocimiento en Ontopsicología

Resumen: El presente trabajo tiene como objetivo comprobar la importancia del conocimiento organizmico para el conocimiento integral del ser humano, teniendo como principal fundamento de investigación la Ciencia Ontopsicológica. A partir de un estudio bibliográfico teórico con enfoque cualitativo, la investigación parte de la comprensión de que el hombre se constituye a partir de un principio ontológico y, por tanto, la apelación a la realización integral es intrínseca; posteriormente, se observa el papel de la percepción organizmica en este imperativo metafísico, el proceso perceptivo-cognitivo del ser humano y la relevancia del autoconocimiento para el logro del ámbito primario individual.

Palabras clave: Ontopsicología; cuerpo; proceso perceptivo-cognitivo; percepción organizmica.

¹ Graduada em Administração (UNOPAR), Graduada em Ontopsicologia (AMF). E-mail: acosta.anaregina@gmail.com.

² Especialista em Patologia e Citopatologia (UFSC), Especialista em Psicologia com abordagem em Ontopsicologia (Universidade Estatal de São Petersburgo/Rússia), Graduado em Medicina (UFSC). Professor (AMF). E-mail: hc@imp.med.br.

1 Introdução

O presente estudo busca demonstrar a importância do conhecimento das manifestações e variações corpóreas e o impacto que este conhecimento perceptivo pode representar nas esferas tanto pessoais quanto profissionais, destacando o fundamento da Ciência Ontopsicológica, que com seu método bilógico - lógica indutiva-dedutiva e a novidade das três descobertas próprias desta ciência (campo semântico, Em Si ôntico e monitor de deflexão³) - reconhece o homem e o estuda como uma totalidade, como indivisível, diferentemente do paradigma predominante na ciência, que estuda o ser humano de forma “compartimentada”, com cada área se ocupando de um aspecto. Se a ciência é resultado do desenvolvimento humano e um meio de progresso, não se pode ignorar o aspecto subjetivo do homem: para se fazer uma ciência que seja capaz de compreender o humano, é preciso usar todo o ser humano.

A Ontopsicologia possui um método capaz de resgatar o mais profundo essencial do ser humano, que faz o elo com a totalidade da vida, para caminhar em unicidade ao verdadeiro que se é, a alma e seus desdobramentos. Portanto, a centralidade deste trabalho de conclusão de curso é resgatar que, substancialmente o ser humano “é”, mas devido a uma gama de acontecimentos históricos psicológicos, por escolhas errôneas perdeu o ponto de si, e sobretudo a exatidão da própria inteligência corpórea, e que, para atingir a verdadeira realização histórica, o primeiro passo é conhecer o próprio corpo, que é a bússola para caminhar ao encontro

do real de si mesmo, para compreender de fato a sua originalidade. Logo, a partir do momento em que se compreende o ser humano como uma unidade, é realmente possível discorrer sobre o exato conhecimento.

A problemática central deste estudo consiste na seguinte pergunta (problema de pesquisa): “Qual a importância da percepção organísmica para o conhecimento integral do ser humano?” Subsequente, dispondo do objetivo geral: compreender a importância da percepção organísmica para o conhecimento integral do ser humano a partir do papel do corpo no processo perceptivo-cognitivo, identificando as variações organísmicas, a percepção, a relevância da consciência corpórea para a realidade existencial e de que forma esta pode contribuir na realização integral do ser humano. Os objetivos específicos ramificam-se nas seguintes questões (1) apresentar a Ciência Ontopsicológica e sua visão de integralidade psico-corpórea; (2) discorrer acerca da constituição do ser humano, desde o princípio metafísico até a concretização somática; (3) verificar a importância da percepção organísmica para o conhecimento do ser humano.

A justificativa pessoal da presente investigação científica reside no fato de que a temática é uma construção de pesquisas trabalhadas pela autora no decorrer do curso de graduação em Ontopsicologia, e desde o primeiro impacto com o tema houve uma profunda identificação e sobretudo um grande interesse por explorar este vasto campo de investigação para desenvolvimento na trajetória profissional, pois embora já discutido na academia que o ser humano possui um “segundo cérebro”, a rápida menção ainda nas aulas iniciais de que o ser humano dispõe

3 Aprofundamento no Capítulo 2.1 Porque Ontopsicologia?

de uma inteligência nata e exata ainda pouco reconhecida e prioritária em relação ao cérebro central, fez a autora desejar conhecer a fundo o assunto e ter a possibilidade de desenvolvê-lo e poder levar este conhecimento para outros pesquisadores. Naquele momento, soube que seria o campo de interesse e fortalecimento de conhecimento teórico para desenvolvimento no exercício profissional em Ontopsicologia.

A presente temática demonstra-se fundamental no que concerne aos campos da medicina tradicional e formação humana em geral, em virtude de que a não compreensão da relação psique-soma acarreta em disfunções do corpo, doenças e carência do conhecimento de si mesmo.

Para a Ontopsicologia, o tema proposto justifica-se como fundamental para a formação de todo profissional, porquanto utiliza de seu próprio corpo para atuação e opera de forma interdisciplinar em várias áreas do conhecimento, e sobretudo, desenvolve o processo de autenticação do homem, resgatando seu potencial, saúde e criatividade. Em vista disso, a retomada do apurado conhecimento orgânico é o primeiro passo de um profissional de Ontopsicologia, pois, assim, é possível ler a realidade funcional do outro, uma vez que o cliente é inconscientemente incerto no ambiente terapêutico, pois desconhece a si mesmo. Busca-se propiciar para a ciência um profundo estudo para unificar este tema com tal força científica, teórica e prática.

Por fim, dado o momento no qual cada ser humano compreende verdadeiramente a si mesmo, teremos pessoas, profissionais e um corpo social apto de legítima contribuição para a sociedade humanista.

2 Método

O método da pesquisa foi composto por revisão sistemática bibliográfica, relacionando teoria ontopsicológica com outras áreas do saber, servindo-se das obras de Antonio Meneghetti, comentadores e demais estudiosos do tema proposto, empregando a abordagem qualitativa. Severino (2017) define a pesquisa bibliográfica como: “aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados”. O tema apresentado é citado diversas vezes pelo autor principal, porém, em diversas obras diversas, exigindo assim uma ampla pesquisa bibliográfica em seu vasto trabalho científico.

3 Fundamentação Teórica

3.1 *Porque Ontopsicologia*

Das civilizações mais remotas até os tempos modernos, o ser humano dispõe de motivações intrínsecas na busca de respostas para a origem da vida, do planeta, de si mesmo. A inteligência humana foi capaz de atingir níveis de reflexões extraordinariamente profundas, de forma que se torna plausível indagar, na atualidade, qual o seu fundamento.

De fato, é inegável conceber a subsistência de um princípio. A própria ciência contemporânea disputa responder qual a causa primeira, a partícula que constitui a origem de tudo, qual fator antecedeu o surgimento da vida. Desta

forma, é observável apenas uma enorme dissonância de meras opiniões nas quais não se chega a uma conclusão plausível. O cientista italiano Antonio Meneghetti⁴, fundador da Ciência Ontopsicológica, após 30 anos de exercício científico voltado aos desdobramentos da psique humana, na busca por solucionar milênios de confusão científica, evidenciou o elemento primeiro, do qual sucede a origem de tudo: *a informação*. Assim destaca o referido autor:

A contínua pesquisa da “última partícula elementar” não faz sentido, enquanto o último apoio possível para considerar a energia, a matéria, etc., ou ainda, o primeiro e último elemento que constitui o evento do universo, é uma informação virtual. “Virtual” porque é uma informação - geral ou particular - que depois configura, modula, constitui as individualizações da existência (Meneghetti, 2015b, p. 90-91).

Toda a matéria carrega uma forma, uma informação que a antecede. Ao adentrar ao conceito de informação, em Ontopsicologia, define-se “*forma dentro da ação*” (Meneghetti, 2015b). É o constituinte mais elementar que

antecede a tudo.

Adentrando à formalização do evento homem, a informação-base que o determina enquanto individuação, é a relevante e fundamental descoberta da Ontopsicologia, o Em Si ôntico, que “é o núcleo energético pensante, o princípio formal que estrutura o orgânico psicobiológico do indivíduo humano. Ele garante e identifica a exatidão ou não da unidade de ação homem em processo histórico” (Meneghetti, 2012, p. 84). Essa novidade no campo científico demonstra o princípio que constitui o ser humano. Ou seja, a informação que porta a identidade e formaliza o indivíduo na história de forma única e irrepetível. O sujeito, uma vez intencionado e posto na existência, será portado em si por uma informação primordial que o mantém em conexão com a vida, animado. É este critério que diferencia a Ontopsicologia enquanto ciência, pois a partir de um Eu autêntico, que possui a capacidade de leitura do real, é deixado de lado toda e qualquer opinião para servir-se de evidência. É somente possível conhecer porquanto se conhece.

Tal como é existente em cada ser humano um princípio de inteligência, de identidade⁵, suscetível à realização histórica, contudo, a Ontopsicologia identificou uma estrutura inconsciente que direciona ao erro. A ética natural do ser humano, que o direciona à convivialidade e desenvolvimento, é atravessada por uma estrutura desviante que o coloca em erro e angústia: o monitor de deflexão. Este “é um programa acumulado no interior das células cerebrais que age com interferência especular, antecipando

4 O Acadêmico Prof. Antonio Meneghetti nasceu em 09 de março de 1936, em Avezzano (Itália). É fundador da Ciência Ontopsicológica, ciência que nasce formalmente na Faculdade de Filosofia da Pontifícia Universidade São Tomás de Aquino (Agelicum), em Roma-Itália, com a disciplina Ontopsicologia do Homem, que teve início entre os anos de 1970-1973. Possui quatro doutorados: Doutorado Clássico em Ciências Sociais e Doutorado Clássico em Filosofia (Pontifícia Universidade de São Tomás de Aquino, Roma); Doutorado Clássico em Teologia (Pontifícia Universidade Lateranense, Roma); Gran Doktor Nauk em Psicologia (da Suprema Comissão de Avaliação Interacadêmica da Federação Russa, 27 de abril de 1998, Protocolo 0104). Possui também Láurea em Filosofia com abordagem Psicológica (Universidade Católica Sacro Cuore, Milão); e recebeu a láurea Honoris Causa em Física pela descoberta do campo semântico (Universidade Pro Deo de Nova Iorque, 1994). (Fonte: <https://fundacaoam.org.br/quem-somos/antonio-meneghetti>. Acesso em: 13 nov. 2022).

5 Por inteligência entende-se a seguinte definição epistemológica: Lat. *Intus legere actionem* = ler dentro da ação, compreender dentro (Meneghetti, 2012, p. 139).

e defletindo a percepção egoceptiva com base em uma imagem dominante impressa durante o momento de aprendizagem da vida: a infância” (Meneghetti, 2012, p. 176).

Este mecanismo atua no inconsciente humano distorcendo o real, incapacitando o ser humano de ler na consciência a verdadeira informação impactada. Por sua causa é fundado o inconsciente, e por meio deste inconsciente o ser humano será impedido de evoluir conforme a intenção do seu projeto de natureza. Ao buscar o que é próprio, a informação vencedora, irá precipitar a informação complexual⁶ de frustração removida, formando assim uma consciência errônea da realidade.

No entanto, a vida, na sua máxima maestria, faz uso de um meio de comunicação exato, que exclui qualquer mecanismo inconsciente errôneo. O campo semântico, primeira descoberta de Antonio Meneghetti, nas palavras do autor, é definido a seguir:

O campo semântico é um transdutor de informação. Transmite uma informação, um código, uma que, quando chega, estrutura em emoção qualquer coisa vivente, comporta uma variante emotiva orgânica. Não transfere energia, mas é com a energia. “Transdução informática” significa que o módulo dá a forma da passagem à energia, mas não dá a passagem da energia.

É a informação-base que acontece antes de todos os sentidos, antes de todas as emoções, antes de toda consciência, em antecipação a qualquer símbolo (Meneghetti, 2012, p. 39).

6 Informação inconsciente fundamentada em uma ação vital não realizada que irá conduzir a vida do sujeito e antecipar a realidade impactada. É definida como: “Complexo dominante: São formas de vida castradas e removidas por causa de intervenção do monitor de deflexão, por isso elas vivem e agem, são partes reais da natureza do sujeito que o Eu censura e se desenvolvem de modo autônomo” (Meneghetti, 2012, p. 55).

O homem está inserido em um “*universo informacional*”⁷ no qual as intencionalidades percorrem constantemente, independente da conscientização humana. É um universo contínuo, onde as informações comunicam-se e interligam-se. Cada ser vivo informa e possui a capacidade de leitura das informações deste campo. Ou seja, tudo o que é existente é disposto de um campo que informa outra individuação que também é disposta de energia que, ao receber esta intencionalidade informática, é movida conforme a disponibilidade energética concedida pelo receptor. Ou seja, O campo semântico é um transdutor informático sem descolamento de energia (Meneghetti, 2012). Pode-se colher a informação real quando há coincidência entre sujeito e objeto, quando a partir de si mesmo é possível colher em reversibilidade a informação real. Por “campo”, é possível compreender conforme descrito:

Por isso, “campo” é aspecto físico - em sentido de compreensão da energia elementar - do ser. Nós vivemos dentro desse universo: o meu corpo é universo, o planeta Terra é universo, os astros, as galáxias, o interespaço etc. é universo. Dentro desse universo tudo é *contínuo*. O conceito de “continuidade” é ineliminável: não existem no universo interespaços vazios. O universo não é constituído de segmentos, mas de variáveis na continuidade de um único portante (Meneghetti, 2015b, p. 68).

Desse modo, a Ontopsicologia como ciência interdisciplinar se torna indispensável para

7 Antonio Meneghetti explica o conceito na obra Fisiocidade e Ontologia: “Do mesmo modo, os humanos se movem dentro desse universo gestáltico, ou seja, formalizado por informações. O que é importante compreender é que nós humanos constituímos e fazemos parte desse universo, mas *somos* também esse universo, ou seja, não somos apenas efeitos, mas também concausantes” (Meneghetti, 2015b, p. 70).

resolver o problema crítico do conhecimento⁸, pois é capaz de dispor ao operador de qualquer campo de atuação o conhecimento e os meios necessários para indagar o real. Sobretudo, a Ontopsicologia evidencia que para obter o verdadeiro conhecimento, reconhecendo o inteiro, é necessária a sanidade integral. Portanto, é fundamental o conhecimento e o cultivo de si mesmo para obter uma consciência limpa e capaz de confrontar a realidade. Logo, a ferramenta para adquirir tal precisão é o próprio corpo, que é o meio capaz de ler a informação efetiva conforme está posta.

3.2 *Ser - o homem como partícipe do princípio*

Para Meneghetti (2010), a verdadeira compreensão da psicologia se dá com o fundamento filosófico da ontologia⁹, que é o estudo da compreensão do ser e suas expressões existenciais. Ressaltando que tudo o que é existente, parte do pressuposto que simplesmente “é”, exprimindo dessa forma que, uma vez que é, efetiva-se como individuação, *uno*. Nas palavras do autor, “tudo é, todos os homens são, e cada um se diferencia no interior do ser. A individuação é um dos infinitos modos de participação do ser, é ecceidade do ser, é *aquele* indivíduo específico.

8 Antonio Meneghetti funda a ciência Ontopsicologia fundamentada nos problemas existenciais levantados por filósofos em séculos de exercício do conhecimento. O seu questionamento motivador era: “O homem é capaz da verdade?”, devido aos questionamentos filosóficos levantados acerca da exatidão da consciência humana (Meneghetti, 2010).

9 A “metafísica, propriamente, é a racionalidade elementar que se refere ao ser. A ontologia pura é metafísica. O termo ‘metafísica’ usa-se, propriamente, apenas para os modelos mentais em relação ao ser” (Meneghetti, 2014a, p. 23).

Dos sujeitos ‘A’ e ‘B’, mesmo tendo em comum a participação ao *ser*, são distintos” (Meneghetti, 2010, p. 273). Pode-se falar em realidade quando causa e causante são reversíveis. Ou seja, quando há coincidência entre a intencionalidade de natureza¹⁰ e a efetividade histórica, entre ser e fenomenologia histórica.

A Ontopsicologia com a motivação de responder: “O que é o homem?”, mergulhando na subjetividade de seus comportamentos internos, resgata e evidencia como substancial o fundamento ontológico do homem. Precedentemente de qualquer fenômeno, seja existencial, psicológico, até mesmo genético, o homem porta em essência a lógica primordial da vida. Em suma, há um perene ponto de ligação, o cordão umbilical com o Ser, que permite o Nexo Ontológico¹¹ entre sujeito e objeto. O homem é uma unidade de ação, ou seja, um ponto no inteiro existencial no qual se mantém em unicidade com tudo e todos.

Em virtude disso, independente de suas variações existenciais, o homem possui uma forma com capacidade virtual, que é o princípio, a essência última, o fundamento que direciona a vida ao ser humano, a identidade que consente ser e individua cada um como distinto, o homem é singular nas suas especificações, do genoma ôntico¹² à sua realização existencial.

10 “Intencionalidade de natureza: o modo no qual se especifica a intencionalidade na existência aqui e agora; a forma que especifica, tipifica, individua e define os modos de acontecimento daquele existente” (Meneghetti, 2012, p. 141).

11 “Substancialmente, é o nexa que coloca em conjunto o símbolo e a causa real. É a passagem em que o meu pensamento coincide com o mundo-da-vida. É o evento, o momento que dá o ponto lógico entre diversas coisas ou dinâmicas. É o ponto lógico, ou melhor, é o evento que evidencia e justifica a unidade de ação de diversas partes. O que eu intuo é verdadeiro, é real onde todos os verdadeiros vivem e são” (Meneghetti, 2010, p. 503).

12 “A Ontopsicologia fez justamente isto: compreen-

É exatamente tendo essa inteligência do Em Si das ações que estou em condições de saber e de conhecer todas as outras unidades de ação somatizadas neste planeta, porque cada unidade de ação é coligada, unitariamente a si, a um conjunto de si mesmo, e é em nome disso que se desenvolve a inteligência, a identificação (Meneghetti, 2017, p. 93).

Através de seu método, a Ontopsicologia é capaz de analisar a fonte de motivação do homem, aquilo que é a semente que porta a informação da vida, que se efetuado externamente com coerência de condições históricas e ambientais, é consentida a realização integral. Em vista disso, é analisada toda a subjetividade juntamente à realidade externa do sujeito, pois é necessário transpor toda a ignorância de si mesmo, uma vez que se vive a partir de ideias aprendidas dos meios sociais, e não a própria verdade. Porém, a incompreensão de si, a esquizofrenia existencial¹³, resulta no *homem irresoluto* (Meneghetti, 2010), pois ao se posicionar como objeto da sociedade, perde o escopo da própria função existencial, sobressaindo os conflitos internos, frustrações, angústias, etc.

Contudo, para falar em realização de fato, é substancial compreender que é possível somente conhecer a partir de si mesmo e do que se é. Para uma realização por inteiro, é preciso conhecer-se por inteiro. Da mesma forma que cada órgão, cada célula, cada neurônio, preci-

sam funcionar em perfeita harmonia, a psique e o corpo precisam trabalhar continuamente em total equilíbrio para o humano *ser*. Uma vez que o ser humano é uno e conhece, há a reversibilidade entre si, ser e existência.

“E então descobri que aquele critério, que era ordem para o homem em sentido físico, biológico, estrutural, era o idêntico que regulava a ordem universal das coisas” (Meneghetti, 2010, p. 123).

3.3 Atividade Psíquica

Ato contínuo, a atividade psíquica - objeto de estudo da Ontopsicologia - é o que formaliza a subjetividade humana, antecede a consubstancialização de qualquer fenômeno, sejam os pensamentos até a formalização orgânica. Para Alécio Vidor, “A psique, a alma, é a regente que organiza e mantém o justo equilíbrio de todas as forças, mas ela faz e realiza se não sofrer interferências que não respeitam a forma definida de cada constituição estabelecida pelo espírito”¹⁴. Segundo Antonio Meneghetti (2012) “a última redução que podemos fazer da atividade psíquica é potência formalizante”. Esta definição elucida precisamente a sua função objetiva: embora seja imaterial, é a energia, a força que concede a forma ao ser humano e a tudo que se fenomeniza. Desta forma, ao definir a atividade psíquica, Meneghetti descreve:

Por “atividade psíquica” entende-se o número, a alma, o si de cada si, o informal que forma cada sucessivo. É o ponto através do qual o homem pensa, quer, existe, mas não pode objetivar, nem mesmo nos seus processos ra-

deu o significado da sequência, do projeto e individuou o critério com qual lê-lo. Esse é o genoma ôntico do qual falo” (Meneghetti, 2013, p. 137).

13 “Em Ontopsicologia, distinguem-se duas formas de esquizofrenia: patológica e existencial. 1) A primeira é toda a fenomenologia segundo a verificação psiquiátrica e psicológica; 2) A segunda é própria da consciência aporética da cultura humana: a mente não sabe o que é, o porquê do próprio ser, de onde vem e para onde vai” (Meneghetti, 2012, p. 98).

14 Locução em aula dada em 28 de novembro de 2020 pelo professor Alécio Vidor no curso PSICOSSOMÁTICA NA ÓTICA ONTOPSICOLÓGICA.

cionais. É transcendente, invisível e revela-se somente pelos efeitos.

Quando se alcança o grau máximo de conhecimento consentido ao humano, torna-se evidência pura. Mas neste ponto o homem não fala mais, não usa nenhuma lógica, porque já é ecceica presença no ato que é.

A psique é intencionalidade formal: projeta imagens. A imagem é prioritária a partir do momento em que se dá a existência (Meneghetti, 2010, p. 131).

A atividade psíquica não possui divisão, sequer localização definida no corpo, ela está em todas as partes agindo na regência do corpo e tudo aquilo que é a impostação existencial do homem. Com isso, é inegociável a necessidade de sempre manter-se em conformidade com a intencionalidade do Em Si. Dado que é a atividade psíquica que formaliza o homem na existência, ela é a energia primária (sendo a secundária o corpo). Por um princípio de economia e autoconservação, a natureza sempre assegura prioritariamente a energia primária. “Para compreender a energia no seu aspecto primário, é necessário alcançar com a própria consciência o ponto que dá essência a tudo aquilo que depois toma a veste de fenômeno” (Meneghetti, 2019, p. 18). Ou seja, irá formar a unha, a pele, os cabelos, etc.

Por conseguinte, a atividade psíquica efetua-se enquanto intencionalidade, anterior a qualquer fenômeno, até aos efeitos históricos, como a experiência psicológica, da qual interage com o biológico a partir de uma estrutura neurofisiológica composta por quatro sistemas-base: Sistema Nervoso Central (SNC), Neurovegetativo (SNV), Endócrino (SE) e Imunológico (SI). A sua atuação está fundamentada a seguir:

Depois da primeira leitura do SNC, advém a sincronização reativa do SNV, o qual dilata,

amplifica, capilariza. A este ponto, o SNC sente a urgência: a realidade, o perigo lhe é dentro, portanto é constringido a formalizar a reação. O SNC dá a forma a todo o "colocar em obra" do sistema defensivo, isto é, do SI: o modo de ataque e de defesa. É uma estratégia normal para se salvar desta realidade, que já faz furor dentro do próprio orgânico.

Quando o SI dispara, é determinismo celular, o determinismo de qualquer forma do DNA. O DNA preside no estado de controle e de defesa da unidade de ação biológica do sujeito e se modula exclusivamente sobre um projeto preestabelecido pelo SNC. Em tudo isso subsiste a ação do SNV. Desenvolvem-se sincronicamente, mas é sempre constante o SNV, o qual é também a caixa de ação e de antecipação de todas as pulsões fundamentais da vida, como a agressividade, a identidade, o sexo, a posse, o afeto, etc.

O SE tem a função de dar orgasmo, uma espécie de satisfação que, porém, é interna, não é funcional, como a boca, os olhos ou os genitais. O organismo, com base neste projeto de distinta autoimunidade, faz no interior aquilo que, ao invés, deveria ter sido realizado no externo (Meneghetti, 2019, p. 204-205).

A Ontopsicologia levanta a hipótese da atividade psíquica como regente de todo este aparato, que funciona conforme a lógica existencial de cada indivíduo, ou seja, o próprio DNA corresponde como flexível e habitua-se conforme a identidade e variação histórica de cada sujeito. Este fundamento desvenda as possibilidades de saúde e doença, à medida que ao analisar, a título de exemplo, dois sujeitos precedentemente saudáveis, até de mesmo sangue, pode ocorrer o adoecimento em um membro familiar, e outro permanecer em bem-estar.

3.4 *Campo Etérico*

Meneghetti (2015c) levanta a afirmativa da existência da triplicidade energética psicossomática, formada pela psique, campo etérico e

soma. O campo etérico é a sustentação do organismo realizando a sua unificação, ou seja, é o responsável pela intermediação entre psique e corpo. Embora a sustentação por trás deste seja a psique, o autor afirma que a tríade funciona de forma conjunta e sem partes.

O campo etérico é o primeiro a atuar as informações recebidas. À vista disso, as informações são impactadas em um primeiro momento a partir do campo etérico, e posteriormente conduz ao órgão específico, ou distribui a todo o corpo, sejam elas negativas ou positivas, ou fundamentais para o funcionamento do organismo. Neste sentido, descreve-se:

Não é o sistema atômico do nosso organismo que produz o campo etérico: é o campo etérico que sustenta, que se faz de energia portante, unificante de todo o soma. Por sua vez, o campo etérico é sustentado pela unidade de forma do sistema psíquico. Por sistema psíquico entendo um princípio que, em qualquer lugar que se dê, dá a direção da ordem, a necessidade da volição a. Talvez em um amanhã a medicina nuclear conseguirá entender a estreita relação de cada doença com a psique, porque a pesquisa da fisiologia atômica no interior do sujeito levará inevitavelmente a entender que cada reação atômica - portanto antes ainda das moléculas, antes ainda das células - é sustentada de modo portante por um outro gênero de energia. Ali se darão conta da existência do campo etérico e da sua especificidade (Meneghetti, 2015c, p. 130).

Antonio Meneghetti considera que o conhecimento do campo etérico é fundamental para o conhecimento profundo do funcionamento do corpo humano, visto que é o elemento que mantém e estrutura as partículas atômicas e subatômicas, sendo assim fundamental para o perfeito funcionamento das funções vitais. “Hoje, em campo científico é demonstrado que a vida, onde quer que se explicita, até a célula

la mais simples, leva os sinais de funções psíquicas. Para ver a ponte é necessário entrar em uma concepção psicobiológica. A energia que medeia cada aparente salto no interior psicobiológico é o campo etérico” (Meneghetti, 2019, p. 52). É o elemento que demonstra a variabilidade psico-orgânica para o bem ou o mal, saúde ou doença, sobretudo a vitalidade corpórea, conforme o exposto:

O campo etérico é energia deslocável e acumulável como intensidade quântica sobre qualquer parte do corpo. Permeia de vitalidade concreta cada estrutura do nosso organismo. É possível localizá-lo também no corpo de uma outra pessoa através de contato epidérmico. Sofre variações segundo temperamentos, os estados de ânimo, os ambientes psicológicos naturais e artificiais, a idade do organismo e as patologias orgânicas. Possui determinadas localizações ou centros força (sete principais e cinco secundários) (Meneghetti, 2019, p. 159).

Ademais, acrescenta-se que é substancial este conhecimento para o desenvolvimento da área médica, pois se essa energia é obstruída, é ocasionada diretamente o impedimento do livre funcionamento dos órgãos:

O campo orgânico é de exclusiva competência médica, mas ainda não é um problema. O problema surge quando se está doente também na zona etérica, por exemplo, quando se forma o câncer. A neoplasia se constitui, primeiramente, somente na situação etérica, que depois altera e desorganiza os constitutivos celulares do organismo (Meneghetti, 2011, p. 218).

O tema é fortemente pesquisado, porém, pouco aplicado na ciência. Neumann (2016), na pesquisa do campo etérico relacionado à saúde, apresenta todo um percurso histórico relacionado ao tema e demonstra que existem registros de milênios, de uma visão da existência deste

corpo de energia manifesto no aparato corpóreo humano.

Segundo a autora, o tema motivou diversas investigações científicas sobre as aplicações técnicas em diversas culturas, como na Hindu, Medicina Ayurveda, Medicina Chinesa, etc. até a descoberta do efeito Kirlian na União Soviética e o desenvolvimento do equipamento capaz de fotografar a luminosidade existente em torno de objetos e corpos orgânicos. Neumann descreve que a câmera GVD-Kirlian, é um equipamento capaz de capturar em imagem, a partir de estímulos dos fótons e elétrons da pele, através da utilização do impulso elétrico baixo, a luz da zona ultravioleta, demonstrando assim em um processo físico quântico (Neumann, 2016). A autora acrescenta:

Observa-se que o campo de energia ou campo etérico está intrinsecamente relacionado ao resultado comportamental dos seres humanos, tanto em nível alimentar como na qualidade de pensamentos e atitudes, perante a si mesmo e aos outros. Este estudo invoca para uma mudança de mente individual e coletiva das pessoas sobre o Planeta Terra (Neumann, 2016).

Desse modo, o campo etérico é função nos efeitos do campo semântico, pois conforme Meneghetti (2015c), é o campo etérico que faz a informação variar, vibrar somaticamente, ao transpor o movimento da atividade psíquica. Sem o etérico, estas variações ocorreriam somente como pensamento.

3.5 O corpo

O aparato corpóreo humano é a manifestação mundana do Em Si ôntico e elementar ferramenta de atuação no real. Se a essência do

homem é o seu formal, o que porta a sua informação de vida, o que o pré-determina, a matéria é o modo de relacionar-se com o mundo e constituir na história aquilo que é potencial. Do mesmo modo que o Em Si ôntico, o corpo como sua manifestação é também exato e em conformidade com a lógica da vida. Acerca do corpo:

O corpo é o primeiro objeto através do qual a alma, ou a psique, ou a mente, ou Em Si, medeia a multiplicidade dos outros objetos existentes nas infinitas modalidades de relações possíveis. Portanto, o corpo é a primeira objetualidade através da qual é consentida a encarnação e o devir (Meneghetti, 2018, p. 89).

O ser humano dispõe de dotes lógicos inquestionáveis, atribuídos, sobretudo, ao avanço da ciência. Embora seja o ser superiormente evoluído, verifica-se que no decorrer de sua evolução ocorreu uma redução do conhecimento integral de si mesmo, uma vez que a objetividade tomou conta dos preceitos técnicos, onde toda a produção de conhecimento é fundamentada única e exclusivamente àquilo que pode ser demonstrável, repetível e aceito pelo grupo científico específico¹⁵. Essa concepção, está enraizada na forma ocidental de pensar, ver o mundo e autoperceber-se. Da ampla gama de pensadores e pesquisadores que realizaram grandes feitos na história da evolução do conhecimento, perdurou no modelo ocidental a concepção dualista das faculdades do intelecto e do corpo.

Platão (2005)¹⁶, filósofo grego do período antropológico, aponta alma e corpo como realidades distintas e separadas. Ao compreender a

15 “A visão científica atual nos dá regras que são formais exatos, mas não coincidentes com o mover-se da natureza do ser” (Meneghetti, 2010, p. 111).

16 Aprox. 427 a.C - 348 a.C.

alma como eterna e o corpo como um elemento transitório, propõe que as manifestações corpóreas não são suficientes para o real conhecimento ao identificar que os sentidos são incapazes de revelar a realidade, pois as necessidades do corpo acarretam em um empecilho, uma perturbação na busca pelo saber. Ele considera que somente o pensamento puro possui a capacidade de apontar a verdade.

Por sua vez, René Descartes¹⁷, filósofo, físico e matemático francês, é considerado o pai do racionalismo moderno. O método cartesiano, que difunde a máxima “Penso, logo existo”, irá posteriormente influenciar fortemente o positivismo científico. Seu método, onde a premissa fundamental está baseada no ato de duvidar, questiona particularmente as coisas materiais, sobretudo, o corpo humano. O dualismo cartesiano - *Res Cogitans e Res Extensa* - novamente atribui a separação de corpo e intelecto:

E, embora talvez (ou, antes, certamente, como direi logo mais) eu tenha um corpo ao qual estou muito estreitamente conjugado, todavia, já que, de um lado, tenho uma ideia clara e distinta de mim mesmo, na medida em que sou apenas uma coisa pensante e inextensa, e que, de outro, tenho uma ideia distinta do corpo, na medida em que é apenas uma coisa extensa e que não pensa, é certo que este eu, isto é, minha alma, pela qual eu sou o que sou, é inteira e verdadeiramente distinta de meu corpo e que ela pode ser ou existir sem ele (Descartes, 2018, p. 80).

Friedrich Nietzsche¹⁸, filósofo alemão de grande destaque do século XIX, contrapõe os pensadores que visaram sobrepor a alma e consideraram a razão como único elemento fundamental do ser humano, desvalorizando assim as

faculdades do corpo¹⁹. Nietzsche conceitua o corpo como um “fio condutor”, um meio capaz de compreender o humano através de suas questões cotidianas. Mas embora o autor resgate a humanidade corpórea, por outro lado, também contesta a dimensão subjetiva do ser humano, ocasionando assim novamente um dualismo do homem.

Superando a dicotomia entre corpo e alma, Antonio Meneghetti retoma o conceito de hilemorfismo de Aristóteles²⁰. O pensador grego revolucionou a história do conhecimento fundamentando e estruturando a lógica racional que conhecemos hoje, com os silogismos categóricos dos processos indutivos e dedutivos. Não obstante, Aristóteles levanta a conjectura do ser humano possuir a uniformidade entre corpo e alma. Na tradução da obra “Sobre a alma”, é ressaltado:

O corpo antes é sujeito e matéria. A alma, portanto, tem de ser necessariamente uma substância, no sentido de forma de um corpo natural que possui vida em potência. Ora a substância é um ato; a alma será, assim, o ato de um corpo daquele tipo. Mas (ato) diz-se em dois sentidos: num, como o é o saber; no outro, como o é o exercício do saber. É evidente que a alma é o ato no sentido em que o é o saber: é no ente em que a alma existe que existem quer o sono, quer a vigília, e esta é análoga ao exercício do saber, enquanto o sono é análogo à posse deste sem exercício. Ora o primeiro a gerar-se nesse ente é o saber (Aristóteles, 2010, p. 62).

Por conseguinte, Antonio Meneghetti valida a visão hilemórfica²¹ considerando-a como cru-

17 1596 - 1650.

18 1844 - 1900.

19 DE BARRENECHEA, Miguel Angel. **Nietzsche, corpo e Subjetividade**. Disponível em: <http://seer.unirio.br/index.php/opercevejoonline/article/view/1918/1544/>. Acesso em: 13 nov. 2022.

20 384 a.C. - 322 a.C.

21 De origem grega, a palavra *hilemórfico* significa:

cial na Ciência Ontopsicológica, ponderando que “para ter um corpo exato, é necessário ser exato na mente” (Meneghetti, 2019, p. 190).

A autenticidade do corpo versus psique é determinante para uma existência bem-sucedida, posto que é a partir do corpo que ocorre a formalização e construção do ser na história. Assim, a compreensão do corpo é fundamental para o verdadeiro estudo da atividade psíquica, uma vez que assente a visão hilemórfica de potência e ato, forma e matéria, ou seja, alma e corpo. A psique é o elemento que estabelece a homeostasia da matéria, portanto, é a responsável pelo equilíbrio e organização do corpo e possui a capacidade de manter o magnetismo com o todo.

Alécio Vidor complementa: “A atividade psíquica sempre se mantém em unidade com a intenção do ser, no momento em que essa unidade é desfeita por informação externa, em própria ordem já constituída, se dá uma alteração no corpo, começa a surgir o problema físico no corpo, *o corpo é o livro onde o espírito escreve as suas reclamações*, seus eventuais erros cometidos contra a própria existência”²².

3.5.1 A psicossomática

Todo o percurso histórico científico acarretou em uma perspectiva de análise somática voltada exclusivamente à observação do mal orgânico. Para a Ontopsicologia, todo processo de somatização está inteiramente ligado a um preceder psíquico.

matéria (*hyle*) e forma (*morphé*).

22 Locução em aula dada em 28 de novembro de 2020 pelo professor Alécio Vidor no curso PSICOSSOMÁTICA NA ÓTICA ONTOPSICOLÓGICA.

Quando se fala em psicossomática, na concepção ontopsiológica tudo possui uma causa psíquica, não apenas doenças. Desde a intenção de um projeto posteriormente realizado, como uma empresa, um negócio, a construção de uma casa, um acidente, até a própria enfermidade são todas, na ótica ontopsiológica, psicossomáticas.

A título do que tange a patologia em geral, é atinente o erro cometido contra a intenção projetada por natureza. Como um ímpeto natural de sobrevivência, o indivíduo quando criança, para ser aceito no meio familiar, recorre à mentira de si mesmo para obter a aceitação, o primado afetivo, indo contra a própria natureza. A partir disto, desencadeia-se uma sucessão de erros existenciais. Uma mentira que em breve, ou no decorrer dos anos poderá ser manifestada através da doença psicossomática, como retratado:

O mal orgânico, nesse sentido, é uma forma de adaptação. A somatização verifica-se sempre por uma reação infantil do Eu. O dado primário não se subtrai por impossibilidade de ação, mas somente porque parte racional é silenciada pelo Eu em defesa complexual. Como o Eu tem a forma de poder, é a sua responsabilidade de não se historicizar em realidade (Meneghetti, 2019, p. 26).

A visão hilemórfica empregada na Ontopsicologia consente que a formalização da doença é a exteriorização direta do erro psíquico. Sobretudo, ao consentir o princípio de economia, a energia psíquica será preservada, pois é a soberana, a mais pura. A energia é una. (Meneghetti, 2019) Uma vez que o problema não é resolvido em nível psíquico, por consequência afetará o indivíduo em nível somático. “A sanidade é livre fluidez de energia em referimento

múltiplice e convergência monística. Quando um dos pontos do múltiplice não é mais função de ida e retorno do impulso vital ou energético, o indivíduo experimenta o mal” (Meneghetti, 2019, p. 18).

De acordo com a física mecânica clássica, “toda ação corresponde a uma reação igual e contrária”, ou seja, valida-se que o sujeito ao impactar uma situação (ação), como efeito, é necessária a reação, ou resolução racional. Não havendo resposta, valendo-se do princípio de economia da energia primária, a energia automaticamente move-se para a energia secundária.

Tamanha a responsabilidade do indivíduo perante a própria existência, em confronto com os males psíquicos não resolvidos, a psicossomática pode deslocar-se em três níveis distintos: 1) No próprio sujeito; 2) Em um terceiro, dependente afetivo; 3) Nos negócios. A falência ou insucesso de uma empresa pode ser considerada uma consequência psicossomática, ou seja, o problema psíquico é somatizado no espaço de realização do sujeito (Meneghetti, 2019).

Após ser assimilado pelo corpo a forma infantil de desresponsabilização perante a própria vida, na fase adulta quando o sujeito possui maior autonomia e possibilidades, é possível a intensificação de uma doença. Essencialmente, a mesma se dá pelo fato de que é necessária uma pulsão positiva, um quântico de energia que, quando mal investido, é tomado pela patologia. “A acentuação da doença é devida exclusivamente a uma remonta do instinto ordinário, ou positividade de uma pulsão” (Meneghetti, 2019, p. 195).

Por essa razão, é imprescindível saber a si mesmo e reconhecer o próprio instinto, que são

“ordens de vida, meios de sobrevivência e de autoconservação”²³. Sendo os primordiais, erotismo e agressividade, são as pulsões de amor e defesa ao próprio projeto. Os instintos atuam em função da manifestação de intencionalidade do Em Si ôntico, ou seja, é a forma da atividade psíquica exteriorizar e buscar ou defender aquilo que é conforme a identidade do sujeito, como os impulsos de fome, sede, defesa, etc.

O instinto é a ação técnica especificada do Em Si através da qual o homem devém. É técnica, porque cada variante é “função de” e está “em função de”. A verdadeira sede do instinto está ainda sob o limiar do pensamento, mas pode ser colhida pelo nosso conhecimento racional somente quando tem o seu referimento histórico, isto é, quando passa através da sensorialidade das aferências proprioceptivas dos diversos órgãos (Meneghetti, 2015c, p. 125).

Com isso, os instintos operam em função do utilitarismo funcional à identidade individual e são essenciais para a saúde e sobrevivência do ser humano, atuando em reciprocidade entre o ambiente e o Em Si. A pulsão instintual vivenciada de forma sadia, garante a harmonia integral do sujeito.

3.5.2 O cérebro viscerotônico

O ser humano dispõe de uma complexa rede perceptiva, composta por cinco sentidos externos: visão, gustação, audição, olfato e tato, que atuam diretamente no sistema neurofisiológico. É comum haver a compreensão de que o cérebro é o órgão de suprema inteligência, dotado de pensamento e racionalidade. Porém, diante do exposto, Meneghetti (2018) levanta que para

²³ Meneghetti define o instinto como: “Constância e vetorialidade dentro de uma energia orgânica” (Meneghetti, 2012, p. 138).

distinguir e compreender toda a rede de informações que nos deparamos diariamente com precisão, é nos órgãos viscerais - esôfago, pulmões, estômago, cólon, genitais - que as informações atuam de forma exata, e, sobretudo, é onde encontra-se a maior rede neural do corpo humano. Este aparato, já reconhecido pela medicina tradicional como um cérebro, é considerado pela Ontopsicologia o cérebro principal do organismo humano:

É necessário recordar que as paredes gastrointestinais, em duas camadas (plexo mioentérico e plexo submucoso), são recobertas por neurônios específicos, os quais sintetizam e transmitem – por meio de músculos e mucosas – sinais que dão posição do sujeito organizmico (perigo, segurança, lesão, erotismo, fome, vampirismo, graça, infecção, etc.) (Meneghetti, 2018, p. 104).

O Sistema Nervoso Central (SNC), segundo Roberto Lent (2005) é onde são integradas as disposições neurais entre crânio e coluna vertebral. A parte encefálica é composta pelo cérebro, cerebelo e tronco encefálico. No cérebro, por sua vez, está o córtex cerebral, que é o local onde são desempenhadas as funções neurais e psíquicas. No tronco encefálico, a sua composição se dá pelo mesencéfalo, ponte e bulbo. É através do tronco encefálico que são emergidos os nervos cranianos. A comunicação ocorrida nos nervos e células nervosas, entre o cérebro e os demais órgãos, são mensagens transmitidas por impulsos elétricos (=informação), distribuindo funções sensitivas, motoras, somáticas e viscerais.

O Sistema Neurovegetativo (SNV), também nomeado Sistema Nervoso Autônomo ou Sistema Nervoso Visceral, conforme Lent (2005) é o aparato responsável por manter a homeostasia do corpo, ou seja, seu equilíbrio interno.

Composto por três divisões: Simpática - ocupa a medula toracolombar, responsável por liberar a noradrenalina (atua em situações de emergência e atua no controle orgânico do dia-a-dia); Parassimpática - parte no tronco encefálico e outra na medula sacra, libera acetilcolina (atua em situações de estresse e regula os órgãos e sistemas), e uma “controvertida”: a rede de neurônios das vísceras, que atuam no controle digestivo.

Roberto Lent ainda destaca que para a surpresa dos neurobiólogos, foram encontradas em torno de 80 a 100 milhões de neurônios nas paredes das vísceras (plexo mioentérico e plexo submucoso). “Os pesquisadores encontraram também neurônios sensoriais capazes de ‘medir’ a tensão da parede e outros sensíveis a sinais químicos provenientes da luz dessas vísceras” (Lent, 2005, p. 463).

Entretanto, Meneghetti (2019) defende que o SNC se torna soberano pois é regido pela consciência. Porém, este mesmo fato torna-o inexato, pois apesar de ser um elaborador de dados, onde são recebidas e transmitidas as informações, é dotado do mecanismo do monitor de deflexão, que atua distorcendo as imagens e atuando conforme a seleção temática complexa aprendida, ou seja, conforme toda lógica de moral, superego, estereótipos, etc.

Desta forma, Meneghetti alega que é no SNV que há a verdadeira precisão na leitura das informações pois é onde está localizado o cérebro visceral, sendo um aparato tão rico em neurônios quanto o cérebro:

O SNV é aquele que eu chamo processo exteroceptivo e proprioceptivo: como o organismo é impactado do externo por qualquer emoção, como a recebe e reelabora, como a identifica, portanto recepção e contração. No SNV encontra-se o cérebro visceral, sobretudo a parte

ilesa da interferência do monitor de deflexão, enquanto o SNC é um lugar excelente para a elaboração do monitor de deflexão. No SNC é suficiente acrescentar um elemento para dar a distorção a informações elementares. As informações elementares base são aquelas atinentes ao erotismo e a agressividade (Meneghetti, 2019, p. 201).

Para Meneghetti, a percepção das manifestações do cérebro viscetônico sucedeu sempre de forma exata no exercício clínico psicoterápico. É primeiramente nas vísceras, que está relacionado o erotismo, que são impactadas as informações conforme a intenção original portada pela imagem. O corpo, portanto, reage através das manifestações viscerais. Uma mente exata, posteriormente, tem a função de discernir e agir conforme a lógica coerente com o próprio projeto.

3.5.3 A percepção organísmica

A vida atua em movimento contínuo, e tudo e todos, independente de tempo e espaço, transmitem informação a todo momento. As informações recebidas ocorrem por meio de campo semântico: “indubitavelmente, este conhecimento pode precisar e objetivar infinitas lógicas e, sem dúvida, desmentir qualquer erro científico ou existencial. Isso é possível visto que com o conhecimento do campo semântico se entra na verbalização que a vida usa com as próprias individuações” (Meneghetti, 2015a, p. 57).

Diante de todo o exposto, no que tange o processo de se perceber, se comunicar, e se relacionar com o mundo exterior, é através da constituição física que procede todo o processo perceptivo-cognitivo humano. “Considerando um ser humano que se encontra em um holístico-dinâmico de motivações, contatos, infor-

mações etc., o escopo de todo o conhecimento da percepção é como colher o mundo e selecioná-lo, segundo a função da própria identidade física” (Meneghetti, 2014a, p. 221).

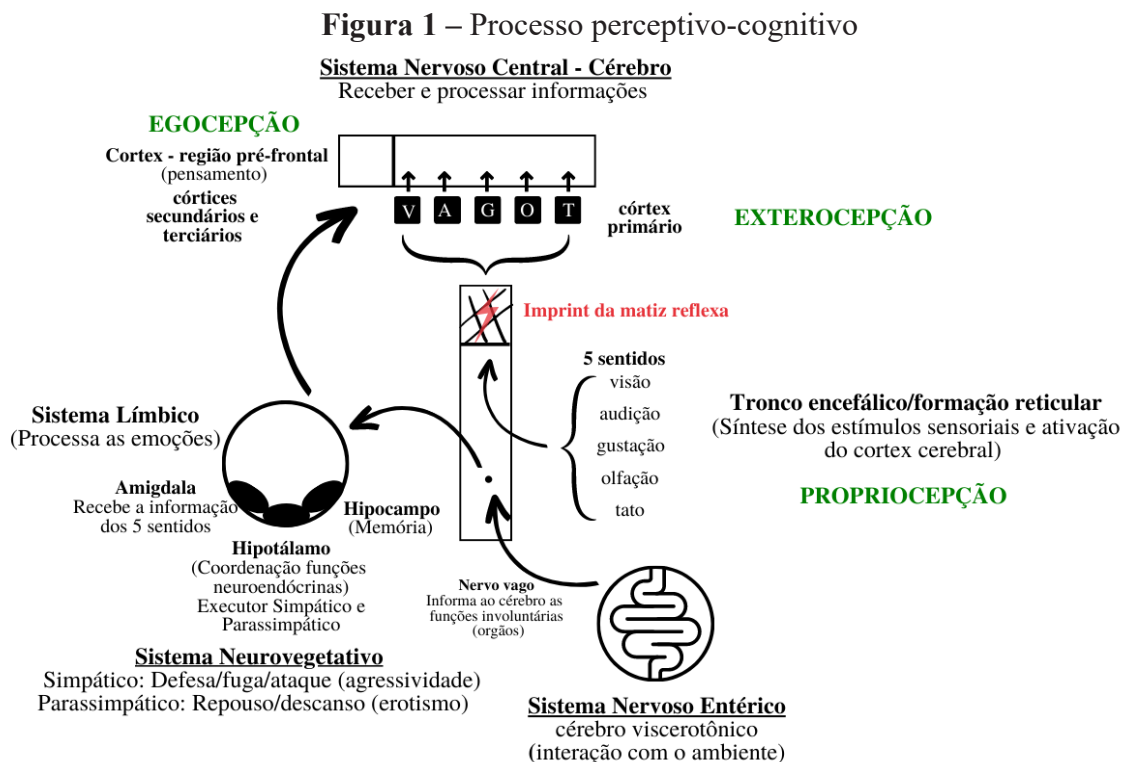
Biologicamente, Roberto Lent (2005) designa a percepção associada aos processos de formalizar concepções do externo, influenciando o comportamento a partir das informações sensoriais recebidas correlacionados aos mecanismos de memória e cognição. Sendo a percepção ligada aos sentidos, Lent levanta a possibilidade de haver outro tipo de mecanismo que sintetiza a percepção em algo unificado que faz sentido, como, por exemplo, uma memória mista de percepções visuais e auditivas, uma vez que estas são absorvidas pelo organismo de forma setorial.

Na neurociência, a percepção de movimentos do próprio corpo é nomeada de propriocepção; a dos estímulos externos é chamada de exterocepção, e dos estímulos internos oriundos das vísceras, interocepção. Mesmo que a neurociência reconheça que todos os sentidos são utilizados para reconhecer a posição do próprio corpo, a sua função é fundamental para reunir os receptores oriundos dos músculos e articulações, até o contato com o Sistema Nervoso Central, no córtex cerebral. Os receptores perceptivos estão localizados nos pontos de contato (músculos, tendões e cápsulas articulares), denominados como fibras aferentes, posteriormente, após a aferência ao SNC em eferência acionando os movimentos de motricidade.

Entretanto, na Ontopsicologia (Meneghetti, 2010), o processo perceptivo-cognitivo acontece na sequência de três níveis elementares de percepção: 1) Percepção Exteroceptiva, a sensibilidade externa ocasionada por estímulo no primeiro impacto ao orgânico, conforme toda

variação ambiental ocorrida, ou seja, é a primeira fase de percepção ainda setorial. 2) Percepção Proprioceptiva, a informação do estímulo é unificada e abrange todo organismo. 3) Percepção Egoceptiva estando relacionado ao córtex cerebral, refere-se à conscientização que o eu faz de toda a informação obtida pelo corpo.

A Figura 1, a seguir, apresenta a forma que ocorre biologicamente o processo perceptivo-cognitivo:



Fonte: Ilustração baseada em locução verbal em 11 de novembro de 2018 realizada por Horácio Chikota.

O processo perceptivo-cognitivo inicia na *exterocepção*, onde o aparato corpóreo impacta e interage com o ambiente externo. Este conhecimento pode estar relacionado ao córtex cerebral que é o elaborador da cognição, a consciência. Quando, através das sinapses neuronais, a informação dos cinco sentidos percorre pelo tronco encefálico, nesta etapa já como *propriocepção*, esta percorre a formação reticular, parte do tronco encefálico responsável pela síntese dos estímulos sensoriais e ativação do córtex cerebral, até chegar na região cerebral relacionada ao estímulo. Porém, é no tronco encefálico que ocorre o desvio da informação, ou seja, o efeito do monitor de deflexão.

O monitor de deflexão é um mecanismo, algo técnico, justaposto, que sincretiza e sincroniza algumas passagens da informação. Essa informação executa a própria função no contexto onde foi prevista. Ele se baseia em reflexos de ondas de repercussão no silêncio, no interior de passagens que envolvem os assim chamados axônios. São estes de fato que interferem no interior dos neurônios, conectando uma ou mais células entre si, para ter unidade de informação: seria um pouco como superestradas que coligam uma cidade a outra (Meneghetti, 2017, p. 28-29).

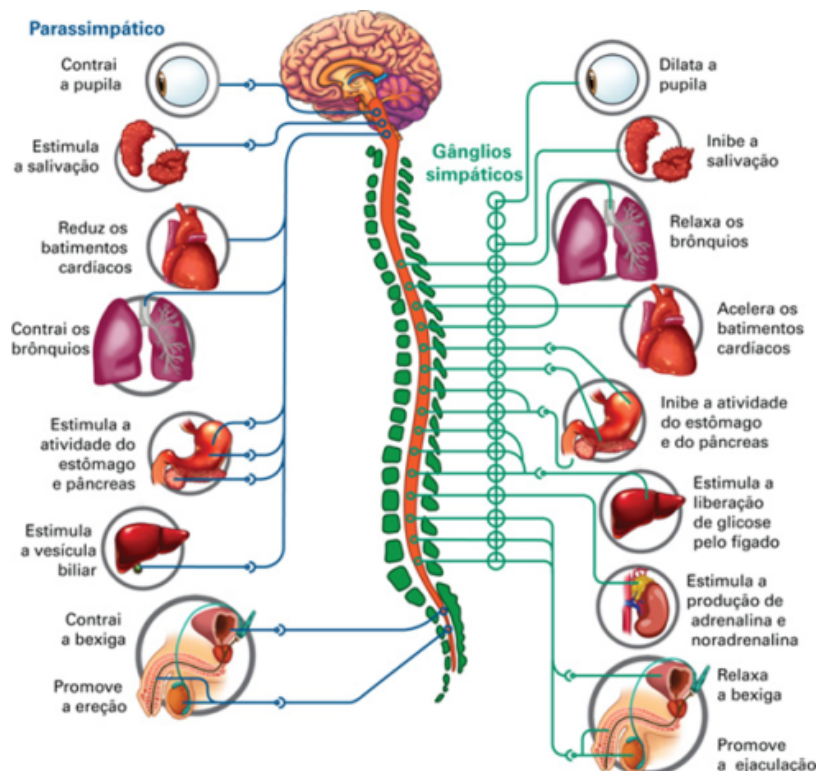
O monitor de deflexão age por memória, reduzindo a percepção egoceptiva, ou seja, a elaboração consciente que o sujeito faz das informações, mas devido ao *imprinting* da matriz reflexa²⁴.

Portanto, as informações ocorridas pelas sinapses neurais ocorridas no Sistema Nervoso Entérico (cérebro visceral) composto por neurônios e células de glia, possuem a via do nervo vago, que comunica ao cérebro as funções orgânicas involuntárias.

Como o nosso cérebro central é dominado pelo monitor de deflexão - enquanto que os neurônios convergentes no âmbito viscerotônico são íntegros e também eles especulares, exatamente como os homônimos cerebrais - é indispensável conscientizar a ausculta das sínteses informativas elaboradas pelo campo viscerotônico: esôfago, pulmões, estômago, cólon etc. A exatidão formal de qualquer campo semântico é perceptível pelo levantamento que o cérebro neurogastroenterológico elabora (Meneghetti, 2018, p. 103).

Em suma, Antonio Meneghetti identifica a capacidade humana de comunicar-se de forma exata, sem a intercepção do mecanismo do monitor de deflexão no espelho da consciência. A interação ambiental colhida através do Sistema Nervoso Entérico, ativa o Sistema Nervoso Autônomo (Neurovegetativo) que funciona independente da consciência, através dos sistemas Simpático e Parassimpático, conforme imagem a seguir:

Figura 2 – Ação dos sistemas Simpático e Parassimpático



Fonte: Extraído de <https://anatomiaefisioterapia.com/31-sistema-nervoso-autonomo/>. Acesso em: 16 dez. 2022.

24 “Situação-ocasião que o monitor de deflexão assume como própria cena primária para constelar a emotividade do sujeito. É o codificado-base da especificidade do complexo e dos estereótipos do indivíduo” (Meneghetti, 2012, p. 156).

Mesmo executando funções fundamentais, os cinco sentidos sozinhos tornam-se inexatos pois são filtrados antes mesmo de chegar na consciência, realizando assim uma análise distorcida, por memória. Em contrapartida, todo o funcionamento autônomo do organismo reage em perfeita resposta à realidade manifesta do ambiente, conhecimento este denominado na Ontopsicologia como *Percepção Organísmica*.

Na ciência Ontopsicológica, “*percepção*” é definida como “atitude para receber e reconhecer a informação concretamente ou em símbolo” (Meneghetti, 2012, p. 210), e “*organísmico*” é conceituado como “conjunto de funções materiais e psíquicas para uma unidade de ação” (Meneghetti, 2012, p. 198). Sendo assim, a Percepção Organísmica é a habilidade inata humana de perceber e colher o mundo externo, a partir da totalidade de si mesmo, levando em consideração a unicidade do corpo biológico e psique. Sobre percepção organísmica, ou viscerotônica, Meneghetti enfatiza:

O nosso corpo, por natureza, é uma imensa rede de radar especificado às próprias exigências: sente aquilo que lhe diz respeito, aquilo que lhe serve, no bem e no mal. No viscerotônico, ocorre a ressonância sensorial universal do próprio holístico-dinâmico. A percepção chega ao tambor viscerotônico, que seleciona imediatamente o órgão de percepção externa específico para aquela função; portanto, a informação chega ao cérebro, é lida pela consciência e depois parte o impulso ao órgão específico. A consciência nem sempre reflete; quando reflete, é somente na última passagem. Nós somos baseados nesse processo perceptivo. No ser humano, a pele, os ossos, os músculos internos e os tendões são membranas que agem como caixa de ressonância. A pele absorve, seleciona e discrimina já a metade de

tudo o que percebemos. A medula espinhal é um mediador de informações; enquanto o cérebro, um executor preciso, um perfeito seletor que escolhe as informações e as distribui ao órgão específico; a consciência é um “painel de controle” de dados do Eu lógico-histórico. Depois de tudo isso se desencadeia a vontade, a decisão, as reações do sujeito (Meneghetti, 2018, p. 102).

Desta forma, esta percepção ainda em instância exteroceptiva e propioceptiva deve ser recuperada e confrontada a uma racionalidade livre de interferências, pois é o impacto primário da informação à individuação humana. Sendo assim, é considerada como o cérebro primário, a inteligência primordial e exata que funciona perenemente como um radar que qualifica tudo aquilo que é funcional e disfuncional a cada individuação. É a partir da percepção organísmica que é viável a possibilidade de se tornar sujeito da ação, de discernir o que é próprio ou não, ou seja, tudo aquilo que é funcional ao próprio escopo.

A tarefa de reconhecer as manifestações organísmicas em benefício próprio deve ser contínua. Em sentido prático, este conhecimento psico-corpóreo é promissor quando compreendido e utilizado na vida cotidiana, sendo o critério exato para selecionar adequadamente qualquer tipo de interação. Meneghetti (2015a) esclarece que uma informação complexual impactada por campo semântico, quando filtrado pelo complexo e não atinge o conhecimento do Eu, esta informação é somatizada, não havendo a leitura pela consciência:

Pode ser uma excitação sexual, uma dor nos ovários, um peso na zona visceral ou no diafragma, uma obstrução no peito, um choque violento, um prego atrás da cabeça: existe somente a dor física. De modo geral, pode-se

chegar também ao tumor, visto que o campo semântico transfere uma informação que faz deslocamento físico no sujeito receptor (Meneghetti, 2015a, p. 189).

O entendimento de que estas manifestações corpóreas podem estar alertando uma situação complexual do sujeito, pode evitar um evento danoso no futuro, pois devido ao filtro causado pelo monitor de deflexão, esta leitura será distorcida ou até mesmo nula, mas o corpo na sua exatidão anuncia antes mesmo da leitura consciente.

Ainda sobre o reconhecimento das manifestações corpóreas em um aspecto vivencial, Meneghetti indica que as ocasiões de funcionalidade própria são manifestadas corporalmente de forma positiva pelo organismo. Uma informação impactada pelos cinco sentidos irá promover uma reação positiva na zona visceral, indicando assim a funcionalidade da ação realizada ou impactada. Meneghetti exemplifica um efeito positivo no corpo ocasionado pelo contato sensorial olfativo:

Se uma pessoa cheira um bom perfume - portanto, usa o sentido específico que seleciona aquelas moléculas do líquido e as rarefaz, as introduz em específicos sensores - dá uma amplitude ao cérebro e uma refletividade de larga osmose erótica em todo o campo viscerotônico. Portanto, qualquer forma que a natureza produz, se é sincronizada ao sentido específico, dá ao ser humano uma visão, uma abertura, uma iniciação agradável (Meneghetti, 2020, p. 242).

Esta inteligência é uma competência natural do ser humano, que deve ser resgatada com exercício contínuo. O Em Si ôntico é forma, é essência, mas é também corpo. Ao fenomeni-

zar-se, é definido como Em Si organísmico²⁵, que realiza esta comunicação com o holístico ambiental indicando continuamente o que é próprio. Esta compreensão de unicidade do homem, que reconhece que há esta integridade entre corpo e psique, pode-se chegar no que em Ontopsicologia é chamado de *Evidência*.

Acerca deste conceito, o autor Bruno Fleck (2022, p. 30) menciona: “Ou seja, o manifestar-se evidente das coisas coloca o sujeito diante da total presença participativa de sua totalidade perceptiva. Tudo que chega à pessoa é recolhido como informação. Tudo que o chega de um modo pré-dado, isto é, em antecipação ao racional, é evidente”. Ou seja, a partir do que eu sou, possuo a capacidade de colher e conhecer o que o outro é.

Portanto, com base no entendimento do próprio corpo e suas manifestações, a percepção organísmica é um recurso imprescindível para toda e qualquer pessoa no que diz respeito a todos os campos, sejam pessoais, científicos, políticos, etc., pois como salienta Antonio Meneghetti: “cada um é por quanto se percebe” (Meneghetti, 2018), e partir do momento no qual cada indivíduo conhece a si mesmo e toda a esfera externa do ambiente, adentra-se na lógica da vida e assim, é possível conduzir um desenvolvimento social com exatidão e atingir verdadeiros níveis de realização e alcançar a Visão Ôntica:

25 O Em Si ôntico possui os seus desdobramentos nas seguintes formas: “a) Em Si ôntico: o adjetivo “ôntico” lhe define o caráter de pertencente ao ser, também em sentido transcendente; b) Em Si organísmico: configuração também biológica do Em Si; é o critério de sanidade e lhe dá a experiência psicoemotiva; c) Em Si naturístico: o total do Em Si organísmico no holístico ambiental; é o feixe de instintos positivos, finalizados exclusivamente a uma forma de narcisismo e de agradabilidade no fato de existir” (Meneghetti, 2012, p. 86).

Quando o eu ou a consciência se abre para integrar em conhecimento todas as informações do mundo-da-vida, que passam pelo seu transmissor orgânico, pode chegar à evidência de um grupo que fundamenta o saber. Isto foi denominado Visão Ôntica. A mente humana é uma analogia de uma inteligência transcendente, por isso o homem é dotado de uma forma de inteligência denominada intuitiva e, a seguir, lógico-racional. A intuição colhe a intenção que emana do ser, do fundamento do saber, e a lógica faz as combinações e a coerência do saber científico, e a razão julga o valor com exatidão para corrigir as eventuais distorções e confirmar a intencionalidade do saber verdadeiro (Vidor, 2019, p. 17-18).

Ao passo de que há a compreensão da totalidade de si enquanto ser essente, o ser humano aqui, assim e agora, reconhece a sua posição para com a vida. A verdadeira inteligência está em saber colher o próprio corpo, perceber através de si mesmo. “Do latim *intus legere actionem* = ler dentro a ação, compreender dentro” (Meneghetti, 2012, p. 139), ou seja, perceber através de si mesmo, através do corpo, em antecipação a qualquer fenômeno.

4 Considerações Finais

Este estudo buscou aprofundar aspectos atinentes ao desenvolvimento da inteligência humana a partir da percepção organísmica, mas ressalta-se que a pesquisa não esgota o tema. Novos estudos sobre essa relevante temática devem ser feitos, pois o aprofundamento da pesquisa acerca do papel do corpo e do critério organísmico na práxis da Ontopsicologia é fundamental para o progresso científico.

O trabalho iniciou apresentando a importância da Ciência Ontopsicológica como diferencial para a verdadeira compreensão integral hu-

mana; na sequência, trouxe concepção de que o ser humano se constitui a partir de um princípio ontológico e se efetua concretamente na história. Por fim, foi apresentado o pressuposto psicossomático da Ontopsicologia e, posteriormente, as noções de cérebro viscerotônico e percepção organísmica, verificando as suas implicações no conhecimento integral da pessoa.

Com as pesquisas realizadas no presente trabalho, nota-se que a percepção organísmica desempenha um papel fundamental no conhecimento integral do ser humano e, consequentemente, ao saber a si mesmo, abrem-se as possibilidades da verdadeira realização histórica. Sendo o ser humano um ente semovente, porta uma ordem que converge com toda a natureza. Esta inteligência intrínseca concebe a faculdade de conhecer o ambiente externo e o outro através de si mesmo por evidência. Esse processo tem como ferramenta primordial o corpo, por intermédio de suas manifestações organísmicas. Portanto, dispondo do corpo como sua primeira manifestação, é a partir de todo este aparato perfeito que atua de forma síncrona, que efetua-se a capacidade de atuação real e conforme ao princípio metafísico que constantemente põe cada um na existência. A correta leitura das manifestações organísmicas proporciona a exatidão de consciência e, consequentemente, ações funcionais e coerentes à própria individuação. O resultado da real percepção da totalidade da vida é a aptidão natural humana da *Visão Ôntica*.

Portanto, dado o momento que o homem atinge o autoconhecimento, sabe como é constituído desde a intenção metafísica até formalização histórica, é excluída toda a inexatidão humana, e pode-se concluir, portanto: *Eis-me, eu Sou!*

Referências

- ARISTÓTELES. **Sobre a alma**. vol. 3. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2010.
- DA SILVA, B. F. **A evidência organísmica na psicoterapia Ontopsicológica: Uma resposta à psicologia pura de Husserl?** 2022. 53 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ontopsicologia) - Faculdade Antônio Meneghetti. Recanto Maestro, 2022.
- DE BARRENECHEA, M. A. **Nietzsche, corpo e Subjetividade**. Disponível em: <http://seer.unirio.br/index.php/opercevejoonline/article/view/1918/1544/>. Acesso em: 13 nov. 2022.
- DE HOLANDA, A. B.; DA COSTA, L., DA SILVA, K. **Anatomia e Fisioterapia**. Disponível em: <https://anatomiaefisioterapia.com/31-sistema-nervoso-autonomo/>. Acesso em: 16 dez. 2022.
- DESCARTES, R. **Meditações Metafísicas**. São Paulo: Edipro, 2018.
- NEUMANN, J. **Campo Etérico: um estudo relativo à saúde**. Trabalho de conclusão de curso. Faculdade Antonio Meneghetti, Recanto Maestro, RS, 2016.
- LENT, R. **Cem bilhões de neurônios: conceitos fundamentais de neurociência**. São Paulo: Editora Atheneu, 2005.
- MENEGHETTI, A. **O monitor de deflexão na psique humana**. 3. ed. Recanto Maestro, São João do Polêsine, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2007.
- MENEGHETTI, A. **Manual de Ontopsicologia**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010.
- MENEGHETTI, A. **O projeto homem**. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2011.
- MENEGHETTI, A. **Dicionário de Ontopsicologia**. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.
- MENEGHETTI, A. **Genôma Ôntico**. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.
- MENEGHETTI, A. **Da Consciência ao Ser**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014a.
- MENEGHETTI, A. **Do Humanismo Histórico ao Humanismo Perene**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014b.
- MENEGHETTI, A. **Campo Semântico**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015a.
- MENEGHETTI, A. **Fisicidade e Ontologia: a relação crítica entre física nuclear e Ontopsicologia**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015b.
- MENEGHETTI, A. **O Em Si do homem**. 5. ed. Recanto Maestro, Restinga Seca, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015c.
- MENEGHETTI, A. **Ontologia da Percepção**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015d.
- MENEGHETTI, A. **Ontopsicologia clínica**. 4. ed. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015e.
- MENEGHETTI, A. **Racionalidade Ontológica**. Recanto Maestro, São João do Polêsine, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015f.
- MENEGHETTI, A. **Manual de Melolística**. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2018.
- MENEGHETTI, A. **A Psicossomática na**

Ótica Ontopsicológica. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2019.

MENEGHETTI, A. **OntoArte: O Em Si da arte.** Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2020.

PLATÃO. Fédon. São Paulo: Rideel, 2005.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico.** 24. ed. São Paulo: Cortez, 2017.

VIDOR, A. Responsabilidade e autenticação no exercício da Ontopsicologia. **Saber Humano: Revista Científica da Faculdade Antônio Meneghetti**, Recanto Maestro, v. 10, n. 17, p. 16-18, jul./dez. 2020.

UMA INVESTIGAÇÃO PEDAGÓGICA EM ARTE NO MATERNAL II

Thayse Smek Uberna¹

Resumo: Uma das primeiras atividades pedagógico-artísticas que se realiza com crianças de 06 meses a 5 anos incompletos é a de aprender a desenhar. Nessa tarefa, a criança explora os materiais riscantes, como giz de cera, lápis de cor, caneta hidrocor, tinta guache e os diferentes suportes (papéis diversos, parede, chão), enquanto ela se desenvolve, nesse contexto social, em contato com a arte. Para tanto, tem-se, como temática neste estudo, os conceitos de arte na Educação Infantil. Tendo em vista que cada turma tem as suas especificidades e conhecimento de mundo, neste estudo teve-se, como objetivo geral, investigar quais conceitos de arte as crianças de 4 anos da educação infantil pública conhecem. Como objetivos específicos: 1. conhecer as experiências iniciais sobre arte com as quais as crianças tiveram contato na infância; 2. ilustrar características do movimento artístico OntoArte e do Grafite; e 3. construir significados a partir da experiência com a arte. Para atingir os objetivos, inicialmente previstos, teve-se, como premissa, que a criança, desde o início da Educação Infantil pública, tivesse contato com a arte para, então, investigar a resposta para a seguinte questão: quais conceitos e gostos as crianças de quatro anos já têm construídos acerca da arte? A relevância deste estudo se dá por abordar uma temática atual, pois a Educação Infantil vem sendo construída com seriedade, ano após ano, desde a sua integralização como etapa de educação básica, em 1996. A questão que se buscou responder: este estudo contribui para averiguar se as crianças construíram saberes acerca da arte e quais são os saberes que possuem? A metodologia empregada, nesta pesquisa, é mista e as questões foram divididas em qualitativa (para conhecer características dos sujeitos participantes e a realidade específica a ser estudada, com interação física entre pesquisadora e o fenômeno estudado) e quantitativa, “pois trabalha com aspectos da realidade que podem ser observados e mensurados” (Sampieri, *et al.*, 2013, p. 61), cujo alcance exploratório pode ser replicado em outras turmas da Educação Infantil. Para a fundamentação teórica, Meneghetti (2020), Vygotsky (1989) Barbieri (2013), Klisys (2010) e outros autores, que abordam as temáticas arte, aprendizagem na infância e arte na infância, foram estudados.

Palavras-chave: educação infantil; metodologia; OntoArte; infância.

A PEDAGOGICAL INVESTIGATION IN ART IN MATERNAL II

Abstract: One of the first pedagogical-artistic activities carried out with children aged 6 months to incomplete 5 years is learning to draw. In this task, children explore drawing materials such as crayons, colored pencils, markers, gouache paint, and various supports (different papers, walls, floor), all while developing in a social context, in contact with art. The thematic focus of this study is the concepts of art in Early Childhood Education. Considering that each class has its specificities and worldview, the general objective of this study is to investigate the art concepts known by 4-year-old children in public early childhood education. The specific objectives include: 1. Understanding the initial experiences with art that children have had in infancy; 2. Illustrating characteristics of the OntoArt artistic movement and Graffiti; and 3. Constructing meanings from the experience with art. To achieve the initially planned objectives, the premise was that children, from the beginning of public Early Childhood Education, have contact with art, and the study aimed to answer the question: What concepts and preferences do four-year-old children already have about art? The relevance of this study lies in addressing a current theme, as Early Childhood Education has been developed seriously since its integration as a stage of basic education in 1996. The question sought to answer: Does this study contribute to determining whether children have construc-

¹ Mestranda em Psicologia (UFU), Especialista em Conservação da Natureza e Educação Ambiental (PUC/PR), Licenciada em Pedagogia (UNINTER), Graduada em Artes Visuais (UNESPAR), Bacharelada em Ontopsicologia (AMF). Professora da Educação Infantil da Prefeitura Municipal de Curitiba, artista e escritora de artigos científicos, poesias, narrativas e roteiros de podcast. E-mail: uberna19@gmail.com.

ted knowledge about art and what knowledge they possess? The research methodology is mixed, with qualitative questions (to understand the characteristics of the participating subjects and the specific reality to be studied, involving physical interaction between the researcher and the phenomenon studied) and quantitative aspects, “working with aspects of reality that can be observed and measured” (Sampieri, *et al.*, 2013, p. 61), with exploratory scope that can be replicated in other Early Childhood Education classes. The theoretical foundation includes studies by Meneghetti (2020), Vygotsky (1989), Barbieri (2013), Klisys (2010), and other authors addressing the themes of art, childhood learning, and art in childhood.

Keywords: early childhood education; methodology; OntoArt; childhood

UNA INVESTIGACIÓN PEDAGÓGICA EN EL ARTE EN LA MATERNA II

Resumen: Una de las primeras actividades pedagógico-artísticas que se realiza con niños de 6 meses a 5 años incompletos es aprender a dibujar. En esta tarea, el niño explora materiales de dibujo como crayones, lápices de colores, marcadores, pintura gouache y varios soportes (diferentes tipos de papel, paredes, suelo), mientras se desarrolla en un contexto social en contacto con el arte. El enfoque temático de este estudio son los conceptos de arte en la Educación Infantil. Dado que cada clase tiene sus especificidades y conocimientos del mundo, el objetivo general de este estudio es investigar los conceptos de arte conocidos por los niños de 4 años en la educación infantil pública. Los objetivos específicos incluyen: 1. Comprender las experiencias iniciales con el arte que los niños han tenido en la infancia; 2. Ilustrar las características del movimiento artístico OntoArte y del Grafiti; y 3. Construir significados a partir de la experiencia con el arte. Para lograr los objetivos inicialmente planeados, la premisa fue que los niños, desde el inicio de la Educación Infantil pública, tuvieran contacto con el arte, y el estudio tuvo como objetivo responder a la pregunta: ¿Qué conceptos y preferencias tienen los niños de cuatro años acerca del arte? La relevancia de este estudio radica en abordar un tema actual, ya que la Educación Infantil se ha desarrollado seriamente desde su integración como etapa de la educación básica en 1996. La pregunta que se buscó responder fue: ¿Contribuye este estudio a determinar si los niños han construido conocimientos sobre el arte y qué conocimientos poseen? La metodología de investigación es mixta, con preguntas cualitativas (para comprender las características de los sujetos participantes y la realidad específica a estudiar, con interacción física entre el investigador y el fenómeno estudiado) y aspectos cuantitativos, “ya que trabaja con aspectos de la realidad que pueden ser observados y medidos” (Sampieri, *et al.*, 2013, p. 61), con alcance exploratorio que puede replicarse en otras clases de Educación Infantil. La fundamentación teórica incluye estudios de Meneghetti (2020), Vygotski (1989), Barbieri (2013), Klisys (2010) y otros autores que abordan los temas de arte, aprendizaje en la infancia y arte en la infancia.

Palabras clave: Educación infantil; Metodología; OntoArte; Infancia.

1 Introdução

Em uma das tantas indagações e reflexões que se fazem quando se trabalha com a Educação Infantil, conciliando a profissão com outras formações acadêmicas, como Artes Visuais, Pedagogia e Ciência Ontopsicológica, foi possível aprimorar a compreensão de conceitos e práticas pedagógicas, bem como trazer para a prática docente diferentes experiências e aprendizagens que aproximassem as crianças do contexto artístico.

Uma das primeiras atividades pedagógico-artísticas que se realiza com crianças de 06

meses a 5 anos incompletos é a de aprender a desenhar. Nessa tarefa, a criança explora os materiais riscantes, como giz de cera, lápis de cor, caneta hidrocor, tinta guache e os diferentes suportes (papéis diversos, parede, chão), enquanto ela se desenvolve, nesse contexto social, em contato com a arte, tem-se, como temática neste estudo, os conceitos de arte na Educação Infantil.

Para tanto, nesta pesquisa teve-se, como lugar de investigação, uma instituição pública de Educação Infantil, da cidade de Curitiba/PR, turma do Maternal II, com crianças de 3 a 4 anos, completos até o final de 2021. Era um

momento em que o ensino acontecia de forma híbrida, isto é, parte da turma frequentava de forma presencial e outra, de forma remota; no ensino presencial, as crianças participavam das práticas planejadas pelas professoras da turma e, no ensino remoto, as crianças assistiam às videoaulas via televisão ou canal do *YouTube*, organizadas por uma equipe de docentes da Secretaria Municipal de Educação. As crianças participantes da entrevista foram as que estavam frequentando presencialmente a instituição.

Tendo em vista que cada turma tem as suas especificidades e conhecimento de mundo, neste estudo teve-se, como objetivo geral, investigar quais conceitos de arte as crianças de 4 anos da educação infantil pública conhecem. Como objetivos específicos: 1. conhecer as experiências iniciais sobre arte com as quais as crianças tiveram contato na infância; 2. ilustrar características do movimento artístico OntoArte e do Grafite; e 3. construir significados a partir da experiência com a arte.

Para atingir os objetivos, inicialmente previstos, teve-se, como premissa, que a criança, desde o início da Educação Infantil pública, tivesse contato com a arte para, então, investigar a resposta para a seguinte questão: quais conceitos e gostos as crianças de quatro anos já têm construídos acerca da arte? A relevância deste estudo se dá por abordar uma temática atual, pois a Educação Infantil vem sendo construída com seriedade, ano após ano, desde a sua integralização como etapa de educação básica, em 1996.

Com a chegada da Base Nacional Comum Curricular (2018), que é um documento norteador das práticas pedagógicas, adquiriu mais re-

levância e um norte mais específico das aprendizagens da infância, chamadas de “campos de experiência”, isto é, a arte se enquadra no campo “traços, sons, cores e formas”, que busca, como intencionalidade educativa, “vivenciar diversas formas de expressão e linguagens, como as artes visuais (pintura, modelagem, colagem, fotografia), a música, o teatro, a dança e o audiovisual, entre outras” (Brasil, 2018, p. 41), ou seja, a criança constrói repertório artístico.

As práticas pedagógicas na infância têm a criança como centro do processo de ensino-aprendizagem, que constrói suas primeiras relações com o mundo na socialização, tanto no contexto familiar como na Educação Infantil. Este estudo se justifica, porque o ensino presencial teve uma pausa durante a pandemia do COVID-19, entre março de 2020 a julho de 2021, logo houve uma mudança na educação, que influenciou o conhecimento e as experiências vivenciadas pelas crianças.

Assim, pergunta-se: este estudo contribui para averiguar se as crianças construíram saberes acerca da arte e quais são os saberes que possuem? A metodologia empregada, nesta pesquisa, é mista e as questões foram divididas em qualitativa (para conhecer características dos sujeitos participantes e a realidade específica a ser estudada, com interação física entre pesquisadora e o fenômeno estudado) e quantitativa, “pois trabalha com aspectos da realidade que podem ser observados e mensurados” (Sampieri, *et al.*, 2013, p. 61), cujo alcance exploratório pode ser replicado em outras turmas da Educação Infantil.

Para a fundamentação teórica, Meneghetti (2020), Vygotski (1989) Barbieri (2013), Klisys (2010) e outros autores, que abordam as temá-

ticas arte, aprendizagem na infância e arte na infância, foram estudados.

2 Fundamentação Teórica

2.1 Arte, cultura, infância e ensino

Inicialmente, segundo o dicionário Aurélio, arte:

[é a] capacidade humana de criação e sua utilização com vistas a certo resultado, obtido por diferentes meios: arte da caça, arte de dominar o fogo, arte de compor poemas; habilidade, ofício, Artes que se manifestam por meio de elementos visuais e táteis, tais como o desenho, a pintura, a escultura (Ferreira, 2018, p. 58).

Logo, a arte é uma habilidade inerente ao ser humano que, em seu dia a dia, resolve dar significado aos objetos, criar coisas novas, com ordem, proporção e beleza estética, pois nem todo objeto possui as qualidades desenvolvidas pela arte. A cultura se refere ao “cultivo, plantação, criação” (Ferreira, 2018, p. 587), então, na sociedade contemporânea em que se vive, há necessidade de se cultivar a arte, a infância, a criatividade, a educação, a fim de transformar a realidade por meio de iniciativas próprias, visando ao bem-estar humano e social como um todo.

A cultura artística do ser humano vem sendo cultivada há séculos, passando de momentos frutíferos de grande produção intelectual a momentos de estagnação e crise, mas vem sendo construída por meio da experiência, compartilhada socialmente. A arte, por sua vez, é singular a cada sujeito e, juntas, arte e cultura, criam experiências coletivas.

Assim, a arte, criada por meio da cultura,

aborda problemas sociais, mas nem sempre está preocupada com a estética e com o belo. A Educação Infantil originou-se por causa da mudança de comportamento da sociedade, isto é, a mulher, que entrava no mercado de trabalho, precisava de um ambiente para deixar seus filhos.

Por anos a fio, esta tarefa era da família e, então, o estado passou a cuidar também dessa etapa da educação básica, visto que a infância, “etapa da vida humana que vai do nascimento à puberdade” (Ferreira, 2018, p. 424), pode acontecer em diferentes locais em que o ser humano vive, na cidade, no campo, na praia. Desde 1988, a infância é mediada pela Educação Infantil, a primeira etapa da educação básica, que visa ao pleno desenvolvimento da criança, de até cinco anos de idade, nos aspectos físico, emocional, intelectual e social.

A Educação Infantil, dividida em duas etapas, estrutura-se da seguinte forma: a primeira é a creche, de 04 meses a 3 anos e 11 meses; e a segunda, a pré-escola, é destinada a crianças de 4 a 5 anos e 11 meses. Com a Lei nº 12.796/13, a etapa da pré-escola passou a ser obrigatória.

Para tanto, as contribuições teóricas de Vygotsky auxiliam na compreensão do ensino da arte e, quanto às crianças, por mais que tenham idades similares diferenciadas em meses, o autor denomina a questão de “zona de desenvolvimento proximal”, ou seja, a criança sabe sobre uma coisa e, com o passar dos dias, com diferentes desafios e situações, alcança outro ponto, logo “o aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente, quando em cooperação com seus companheiros” (Vygotsky, 1989, p. 101) visto que é, na relação com o outro, que se de-

senholve a si mesmo.

Para Vygotsky, “o ser humano constitui-se enquanto tal na sua relação com o outro social. A cultura torna-se parte da natureza humana num processo histórico que, ao longo do desenvolvimento da espécie e do indivíduo, molda o funcionamento psicológico do homem” (Oliveira, 1992, p. 24). Nessa perspectiva, pode-se notar a importância do ensino da arte desde a infância, pois nessa relação, com a cultura e o ambiente em que o indivíduo vive, a criança fortalecerá o seu desenvolvimento enquanto ser humano.

Na Educação Infantil, propor a aprendizagem, de forma organizada, resultará no desenvolvimento do indivíduo e, dessa forma, é normal cada criança dar uma resposta acerca de uma determinada situação ou questão. Logo, cada resposta implica resultados da aprendizagem, a experiência de mundo e o desenvolvimento, tendo, dessa forma, a perspectiva de que cada criança é um sujeito único e com conhecimento próprio, capaz de dar opinião e ser protagonista da sua história.

O processo de formação de conceitos, explicitado por Vygotsky, também nos acena sobre a importância da linguagem e de conceitos formados pelo grupo na infância, no caso, acerca da arte, afinal, o “pensamento verbal não é uma forma de comportamento natural e inata, mas é determinado por um processo histórico-cultural e tem propriedades e leis específicas que não podem ser encontradas nas formas naturais de pensamento e fala” (Vygotsky, 1989, p. 44). Logo, os conceitos, encontrados no mundo real e no cotidiano da criança, são construídos pela cultura e internalizados pelo indivíduo ao longo do processo de desenvolvimento, visto que

cada indivíduo precisa construir a sua experiência pessoal, para que os conceitos sejam compreendidos com clareza.

2.2 A produção artística na infância

As técnicas artísticas são trabalhadas desde a Educação Infantil, como desenhar, pintar, modelar, colar, recortar, atividades pedagógicas recorrentes, nesta etapa de ensino, para as quais há metodologias distintas, umas mais outras menos desafiadoras. Para Klisys (2010):

Embora a realidade brasileira no que diz respeito ao ensino de Artes tenha conseguido avanços, ainda é comum vermos propostas de trabalho em Artes que desconsideram a criação das crianças. Prova disso é a quantidade de propostas para colorir desenhos prontos ou aquelas cujo resultado é praticamente idêntico para todos os alunos, portanto de autoria comprometida (p. 107).

Tendo essa consciência acerca da metodologia da arte, que se investiga nesta pesquisa, os conceitos e o conhecimento inicial estudados sobre arte na Educação Infantil, como base de suas primeiras experiências e aprendizagens na infância, são diminuídos nas etapas seguintes de ensino, devido à carga horária da disciplina de artes consistir em 2 horas/aula semanais. Sobre a arte contemporânea, “arte de uma sociedade pluralista – ela dialoga com o universo das crianças pequenas, porque trata de todos os assuntos do mundo, aqui e agora. Assim como os artistas contemporâneos, elas não estão preocupadas com as fronteiras entre as linguagens” (Barbieri, 2013, p.25), pois a criança, em seu processo criativo, experimenta os materiais a que tem acesso, utilizando-os de forma livre, com base em suas vivências.

Dessa forma, o ensino se conecta ao tempo histórico da criança, ela aprende as técnicas, conhece os materiais, tem acesso às histórias, mas é pela sua história que aprende, atenta e disposta a criar e conhecer sobre arte. Para tanto, se precisar de espaço, escuta ativa e voz, dando protagonismo às ações infantis, as crianças são colocadas numa postura de artista contemporâneo. Logo,

os processos de criação podem ser individuais ou coletivos. De qualquer forma, os sujeitos criam regras e estratégias para que o processo se desenvolva, mesmo que isso ocorra de maneira intuitiva. Aquele que produz um trabalho, escolhe os materiais e circunstâncias em que vai produzi-lo. Ou, diante de circunstâncias dadas, resolve o que vai fazer (Barbieri, 2013, p. 42).

Dessa forma, a criança amplia o seu campo e horizonte, bem como vivencia o processo criativo, delimitado via planejamento anterior, mas capaz na produção e conhecimento artístico, por meio do processo ensino-aprendizagem. A obra de arte, no espaço da sala de aula, dá significado e sentido às produções infantis, como assinala Nicolas Bourriaud (2009):

A arte, por ser da mesma matéria de que são feitos os contatos sociais, ocupa um lugar singular na produção coletiva. Uma obra de arte possui uma qualidade que a diferencia dos outros produtos das atividades humanas. (...) Uma boa obra de arte sempre pretende mais do que sua mera presença no espaço: ela se abre ao diálogo, à discussão, a essa forma de negociação inter-humana.

Ou seja, a obra de arte tem impacto pedagógico não só nas ações infantis bem como nas experiências da infância, de forma a incentivar a criatividade, a imaginação, novos gestos, pensamentos e aprendizagem significativa com in-

tencionalidade educativa.

2.2.1 Movimento artístico: *OntoArte*

O movimento artístico *OntoArte* foi criado pelo artista italiano Antonio Meneghetti, em 1976, quando aconteceu a primeira exposição de obras artísticas, mas a exposição oficial do artista aconteceu somente em 1981; em vida, realizou exposições em diferentes lugares do mundo, inclusive no Brasil, na cidade de Brasília e São Paulo. O desenvolvimento da *OntoArte*, a arte do ser, “nasceu da análise sobre a existência segundo a visão ontopsicológica. A Ontopsicologia é a ciência que indaga como as coisas são e não como aparecem, para individuar a *práxis* da eficiência para o homem histórico” (Meneghetti, 2020, p.39). O artista define a *OntoArte* como “tudo aquilo que é igual à pulsão do Em Si ôntico na sua tensão ao absoluto. É *OntoArte* qualquer signo que presencie esta tensão ao último metafísico; substancialmente, tudo o que reporta ao belo em si” (Meneghetti, 2020, p.41). A função da arte é ir em busca da beleza real, da proporção estética, da metafísica, com intencionalidade, não é feita por mero acaso.

Assim, a *OntoArte* tem a intencionalidade estética, logo, apresenta ordem, harmonia, proporção, não é uma técnica como o grafite ou a modelagem em argila. Este movimento artístico possui técnicas infinitas, pois “o importante é que qualquer que seja a palavra, o sentido deve ser metafísico” e, ainda, o fim intrínseco da natureza humana não é chegar a repetir a existência biológica, mas o de realizar a evolução psíquica como o fazer estético, onde o jogo revela a semântica apriorica do ser” (Meneghetti, 2020,

p.41/42). Sabe-se que existem diversos modos de arte, e o artista Meneghetti (2020) esclarece que, em primeiro nível, existe a arte primitivo-instintiva que “repete o objeto buscando a imitação em seu ambiente. É uma forma de arte infantil (...) é qualquer modo de desenhar de todas as crianças das escolas elementares, como dos primitivos das cavernas (...), este modo é espontâneo, intuitivo e também sensual”.

A OntoArte, portanto, tem, como inspiração fundamental, “fazer uma arte que seja símbolo de sanidade e beleza” (Meneghetti, 2020, p.50), ou seja, uma arte que não visa ao feio, ao grotesco, ao erro, é uma arte, um pensamento, forma, ideia, intuição e imaginação que dá conforto, prazer, alegria e satisfação.

2.2.2 A arte dos artistas brasileiros: os gêmeos

Os irmãos gêmeos Gustavo e Otávio Pandolfo, brasileiros, têm a sua arte inspirada no *Hip Hop* dos anos 80, iniciaram com o grafitti nas ruas, mas, conforme iam se aprimorando, passaram a expor em museus, expressando-se por meio de diferentes técnicas artísticas, como pintura, desenho e escultura. A expressão e inspiração criativa consiste, conforme descrição da biografia oficial dos artistas (2014),

nos encontros e experiências que a vida proporciona, em seu ritmo natural e delicado. Usam linguagens visuais combinadas, o improviso e seu mundo lúdico para criar intuitivamente uma variedade de projetos pelo mundo. Para entender a obra de OSGEMEOS é necessário deixar que a razão dê lugar ao imaginário – atravessar portas, se permitir perceber as sutilezas e embarcar numa experiência que excede a visual. Sentir, antes, para entender depois.

O detalhe de sentir antes para entender e compreender a obra depois é uma das fases da apreciação da obra de arte, primeiro se observa, nota-se, não se faz juízo de valor, aprecia-se somente, mas, na obra dos gêmeos, adentra-se a um mundo imaginário, criado pelos artistas.

3 Método

A metodologia empregada nesta pesquisa é mista, pois as questões foram divididas em *qualitativa*, a fim de conhecer características dos sujeitos participantes, partindo de uma realidade específica a ser estudada, com interação física entre pesquisadora e o fenômeno estudado; e *quantitativa*, “pois trabalha com aspectos da realidade que podem ser observados e mensurados” (Sampieri, et al., 2013, p. 61), de alcance exploratório, podendo ser replicado em outras turmas da Educação Infantil. A coleta de dados aconteceu em dezembro, no final do ano letivo de 2021. Participaram doze crianças de quatro anos, da turma Maternal II, Educação Infantil pública do município de Curitiba/PR.

Como a ciência Ontopsicológica considera a subjetividade como ponto de relevância na pesquisa, a linguagem não verbal das crianças foi observada, a fim de contribuir com a análise sobre os dados coletados. Foram elencadas oito questões qualitativas, com respostas específicas, dadas pelos participantes: *nome; idade; genitura; mora com quem; vem com qual transporte ao CMEI; qual cor gosta mais; dê um nome para a obra; deixe um comentário para cada obra de arte.*

Para as onze questões quantitativas, que abarcaram o conhecimento das crianças, acerca dos conceitos de arte, utilizou-se o método bi-

nário com questões sim ou não, e com duas opções para a escolha, as duas obras de arte identificadas a seguir (figura 1, Antonio Meneghetti, pintura sem título, 2000; e figura 2, Mural em grafitti, sem título, Gêmeos, New York, USA, 2019).

A obra de arte número 1 é do artista Antonio Meneghetti; a obra número 2 é dos artistas Os Gêmeos. As obras, na pesquisa, foram impressas em papel para a entrevista presencial com as crianças, tendo em vista que este público precisa de material concreto, por não ter ainda desenvolvida a capacidade de abstração.

Figura 1 – Obra: Sem título, pintura, 2000.



Fonte: Livro *OntoArte arte do ser, exercício do prazer estético*.

Figura 2 – Obra: Parte do Mural em grafitti, sem título, Gêmeos, New York, USA, 2019



Fonte: Site Oficial Os gêmeos.

Para as obras de arte escolhidas, teve-se, como critério, o papel social, histórico e cultural da arte. Logo, foi selecionada a obra do artista Antonio Meneghetti, pela sua relevância e produção artística em solo brasileiro, e a segunda obra, pela exposição dos artistas, Os Gêmeos, no Museu Oscar Niemeyer, em Curitiba/PR. A diferença das técnicas artísticas - pintura e grafite - não interferirá na coleta de dados.

As questões quantitativas, realizadas na entrevista com as crianças, são as seguintes:

1 - Qual obra você daria de presente para a sua mãe?

2 - Escolha a obra que mais chamou atenção? 1 ou 2?

3 - As cores chamam atenção?

4 - Você gostaria de conhecer o artista que fez a obra?

5 - Você teria qual obra em seu quarto? 1 ou 2?

6 - Você gosta de fazer pinturas com tinta?

7 - Você costuma desenhar?

8 - Você aprecia quadros de arte?

9 - Você sabe o que é uma obra de arte?

10 - Na sua casa, tem quadros na parede?

11 - Você já foi ao museu?

12 - Você é um artista?

A pesquisa, realizada em duas etapas, apresenta a seguinte estrutura: a primeira consiste em uma entrevista realizada com uma criança de cada vez, por meio de uma conversa, para dar segurança a elas e, dessa forma, observar a linguagem não verbal; na segunda etapa, as crianças realizaram uma pintura com tinta guache, em folha A3, para presentear a mãe, já que uma das questões previstas esteve baseada na seguinte pergunta: “Você daria qual obra para a sua mãe?”.

Assim, na saída do dia de atividades, cada criança presenteou a sua mãe ou avó com a sua produção artística. As doze crianças participantes da pesquisa foram entrevistadas uma a uma, respeitando-se as regras impostas pela pandemia do COVID-19, como distanciamento, uso de máscara e álcool em gel. Para tanto, como as crianças não tiveram seus nomes divulgados, a fim de preservar a sua identidade, cada criança foi identificada com número de 1 a 12.

4 Resultados e Discussão

Após a realização da coleta de dados, os resultados foram organizados em tabelas, para melhor ilustração de cada ponto. Amparados por explicação descritiva, tanto nas questões qualitativas como nas quantitativas, observou-se a linguagem não verbal das crianças, pois a Ontopsicologia considera a subjetividade como fonte de conhecimento relevante na pesquisa.

Tabela 1 – Respostas sobre as questões qualitativas.

Genitura?	6 crianças primogênicas 4 secundogênicas 1 gêmeas
Mora com quem?	(Pai, mãe, irmão); (avó, pai, irmã, tia); (mãe, pai e avó); (irmã, pai, mãe, irmão, avó, avó); (pai, mãe, Mimi, Duda, Soso, Davi, Guigui); (irmã mais velha,
	pai e mãe); (pai, mãe e irmã); (mãe, pai e irmã); (mãe e pai); (mãe, pai, irmão); (mãe, pai, irmã, avó); (pai, mãe e irmão)
Vem com qual transporte ao CMEI?	6 vêm de carro; 1, de van escolar; 4, a pé; 1, de ônibus.
Qual cor gosta mais?	1 gosta de preto; 5, de rosa; 1, de verde; 2, de vermelho; 2, de azul; 1, de roxo; 1, de alaranjado.
Idade	Todas com quatro anos

Fonte: A autora (2022).

A tabela 2 contém as respostas quantitativas, compostas pelas questões das duas obras de arte selecionadas, que consistiram nas respostas de número um e número dois; as demais perguntas consistiam em respostas sim e não, computadas e ilustradas na tabela.

Tabela 2 – Respostas sobre as questões qualitativas.

Pergunta	Resposta sim	Resposta 1	Resposta não	Resposta 2
1.Qual obra você daria de presente para a sua mãe?	-	6	-	6
2.Escolha a obra que mais chamou sua atenção.	-	4	-	8
3. As cores chamam atenção?	11	-	1	-
4.Você gostaria de conhecer o artista que fez a obra?	11	-	1	-
5.Você teria qual obra em seu quarto?	-	3	9	-
6.Você gosta de fazer pinturas com tinta?	12	-	-	-
7.Você costuma desenhar?	12	-	-	-
8.Você aprecia quadros de arte?	12	-	-	-
9.Você sabe o que é uma obra de arte?	9	-	3	-
10. Na sua casa tem quadros na parede?	9	-	3	-
11. Você já foi ao museu?	7	-	5	-
12. Você é um artista?	10	-	2	-

Fonte: A autora (2022).

Na primeira questão “Qual obra você daria de presente para a sua mãe?” houve empate, as crianças escolheram, de modo intuitivo, e apontavam sobre a imagem da obra que escolhiam. Uma criança respondeu “sapato” e, então, percebeu-se que já possuía uma formação cultural sobre o que se pode dar de presente para a mãe, então foi explicado que precisava escolher uma imagem e que a mãe ganharia uma pintura dele depois. Na segunda questão, “Escolha a obra que mais chamou sua atenção”, a maio-

ria escolheu a segunda obra, o que revela que as crianças já possuem opinião formada em termos de cultura, sem levar em conta, necessariamente, o belo. As que votaram na obra 2, mostraram o gosto pelas linhas coloridas que, para elas, lembrou o arco íris; as crianças que votaram na obra 1 disseram que, na obra 2, “o relógio tem olhos e é estranho, não existe”, “não gostei dessa”. Nenhuma das crianças que votou na obra 2 disse algo acerca da obra 1.

Na terceira questão “As cores chamam atenção?”, por menos de um 1 voto, revelou que, para as crianças, as cores são importantes e fazem diferença, o que explica também a segunda obra ter sido a mais escolhida, pois é mais colorida. Na quarta questão, “Você gostaria de conhecer o artista que fez a obras?”, chamou atenção a vontade das crianças em conhecerem os artistas, com onze votos, o que revela espontaneidade.

Na questão cinco, “Você teria qual obra em seu quarto?”, somente 3 crianças disseram que teriam uma obra de arte em seu quarto; as outras escolheram uma das obras, mas não a colocariam em seu quarto, pois votaram não. As duas questões, “Você gosta de fazer pinturas com tinta?” e “Você costuma desenhar?”, tiveram todos os votos ‘sim’, de forma unânime, revelando que as crianças da Educação Infantil pública têm, na prática pedagógica, a pintura e o desenho como forma de expressão humana.

Para a oitava questão “Você aprecia quadros de arte”, todas as crianças responderam “sim” e, a partir disso, foi necessário compreender melhor o que as crianças consideram como *quadro de arte*; então, somente três crianças disseram “não” para a pergunta “Você sabe o que é uma obra de arte?”.

A partir dessa interrogação, surgiram respos-

tas verbais, como “um espelho”, “fotos”, revelando que, para elas, o que se pendura na parede é um quadro de arte. As questões seguintes auxiliam no entendimento sobre o convívio das crianças com a arte, como “Na sua casa tem quadros na parede?”, revelando que, nas casas em que vivem, há quadros, porém, três crianças moram em casas com as paredes vazias.

Na décima primeira questão “Você já foi ao museu?”, houve empate, percebeu-se que as que disseram sim abriam um sorriso e tinham um brilho no olhar, as que responderam não demonstraram apatia. Na décima segunda questão, “Você é um artista?”, foi curioso notar que somente duas crianças disseram não, revelando certa decepção; as crianças que responderam sim fizeram-no de forma animada e convicta. Por fim, na última questão, “Deixe um comentário para cada obra de arte”, as respostas de cada criança seguem descritas a seguir.

- 1) 1. *Bonito*, 2. *Bonito também*;
- 2) 1. *Bonito o vermelho*, 2. *Bonito*;
- 3) 1. *Não sei*, 2. *Relógio*;
- 4) 1. *Um lago*, 2. *Todos dizem oi*;
- 5) 1. *Linda*, 2. *Linda também*;
- 6) 1. *Legal*, 2. *Estranho*;
- 7) 1. *Linda*, 2. *Linda*;
- 8) 1. *Linda*, 2. *Legal*;
- 9) 1. *Linda*, 2. *Muito legal*;
- 10) 1. *Bonito*, 2. *Também achei bonito*;
- 11) 1. *Bonita*, 2. *Estranha, porque tem um relógio falante*;
- 12) 1. *Bonito*, 2. *Bonito também, tem cores*.

Os comentários das crianças sobre as obras de arte revelam que elas têm conceitos de gosto sobre a obra, como *feio*, *bonito* e *lindo*. Os adjetivos “bonito e linda” predominaram sobre a

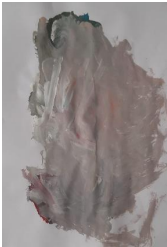
obra 1. Houve também os comentários “não sei”, a criança não viu nenhuma figuração e não sabia dizer outros aspectos sobre a obra.

A criança que disse “um lago” fez uma associação, pois a pintura é azul, o que pode lembrar um lago, visto que, na arte abstrata, o apreciador pode tentar dizer o que é. Então, as crianças que adicionaram falas, como “estranho”, “todos dizem oi”, “estranha, porque tem um relógio falante”, revelam que olharam mais atentamente as representações da obra 2 e colocaram sua opinião sobre ela.

A segunda parte da pesquisa consistiu em que cada criança realizasse a sua pintura, inspirando-se nas obras de arte selecionadas, vide figura 5. Cada criança deu um título à sua pintura e, ao final da tarde, deram-na de presente para a mãe, uma criança optou por entregar para a avó, pois era seu adulto-mãe referência.

Houve um caso inusitado, pois, quando questionada para escolher uma obra como presente a sua mãe, respondeu que daria um sapato ou um robô, revelando um certo conhecimento cultural sobre presentes de aniversário femininos, então foi explicado que deveria escolher uma das pinturas e que, depois, faria uma para a mamãe, agregando valor ao seu conhecimento.

Tabela 3 – Produção artística das crianças participantes da pesquisa – pintura com tinta guache em folha A3.

		
Vulcão cheio de lava - 4	Colorido - 2	Morango - 12
		
Minha - 10	Vermelho - 9	Uma bicicleta - 5
		
Carro, fiz um touro, esse para dar chifrada - 6	Rosa - 7	Rosa vermelho - 8
		
Colorida - 3	Tempestade - 11	Peixe - 1

Fonte: A autora (2022).

A produção artística das crianças revela que não precisam imitar a técnica e o traço de um artista, pois não se tem, como objetivo, realizar uma cópia e, sim, apropriar-se de conceitos e técnicas da arte para realizar produção autoral. Nota-se que cada criança realizou a sua pintura como protagonista de sua criação artística, ou seja, a apreciação e o conhecimento de obras de arte vêm para dar inspiração, embasamento às produções infantis, pois não se cria a partir do nada, a criatividade é resultado de conhecimento e de exploração de materiais.

5 Considerações Finais

Com este estudo, foi possível investigar a arte na infância, bem como conhecer quais conceitos de arte as crianças da turma maternal II, da Educação Infantil, possuem, como constroem as suas experiências de mundo, como compreendem a sua relação com a arte, logo, pode-se compreender que a cultura já está imersa no cotidiano infantil em diferentes aspectos, seja nos objetos que escolhem comprar, seja nos lugares que frequentam, nas coisas que usam, nos objetos que possuem em suas casas, no meio de transporte utilizado no dia a dia, isto é, a cultura inibe vontades naturais que a criança possui, pois já é apresentada como algo pronto, influenciando as suas primeiras escolhas de vida.

Nesses termos, o movimento artístico OntoArte contribuiu com a ideia de como as crianças podem elaborar o próprio conhecimento, pois parte de princípios básicos da arte como o belo, a estética, o prazer, a ordem, a proporção, ativadoras de bem-estar. Nessa mesma possibilidade, a arte imaginária dos Gêmeos fez com

que elas questionassem imagens representadas no grafite, alegrando-se com o colorido que se destaca, pois as cores chamam atenção, embora esta arte seja somente fruto da cultura e não do Ser, como a OntoArte.

Portanto, realizar pesquisa com crianças é sempre uma caixa de surpresas, tem-se previsibilidade em parte, porém sempre existem respostas que surpreendem e que, por meio da linguagem não verbal, revelam o conhecimento subjetivo do ser humano, o que contribui para as reflexões e pensamentos que se constroem acerca da infância e da Educação Infantil.

Por fim, com este estudo, teve-se o intuito de contribuir com a construção do conhecimento, pois a arte, por mais que seja ensinada e conhecida em alguns contextos educacionais, não está presente em todos e, às vezes, de forma desatualizada. Mais importante do que conhecer o que já foi feito em outros períodos históricos é conhecer o que tem sido produzido nos últimos anos e como está sendo construída a educação em que novos desafios se impõem no dia a dia.

Referências

BRASIL. **Lei nº 12.796, de 04 de abril de 2013.** Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2013/lei-12796-4-abril-2013-775628-publicacaooriginal-139375-pl.html>. Acesso em: 09 fev. 2022.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular.** Versão Final. 2018.

BARBIERI, S. **Interações: onde está a arte na infância?** São Paulo: Blucher, 2013.

BOURRIAUD, N. **Estética relacional.** São Paulo: Martins Fontes, 2009.

KLISYS, Adriana. **Ciência, arte, jogo, projetos e atividades lúdicas na Educação Infantil**. São Paulo: Peirópolis. 2010

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **MiniAurélio, o dicionário da Língua Portuguesa**. Positivo. 8 ed. Curitiba, 2018.

TAILLE. Yves de La; OLIVEIRA, Marta Kohl de; DANTAS, Heloysa. **Piaget, Vygotsky, Wallon Teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus Editorial. 13 ed. 1992.

MENEGHETTI, Antonio. **OntoArte, Arte do Ser**. Porto Alegre, org. Aulis Esper e Darci José Dalbosco. Brasil. 2000.

GEMEOS. **Site oficial OSGEMEOS**. Disponível em: <http://www.osgemeos.com.br/pt> Acesso em: 03 fev. 2021.

SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernandez; LUCIO, María Del Pilar Baptista. **Metodologia de pesquisa**. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

RESULTADO COMO INSTRUMENTO DE ANÁLISE (DIAGNOSE) NA PERCEPÇÃO DO ALUNO DE ONTOPSICOLOGIA

Ricardo Rechden Barcellos¹, Ana Maria Barros de Souza², Thayse Smek Uberna³

Resumo: O presente artigo tem como temática o resultado como instrumento de análise (diagnose), na perspectiva da Ontopsicologia, e apresenta o conhecimento construído em sala de aula com a 6ª turma mensal, após o período de nove meses da realização da disciplina de Instrumento de análise (diagnose) III, a qual tem como objetivo a compreensão teórica e prática do sexto instrumento de análise do método ontopsiológico, chamado: Resultado. Como objetivo geral visou-se apresentar uma síntese do conhecimento construído acerca do conteúdo estudado na disciplina referida anteriormente, por meio de um conjunto de relatos dos alunos sobre a sua percepção pessoal, tendo como objetivo específico construir um texto único a partir destes depoimentos, conforme o método de análise de conteúdo de Bardin (2011), cujo texto represente o resultado da disciplina como um todo. Ressalta-se que o artigo nasce como desdobramento de evento do Curso de Bacharelado em Ontopsicologia da Faculdade Antonio Meneghetti (AMF) e comunidade acadêmica, realizado nos dias 02 e 03 de novembro de 2023, motivado pelo Dia Mundial da Ciência para a Paz e o Desenvolvimento, promovido pela UNESCO. O método do estudo é o teórico-aplicado, a coleta de dados foi realizada por meio de gravação audiovisual dos depoimentos de cada participante, os quais foram transcritos para a realização deste artigo, contando com a participação da totalidade dos dezoito alunos, e com a análise de conteúdo descrita por Bardin (2011). Por fim, pode-se concluir que o conhecimento construído ao longo da disciplina na proposta pedagógica estabelecida em sala de aula, entre o professor e os alunos, recheada com todo o conhecimento teórico e prático vivencial que a ciência ontopsiológica proporciona, pôde ser compreendido e aplicado na vida prática pessoal de cada estudante durante os meses de estudo.

Palavras-chave: proposta pedagógica; construção do conhecimento; resultado; causa.

Result as an Analysis Instrument (diagnosis) in the perception of the Ontopsychology student

Abstract: This article's theme is the result as an instrument of analysis (diagnosis), from the perspective of Ontopsychology, and presents the knowledge built in the classroom with the 6th monthly class, after a nine-month period of carrying out the Analysis Instrument discipline. (diagnosis) III, which aims to understand theoretically and practically the sixth analysis instrument of the ontopsiological method, called: Result. The general objective was to present a synthesis of the knowledge built about the content studied in the previously mentioned discipline, through a set of student reports about their personal perception, with the specific objective of constructing a unique text from these statements, as per Bardin's content analysis method (2011), whose text represents the result of the discipline as a whole. It should be noted that the article was born as an outcome of an event of the Bachelor's Course in Ontopsychology at AMF and the academic community, held on the 2nd and 3rd of No-

¹ Mestre em Engenharia de Minas, Metalúrgica e de Materiais (UFRGS), Graduado em Ontopsicologia (AMF), Graduado em Engenharia Elétrica (UFSM). Professor (AMF). E-mail: ricardobarcellos.rb@gmail.com.

² Pós-graduada em Direito Processual (UNAMA), Graduada em Ciências Jurídicas e Sociais (PUCRS), Formada em Constelações Familiares e Visão Sistêmica do Direito (UCS), Graduanda em Ontopsicologia (AMF). E-mail: anabarros-consteladora@gmail.com.

³ Mestranda em Psicologia (UFU), Especialista em Conservação da Natureza e Educação Ambiental (PUC/PR), Licenciada em Pedagogia (UNINTER), Graduada em Artes Visuais (UNESPAR), Bacharelada em Ontopsicologia (AMF). Professora da Educação Infantil da Prefeitura Municipal de Curitiba, artista e escritora de artigos científicos, poesias, narrativas e roteiros de podcast. E-mail: uberna19@gmail.com.

ver 2023, motivated by World Science Day for Peace and Development, promoted by UNESCO. The study method is theoretical-applied, data collection was carried out through audiovisual recording of each participant's statements, which were transcribed for this article, with the participation of all eighteen students, and with the content analysis described by Bardin (2011). Finally, it can be concluded that the knowledge built throughout the discipline in the pedagogical proposal established in the classroom, between the teacher and the students, filled with all the theoretical and practical experiential knowledge that ontopsychological science provides, could be understood and applied in the personal practical life of each student during the months of study.

Keywords: pedagogical proposal; knowledge construction; result; cause.

Resultado como Instrumento de Análisis (diagnóstico) en la percepción del estudiante de Ontopsicología

Resumen: El tema de este artículo es el resultado como instrumento de análisis (diagnóstico), desde la perspectiva de la Ontopsicología, y presenta los conocimientos construidos en el aula con la 6ª clase mensual, luego de un período de nueve meses de realización de la disciplina Instrumento de Análisis. (diagnóstico) III, que tiene como objetivo comprender teórica y prácticamente el sexto instrumento de análisis del método onpsicológico, denominado: Resultado. El objetivo general fue presentar una síntesis del conocimiento construido sobre los contenidos estudiados en la disciplina antes mencionada, a través de un conjunto de relatos de los estudiantes sobre su percepción personal, con el objetivo específico de construir un texto único a partir de estos enunciados, según el contenido de Bardin. método de análisis (2011), cuyo texto representa el resultado de la disciplina en su conjunto. Cabe señalar que el artículo nació como resultado de un evento de la Licenciatura en Ontopsicología de la AMF y la comunidad académica, realizado los días 2 y 3 de noviembre de 2023, motivado por el Día Mundial de la Ciencia para la Paz y el Desarrollo, promovido por UNESCO. El método de estudio es teórico-aplicado, la recolección de datos se realizó mediante grabación audiovisual de las declaraciones de cada participante, las cuales fueron transcritas para este artículo, con la participación de los dieciocho estudiantes y con el análisis de contenido descrito por Bardin (2011). Finalmente, se puede concluir que los conocimientos construidos a lo largo de la disciplina en la propuesta pedagógica establecida en el aula, entre el docente y los estudiantes, colmada de todos los conocimientos teóricos y prácticos experienciales que brinda la ciencia onpsicológica, podrían ser comprendidos y aplicados en el vida práctica personal de cada estudiante durante los meses de estudio.

Palabras clave: propuesta pedagógica; construcción de conocimiento; resultado; causa.

1 Introdução

A disciplina de Instrumento de Análise (Diagnose) III tem por objetivo a compreensão teórica e prática do sexto instrumento de análise do método ontopsicológico, chamado: Resultado. Este foi o último instrumento que o Prof. Antonio Meneghetti, fundador da Ontopsicologia, acrescentou à estrutura curricular desta ciência.

A primeira impressão que os alunos manifestam ao se deparar com o nome deste instrumento de análise é de que “resultado”, provavelmente, seja o efeito de uma causa ou ação realizada. Entretanto, no primeiro dia de aula essa ideia “cai por terra”, a partir da proposta

de uma reflexão mais profunda, de que talvez o “resultado” já esteja na própria causa, no início de tudo, na intencionalidade do ser, indicando que há um caminho mais metafísico a ser percorrido para sua compreensão, e então deu-se início aos estudos, com a provocação de uma nova percepção a respeito do que é “resultado”.

A proposta pedagógica adotada na disciplina foi a de convidar cada aluno a entrar em uma análise dos seus próprios resultados, ou seja, objetivando a compreensão a partir “de dentro”, prática e vivencial, do objeto de estudo. Entender, em primeiro lugar, o que é o “resultado” para si como instrumento para elaboração de uma análise e diagnose dos próprios resultados, colocando-se como observador destes

resultados, conscientizando quais as escolhas causaram tais resultados e, em segundo lugar, aprender a perceber os resultados do cliente na prática profissional.

O presente artigo tem como objetivo apresentar uma síntese do conhecimento construído acerca do conteúdo estudado na disciplina referida anteriormente, por meio de um conjunto de relatos dos alunos sobre a sua percepção pessoal, tendo como objetivo específico construir um texto único a partir destes depoimentos, conforme o método de análise de conteúdo de Bardin (2011), cujo texto represente o resultado da disciplina como um todo.

Ressalta-se que o presente artigo nasce como desdobramento de evento do Curso de Bacharelado em Ontopsicologia da AMF e comunidade acadêmica, realizado nos dias 02 e 03 de novembro de 2023, motivado pelo Dia Mundial da Ciência para a Paz e o Desenvolvimento, promovido pela UNESCO, comemorado anualmente em 10 de novembro, que recebeu o nome de κοινή (koinē), que em Grego Antigo é uma expressão empregada, originalmente, para designar tudo que é comum a várias pessoas e compartilhado nos contextos mais diversificados. Além disso, koinē representa a essência da integração científica, a colaboração e o compartilhamento do conhecimento teórico, prático, aplicado e existencial produzido no Bacharelado em Ontopsicologia.

Dessa forma, o escopo deste artigo visa apresentar os relatos acerca das percepções dos alunos sobre os efeitos da disciplina Instrumento de Análise (Diagnose) III, que acontece no quinto módulo do curso, o qual tem o período de duração de um ano letivo, sendo que as práticas aconteceram na 6ª turma mensal, contando

com um encontro ao mês.

2 Fundamentação Teórica: resultado na ótica ontopsicológica

A “Ontopsicologia tem o critério remoto, apriorístico da ontologia do real, mas se expõe como ciência através do processo dos fatos, nas causas e efeitos” (Meneghetti, 2019a, p. 92), o seu primeiro critério é o Em Si ôntico⁴, e os efeitos são os resultados. O Em Si ôntico sabe tudo antecipadamente “pela percepção semântica do contexto, conhece todos os movimentos conforme o resultado. O Em Si ôntico conhece em intenção causal: a causa que já é primeira, mas se revela ao final, nos resultados” (Meneghetti, 2019a, p. 92).

A Ontopsicologia têm como compreensão que para analisar o resultado, este precisa estar em consonância com a realização do “prazer integral do ser humano” (Meneghetti, 2019a, p. 92-93), e ainda “a Ontopsicologia reencontra a unidade de ação do homem concreto, material, histórico, social no aqui, agora, assim” (Meneghetti, 2019a, p. 93).

Quando a ontopsicologia se refere a cada indivíduo, tem-se a compreensão de que “cada individuação é um precipitado dinâmico e que uma individuação é tal se aquele precipitado dinâmico é constante” (Meneghetti, 2015a, p. 348), ou seja, cada ser é único e está em constante movimento, não é estático, cada pessoa tem os seus conjuntos de comportamentos, e são as atitudes diárias comportamentais que definem os resultados que podem ser obtidos.

4 Em Si ôntico: “Centralidade do ser. Princípio ôntico existencial no homem. Projeto-base de natureza que constitui o ser humano. Princípio formal inteligente que faz autôctise histórica” (Meneghetti, 2012, p. 84).

E ainda, a clássica frase bíblica: “ama o próximo como a ti mesmo”, significa que, se um homem faz o melhor para si mesmo, enfrenta sacrifícios, responsabilidades, se reavalia a cada dia para agir melhor, a cada dia procura subir um degrau, então este homem ajuda o outro relembrando a sua parte das responsabilidades. Perder a si mesmo para salvar os outros é uma ruína para ambos, por isso o primeiro critério delfico “conhece-te a ti mesmo”, ainda é tão atual.

Para distinguir os resultados existe a percepção visceral, assim na “experimentação contínua de todo ser humano, verifica-se que ele é capaz de pensar, sintetizar, dialetizar muitas coisas de determinado modo e com determinado resultado; mas se verificarmos esse resultado com a percepção endovisceral, nos damos conta de uma ótica e resultância diferentes” (Meneghetti, 2016, p. 175), pois daí se tem o conhecimento da realidade do mundo-da-vida⁵.

A análise ontopsicológica, conforme o Manual de Ontopsicologia (2010, p. 294-296) se baseia em seis instrumentos diagnósticos: a) a anamnese linguística e biografia histórica do sujeito; b) sintoma ou problema; c) fisiognômica-cinésica-proxêmica; d) sonho; e) campo semântico, ou seja, a leitura da informação que o sujeito emana e através do qual é possível colher a posição do sujeito⁶; e f) resultado.

Destaca-se que o “resultado” é o sexto ins-

trumento de análise do método ontopsicológico, sendo o último instrumento acrescentado na estrutura curricular desta ciência, pelo Prof. Antonio Meneghetti, por meio do qual é possível verificar se o sujeito em análise diagnóstica está em uma dinâmica de evolução, sanidade e realização integral ou não, pois se vê através de como se imposta, como está agindo e escrevendo a própria vida.

Os resultados de cada ser humano, podem ser visualizados em cada detalhe, desde a sua vestimenta ao seu modo de falar, nas pequenas ações cotidianas. Nesse sentido, cabe transcrever, Meneghetti (2022):

Quando fazia psicoterapia, eu via os resultados do método pelo modo como o cliente se vestia. No início chegava mal vestido, depois, entrevista após entrevista, mudava as cores, ajustava as diversas coisas, o tipo de óculos, de relógio, de anel, de sapatos: gradualmente chegava a uma proporção que constituía o belo (Meneghetti, 2022, p. 276).

Por fim, o resultado é o escopo de um processo informacional de intencionalidade: “O primeiro momento é o ser, o segundo é a intencionalidade, o terceiro é a informação, o quarto a vontade” (Meneghetti, 2015b, p. 27). Assim, pode-se dizer que “os frutos” são o resultado final de um processo de intencionalidade, assim como acontece na natureza, primeiro se tem a semente, depois a planta se desenvolve, gera flores que se polinizadas tornam-se frutos, ou seja, o fruto acontece depois de uma série de fatores sucessivos de êxito.

3 Método

A realização das atividades em sala de aula

5 “Mundo-da-vida é o princípio que dá origem a todo o conhecimento. O Eu é o ator do mundo-da-vida. O mundo-da-vida é a causalidade vital primeira de toda a realidade” (Vidor, 2013, p. 13). O termo é uma reapropriação da noção de mundo-da-vida da Fenomenologia de Edmund Husserl.

6 Campo Semântico: “é a comunicação-base que a vida usa no interior das próprias individuações” (Meneghetti, 2012, p. 38).

aconteceu entre os meses de fevereiro a outubro de 2023, com a 6ª turma mensal do curso de Bacharelado em Ontopsicologia. Em outubro os alunos receberam o convite para participar do Koinè, e decidiram por comum acordo, que cada um realizaria um relato pessoal e conciso da sua percepção sobre os resultados que obteve com esta disciplina.

Assim, foi elaborado este estudo do tipo teórico-aplicado, sendo que a coleta de dados foi realizada por meio de gravação audiovisual dos depoimentos de cada participante, os quais foram transcritos para a realização deste artigo, contando com a participação da totalidade dos dezoito alunos.

A análise das sínteses dos alunos a respeito do conhecimento construído em sala de aula sobre o resultado foi fonte para a produção de um texto, seguindo o método de análise de conteúdo apresentado por Bardin (2011), resultando em um único nível com quatro categorias: “novidade, percepção, responsabilidade e valor”, o texto construído teve interferências mínimas e neutras, uniformizados em primeira pessoa.

4 Atividade prática realizada em sala de aula: apresentação oral e escrita de um resultado pessoal

A proposta pedagógica da disciplina foi pausada na pedagogia ontopsicológica, que tem como escopo “educar o sujeito a fazer e a saber a si mesmo” (Meneghetti, 2019b, p. 14), e que entra em consonância com os princípios ontopsicológicos: conhecer primeiro a si mesmo, para depois o outro.

Em cada aula, que ocorriam de forma mensal, cada aluno trazia ao menos um resultado,

“grande” ou “pequeno”, que tivesse evidenciado na sua própria vida. Dessa forma, exercitavam-se na compreensão e reflexão de seus próprios resultados, contribuindo para um efetivo entendimento deste instrumento de análise. Como consequência, constatou-se que a maioria dos alunos, antes da prática proposta, não tomavam consciência de seus resultados diários, assim, afinando até mesmo a percepção de como suas ações e pequenas escolhas do dia-a-dia impactam diretamente na concretização de seus resultados, principalmente, nos êxitos que almejam na vida pessoal e profissional.

A seguir, apresentam-se os relatos dos dezoito alunos, que constituem a massa crítica para a obtenção do texto final representativo do resultado da disciplina:

A cada dia a gente tem novas oportunidades e novas oportunidades de produzir e obter novos resultados. A partir do estudo da Ontopsicologia comecei a compreender que dentro de cada pequena ação, cada pequena coisa, ali mora um grande e bellissimo resultado. É preciso compreender cada pequena ação, cada pequena coisa que faz e perceber o tanto que a gente se coloca naquela situação e o resultado que a gente quer obter. (A1)

Esta disciplina trouxe para mim uma grande responsabilidade comigo mesma, e aprendi que se deve fazer a cada dia pequenos resultados que no final se tornam grandes. (A2)

Na disciplina Diagnose III a gente pode perceber que cada coisa diferente que nós fizemos no nosso dia a dia pode mudar tudo, é pequenos resultados que nem sempre a gente percebe. E nesses quase um ano que nós estamos juntos fazendo esta disciplina eu pude perceber o quanto eu evolui neste tempo e o quanto tem de resultado em cada dia da minha vida, em cada dia que eu vivo. Então, pra mim foi uma disciplina muito importante em que eu aprendi bastante. (A3)

Falando sobre a disciplina RESULTADO, pra

mim, fazer o que gosta já é um grande ganho, desafiar-se e propor novidades quando achar que é preciso inovação, tudo está na ação, na nossa própria inovação contínua, o mais difícil é a consistência, é preciso contar com os outros, criar gente de apoio, e focar no resultado. (A4)

Pra mim, resultado é perceber o que me move dentro, e com muita persistência e determinação, tomar as ações, as atitudes necessárias, para que o resultado mude ou alcance o objetivo. (A5)

Olá, então, para mim, resultado não é um planejamento, não é uma meta ou um objetivo final, resultado é um processo, é aquilo que eu vivo todos os dias, se a cada dia eu posso ser melhor que ontem, eu estou tendo resultado. (A6)

Bom, resultado pra mim, ele está tanto na causa quanto no resultado em si, ou seja no fenômeno em si daquilo que eu conquistei, ou daquilo que resultou de uma ação minha ou de uma decisão minha, então para essa disciplina, o maior fruto que eu consegui tirar dela, o resultado que eu consigo tirar dela é poder entender que o resultado ele já tá na minha, no meu sim ou no meu não sobre algo, ou seja, na minha vontade e como eu coloco ela para se tornar ação, isso vai resultar em algo, isso vai resultar numa oportunidade, ou também numa perda, ou seja, o maior aprendizado que eu tiro desse módulo, dessa disciplina, é entender que o resultado depende única e exclusivamente de uma decisão interna minha, a cada minuto sobre o que eu quero ou não pra mim, aqui, nesse momento agora e também para o meu futuro. (A7)

Até cursar a cadeira com o prof. Ricardo, resultado pra mim era analisar os retornos da empresa, os projetos, as ações, e após uma provocação dele em aula, eu acabei percebendo que resultado é muito além disso. O nosso miricismo cotidiano, as nossas ações diárias, elas geram resultados. E quando a gente para a analisar todos os nossos passos, os pequenos passos, isso nos coloca no aqui, agora, nos coloca regente da nossa vida, nos coloca numa possibilidade de prazer e de mudança futura imediata. (A8)

Então, o resultado primordial para mim, é o contínuo retorno ao meu mestre interior, porque dali tenho o ponto da minha verdade, e

isso pra mim é tudo. É, me permite, a partir dali, fazer as escolhas, das mais simples, ou seja, como tomar banho, o que comer, quando comer, que tipo de relações, as decisões mais estratégicas de business, e como efeito, então que efeito destas escolhas se percebe uma saúde cada vez melhor, um bem-estar cada vez melhor, e, por fim, se abre uma exigência profunda, pelo belo, pelo metafísico. E com isso, a qualidade da nossa ação também é bem melhor, porque você tem que realizar aquele metafísico, aquele belo. (A9)

Olá, a Ontopsicologia, pra mim, foi um presente da vida, em que agora, na minha vida está sendo um descortinar, tirando os véus que colocaram em mim. Eu estou descobrindo o resultado de tudo isso é uma nova Aline que eu não conhecia, os outros me viam, mas eu, Aline, não conhecia. Então eu digo, é um presente que a vida me deu. Obrigada. (A10)

Resultado. Com essa disciplina, com as outras, com os trabalhos, juntando tudo, eu entendi que o resultado de uma pessoa é aquilo que ela produz, pode ser inconsciente, pode ser consciente, aí entra a autenticação, que bom né, mas é sempre o que tu produz. E quando a gente tem lá como instrumento de análise, é tu olhar para o resultado buscando a causa. (A11)

Então, enquanto eu fui aprendendo nessa disciplina, Resultado com Análise Diagnose, eu fui também obtendo resultados históricos importantes, e registráveis. Então eu tive, por exemplo, um convite para dar aula, que foi muito importante e eu obtive um feedback muito legal, eu consegui montar um grupo de estudos, em que eu já tive um projeto que saiu deste grupo de estudos. Fora o desenvolvimento de aprendizado de todo o curso, de todas as outras disciplinas também, a apreensão do conhecimento foi maior, foi um resultado histórico que eu comecei a observar a partir do estudo da diagnose. (A12)

Então, falando um pouquinho das aulas de Resultado, com o prof. Ricardo, eu tenho reparado e observado que é algo que eu não tinha antes, me dado por conta, a gente tem que prestar a atenção em cada ação, detalhes do que a gente faz e procurar o resultado. Aquele resultado é positivo, ótimo, você está no caminho, mas se for negativo, o que eu estou fazendo, ou melhor, o que eu fiz lá atrás que gerou

aquele resultado. Isso é algo que eu não tinha essa percepção antes. Então, desse modo, essas aulas tem agregado muito. (A13)

Nas aulas agora de Resultado, eu tenho dois pontos para falar, que eu percebi que eu aprendi. Primeiro que agente, às vezes, a gente fala muito sobre a motivação, mas a gente tem motivação com os nossos resultados positivos, quando a gente cria uma constância, uma rotina, a gente tem resultados positivos, que fazem bem pra nós, e a gente tem a motivação para continuar. Segunda coisa, que a gente não deve esconder quando a gente tem orgulho de um resultado positivo nosso. Porque, pelo menos eu, fazia muito isso, eu não contava, eu guardava pra mim, e a gente tem que expor com pessoas que a gente confia, não se esconder, mostrar que a gente também é capaz de alcançar resultados positivos e bons. (A14)

A provocação de trazer resultados em sala de aula, fez com que resultasse uma nova visão sobre mim mesma, porque eu tinha que trazer coisas que eu não observava durante o meu dia, durante a semana, que pra mim passava despercebido, mas que na real, eram frutos de todo o meu esforço e toda a minha dedicação ao olhar para mim mesma no meu dia a dia. (A15)

Conhecer a ontopsicologia foi um divisor de águas na minha vida. Eu conheci aos quarenta anos, e agora, passados quase quatro anos, os resultados foram inúmeros, dentre eles eu me descobri, me despi, daquela A. que não era eu, e cada dia que passa eu posso dizer que eu tenho um resultado diferente. É um resultado de alegria, de bem estar, satisfação, de realizações, e isso foi só nestes quase quatro anos. Não sei tudo o que tem tudo o que tem por vir, mas humildemente eu aceito o desafio que a vida está me propondo. E que venham os resultados que ela quer pra mim. (A16)

Resultado, pra mim, é quando eu faço o que é certo pra mim, o que é bom pra mim, e eu vejo que outras coisas vão acontecendo junto a isso. Eu vejo que outras coisas vão fazendo eu ficar mais feliz, fazendo eu ficar mais alegre, vai fazendo eu criar mais ideias, eu ter mais criatividade com as coisas, é eu conseguir organizar o meu ambiente, é nas pequenas coisas, é nas grandes coisas, é nos projetos, é mais responsabilidades que vem para cima das nossas mãos, é mais comprometimento,

é mais aquele sentimento de será que eu vou conseguir e depois ver o projeto que a gente conseguiu fazer e deu certo, como se fosse para um monte de pessoas fazer aquilo mas tu fez sozinha, tu conseguiu fazer sozinha, isso é resultado, pra mim. (A17)

A Ontopsicologia, num primeiro momento ela se tratava muito sobre psicologia, sobre entrar no consultório, sobre cuidar de outras pessoas, sobre ajudar. E de uma forma muito especial, dentro destes quase quatro anos, de um ano pra cá, em especial nessa cadeira sobre resultado, a gente tem descoberto um novo olhar, um novo olhar pra dentro, um novo olhar para quem eu sou, o que eu estou fazendo, o que eu estou ganhando com isso ou o que eu estou perdendo, é de que forma eu posso crescer mais, de que forma eu posso me desenvolver mais, de que forma eu posso me conhecer mais. É uma cadeira que te coloca em contato contigo mesma e com o que tu é, e o que tu quer, e o que tu vai fazer a partir deste momento. São pequenos resultados que, às vezes, a gente nem percebe, mas que os grandes e que fazem toda a diferença do que a gente é hoje e do que a gente vai ser amanhã. Então essa cadeira, ela não foi apenas sobre simples resultado, mas foi resultados reais, que fazem grandes impactos e grande diferença na nossa vida. (A18)

Para obtermos a essência dos relatos, foi realizada a análise de conteúdo de Bardin (2011), resultando em um único nível com quatro categorias: “novidade, percepção, responsabilidade e valor”. A partir destes níveis categóricos identificadas as expressões relevantes para cada categoria, na sequência foi elaborado e escrito um texto com interferências mínimas e neutras, uniformizados em primeira pessoa, utilizando, também, de palavras neutras para ligação das expressões relevantes, formando assim as frases que guardassem sentido e sintaxe.

Uma vez que se trata de pesquisa de abordagem qualitativa, objetivando que haja uma continuidade entre a impressão real apresentada nos depoimentos dos alunos e a forma com

que estão descritas no texto a seguir, e, com o escopo muito importante de preservar a semântica estabelecida entre o texto e o leitor, foram elaboradas frases que buscaram guardar tanto os termos utilizados, como o real sentido dos relatos originais. Dessa forma, podemos considerar que o texto seja de autoria indireta do conjunto dos alunos, tendo como organizadores os autores deste artigo.

5 Análise de conteúdo: texto representativo do resultado da disciplina

O texto a seguir, foi obtido por análise dos depoimentos de dezoito alunos do 5º Módulo do curso de Bacharelado em Ontopsicologia da Faculdade Antonio Meneghetti, na disciplina Instrumentos de Análise III – Resultado, apresentados em vídeo durante o Koinè 2023, no prédio AMF3, elaborado conforme instrumento de análise de conteúdo categorial e de enunciação de Bardin (2011). Os relatos do vídeo foram apresentados no item 4 deste estudo, a seguir apresenta-se a análise construída a partir dos relatos.

“Resultado como novidade, percepção, responsabilidade e valor”

“Desafiar-me, propondo-me novidades quando é preciso inovação, me coloca em contato comigo mesmo, com o que sou, com o que quero, com o que devo fazer, me faz crescer mais, me desenvolver mais, me conhecer mais.

E olhando para o resultado buscando a causa, vendo novas oportunidades de produzir e obter novos resultados, vejo que ali tenho um ponto da minha verdade e nisso vejo que mora

um grande e belíssimo resultado. Assim fico mais feliz, mais alegre, tenho mais criatividade, e não escondo meu orgulho dos meus resultados positivos.

Percebi o quanto evolui e o quanto tenho de resultado em cada dia, percebi o tanto que me coloco nas situações, pois resultado é perceber o que me move dentro, e tudo isso é um novo Eu que eu não conhecia, hoje vejo meu resultado histórico que comecei a observar a partir deste estudo.

Foi como um descortinar que fez com que resultasse uma nova visão sobre mim mesmo, que passava despercebida, mas que na real, são frutos de todo o meu esforço, de toda a minha dedicação ao olhar para mim, descobri este novo olhar, um novo olhar pra dentro, um novo olhar para quem eu sou.

Aceito o desafio que a vida me propõe, com grande responsabilidade comigo mesmo, tomo as ações e as atitudes necessárias, entendendo que o resultado já está no meu sim ou no meu não, que depende única e exclusivamente de uma decisão interna minha. Pois o resultado é aquilo que a pessoa produz, o que eu fiz lá atrás que gerou aquele resultado, mostrar que a gente é capaz de alcançar resultados positivos e bons e consegue fazer sozinho, isso é resultado. Nos coloca regente da nossa vida, nos coloca numa possibilidade de prazer e de mudança futura imediata, se abre uma exigência profunda, pelo belo, pelo metafísico. E eu não tinha essa percepção antes.

Vi que dentro de cada pequena ação, pequenos resultados no final se tornam grandes, e cada coisa diferente que nós fizemos no nosso dia a dia pode mudar tudo, nossas ações diárias geram resultados, e a cada dia que passa

eu posso dizer que eu tenho um resultado diferente, resultado para mim, e o vejo tanto na causa quanto no resultado em si.

Fazer o que gosta já é um grande ganho, e com nossa própria inovação contínua vemos que o resultado é um processo, é aquilo que vivemos todos os dias, transformado em resultado primordial para mim, como um contínuo retorno ao meu mestre interior. E ao obter resultados históricos importantes, registráveis, são resultados de alegria, de bem-estar, satisfação, de realizações, basta prestar a atenção em cada ação, pequenos detalhes do que a gente faz e procurar o resultado. Este estudo foi muito importante, aprendi bastante.

Com a motivação dos nossos resultados positivos, tanto nas pequenas coisas, como nas grandes coisas, nos projetos, serão sempre resultados reais, que fazem grandes impactos e grande diferença na nossa vida, fazem toda a diferença do que a gente é hoje e do que a gente será amanhã.”

6 Considerações Finais

Tendo como referência o texto obtido pela análise de conteúdo, podemos concluir que o conhecimento construído ao longo da disciplina na proposta pedagógica estabelecida em sala de aula, entre o professor e os alunos, recheada com todo o conhecimento teórico e prático vivencial que a ciência ontopsicológica proporciona, pôde ser compreendido e aplicado na vida prática pessoal de cada estudante durante os meses de estudo.

Um aspecto subentendido nos relatos individuais é de que, embora todos tenham tido seus ótimos resultados no aprendizado, cada um o

obteve ao seu modo, à sua maneira, dentro da sua realidade, fazendo-se compreender a partir de sua individualidade. Isto é básico e substrato para que, como futuros ontopsicólogos, possam atender seus clientes com os critérios de realidade e de autenticidade que a Ontopsicologia preconiza.

Por fim, a ideia inicial de apresentar o conhecimento construído em sala de aula com os estudantes de Ontopsicologia foi alcançada, mostrada pelo “texto representativo dos resultados”, embora não tenhamos apresentado todas as atividades desenvolvidas na disciplina, mas extraindo da síntese que cada aluno foi capaz de construir após o processo que vivenciaram, deixando também claro que outros estudos podem ser elaborados na mesma temática, já que não foi esgotada nem a revisão teórica, nem a forma como se construiu o conhecimento em sala de aula.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Edição revista e ampliada. Lisboa: Portugal. Edições 70 Brasil. 2011.

MENEGHETTI, Antonio. **Direito, consciência e sociedade**. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2019a.

MENEGHETTI, Antonio. **Pedagogia Ontopsicológica**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária. 2019b.

MENEGHETTI, Antonio. **Dicionário de Ontopsicologia**. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012

MENEGHETTI, Antonio. **Manual de Ontopsicologia**. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010.

MENEGHETTI, Antonio. **Ontopsicologia clínica**. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015a.

MENEGHETTI, Antonio. **Fisicidade e Ontologia**. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015b.

MENEGHETTI, Antonio. **A imagem alfabeto da energia**. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2016.

MENEGHETTI, Antonio. **Feminilidade, como Sexo, Poder, Graça**. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2022.

VIDOR, Alécio. **Fenomenologia e Ontopsicologia: de Husserl a Meneghetti**. Recanto Maestro, São João do Polêsine, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.